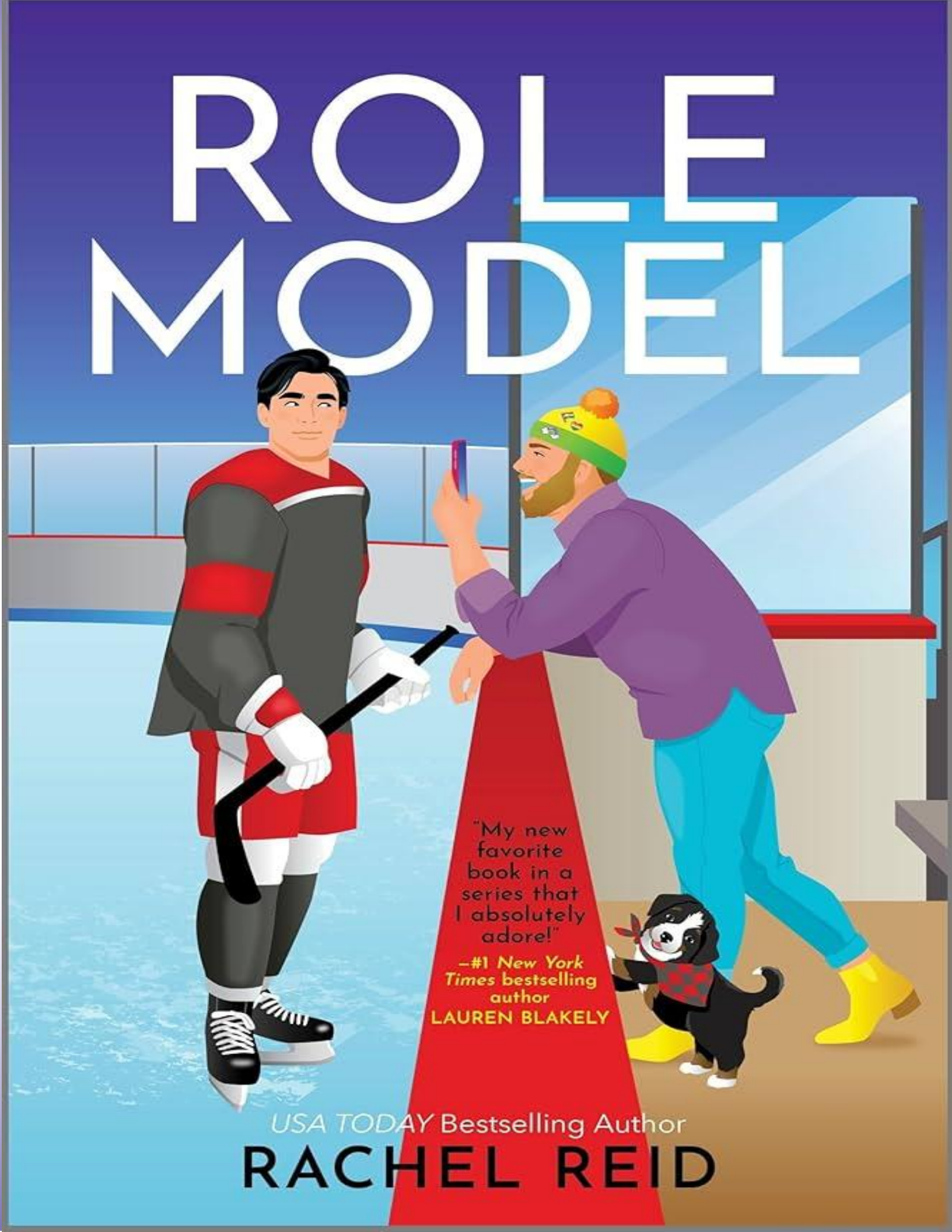
ROLE MODEL



"My new favorite book in a series that I absolutely adore!"

—#1 *New York Times* bestselling author LAUREN BLAKELY

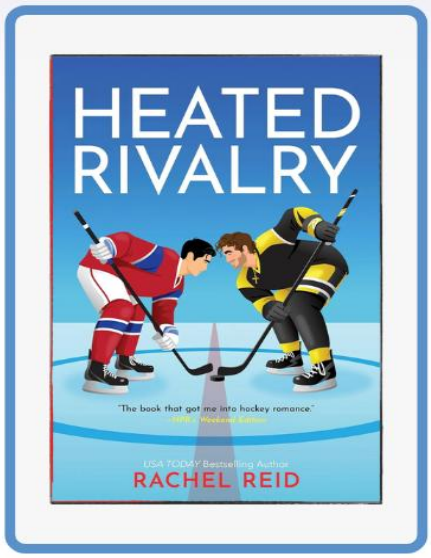
USA TODAY Bestselling Author

RACHEL REID

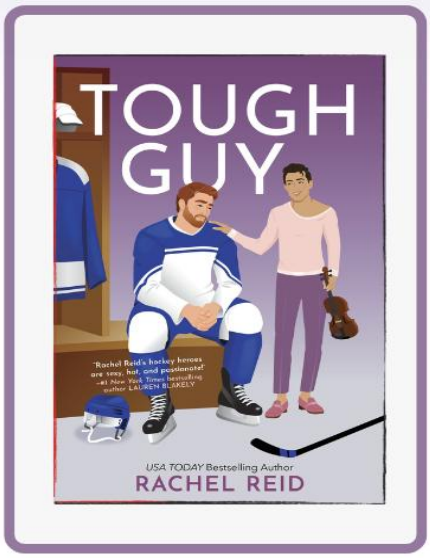
GAME CHANGERS



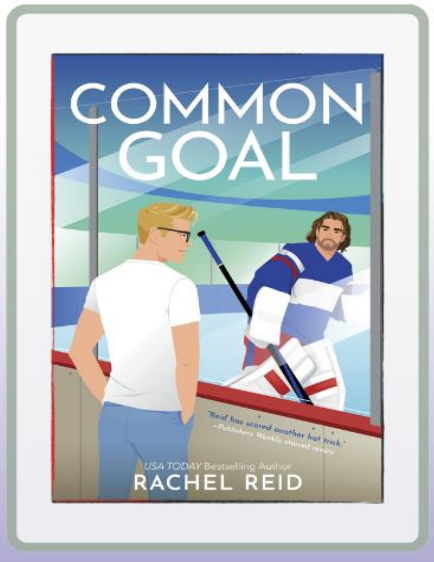
1.0



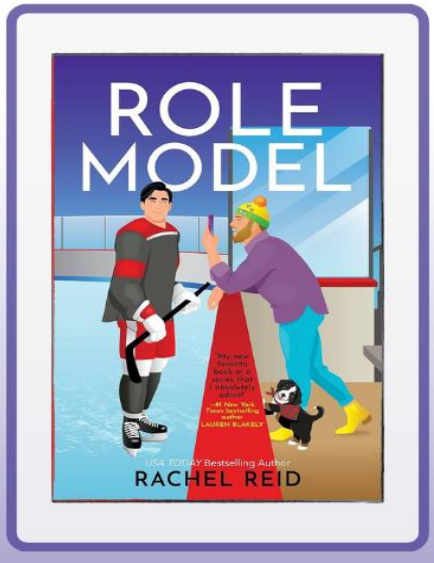
2.0



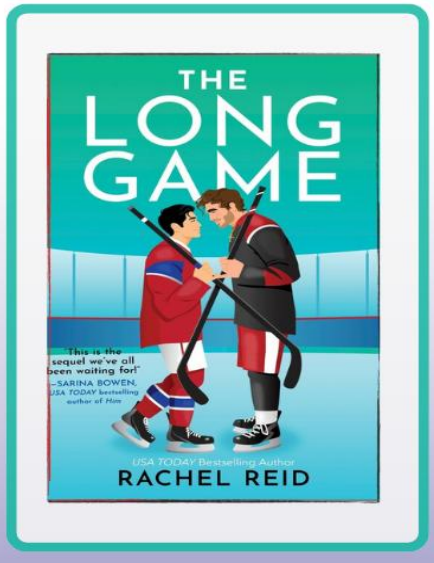
3.0



4.0



5.0



6.0

Não existe inocência mais pura

Do que nosso doce pecado

KARDIA



revisão inicial:

ROSÉ

revisão final:

OLESYA

leitura final:

MILO

conferência:

HELGA

Aviso - km

Esta é uma tradução feita por fãs para fãs, do grupo Kardia Mou Traduções. Não temos fins lucrativos nem recebemos compensação; nosso intuito é oferecer acesso gratuito a obras estrangeiras com temática Queer.

Como se trata de uma prática ilegal, para evitar denúncias ou processos judiciais e garantir o funcionamento do grupo, pedimos que:

∞ *Evite publicar vídeos no TikTok sobre qualquer livro traduzido pelo grupo e não mencione nos comentários que a tradução do livro existe.*

∞ *Evite fazer postagens nas redes sociais com trechos e imagens dos livros traduzidos.*

∞ *Evite mencionar que você leu livros traduzidos em qualquer rede social, pois isso pode nos expor a possíveis processos judiciais.*

∞ *Os downloads dos livros são exclusivamente para uso pessoal, sendo proibido compartilhá-los abertamente em drives ou plataformas similares para divulgação em redes sociais.*

∞

Aviso: Nossas traduções são disponibilizadas gratuitamente. Se pagou por elas, sentimos informar... você foi feito de otário.

Sinopse

Troy Barrett foi recentemente negociado com o Ottawa após confrontar Dallas Kent durante um treino do time. Ele quer ser uma pessoa melhor, e a energia estranha e desorganizada do time em dificuldades do Ottawa parece ser o lugar para... bem. Parece ser o único lugar que aceitará Troy agora.

Felizmente, o time de Ottawa inclui Ilya Rozanov e Wyatt Hayes, além de um adorável gerente de mídias sociais, Harris Drover. Harris é o oposto de Troy em todos os sentidos: amigável, alegre, falante e brincalhão, com uma voz potente, uma risada assustadoramente alta e broches do Orgulho por toda a jaqueta jeans. Definitivamente não é o tipo de pessoa com quem Troy normalmente se associaria, e ainda assim...

Role Model contém menções à cultura de agressão sexual e estupro. Não há descrições gráficas ou representações de agressão descritiva, mas a história inclui descrições de vítimas que não são acreditadas.

Para Matt.

Capítulo Um

— Talvez tente sem sorrir.

Troy Barrett acenou para a fotógrafa - uma jovem de cabelo curto e prateado, com sotaque franco-canadense - e guardou sua tentativa desajeitada de sorrir. Substituiu-a pelo seu olhar frio e vazio de sempre.

— Melhor — ela disse.

Troy nunca havia sido negociado antes, e posar para a câmera com uma camisa preta e vermelha e, francamente, feia do Ottawa Centaurs foi estranho. Até ontem, Troy era um dos principais atacantes do Toronto Guardians, líder da divisão. Até esta semana, ele tinha amigos, uma chance na Copa Stanley e um apartamento charmoso com vista para a CN Tower. Agora, Troy estava morando em um quarto de hotel nos arredores de Ottawa com vista para o estacionamento do Costco. Definitivamente não era a parte mais descolada da cidade.

Ottawa tinha uma parte legal? Toronto tinha jogos dos Raptors, grandes shows e festas incríveis. Ottawa tinha prédios governamentais e rios.

E o pior time de hóquei da NHL.

— Provavelmente já chega — disse a fotógrafa, saindo de trás da câmera. — E, ei. Parabéns por ter confrontado o Dallas Kent.

O nome fez Troy estremecer. Talvez sempre causasse isso. — É complicado — murmurou. Era uma palavra que ele vinha usando muito ultimamente.

— Pareceu bem claro para mim. — Seu sorriso era caloroso e um pouco provocador. Troy não retribuiu, mas ela tinha razão. Não havia nada de

obscuro no que Troy gritara na cara de Kent durante o treino. Todos no gelo ouviram, e todos que assistiram ao vídeo vazado depois ouviram.

Você é um estuprador de merda, Dallas.

Não há muito o que desconstruir disso.

Troy desejou que a liga se importasse com o fato de uma de suas maiores estrelas ser um monstro. Desejou nunca ter conhecido o cara. Desejou nunca ter sido seu colega de quarto na estrada, seu companheiro de linha no gelo. Seu melhor amigo.

Ele desejou ter prestado mais atenção ao que Dallas vinha fazendo todos aqueles anos. Ao tipo de pessoa que ele era.

Descobrir a verdade sobre o amigo foi o primeiro golpe. Descobrir que o time do qual ele tanto se esforçara para fazer parte - do qual tanto se *orgulhava* - estava determinado - a proteger Dallas foi o golpe final.

Ele agradeceu a fotógrafa e, em uma tentativa desajeitada de ser amigável, disse: — Desculpe, qual é o seu nome mesmo?

— Gen.

— Prazer em conhecê-la, Gen. — Ele procurou uma pergunta educada para fazer a ela. — Você cuida da maioria das fotos do time?

Ela começou a tirar a câmera do tripé. — Eu faço principalmente as coisas fora do gelo. Retratos e fotos promocionais. Trabalho com o Harris. Você já o conheceu?

Troy havia sido apresentado a gerentes de equipamentos, técnicos, preparadores físicos e ao médico do time, mas presumiu que Harris não fosse nenhuma dessas pessoas. — Acho que não, mas não sou muito bom em lembrar das pessoas.

— Ele comanda as redes sociais do time. E acredite, você não vai esquecê-lo.

Troy não conseguia imaginar o que aquilo significava. Harris era um babaca? Um esquisitão? Gostoso? Além disso, Gen estava subestimando enormemente sua capacidade de não se lembrar das pessoas.

E, se dependesse dele, ele interagiria o mínimo possível com o gerente de mídias sociais do time. Troy não tinha interesse algum naquela merda.

Ele deixou Gen arrumando seus equipamentos e foi para o vestiário. O vestiário estava praticamente vazio quando ele chegou bem cedo para o treino, mas ele sabia que já devia estar ficando cheio.

A primeira pessoa que ele notou ao entrar na sala foi Wyatt Hayes, o único cara do time que tinha jogado com Troy em Toronto. Wyatt tinha sido o goleiro reserva dos Guardians até duas temporadas atrás. Agora ele era o goleiro titular do Ottawa, e um ótimo goleiro. Ele era um cara legal, mas provavelmente odiava Troy, e não porque Troy tinha gritado com Dallas Kent. Porque Troy tinha sido amigo de Dallas desde o começo. E porque Troy tinha dedicado a carreira inteira a ser um maldito babaca. Ele não tinha sido amigável com Wyatt quando ele era goleiro reserva, então não merecia ser amigo dele agora que Wyatt era uma estrela da NHL.

Wyatt olhou para ele de onde estava amarrando o patins. — Então é verdade?

— Receio que sim — disse Troy, tentando fazer uma piada. A sala, que fervilhava de conversa quando ele entrou, ficou em silêncio.

Wyatt se levantou. — Este é o novo e melhorado Troy Barrett?

Troy se forçou a encarar Wyatt. Não havia nada de severo ou intimidador em Wyatt, mas Troy sempre achara sua bondade inabalável perturbadora. Troy tendia a gravitar em direção a homens no extremo oposto desse espectro. Homens que intimidavam e zombavam de caras legais como Wyatt.

Troy respondeu com a maior sinceridade possível: — Estou tentando.

Wyatt lhe ofereceu um sorriso que parecia cauteloso, mas certamente mais caloroso do que as tentativas anteriores de Troy para a câmera. — O inimigo do meu inimigo é meu... bem, não vou dizer amigo ainda, mas vou te dar uma chance.

O olhar de Troy caiu no chão. — Obrigado.

Aliviado *por* ter resolvido o problema, ele encontrou sua baia e começou a se despir. A sala se encheu de conversas novamente, e ele não sentiu mais os olhos dos novos companheiros de time sobre ele. Estava calçando suas novas meias pretas e vermelhas quando ouviu uma voz familiar com sotaque russo interromper a agitação da sala.

— Harris já chegou? — O capitão do time, Ilya Rozanov, observava a sala como se esse tal de Harris, por quem todos pareciam obcecados, estivesse escondido entre os jogadores em algum lugar.

— Acho que não — disse Evan Dykstra, um defensor contra quem Troy já havia jogado, mas nunca tinha conhecido antes. — Mas o cara novo está aqui. Barrett. — Ele assentiu, e a aba do seu boné camuflado de caminhoneiro apontou na direção de Troy.

Rozanov lançou um olhar rápido para Troy e, em seguida, voltou sua atenção para Wyatt. — Harris disse que traria um cachorrinho hoje.

A nuca de Troy esquentou de vergonha. Era assim que seria se ele quisesse continuar jogando hóquei: companheiros de time que ou o odiavam por estar associado ao Dallas Kent, ou que o odiavam por ser um traidor. Amigos não seriam uma opção.

Provavelmente para melhor. Amigos às vezes se transformam em monstros.

— Tenho certeza de que ele chegará em breve — disse Wyatt. — E você precisa cumprimentar seu novo companheiro de time, Roz. Faz parte do acordo de ser capitão de time.

— Tudo bem. — Rozanov caminhou até onde Troy estava sentado. Ele se agachou sobre ele por um instante, franzindo a testa. Rozanov era muito maior que o 1,75m de Troy, e Troy teve dificuldade em não se contorcer sob seu olhar duro. — Eu deveria gostar de você agora? Achar que você é um cara legal porque finalmente percebeu que seu melhor amigo é um canalha?

Troy conseguiu sustentar o olhar. — Só estou aqui para jogar hóquei. — Era uma resposta fraca, mas também era a verdade. Ele não podia prometer mais do que isso.

Rozanov o estudou por mais um momento e, finalmente, estendeu a mão. — Bem-vindo a Ottawa. Espero que goste de museus sem graça.

O aperto de mão foi mais como um tapa na cara, e assim que terminou, Rozanov se virou e foi embora. Não foi uma recepção calorosa, mas também não foi tão ruim quanto poderia ter sido. Os ex-companheiros de time de Troy em Toronto ficaram furiosos com ele, chamando-o de tudo, de traidor a... pior.

Você realmente acredita nessas prostitutas?

Elas estão mentindo, Barrett. Mulheres são mentirosas de caralho.

Pensei que você me protegeria.

Uma comoção se instalou perto da entrada do vestiário enquanto Troy vestia sua camisa de treino. Ele ouviu uma voz alta que não reconheceu, seguida por Rozanov exclamando: — Porra, sim! Finalmente.

Havia um cachorrinho preto no meio da sala. Era adorável em todos os sentidos, desde as patas grandes demais, passando pelas orelhas macias e caídas, até o rabinho abanando animadamente. O cachorrinho instantaneamente transformou uma sala cheia de jogadores de hóquei machões em emojis de coração e olhos arrulhando.

Mas enquanto os novos companheiros de time de Troy estavam encantados com o filhote, a atenção de Troy rapidamente se voltou para o

homem que o acompanhava. Ele era bonito de se ver. Atarracado e robusto, com cabelo loiro-escuro bem penteado e barba aparada. Usava uma jaqueta jeans sobre uma camisa xadrez e, Troy notou imediatamente, usava pelo menos três broches do Orgulho LGBTQ+ na jaqueta.

Troy sentiu como se água gelada tivesse sido injetada em suas veias. Deixando de lado as Noites do Orgulho oficiais obrigatórias, ele nunca tinha visto ninguém exibindo símbolos de arco-íris descaradamente em um vestiário.

Troy sabia que não era o único jogador gay da NHL. Scott Hunter, por exemplo, era assumido e falava abertamente sobre isso. Mesmo assim, Troy morria de medo de se assumir. Tinha pavor de fazer qualquer coisa que pudesse dar a entender que ele era gay. Que ele tinha um namorado.

Só que ele não tinha mais um namorado. Adrian tinha terminado com ele por videochamada na semana passada. Dois anos de namoro escondido, de explorar o corpo um do outro e descobrir como tudo funcionava entre dois homens. Dois anos se protegendo, confiando um no outro, se sentindo completamente à vontade juntos. Dois anos de amor - jogados fora. Arrancados dele de forma tão repentina que Troy ainda nem tinha conseguido processar tudo. Agora, estava sozinho. Sem ninguém com quem pudesse ser ele mesmo de verdade.

E agora esse homem - devia ser o Harris, o cara das redes sociais - estava ousadamente passeando pelo vestiário da NHL, coberto de arco-íris, como se não fosse grande coisa. Ele parecia ser querido, pelo jeito como os caras estavam reunidos ao redor dele e rindo com ele. Troy sentiu uma pontada de inveja da sua capacidade de ser ele mesmo e ter gente gostando dele por isso.

O cachorrinho, por algum motivo, correu direto até Troy. Imediatamente pegou uma das luvas dele que estava no banco e começou a mastigar o dedão grosso e acolchoado. Enquanto fazia isso, parecia até sorrir para ele

— e Troy encarou de volta, com desconfiança, o único integrante daquele time que parecia feliz por ele estar ali.

— Puta merda. Chiron, seu bobo! Não coma o equipamento. — O homem que provavelmente era Harris parou na frente de Troy. — Sinto muito por ele. Ele vai ser um cão de terapia, mas ainda não começou a escola. — Ele gentilmente tirou a luva da boca do cachorro. — Essas luvas custam tipo um zilhão de dólares cada, cara.

Troy se inclinou para a frente e deu um tapinha hesitante na cabeça do cachorrinho. Ele nunca tivera um animal de estimação na vida, nem mesmo quando criança, então se sentia desajeitado perto de animais. — Qual é mesmo o nome dele?

— Chiron. Sabe. Como o centauro.

Troy não sabia. — Ele é bonitinho.

— Vocês vão vê-lo bastante. Ele é o novo cão oficial do time. Ah, e eu sou o Harris. Vocês vão me ver bastante também. — Harris ofereceu a mão a Troy. Seu aperto de mão foi um pouco firme e caloroso demais, mas foi o toque mais amigável que Troy já havia recebido em algum tempo. Ele quase odiou que acabasse.

— Eu sou Troy.

— É. Eu descobri sozinho. — Harris colocou as mãos na cintura e sorriu para ele. Troy não era particularmente alto, mas, se ficasse de pé agora, provavelmente teria alguns centímetros a mais que o cara. — Faz parte daquela coisa de gerente de mídias sociais. Ajuda se você souber os nomes dos jogadores. — Ele riu tão alto que Troy quase estremeceu.

Os olhos de Troy pousavam constantemente nos broches da jaqueta de Harris. — Você está no time há muito tempo?

— Mais tempo que você — brincou Harris. Troy teve a impressão de que Harris raramente falava sério. — Essa é minha terceira temporada. — Ele

pegou Chiron no colo, que imediatamente começou a lamber o rosto de Harris. Harris riu - de novo, alto demais - e disse: — Essa é a vez que eu mais fui lambido por um integrante deste time.

Era uma piada ridícula, mas ainda assim pareceu chocantemente ousada para Troy. Harris provavelmente não pretendia criar na mente de Troy a imagem de... lambê-lo, mas foi para lá que sua imaginação foi. Ele nunca tivera um pensamento sexual tão vívido em um vestiário antes, porque sempre mantinha um controle cuidadoso sobre esse tipo de coisa. Mas ele nunca havia sido confrontado em um vestiário por alguém que se anunciasse confortavelmente como queer. E o fato de o homem ser atraente também não ajudava.

Troy percebeu que ele também estava falando com ele. E Troy não estava ouvindo.

— Desculpe? — disse Troy.

— Só estou dizendo que você parece não ter uma conta em uma rede social.

Nenhuma que alguém saiba. — Ah, não. Eu não tenho.

— A diretoria quer que todos os jogadores tenham pelo menos uma conta no Instagram. Não precisa ser nada extravagante ou pessoal. Você pode simplesmente repostar conteúdo oficial do time se não se sentir confortável em fazer mais. Posso ajudar você a criar uma, se quiser.

— É obrigatório? — Troy *detestava* publicidade. Tudo o que ele queria era jogar hóquei e ficar em paz. A parte de celebridade era horrível.

— Basicamente. Mas se for um problema, eu provavelmente posso...

Não. Troy não ia começar com seu novo time reforçando a ideia de que era difícil. — Eu consigo fazer uma. Tudo bem.

Harris sorriu como se Troy tivesse acabado de lhe dizer que lhe daria um milhão de dólares. — Ótimo! Aliás, quero fazer uma sessão de perguntas e

respostas com você. Só um vídeozinho para te apresentar aos fãs. Talvez no final desta semana.

Argh. — Ah, acho que sim. Se você quiser.

— Vou pegar leve com você — prometeu Harris com outro lampejo de seu sorriso caloroso e sincero. — Só perguntas fáceis.

Seus olhos eram de um verde musgo reconfortante e brilhavam com uma jovialidade que não era nem um pouco maldosa. Se Troy tivesse que descrever os próprios olhos, usaria palavras como *frio* e *morto.* E seu sorriso não valia a pena mencionar.

— Podemos esperar pelo menos até domingo. Vamos deixar você jogar um pouco.

— Quando quiser. — O olhar de Troy encontrou a coleção de broches de Harris novamente. Como seria se sentir tão à vontade - tão aberto - consigo mesmo?

Ao perceber que estava encarando, Troy voltou a atenção para o rosto de Harris. Harris havia parado de sorrir. Ele olhava para Troy de forma estranha "desconfiada", como se tivesse percebido desprezo na expressão de Troy ao examinar os broches. Troy queria corrigi-lo. Explicar-se. Mas anos de rigoroso cuidado o tornaram incapaz de encontrar as palavras agora.

— Ei, Harris! Pare de monopolizar o cachorrinho! — Era Rozanov, interrompendo Troy antes que ele pudesse fazer papel de bobo. Mas também antes que pudesse convencer Harris de que ele não era homofóbico.

Mais um olhar de decepção de Harris, e então o sorriso retornou ao seu rosto enquanto caminhava em direção a Ilya com o cachorro aninhado nos braços. — Eu continuo dizendo para você adotar um pra você, Roz.

— Quem vai cuidar disso quando eu estiver na estrada? Você?

Houve risadas do outro lado da sala, e Troy ficou sozinho e esquecido.

Depois de todos esses anos, Troy ainda sentia a emoção de pisar em uma camada de gelo imaculada e recém-reformada. Algumas voltas rápidas depois, ele começou a se sentir mais tranquilo. Sua vida podia ser uma bagunça, mas o hóquei ainda fazia sentido.

Ele derrubou alguns discos que estavam nas placas em frente ao banco no gelo e partiu em direção à rede com um deles. Deu um rápido chute rápido que acertou o canto superior. Sempre satisfatório.

Quando voltou ao banco para pegar outro disco, ficou surpreso ao ver que um já estava vindo em sua direção. Recebeu o passe e, em seguida, olhou duas vezes ao ver quem o havia passado.

— Treinador.

— Barrett. O primeiro no gelo. Gostei.

O treinador do Ottawa, Brandon Wiebe, tinha apenas quarenta e poucos anos, pouco mais velho que alguns de seus jogadores. Ele próprio teve uma longa - embora não exatamente notável - carreira na NHL como atacante, e esta era sua primeira temporada como treinador principal.

Troy devolveu o disco. — Só precisava clarear um pouco a cabeça.

— Melhor jeito de fazer. Você provavelmente tem muita coisa para resolver.

Essa era a pura verdade. — Não vou me distrair.

— Não disse que você faria isso, mas eu não te culparia se fizesse. — O treinador deu um sorriso irônico. — Mas acho que você vai gostar daqui. Eu sou um pouco diferente do Bruce Cooper.

A garganta de Troy se apertou ao ouvir a menção de seu antigo treinador. Cooper era durão, mas gostava muito de Troy.

Não tanto quanto gostava de Dallas Kent, aparentemente, porque insistira em ter uma reunião final com Troy, minutos depois de Troy saber que havia sido negociado. Cooper passara vários minutos devastadores detonando

Troy antes de finalmente deixá-lo ir para casa fazer as malas. Troy saíra do escritório com os olhos ardendo e o estômago embrulhado de vergonha. Sempre tivera dificuldade em suportar a decepção furiosa de homens como o treinador Cooper. Homens como o pai de Troy.

— Estou pronto para trabalhar duro — prometeu Troy. — Quero nos levar aos playoffs.

O treinador Wiebe sorriu de um jeito que o treinador Cooper e o pai de Troy nunca sorriram - caloroso e paciente. — Que bom. Vou testar você na frente com Rozanov e Boodram.

— Sério? — Troy estava acostumado a ser um atacante titular, mas ainda assim foi uma surpresa saber que seu treinador queria colocá-lo na linha de frente imediatamente. — Quer dizer, obrigado.

— Agradeça-me no gelo, Barrett. Vamos mostrar a Toronto que eles apostaram no cavalo errado, ok?

A alegria tomou conta de Troy. Ele chegou a sorrir. — Pode deixar, treinador.

O treinador olhou de soslaio para o banco, onde vários jogadores estavam reunidos e riam animadamente. — Ai, meu Deus. Eles têm um cachorrinho.

Rozanov pisou no gelo com Chiron aconchegado em seus braços. — Ele quer tentar.

— Dez minutos com o cachorrinho. — A voz do treinador era severa, mas seus olhos brilhavam de alegria. — Depois temos trabalho a fazer.

— Vinte — rebateu Rozanov.

Troy não conseguia acreditar na audácia dele. Será que ele estava prestes a ver Ilya Rozanov levar uma bronca do treinador?

Mas o treinador Wiebe apenas riu com carinho e disse: — Quinze.

Definitivamente um estilo de treinamento diferente do Cooper.

Por quinze minutos, os demais membros do Ottawa Centaurs brincaram no gelo com um cachorrinho animado, enquanto Troy permanecia perto do banco, observando e esperando o treino de verdade começar. Que porra era aquele time? Teria bolo e limonada no final do treino?

— Você é alérgico a cães?

Troy se virou e encontrou Harris parado em frente ao banco, encostado casualmente nas placas. Seus cabelos dourados estavam agora escondidos sob um gorro vermelho e preto com pompom do Ottawa Centaurs. À luz forte da arena, seus olhos verdes pareciam mais esmeraldas brilhantes do que musgo.

— Não.

— Ufa. Eu devia ter perguntado antes de trazer um cachorro para o vestiário. Eu já tinha conversado com todo mundo, mas... nossa, olha só. — Ele ergueu o celular e tirou algumas fotos do filhote em pé, com as patas dianteiras pressionadas contra uma das proteções de goleiro do Wyatt. — Isso vai para o Instagram, com certeza.

— Ele é um cara popular.

— Quem? Wyatt?

— O cachorrinho.

Harris sorriu radiante. — Claro que sim! Ele é novinho e adorável.

E Troy era novo e... não.

Na verdade, fazia todo sentido ele aparecer no primeiro treino com o novo time e ainda assim ser só a segunda coisa mais interessante ali. Se é que chegava a tanto.

Seus pensamentos rabugentos foram interrompidos por uma gargalhada de Harris, como uma trombeta. — Pega ele, Chiron! Vai, garoto!

Chiron estava tentando roubar um disco de Zane Boodram. Todos riam e se divertiam muito, e Troy não sabia bem o que fazer. Sentia-se como se tivesse entrado numa festa para a qual não havia sido convidado.

— Cachorros gostam de gelo? — perguntou Troy. Chiron parecia seguro e feliz enquanto perseguia os discos, mas perguntou mesmo assim.

— Nem todo cachorro, mas Chiron é meio labrador, meio cão de montanha. Ele foi feito para o frio.

— E ele vai ser um... cão de terapia? Tipo um cão-guia?

— Ele será treinado para ajudar pessoas com ansiedade ou TEPT. Se ele entrar no programa.

— Ele tem que fazer uma prova ou algo assim?

Aquela piada sem graça rendeu a Troy outra gargalhada assustadoramente alta. — Ele só precisa ser fisicamente capaz de ser um cão de terapia. Saberemos em alguns meses.

Harris provavelmente continuou falando sobre cachorros, enquanto o olhar de Troy, mais uma vez, se voltou para os broches de arco-íris em sua jaqueta. A pontada de desejo e ciúme intenso que ele sempre sentia ao ver os símbolos do Orgulho LGBTQIA+ deve ter se refletido em seu rosto como aparente desprezo novamente, porque, ao olhar para o rosto de Harris, encontrou outra carranca de decepção.

Certo. Já chega. Troy precisava dizer algo agora para esclarecer qualquer mal-entendido. Engoliu em seco. — Eu, hum...

Um apito soou, e então o treinador Wiebe gritou: — Tudo bem, hora de trabalhar. Harris, obrigado pelo convidado especial.

Rozanov pegou o cachorrinho e o levou até o banco. Acariciou o focinho do cachorro com a ponta do dedo enluvado e, relutante, o entregou a Harris. — Para onde ele vai quando não está aqui?

— Ele fica em um centro de treinamento. Eles cuidam bem dele, eu prometo.

Ilya franziu a testa. — É divertido para ele?

— Com certeza. Ele não precisa começar a trabalhar duro até ficar mais velho. Se ele se qualificar.

— Ele vai se classificar. É um bom cachorro. Será que ele vai ficar grande?

Chiron lambeu o rosto de Harris. Ele lambeu a *boca* e Harris não pareceu se importar *nem um pouco.* Troy tentou não franzir o nariz, mas provavelmente franziu.

— Ele vai crescer bastante — disse Harris. — Não vai poder mais ficar abraçando assim por muito tempo.

O treinador apitou novamente. — Roz, Barrett. Vamos lá.

O rosto de Troy se ruborizou. Por que ele ainda estava parado perto dos bancos? Ele não gostava de cachorros e não era amigo de Rozanov ou Harris.

— Você já está em apuros — disse Ilya. Seu tom era inexpressivo, mas seus olhos eram brincalhões. — Começo ruim.

Troy não respondeu. Apenas abaixou a cabeça e começou a trabalhar.

Capítulo Dois

Nossa. Troy Barrett era, sem dúvida, um gato.

Harris estava em seu escritório, observando uma foto que Gen acabara de tirar do mais novo jogador do Ottawa. Ele sempre achou Troy um dos jogadores mais cobiçados da NHL, e conhecê-lo pessoalmente hoje só reforçou essa crença. Os intensos olhos azuis de Troy, o cabelo escuro brilhante e os lábios carnudos o faziam parecer mais um astro pop do que um jogador de hóquei. Seu rosto fino tinha um maxilar afiado, sombreado por uma barba por fazer escura, e suas maçãs do rosto eram francamente impressionantes.

Mas eram os olhos dele que Harris não conseguia desviar o olhar. Brilhavam como chamas azuis sob sobrancelhas escuras e espessas e cílios longos e cheios.

Harris se lembrou do desprezo evidente naqueles olhos quando ele olhou para a coleção de broches de Harris. Harris conhecia aquele olhar. Ele o via em supermercados, no ônibus e, às vezes, sim, no trabalho. Nada disso o impediria de exibir sua identidade queer com orgulho no peito, no pulso ou em uma das várias camisetas pró-queer que possuía. Ele sempre se sentia decepcionado, principalmente quando recebia olhares como o que Barrett havia lançado ao seu estilo arco-íris.

Ficou ainda mais decepcionado nesse caso, porque Harris esperava que Troy Barrett fosse um homem melhor do que os rumores descreviam.

Mesmo assim, ele era bonito.

Harris nunca havia se envolvido com um jogador da NHL porque estava determinado a manter as coisas *profissionais.* E porque a oportunidade nunca havia *se apresentado.*

Jogadores da NHL eram basicamente deuses, com corpos espetaculares e contas bancárias abarrotadas. E Harris era... Harris. Baixo, um pouco gordinho, nada atlético e definitivamente nada rico. Ele ganhava menos em um ano do que alguns jogadores ganhavam em um *dia.* Portanto, a promessa pessoal de Harris de nunca dormir com um membro do time para o qual trabalhava demonstrava tanta determinação quanto a promessa de não fazer muitas viagens à Lua.

Mas *se* Harris algum dia fosse atrás de um jogador da NHL, ele não se importaria se esse homem se parecesse com Troy Barrett.

O e-mail de Gen mencionava que ela havia incluído uma foto de Troy sorrindo, mas também sugerira que não a usasse. Assim que Harris abriu a foto, ele soltou uma gargalhada. Gen não estava brincando; o sorriso de Troy parecia ter sido pisoteado. Não só não alcançava seus olhos, como mal chegava à sua *boca*...

Harris imaginou que se tivesse conseguido jogar na NHL - se tivesse conseguido jogar hóquei - nunca mais pararia de sorrir. Que droga, ele mal conseguia parar de sorrir.

Harris escolheu uma das fotos de Troy com a cara séria - todas pareciam mais ou menos iguais - e a colocou na moldura que ele havia criado para postagens que apresentavam novos jogadores.

— Pronto, cara — disse ele ao postar no Instagram do time. — Você é oficialmente um Centauro.

Em seguida, ele abriu o documento que continha uma lista de perguntas que ele havia pensado para vídeos de perguntas e respostas dos jogadores. Começou a recortar e colar algumas em uma nova lista que intitulou

"Perguntas para Troy Barrett". Em poucos minutos, ele tinha uma lista razoável, mas não continha nenhuma das perguntas que Harris *realmente* queria fazer. Perguntas sobre Dallas Kent que definitivamente não seriam apropriadas para um vídeo promocional amigável. Mas, caramba, Harris tinha tantas perguntas.

Quando a primeira publicação sobre Kent apareceu no Reddit, Harris ficou horrorizado, mas não especialmente surpreso. A mulher, postando anonimamente, descreveu ter sido estuprada por Kent em uma festa em sua casa. A publicação era longa, detalhada e muito difícil de ler, mas Harris leu cada palavra. Ele também leu cada palavra das respostas exasperantes que zombavam, menosprezavam ou ameaçavam a autora da postagem original. Ele leu as conversas igualmente desdenhosas entre fãs de hóquei nas redes sociais. Ele assistiu e leu a resposta da grande mídia do hóquei, que era em grande parte para defender Kent. E Harris notou a forma como a liga e seus jogadores estavam determinados a ignorar tudo ou a reclamar em voz alta sobre como era fácil para as pessoas inventarem bobagens na internet.

Mais postagens apareceram online. Mais mulheres com histórias horríveis sobre Kent. Harris leu todas, desejando que houvesse acusações formais que pudessem levar a uma prisão. Mas ele entendia por que as mulheres estavam optando pelo anonimato. Não precisou ir além daquelas respostas horríveis para entender por que as vítimas de Kent não estavam prestando queixa.

Embora houvesse muitos caras no vestiário de Ottawa que estavam enojados com Kent e queriam vê-lo preso, nenhum deles disse nada publicamente. No geral, o mundo do hóquei permaneceu em silêncio sobre a situação de Dallas Kent. As acusações deixaram os jogadores de hóquei desconfortáveis, e a maioria estava feliz em ignorá-las.

Troy Barrett não ignorou. Ele foi o único que enfrentou Kent. Chegou a encará-lo durante o treino do time e o chamou de *estuprador.* Claro como a luz do dia. Troy tinha sido testemunha, ou ele simplesmente sabia, depois

de anos como companheiro de time e amigo de Kent, do que ele era capaz? O que o fez perder a cabeça daquele jeito?

Discussões e até brigas aconteciam entre companheiros de time, e muitas delas eram filmadas ao longo dos anos. Mas os jogadores de hóquei tinham a tendência de apoiar seus companheiros quando surgiam acusações de abuso ou agressão. Se Troy acreditava nas vítimas de Kent, isso era um grande problema. Este esporte, por mais que Harris o adorasse, tinha um histórico horrível de punir jogadores por, bem, qualquer coisa, na verdade. Troy não podia ser de todo ruim.

Porém, Harris considerou que era possível ficar horrorizado com as ações de um predador sexual e ainda encontrar tempo para sentir nojo de homens gays. Então, talvez ele ainda fosse péssimo.

Por motivos que não conseguia explicar, Harris abriu a foto de Troy tentando sorrir novamente. Em vez de rir dessa vez, Harris contemplou os olhos de Troy. Eram tão marcantes que Harris nem havia notado a ansiedade que demonstravam. Ele a notou agora, e não conseguia parar de se perguntar como seria a aparência de Troy se sorrisse de verdade. Será que seus olhos ficariam enrugados? Teriam covinhas? Talvez Harris pudesse fazê-lo rir...

Só que, certo? Provavelmente um homofóbico.

Ele balançou a cabeça e fechou a imagem. Chega de Troy Barrett por enquanto. Ele tinha fotos de filhotes para postar.

Quando Troy voltou para o quarto de hotel, entrou em sua conta secreta do Instagram. Ele mal havia postado alguma coisa; usava a conta apenas para seguir Adrian, basicamente. E talvez Troy não devesse mais fazer isso, mas ainda não conseguia acreditar que as coisas entre eles tinham acabado.

Quando se conheceram em uma festa em Vancouver, dois anos antes, Troy não conseguia parar de olhar para ele. E Troy era *bom* em não olhar para

homens atraentes. Adrian Dela Cruz, o astro de um popular programa de TV de super-heróis, estava firmemente no armário e se encantara por Troy. Por meio de uma combinação milagrosa de feromônios, comunicação silenciosa e sorte, os dois homens perceberam que desejavam a mesma coisa. Mais tarde, naquela mesma noite, deram-na um ao outro.

Uma publicação recente de Adrian mostrou o motivo pelo qual ele havia terminado com Troy. O *verdadeiro* motivo, não as bobagens que ele havia dito sobre como eles não estavam realmente apaixonados, ou que só estavam juntos porque era fácil.

Troy não tinha entendido nada daquele argumento, porque não havia *nada* de fácil no relacionamento deles. Viver com medo constante de que alguém descobrisse sobre eles não era fácil. Morar a três fusos horários de distância do seu namorado não era fácil. Não poder falar sobre sua pessoa favorita no mundo com seus amigos, familiares e companheiros de time não era fácil. Passar *meses* sem sexo não era fácil.

Não. O verdadeiro motivo era Justin Green, o diretor de um filme da Netflix que Adrian havia filmado *dez meses* antes. Que foi, Adrian admitiu, quando começou a se apaixonar por Justin. E agora, quatro dias atrás, Adrian estava assumido, orgulhoso e *noivo.*

E Troy não tinha ideia de como continuaria existindo. Não tinha com quem conversar sobre isso. Ninguém *sabia* sobre Adrian. Ninguém sequer sabia que Troy era gay.

E, claro, o primeiro jogo fora de casa de Troy com seu novo time foi em Vancouver. Como se tudo já não fosse terrível o suficiente, ele logo estaria na cidade que sempre fora seu refúgio. Desta vez, estaria completamente sozinho.

Ele olhou fixamente para a foto de Adrian e seu noivo, esperando que se olhasse por tempo suficiente, a injustiça surreal de ver Adrian nos braços de outra pessoa desapareceria.

Meu Deus, ele era lindo. Obviamente, ele era atraente; ele interpretava um super-herói na televisão. Mas Troy conseguia vê-lo sem maquiagem para as câmeras - amarrotado e sonolento pela manhã, ou jogado no sofá depois de um longo dia de filmagem - e ficava ainda mais encantado com ele. Troy amava cada momento precioso que eles tinham juntos.

E agora eles tinham acabado. Agora Justin Green estava apreciando aqueles sorrisos sonolentos e o sexo matinal sem pressa, enquanto Troy encarava uma foto. Sozinho. Em Ottawa.

A vida de Troy implodiu tão rápido que ele ainda não tivera a chance de absorvê-la completamente. Ele estava vivendo os movimentos de um jogador da NHL no piloto automático, sabendo que, se parasse para examinar seu coração despedaçado, talvez nunca mais se movesse. Dois dias - *dois dias* - depois de ser dispensado, Troy viu a primeira das acusações contra Dallas Kent online. As palavras na tela do seu laptop estavam borradas através de seus olhos úmidos, e sua garganta ardia de vontade de gritar, chorar ou talvez vomitar. Cada detalhe do relato da mulher era tão *familiar*... Troy não fora testemunha, mas sua descrição das coisas que Dallas dissera...

Tinha sido fácil acreditar. Quando Troy leu o quarto relato, dois dias depois, seu sangue fervia de raiva.

Os comentários abaixo de cada uma das postagens estavam cheios de pessoas defendendo Kent e dizendo coisas vis sobre suas acusadoras. Quando Troy foi para o treino seguinte, ouviu seus companheiros de time dizendo coisas semelhantes sobre elas. Durante o treino, ele viu Kent rindo e se divertindo, completamente despreocupado, e Troy simplesmente explodiu. Ele ficou na cara do melhor amigo e descarregou toda a raiva que se agitava dentro dele. Todo o desgosto que Kent deveria estar recebendo de todos no gelo. De todos na *Terra.*

Não que tivesse adiantado nada. A mídia especializada em hóquei estava apoiando Dallas, aparentemente preocupada apenas com o desgaste mental que esse infeliz incidente causaria ao jovem astro do hóquei.

Desgaste mental. Puta merda. Na verdade, Dallas provavelmente estava mais bravo com Troy do que incomodado com as acusações. Ele certamente não estava sobrecarregado por culpa ou vergonha. Provavelmente não tinha nem um pouquinho de medo das repercussões. Por que teria?

Troy sentiu-se subitamente muito cansado e pensou em ir para a cama cedo, mesmo sabendo que não conseguiria dormir. Só que, droga! Ele deveria criar uma conta no Instagram. Uma de verdade, que não fosse apenas uma conta fake para ver homens atraentes.

Então, talvez uma *menos* real.

Ele apagou a conta fake. Talvez criasse outra para poder seguir homens atraentes novamente, mas começaria do zero. Quando estivesse pronto. Por enquanto, faria a lição de casa e abriria uma conta profissional.

Ele estava decidindo uma senha quando recebeu uma mensagem de texto de sua mãe.

***Mãe**: Olha onde você está!*

Logo em seguida, surgiu uma foto mostrando um boneco Funko Pop! de Troy - em seu uniforme de Toronto - equilibrado no corrimão de uma sacada. Atrás disso, belas montanhas enevoadas cobertas por uma densa floresta azul-esverdeada.

***Troy**: Nossa. Onde você está?*

***Mãe**: Hakone. Essa é a vista do meu quarto de hotel! Tirei esta tarde.*

O coração de Troy se alegrou um pouco. Não havia ninguém que ele desejasse mais que sua mãe ali com ele agora. Infelizmente, ela estava do outro lado do mundo.

***Troy**: Não é madrugada no Japão?*

***Mãe**: Não consegui dormir. Pronto para sua grande estreia amanhã à noite?*

***Troy**: Quero acabar logo com isso.*

***Mãe**: Foi ruim?*

Troy mordeu o lábio. A mãe só sabia uma fração do porquê a vida dele tinha sido um inferno ultimamente. A dela tinha sido a primeira voz de apoio que ele ouviu depois que o vídeo dele gritando com Dallas vazou na internet, e foi difícil não chorar enquanto ela lhe garantia que ele tinha feito a coisa certa. Que ele era uma boa pessoa.

Ela não sabia sobre Adrian. Não só que Troy tinha acabado de ter o coração partido, como também que ele estava namorando alguém. Ele nunca apresentou Adrian, nem mesmo como amigo. Ele estava com tanto medo de que seus pais os vissem juntos e *descobrissem*...

Principalmente o pai. Troy quase conseguia se imaginar se assumindo para a mãe, mas não para o pai. Nunca.

Por fim, Troy escreveu: *Não é tão ruim. Só é diferente.*

***Mãe**: Às vezes coisas ruins acontecem para que coisas melhores possam acontecer.*

A mãe sabia disso melhor do que a maioria das pessoas. Depois que o pai de Troy a deixou por uma mulher bem mais jovem, três anos atrás, ela ficou arrasada. Uma noite, dividindo uma garrafa de vinho com Troy, ela contou que a pior parte tinha sido a vergonha.

— Não é só que ele me substituiu por uma *melhor* — ela lhe dissera. — É que eu tenho vergonha de ter estado com ele, para começo de conversa. Sabe quantas pessoas já me disseram que sempre acharam ele um babaca? — Então ela se desculpou por falar do pai de Troy daquele jeito na frente dele. Troy dispensou o pedido de desculpas com um gesto. Curtis Barrett *era* um babaca.

E agora, por causa de Dallas Kent, Troy conheceu a vergonha de ficar ao lado de alguém por anos que era, bem... um vilão.

***Troy**: Você deveria dormir um pouco.*

***Mãe**: Vou tentar. Charlie mandou um oi.*

***Troy**: Charlie também está acordado?*

***Mãe**: Não, mas se ele estivesse acordado ele diria oi.*

Troy riu baixinho e digitou*: Boa noite, mãe. Amo você.*

***Mãe**: Também te amo. Boa sorte amanhã.*

Ele se jogou no colchão, soltando um longo suspiro de exaustão e frustração. Provavelmente deveria terminar de configurar sua nova conta no Instagram e talvez postar algo, mas não estava com vontade. Seu último time mal envolvia os jogadores em suas redes sociais, e Troy estava extremamente tranquilo com isso, mas este era um time novo, com uma nova vibe, e ele deveria se esforçar para se integrar.

Ele abriu o Instagram novamente, criou uma senha e, em seguida, encontrou um obstáculo quando o aplicativo pediu uma foto de perfil. Tudo o que ele tinha salvo no celular eram fotos promocionais suas com o uniforme do Toronto.

Ele se perguntou se o time já tinha postado alguma das fotos que a Gen tirou hoje. Entrou no perfil oficial da equipe e deu de cara com o próprio rosto — sério demais pra sorrir — olhando de volta pra ele.

Bom, teria que servir.

Ele estava prestes a tirar uma captura de tela, mas cometeu o erro de rolar a tela para baixo para ler os comentários.

Barrett é uma porra de uma vergonha.

Sempre achei que ele era superestimado. Agora acho que é um babaca de merda.

Barrett acredita em vadias mentirosas em vez dos próprios companheiros de time. Lixo.

Ottawa merece ele. Time de merda. Jogador de merda.

Não acredito que a gente contratou esse perdedor.

Troy desligou o telefone, a tela pressionada contra o colchão. Ele estava acostumado a ser odiado pelos jogadores adversários e seus torcedores. Mas isso era por causa de sua habilidade e, sim, por causa de sua boca. Ele sempre foi bom em irritar as pessoas, se quisesse. Mas desta vez ele foi odiado por usar aquela boca para dizer algo que, na verdade, talvez fosse *certo.* Algo de que ele deveria se orgulhar.

A conta do Instagram podia esperar. Talvez, se ele enrolasse o suficiente, Harris desistisse. Não é como se Troy fosse postar algo interessante de qualquer maneira. Troy não queria ser interessante; ele só queria jogar hóquei.

Capítulo Três

— Harris! Tenho uma coisa para você!

Harris ergueu os olhos do celular. Estava no corredor em frente ao vestiário de Ottawa, postando alguns tuítes pré-jogo na conta do time. Wyatt Hayes corria em sua direção com um livro grosso e colorido na mão.

— Esta é aquela história em quadrinhos do *Thor* que eu te falei, toda reunida em um livro só. Acho que você vai gostar. É divertido.

— Ah, que demais! — Harris mencionou a Wyatt certa vez que costumava ler bastante histórias em quadrinhos, e Wyatt vinha lhe emprestando livros com entusiasmo desde então. Até então, ele tinha gostado de tudo que Wyatt lhe dera, mesmo sempre se sentindo pressionado a ler os livros rapidamente, pois Wyatt estava ansioso para discuti-los com ele. — Obrigado. Ei, devíamos fazer outra edição de *Os Heróis do Hazy!* Faz tempo desde a última.

— Com certeza. Tenho uma lista infinita de livros para recomendar.

Foi ideia de Harris, na temporada passada, filmar pequenos segmentos onde Wyatt falaria sobre alguns de seus quadrinhos favoritos. Os vídeos fizeram tanto sucesso que Harris criou séries semelhantes para alguns dos outros jogadores: '*Passeando com Roz*' onde Harris - corajosamente - sentou-se no banco do passageiro de um carro esportivo de luxo dirigido por Ilya Rozanov, e '*Churrascando com Bood*' onde Zane Boodram exibia sua maestria na grelha, mesmo no auge do inverno em Ottawa.

— Eu estava pensando — disse Wyatt — que talvez eu comprasse um monte de quadrinhos para todas as idades quando a gente fosse ao hospital infantil e os distribuísse. Nada contra discos de hóquei autografados, mas não são uma leitura muito boa, sabe?

— Eles adorariam — disse Harris com convicção. Ele sabia exatamente o quanto as visitas de jogadores da NHL ao hospital significavam para as crianças de lá, e sabia como era emocionante receber de presente *algo* que pudesse ajudar a passar o tempo quando se está confinado a uma cama de hospital.

— Não conte para o Roz, porque ele vai tentar me superar. Ele provavelmente daria Ferraris para todas elas ou algo assim — brincou Wyatt.

Harris riu. Ele conseguia entender perfeitamente, por mais ridículo que fosse. Da última vez que o time visitou o hospital infantil, Ilya ficou lá até muito depois de o ônibus do time ter partido. Harris ouvira dizer que ele havia pegado um táxi para casa depois de um torneio épico de *Mario Kart* para o qual desafiara um grupo de crianças.

— Talvez se eu contar a ele, ele aparece fantasiado de Batman — disse Harris. — Isso valeria a pena.

Naquele momento, Troy Barrett passou por ali. Ele tinha acabado de chegar à arena, mais cedo, Harris notou, do que a maioria de seus companheiros de time. Ele vestia um terno que parecia ter sido tirado de uma mala e um gorro preto que estava abaixado até a altura das sobrancelhas igualmente pretas. Ele também segurava um copo enorme do Starbucks.

Ele acenou para Harris e Wyatt, sem nenhuma simpatia na expressão. Também não era frio. Era... nervoso, Harris decidiu. Tímido.

— Você encontrou o Starbucks — disse Harris alegremente.

— Hã? — Troy colocou a mão debaixo do gorro e tirou um fone de ouvido.

Harris apontou para o copo. — Você encontrou o Starbucks — repetiu.

— Sim. — Troy não sorriu. Seus olhos estavam arregalados e incertos, como se não tivesse certeza se a conversa havia terminado. A mão que segurava o fone de ouvido pairava perto de sua têmpora.

Harris quase disse algo como *boa sorte esta noite,* mas não queria deixar Troy nervoso. Então, em vez disso, perguntou: — O que você está ouvindo?

Por um longo segundo, de verdade, Harris achou que Troy fosse dizer "*você*". Ele chegou a semicerrar os olhos e depois piscou, como se estivesse tentando engolir o sarcasmo de volta.

— Ah, só música eletrônica.

— Legal. — Na experiência de Harris, se você perguntasse a qualquer jogador da NHL que música ele estava ouvindo, a resposta era sempre música eletrônica, country, hip-hop ou Mumford & Sons.

Com outro aceno de cabeça, Troy recolocou o fone de ouvido e foi embora.

— Ele ainda chega cedo — disse Wyatt, assim que Troy desapareceu de vista.

— Ele também costumava fazer isso em Toronto?

— Ah, sim. Era uma das coisas que o diferenciava de Kent. — Wyatt pôs as mãos na cintura. — Ele é um babaca, mas leva o trabalho a sério.

— Você acha que ele ainda vai ser um babaca aqui?

— Bem, não acho que ele tenha feito um transplante de personalidade durante a viagem de Toronto para Ottawa, mas ele pode ficar um pouco mais quieto aqui sem o amigo.

— Não acho que ele e Kent sejam mais amigos — Harris o lembrou.

— Ainda estou surpreso com isso. Até os caras que odeiam o Kent estão acreditando mais na palavra dele do que na das vítimas.

— Então você acredita nas mulheres?

— Mil por cento. Joguei com o Kent por anos. Ele é um desastre quando se trata de mulheres. Não acredito que alguém que tenha passado um

minuto com ele acredite que ele é inocente. Mesmo assim, foi um choque o Barrett ser quem o confrontou.

— Você acha que ele testemunhou alguma coisa? — Harris sabia que estava sendo um fofoqueiro horrível, mas não conseguia evitar.

— Não sei. Sinceramente, eu teria presumido que o Barrett estava participando de qualquer coisa ruim que o Kent estivesse fazendo em clubes e festas. Pensei que ele fosse, tipo, o braço direito dele, sabe? Talvez eu estivesse errado.

— Espero que sim. É meu trabalho fazer com que ele pareça um exemplo a ser seguido.

Wyatt soltou uma risada. — É. Boa sorte com isso. — Ele estendeu o punho. — Preciso voltar para o vestiário.

Harris bateu o punho. — Tenha um bom jogo.

Wyatt sorriu. — Qualquer jogo que eu comece é um bom jogo.

Ele saiu, e Harris sorriu para ele. Wyatt fora goleiro reserva por anos em Toronto, mas não só conquistara a posição de goleiro titular em Ottawa, como também se tornara uma estrela da NHL. Harris tinha quase certeza de que grande parte do seu sucesso se devia ao fato de se divertir mais do que provavelmente qualquer outra pessoa no gelo. Ele estava realmente feliz por estar lá, em todos os jogos.

Harris conhecia o sentimento.

Ele voltou ao trabalho. Tinha tweets promocionais da loja oficial do time e de patrocinadores agendados para a noite toda; havia postado as escalações oficiais da noite no Twitter e no Instagram. Também havia feito uma publicação promovendo a estreia de Troy Barrett em Ottawa. Ele verificou os comentários daquela publicação no Twitter agora, e nossa! Barrett não estava exatamente sendo recebido de forma amigável.

Os comentários vieram de uma mistura de torcedores de Toronto e Dallas Kent, que o queriam morto, e torcedores de Ottawa, indignados com a troca feita por seu time. Quando Harris verificou a mesma publicação no Instagram, viu que os comentários eram semelhantes.

A questão era que, embora Ottawa tivesse contratado Barrett por muito menos do que ele valia, eles haviam cedido algumas escolhas valiosas no recrutamento para Toronto. Sem mencionar o fardo do salário exorbitante de Barrett. A única maneira de Barrett conquistar os corações dos torcedores de Ottawa era jogando o melhor hóquei da sua vida.

Havia muitos assentos vazios. Essa foi a primeira coisa que Troy notou. Havia muitos assentos ocupados, mas... havia muitos assentos vazios.

Ele estava parado na linha azul, esperando seu nome ser anunciado como ala direito titular da noite. Em Toronto, os ingressos para os jogos eram difíceis de conseguir, esgotados bem antes de cada partida. Aqui em Ottawa, parecia que você poderia ir até a bilheteria no dia do jogo e comprar um ingresso.

Troy sabia que Ottawa era um time péssimo havia anos e que muitos torcedores haviam perdido o interesse. Ele imaginaria que a chegada de Ilya Rozanov e até mesmo a ascensão inesperada de Wyatt Hayes como um dos melhores goleiros da liga teriam trazido alguns torcedores de volta. E talvez houvesse *mais* torcedores do que o normal, mas, caramba. A energia com a qual Troy estava acostumado em Toronto não estava presente naquele estádio naquela noite.

— Número dezessete, Troy Barrett! — O locutor gritou seu nome e a multidão ficou... morna. Houve aplausos. Alguns gritos de alegria. Mas também o zumbido baixo que era, provavelmente, o som de cerca de onze mil pessoas murmurando desconfortavelmente.

Ele não esperava ser recebido de braços abertos em Ottawa. Alguns fãs de hóquei jamais o perdoariam por não apoiar cegamente seu companheiro de time desprezível. E mesmo além disso, até esta semana, Troy era um Toronto Guardian, um rival feroz de Ottawa. Bem, feroz como um grande tubarão branco e uma estrela-do-mar são rivais.

Troy não deveria pensar dessa maneira sobre seu novo time.

O nome de Rozanov foi anunciado e o murmúrio desconfortável se transformou em um rugido de aprovação. Ottawa amava seu capitão. Zane Boodram, o capitão reserva que jogava pelo Ottawa desde sua primeira partida na NHL, também recebeu uma grande ovação.

Será que algum dia eles torceriam por Troy daquele jeito? Ele se importaria? Ele daria o seu melhor no gelo, e os fãs fariam o que quisessem.

O jogo não ocorreu bem. Pelo menos não para Troy. Ele não conseguiu se conectar com seus novos companheiros de linha, errou passes e esteve impedido inúmeras vezes, interrompendo o jogo quando poderia ter tido uma boa chance de gol.

Ele não teve nenhuma chance de marcar. Sua única tentativa de gol saiu para fora. Ele perdeu as duas disputas de disco que disputou. Sem querer, chutou o disco por cima do vidro e rendeu ao seu novo time uma penalidade por atraso de jogo. Foi uma completa merda do começo ao fim.

De alguma forma, Ottawa ainda conseguiu derrotar o superior time de Pittsburgh. Principalmente devido à excelente atuação de Wyatt como goleiro, e por causa dos dois gols de Rozanov. Troy não só não contribuiu para a vitória, como sua atuação desleixada não a impediu. Ele não importava nem um pouco.

Depois do jogo, o vestiário se encheu de repórteres. Claro, todos queriam falar com Troy depois de sua primeira partida como um Centauro.

Ele respondeu a todas elas da forma mais branda possível. Sim, Ottawa tinha um estilo de jogo diferente do Toronto e ele precisaria se adaptar. Não, ele não estava distraído.

Suas respostas eram todas variações da mesma coisa: ele estava focado no hóquei e animado para contribuir com seu novo time. Ambas as declarações eram mentiras, mas ele gostaria que fossem verdade.

Então, um babaca perguntou se ele se arrependia do que tinha dito a Dallas Kent. Como se fosse uma pergunta simples, e não uma que deixasse Troy em colapso. Como se não estivesse perguntando se Troy desejava não ter perdido tudo o que lhe importava em uma semana.

Alguém perguntou a Dallas se ele se arrependia do que *fez?* Definitivamente não.

Troy engoliu a raiva e tentou formular palavras. Olhou para cima e avistou Harris, obviamente em pé em uma cadeira ou algo assim, tirando fotos por trás da multidão da imprensa. Os olhares se encontraram, e Troy achou que viu compaixão nos olhos de Harris.

— Não vou mais falar sobre isso — disse Troy finalmente. Ele se orgulhava de seu tom inexpressivo, sem revelar a tempestade de emoções que o assolava. Mas também foi tomado por uma nova pontada de culpa e vergonha. Porque sabia, no fundo, que *deveria* falar sobre aquilo. Todos deveriam.

Os repórteres entenderam a indireta, e a confusão se desfez quando eles foram falar com Wyatt. Harris ficou para trás. Ele havia se abaixado da cadeira em que estava se equilibrando e ofereceu um sorriso amigável a Troy.

— Não tenho certeza do que aquele cara esperava que você dissesse.

Troy só conseguiu grunhir em resposta, mas Harris continuou sorrindo, e Troy continuou olhando para ele. Ele tinha um sorriso bonito, fácil e genuíno.

— Bem, eu deveria... — Harris gesticulou em direção aos repórteres que estavam reunidos em volta de Wyatt.

— Sim.

— Te vejo amanhã. Para a sessão de perguntas e respostas. Você ainda está disponível?

Certo. Aquela coisa. Troy tinha esquecido, e ele realmente não queria fazer aquilo. — Olha, hum. Eu sei que o seu trabalho é, tipo, fazer a gente parecer gente legal, heróis ou sei lá o quê, mas eu prefiro focar só no hóquei. As outras coisas não são pra mim.

O brilho nos olhos de Harris diminuiu. — Entendi.

Troy assentiu, pronto para encerrar a conversa. — Ok. Eu vou...

— Claro. — Harris deu um sorriso forçado que parecia totalmente errado em seu rosto. — De qualquer forma, tenho outros jogadores de hóquei para incomodar.

Troy quase respondeu. Quase garantiu a Harris que não o estava incomodando, mesmo que não fosse exatamente verdade.

Mas ele não o fez, porque isso era o mais gentilmente possível para ele decepcionar Harris. No passado, ele provavelmente teria apenas zombado de Harris, ou deixado Dallas Kent fazer isso por ele. Isso era amadurecimento.

Mas ele ainda se sentia um babaca enquanto observava Harris ir embora.

Capítulo Quatro

— O que você acha do Barrett? — perguntou Harris. Era a manhã seguinte ao primeiro jogo de Troy contra Ottawa e, por motivos profissionais e pessoais, Harris não conseguia parar de pensar nele.

Gen ergueu os olhos do computador. As mesas deles ficavam de frente uma para a outra no pequeno escritório. — Segundo praticamente todo mundo no mundo do hóquei, ele é um babaca. E ainda não provou o contrário.

— Todo mundo dizia que Rozanov era um babaca — ressaltou Harris. — Mas isso acabou se revelando um erro.

Gen riu. — Rozanov *é* um babaca. Ele é só um cara divertido. Troy é do tipo que não é divertido.

Harris franziu a testa enquanto rolava as respostas à sua última postagem no Instagram, sem realmente lê-las. — Eu estava pensando que talvez...

Gen olhou para a tela com os olhos semicerrados e clicou no mouse algumas vezes. — O quê?

— Não sei. Que ele precisa de um amigo agora? Ele parece... triste.

Isso chamou toda a atenção de Gen. Ela se recostou na cadeira, com as sobrancelhas erguidas. — Você quer ser amigo do Barrett? Espera. Deixa pra lá. Você quer ser amigo *de todo mundo.*

— É o meu trabalho!

— Mais ou menos. — Ela voltou a clicar e a apertar os olhos. — Ele é bonito — disse ela casualmente.

Harris cruzou os braços protetoramente sobre o peito. — Ele não é feio — concordou.

Os lábios de Gen se curvaram, embora ela não desviasse o olhar da tela do computador. — Você não me disse na temporada passada que achava ele o jogador mais gostoso da liga?

Harris definitivamente disse isso. — Não me lembro.

— Estávamos jogando Casar, Foder, Matar e você disse 'foder Troy Barrett' três vezes.

Ah, certo. — Acho que tomei umas cervejinhas.

— Mm.

— Mas a aparência dele não tem nada a ver com nada. Não sei se ele é só um babaca, ou se está *agindo* como um mecanismo de defesa ou algo assim. Talvez ele só precise que as pessoas sejam legais com ele.

Gen bufou. — As estrelas da NHL têm uma vida tão difícil. Se ao menos alguém as adorasse.

— Você viu alguma das respostas às nossas postagens? Os fãs são cruéis com ele.

— Não. Olhar as respostas é *o seu* trabalho. A única coisa que me importa é que você use as minhas fotos boas e não as fotos ruins do seu iPhone.

— A foto dele no gelo durante o hino nacional antes do primeiro jogo aqui — continuou Harris, ignorando-a. — Tanto no Twitter quanto no Instagram, há cerca de um bilhão de respostas maldosas.

— A favor ou contra Dallas Kent?

— Ambos. Mas definitivamente anti-Troy Barrett. Esta diz: 'Barrett está com ciúmes porque Kent não quer transar com ele'. E então usam uns insultos que não vou repetir.

— Fãs de hóquei são idiotas. O que mais há de novo?

Harris não se preocupou em defender os fãs de hóquei e, em vez disso, perguntou: — Não sei por que Barrett não é um herói agora.

— Sim, você sabe.

— Mas ele fez a coisa certa...

— Os homens nunca acreditam nas mulheres. *As mulheres* não acreditam nas mulheres. Qual é, Harris. Você *sabe* disso. O que você esperava que acontecesse? A liga inteira apoiando Barrett, e Kent sendo expulso do hóquei?

— Era isso que deveria ter acontecido.

— Sério? Mas, em vez disso, o Barrett provavelmente se arrepende de ter dito alguma coisa. Aposto que ele nem quis dizer! Ele não tinha muito a dizer quando eu mencionei isso a ele.

Harris quase deixou o celular cair. — Você mencionou isso a ele? Quando?

— Quando eu estava tirando a foto oficial dele, eu desejei parabéns por confrontar o Kent.

— O que ele disse?

— Ele disse que era complicado, o que na verdade não significa nada. — Ela suspirou. — Eu odeio essa palavra. Não é complicado; Kent é um estuprador e Barrett o chamou de estuprador.

Um silêncio pesado tomou conta da sala. Gen era sempre direta, mas também costumava estar certa.

— Você acha — perguntou Harris — que Troy, tipo, sabia com certeza? — Era a pergunta que estava em sua mente há dias.

— Você quer dizer se eu acho que ele viu o melhor amigo agredindo mulheres e não disse nada até agora? — Gen deu de ombros. — Não sei. Talvez. Espero que não.

— Espero que não.

Ela voltou a atenção para o computador. — Não é meu trabalho gostar deles; é meu trabalho fazer com que pareçam bons. E o rosto bonito do Barrett facilita meu trabalho. Espero que ele não seja cúmplice de agressão

sexual, mas se for, bem, tenho certeza de que ele não é o único jogador nesta liga que é.

Harris mordeu o lábio. Provavelmente não. Por alguma razão, porém, ele não achava que Troy fosse cúmplice. Mal o conhecia, mas queria acreditar que Troy era uma boa pessoa, mesmo que apenas por motivos profissionais. Harris gostava de todos os membros do time de Ottawa e não queria que isso mudasse.

— Certo — disse Gen, afastando-se da mesa com um forte estrondo das rodas da cadeira contra o chão duro. — Preciso tirar fotos do Haas modelando alguns dos novos equipamentos para fãs.

— Parece fácil — disse Harris. — Haas é adorável. — Luca Haas era um novato suíço de 20 anos, com cabelos loiros e um rosto de bebê que corava facilmente. Ele havia sido a segunda escolha geral do recrutamento alguns anos antes, e os torcedores de Ottawa estavam animados por tê-lo no time nesta temporada.

— Aposto que consigo fazer umas poses ridículas com ele. Você acha que ele me deixaria jogar um balde d'água nele se eu dissesse que precisávamos de um look molhado?

Harris riu, imaginando. Luca era extremamente educado e muito ansioso para agradar. — Seja legal com ele. Ele já aguentou muita merda dos companheiros de time.

— A culpa é dele por ser tão divertido de provocar.

Harris ficou sozinho no escritório por cerca de cinco minutos antes de ouvir uma batida na porta. — Entre.

A porta, que já estava entreaberta, abriu-se lentamente, e Harris não poderia ter ficado mais surpreso quando Troy Barrett entrou na sala.

Troy observou o sorriso de Harris ser substituído por uma carranca confusa quando ele entrou em seu escritório.

— Ah — disse Harris. — Oi.

— Oi.

Harris se levantou de onde estava sentado, atrás do computador. — Que surpresa.

— É, hum. — Troy esfregou o próprio pescoço. Era melhor acabar logo com aquilo. — Desculpa. Fui grosseiro ontem à noite. Você estava sendo legal e eu fui um babaca, como sempre.

Harris ergueu as sobrancelhas. — Você veio até aqui para se desculpar comigo?

Troy tinha feito exatamente isso, mas agora que estava sendo questionado à queima-roupa, sentiu-se um pouco bobo. — Estou no hotel ali na rua. — Droga. Ele deveria ter dito que precisava estar ali de qualquer maneira para outra coisa. Teria sido mais legal.

O sorriso de Harris retornou. — Desculpas aceitas.

— Ótimo. Obrigado. — Agora Troy não sabia mais o que fazer. Ir embora, supôs.

— Na verdade — disse Harris antes que Troy pudesse escapar — eu estava pensando esta manhã em você e nas redes sociais. Não te culpo por odiar. Tenho visto como as pessoas têm falado de você online. Não é... legal.

— Tento não prestar atenção em nada disso.

— Bom plano. Mas se você quiser divulgar uma imagem diferente de si mesmo, eu sou muito bom no que faço.

Troy não tinha certeza do que significava ser bom em postar besteira no Twitter, mas estava determinado a ser mais aberto. — Vou pensar no assunto.

Desta vez, ele realmente ia embora, mas Harris o interrompeu novamente com outra pergunta: — O que você achou de Ottawa até agora?

A reação impulsiva de Troy foi dizer algo maldoso sobre a cidade sem graça que ele era forçado a chamar de lar, ou lembrar a Harris que ele morava em um quarto de hotel praticamente anexo ao rinque, mas ele conseguiu ser civilizado. — Está tudo bem. Não vi muita coisa.

— Morei aqui a vida toda, então posso responder a qualquer pergunta.

Troy não tinha dúvidas, mesmo que mal conhecesse o cara, que se ele pedisse para Harris recomendar um restaurante, ele iria entusiasticamente listar cem opções, junto com razões detalhadas pelas quais cada um era ótimo.

— Você já procurou um lugar para morar? — perguntou Harris.

— Não. Farei isso quando voltarmos da viagem.

— Você está pensando no centro da cidade ou mais perto do rinque?

— Não tenho certeza. — Para ser sincero, Troy não se importava. Ele planejava alugar algo mobiliado e simples, pois não tinha intenção de ficar em Ottawa além daquela temporada. Ele usaria aquele ano para provar que ainda era um trunfo valioso e, então, mudaria para um time melhor. — Onde você mora?

— Em Glebe. Um apartamentozinho bacana. Nada de especial.

Troy não fazia a mínima ideia do que era Glebe. — Legal.

Harris pareceu interpretar a resposta monossilábica de Troy como um convite para continuar falando. — Só moro lá há um ano e ainda é estranho morar sozinho. Cresci em uma casa cheia. Quarenta hectares de terra e ainda tínhamos que dividir o banheiro.

Isso soou horrível. — Família grande?

— Duas irmãs mais velhas, mamãe, papai, vovó antes de morrer, três cachorros, um gato e um fantasma.

Troy decidiu ignorar a última frase. — Meu Deus. Foi lotado. — Puta merda. Não, ele não podia ignorar a última frase. — Fantasma?

— É. A vovó costumava me dizer que é meu tio-avô Elroy. Ele era um cara quieto, um fantasma quieto na maior parte do tempo. Às vezes derrubava coisas.

Isso pareceu extremamente impossível para Troy. Por vários motivos. — Você deve estar feliz por ter saído de lá.

— Ah, não, eu adorava. A família, quero dizer. Às vezes eu poderia viver sem o tio Elroy, mas acho que ele também é da família. Eu ainda adoro ir para casa. Ajudo muito quando não estou trabalhando aqui. Nossa, eu nem te contei. Minha família tem um pomar de maçãs. Quarta geração. — Ele apontou orgulhosamente para um broche na jaqueta que dizia "*Colheita da Família Drover*". — Então, sabe, me avise se precisar de maçãs.

As bochechas de Harris pareciam um pouco com maçãs, rosadas e volumosas acima da linha da barba aparada. Seu sorriso quase constante as moldava em bolinhas redondas que Troy sentia um desejo fugaz e confuso de morder. Ele não se surpreenderia se Harris *tivesse gosto* de maçãs, doces e saudáveis. — Eu te aviso.

Harris continuou sorrindo para ele, como se não houvesse nada que o deixasse mais feliz do que ser convidado a presentear Troy com maçãs. Ele era, Troy considerou, quase o completo oposto de Adrian. Enquanto Adrian era alto, com pele dourada, cabelos e olhos escuros e um físico mais musculoso e definido do que o corpo de atleta profissional de Troy, Harris era compacto, pálido e suave. Adrian sorria com facilidade, mas pelo menos parte disso era atuação. Ele conseguia manter uma expressão amigável independentemente do seu humor, se necessário. O bom humor de Harris parecia completamente natural e genuíno.

Adrian também era um pouco esnobe e jamais usaria um gorro com pompom ou uma jaqueta jeans cheia de broches. Ou uma camiseta da

Mulher-Maravilha, que Harris com certeza estava usando naquele momento. Aliás, Adrian provavelmente teria algo maldoso a dizer sobre toda a vibe de Harris, algo que Troy detestava pensar.

Troy se perguntou se Harris tinha namorado. Ele parecia um cara legal. Provavelmente era muito carinhoso. O tipo de namorado que comprava presentes atenciosos. Ou que *fazia* presentes atenciosos.

— Hipoteticamente — disse Troy — se eu fizesse o vídeo de perguntas e respostas, quanto tempo levaria?

— Não muito. Talvez quinze minutos? É editado para uns noventa segundos.

— É algo que você poderia fazer... agora?

Harris sorriu radiante. — Eu conseguiria fazer isso agora mesmo.

— Só perguntas fáceis, né? Manteiga de amendoim crocante ou cremosa? Esse tipo de coisa?

Os olhos de Harris se arregalaram de horror fingido. — De jeito nenhum. Você não quer que o fandom da pasta de amendoim crocante te persiga online. Melhor evitar assuntos polêmicos como esse.

— Talvez eu goste de crocante.

— Os fãs de cremosos são ainda piores.

Troy não riu, mas se sentiu mais leve do que nos últimos dias. — Vamos lá.

— Sente-se. Só preciso terminar de arrumar isso.

Harris observou Troy dar um passo em direção à cadeira e então parar. Ele franziu a testa para o chão e mordeu o lábio, como se estivesse tentando tomar uma decisão.

— Algo errado? — perguntou Harris.

Troy fixou seu olhar intenso e cobalto em Harris. — Não. — Ele voltou a se mover em direção à cadeira, mas parou novamente. — Eu não sou homofóbico.

Por um raro segundo, Harris ficou sem palavras. Então disse: — Que bom ouvir isso.

— Você é, hum, gay? Certo?

Harris queria fazer uma piada sobre o broche que estava usando, que dizia *'Grande Gay Libriano'* ser uma pista sutil, mas se conteve. — Sou.

— Que legal. Eu sei que quando nos conhecemos, provavelmente pareci estar te julgando pelos seus... — Troy gesticulou para o próprio peito. — Broches. E essas coisas.

— Passou pela minha cabeça — admitiu Harris.

— Não pense isso. Juro. Só me surpreendeu. Eu realmente não tenho problema com... sabe.

— Broches? — Harris mordeu a parte interna da bochecha. Ele estava se divertindo mais do que deveria em provocar aquele cara, provavelmente.

As bochechas de Troy ficaram levemente rosadas. — Certo.

Por um momento, Harris ficou hipnotizado pela forma como os lábios de Troy se formaram em algo próximo a um sorriso tímido. Seus olhos se suavizaram, e Harris se lembrou de que Troy tinha apenas 25 anos. A mesma idade que ele. — Vamos recomeçar, então. — Ele estendeu a mão. — Eu sou Harris.

O sorriso de Troy aumentou mais um milímetro. — Troy.

Sua mão era tão firme e quente quanto Harris se lembrava do primeiro aperto de mão, o aperto firme e a pele um pouco seca. — Prazer em conhecê-lo, Troy. Fique à vontade e eu garanto que isso seja rápido e indolor.

Troy estava sentado na cadeira, com as pernas abertas e as mãos cruzadas no colo. Usava um short largo que cobria os músculos salientes das coxas.

Harris já vira mais do que sua cota de coxas e nádegas perfeitamente esculpidas durante seu tempo trabalhando para os Ottawa Centaurs, mas ainda assim se permitiu um momento para admirar as pernas de Troy antes de verificar a intensidade da luz em seu rosto.

— Você sabe que está frio lá fora, né? — Harris provocou.

Troy olhou para as próprias pernas nuas. — Eu meio que corri até aqui.

Para pedir desculpas a Harris. O que foi uma gentileza distrativa e não condizia nem um pouco com tudo o que as pessoas diziam sobre o Troy.

— Você não está mais no sul de Toronto. Os invernos aqui são brutais.

— Sul — zombou Troy. — Toronto tem os mesmos invernos.

— Você pode pensar diferente em janeiro. Se não tiver morrido congelado até lá.

— Prometo que usarei calças em janeiro.

Harris riu e lançou mais um olhar para as coxas musculosas de Troy antes de desviar a conversa para sua impressionante parte inferior. — Se você decidir criar uma conta no Instagram, posso te ajudar com algum conteúdo para as primeiras postagens.

— Ok.

Apesar da reputação de tagarela durante os jogos, Troy definitivamente não era de falar muito fora do gelo. Felizmente, Harris não teve dificuldade em preencher o silêncio. — Dá para manter o profissionalismo total e postar só coisas oficiais do time. Alguns caras mal usam as contas, e outros curtem muito. Wyatt posta muita coisa de quadrinhos. Bood basicamente faz o meu trabalho, com todos os vídeos que ele posta. Ilya não costumava usar, mas agora ele curte tirar fotos de coisas aleatórias em cidades diferentes. — Harris riu. — Queria que ele virasse a câmera às vezes. Os fãs provavelmente preferem ver o herói deles do que um hidrante estranho, certo?

— Eu acho.

— Desculpe. Sou tagarela.

Troy o encarou por um instante, com os olhos azuis penetrantes, mas não frios. Ele quase pareceu se divertir. — Notei.

— Eu diria para você me mandar calar a boca, mas provavelmente não funcionaria.

— Está tudo bem. — Troy voltou a olhar para o chão, com os ombros caídos. Parecia cansado. Harris decidiu seguir em frente.

— Só preciso colocar este microfone em você e aí está tudo pronto. — Ele pegou um pequeno microfone de encaixe na bolsa de equipamentos e foi até Troy. Agachou-se entre as pernas abertas de Troy e prendeu cuidadosamente o microfone na gola da camiseta dos Centaurs.

Ao olhar para o rosto de Troy, encontrou aqueles olhos profundos como o oceano o observando. Uma onda de calor indesejada percorreu Harris quando seu membro percebeu que ele estava enfiado entre as coxas musculosas de um homem muito bonito.

Ele se levantou rapidamente e voltou para trás da câmera para poder observar Troy na telinha, em vez de entre as pernas. — Pronto quando você estiver.

— Certo. — Troy endireitou os ombros e sentou-se ereto. Manteve as mãos cruzadas no colo, totalmente profissional e provavelmente nem um pouco distraído por pensamentos sexuais.

Harris começou com perguntas sobre hóquei, pois descobriu que os jogadores de hóquei se sentiam mais à vontade para falar sobre seu esporte. Ele perguntou sobre os jogadores favoritos de Troy quando criança e suas melhores lembranças da carreira.

— Qual é seu jogador favorito atual? — perguntou Harris.

Troy não hesitou. — Scott Hunter.

Bem. Isso foi... inesperado. Scott Hunter era certamente um dos melhores jogadores da liga, mas também era assumidamente gay e ativista. Resumindo, Harris ficou impressionado com a escolha de Troy. — Ele é incrível.

— Também sou um grande fã de Ilya Rozanov — acrescentou Troy. — É emocionante ter a oportunidade de jogar com ele.

— Jesus. Não conte para ele — brincou Harris. — Aquele cara não precisa aumentar ainda mais o ego.

Os lábios de Troy se contraíram, só um pouco. — Não vou.

Harris achou que este seria um bom momento para passar para perguntas sobre preferências pessoais. — Você gosta de cachorros ou gatos?

— Hã... cachorro, eu acho. Nunca tive um bicho de estimação.

— Nossa. Nunca?

— Não.

— Nossa, que triste. Eu adoro cachorros. Não tenho um agora, mas quero uma casa no campo um dia e, tipo, cinco cachorros. Grandes.

— Isso é muito.

— É exatamente a quantidade certa de cães.

Troy balançou a cabeça e fez um barulho que era quase uma risada.

— Você tem algum hobby?

Estranhamente, essa parecia ser uma pergunta difícil para Troy. Depois de um momento quebrando a cabeça para revelar literalmente qualquer coisa que gostasse de fazer além de jogar hóquei, ele finalmente disse: — Às vezes, jogo tênis.

Bem, pelo menos não era golfe ou videogame, que eram as respostas que Harris recebia noventa por cento das vezes. — Nunca joguei — admitiu. — Mas gosto de assistir. — Ele não acrescentou que assistia principalmente

porque os tenistas eram bonitos. Apostava que Troy jogava tênis *muito* bem.
— Qual é o seu sorvete favorito?

— Hum. Merda. Faz tempo. Chocolate, eu acho.

— Espere. — Harris mudou o tom de voz para imitar um repórter fazendo uma *pergunta muito séria.* — Quando foi a última vez que você comeu sorvete?

— Não sei. Há alguns anos?

— Como isso é possível?

Troy deu de ombros. — Não é algo que eu deseje.

— Então o que *você* deseja?

Senhor, Troy estava corando? — Eu...

— Tipo, qual seria o presente para o Troy Barrett? Se você pudesse comer qualquer coisa?

Mais uma vez, Troy pareceu ter dificuldade para responder à pergunta. — Eu gosto de salmão.

Harris riu. Ele não conseguiu evitar. — Eu estava meio que procurando algo que não fizesse parte do plano alimentar aprovado pelo seu personal.

— Eu não me importo muito com comida. É só combustível.

Harris não entendeu nada daquelas palavras. — Comida é a melhor coisa de estar vivo! Tipo, eu adoro peixe, mas se alguém colocar um filé de salmão e uma pilha de bolinhos de maçã da minha mãe na minha frente, esse salmão vai ficar bem frio.

— Salmão frio é bom.

— Pode ficar com ele. Estou me empanturrando de bolinhos.

— Eu não gosto muito de doces, eu acho.

— Nada de errado. Que tal algo salgado, tipo poutine[1]?

— Sempre pareceu meio nojento.

Harris soltou um suspiro. — Vou editar essa resposta para que os fãs de Ottawa não saibam das suas opiniões chocantes sobre poutine.

— Queijo e molho não combinam.

— Que porra é essa?

Troy sorriu apropriadamente ao ouvir isso. Um breve e arrebatador piscar de dentes que deixou Harris tonto. Mudou completamente o rosto de Troy, e Harris queria que ele repetisse o gesto.

— Prefiro doces a batatas fritas com molho qualquer dia — disse Harris — mas poutine é uma delícia. Com quem você joga em *Mario Kart?*

— *O quê?*

Harris sorriu. Ele descobriu que conseguia as melhores respostas quando mantinha as perguntas aleatórias. — Você já jogou *Mario Kart,* certo? Por favor, diga sim, ou terei que rasgar toda a minha segunda página de perguntas.

— Você tem uma página de perguntas sobre *Mario Kart?*

— Responda à pergunta.

O sorriso não retornou completamente, mas os olhos de Troy brilharam de um jeito que sugeria que ele talvez estivesse se divertindo. — Eu já joguei *Mario Kart*. Geralmente escolho Mario.

— Nenhuma imaginação — Harris suspirou.

— Ele é o melhor, não é? O jogo leva o nome dele. Por quê? Quem você escolhe?

— Sou um homem Yoshi desde os meus seis anos de idade.

[1] O poutine é um prato da culinária canadense originário da província de Quebec, consistindo de batatas fritas e queijo coalho coberto com um molho de carne.

— Ele é minha segunda escolha — admitiu Troy.

— Somos basicamente a mesma pessoa!

— Gêmeos — Troy concordou categoricamente.

— Qual é o seu lugar favorito na Terra?

— É realmente difícil acompanhar essas perguntas.

— Mas você não está entediado, certo?

Troy torceu levemente os lábios. — Não. Não estou entediado. — Mais uma vez, ele pensou um pouco na pergunta. — *No gelo é* uma péssima resposta?

— É a pior resposta. Onde você passa o verão? Ou já viajou para algum lugar bom?

— Eu, hum. — Todo o divertimento desapareceu do rosto de Troy. Ele parecia torturado, como se responder àquela pergunta pudesse realmente matá-lo. Harris sentiu pena.

— No gelo está ótimo. Não se preocupe.

— Obrigado. Desculpe. Não sou bom nisso.

— Você está arrasando — garantiu Harris, embora não fosse exatamente verdade. — Próxima pergunta: Montanhas ou oceano?

— Por que escolher? Sou de Vancouver.

Harris sorriu. — É isso mesmo! E o time está indo para lá esta semana. Deve ser ótimo para você.

Troy franziu a testa. — Claro. É. Claro. — A maneira como ele disse isso implicava que ele preferia viajar direto para o inferno do que voltar para casa, em Vancouver.

Harris estava estragando tudo. Até as perguntas mais básicas deixavam Troy desconfortável. Harris costumava ser muito bom em conversar com as pessoas.

Ele decidiu tentar uma pergunta ridícula para aliviar a tensão da sala.

— Certo. Essa é importante: qual é o seu tipo de maçã favorito?

Troy franziu a testa. — Não sei. Vermelhas?

— Ah, cara. Sério? — Harris colocou a mão sobre o coração, fingindo estar ferido.

— O quê? Nem todas as maçãs são vermelhas. Eu gosto das vermelhas.

— Estou ofendido.

— Desculpe, não sou um especialista em maçãs como você.

Foi um pouco maldoso, mas também um pouco... caloroso. Os olhos de Troy brilharam novamente com algo próximo à brincadeira, e Harris gostou. — Você tem razão — ele provocou. — Essa foi uma pergunta muito difícil.

Troy quase riu. Harris tinha certeza disso e, por algum motivo, seu estômago se revirou de ansiedade.

Mas Troy apertou os lábios, provavelmente tentando evitar qualquer demonstração de diversão. Seus olhos ainda brilhavam, no entanto. — Que tal McIntosh? É uma maçã, né?

Harris balançou a cabeça. — Que desrespeito. Inacreditável. Última pergunta: você prefere corridas de alta intensidade por curtos períodos de tempo por meia hora ou responder perguntas por cinco minutos?

— Corridas. Com certeza.

Harris riu. Provavelmente alto demais, como sempre, porque Troy se encolheu e se levantou rapidamente. — Então, terminamos?

— Terminamos.

— Certo. — Troy caminhou até a porta, claramente ansioso para sair dali.

— Espere — disse Harris. Troy parou e olhou para trás, ansioso. Harris colocou a mão no ombro de Troy e o ouviu inspirar fundo. — Você ainda está com o microfone ligado.

— Ah. Certo. — Ele ficou perfeitamente imóvel enquanto deixava Harris removê-lo, o que Harris fez rapidamente, com o mínimo de contato possível. Ele conseguia sentir o aroma amadeirado da loção pós-barba de Troy, ou provavelmente do seu sabonete líquido, já que a barba no maxilar sugeria que ele não havia se barbeado naquela manhã.

— Pronto para ir — anunciou Harris alegremente, erguendo o microfone. Deu um passo gigante para trás, precisando se distanciar antes que Harris fizesse algo estúpido como cheirar o pescoço de Troy. — Você, hã, talvez seja melhor você ter fones de ouvido com cancelamento de ruído — disse Harris. — Para o voo. Aqueles caras são bem animados no avião.

— Você já viajou de avião com o time?

— Algumas vezes. Normalmente eu acompanho uma ou duas viagens por ano pra documentar as coisas. Rende um conteúdo legal. Em janeiro vou na viagem pro sul. Vai ter um dia de folga em Tampa, então deve ser divertido.

— Ah. Legal. — Não parecia que Troy achasse legal que Harris estivesse no avião do time. Ele tentou não se sentir ofendido.

— Obrigado por fazer isso — disse ele. — Te aviso quando postar.

Troy assentiu uma vez e então foi embora.

Capítulo Cinco

Troy não sabia o que estava causando o barulho alto, mas precisava mesmo que parasse. Aos poucos, percebeu que estava em um quarto de hotel em Vancouver e que as batidas eram na sua porta. Gemeu e puxou um travesseiro sobre a cabeça latejante, torcendo para que a pessoa fosse embora.

A pessoa não foi embora.

— Barrett. Acorde. — A voz era inconfundivelmente de Rozanov.

— O que foi? — A voz de Troy soou como se tivesse sido lixada até desaparecer. Ele tentou pigarrear e repetiu: — O quê?

— Abra a porta.

Derrotado, Troy se arrastou para fora da cama e, depois de se certificar de que estava usando pelo menos cueca, abriu a porta. Rozanov entrou no quarto, sem ser convidado, e fez uma careta. — Cheira horrível. Você ficou bêbado ontem à noite.

— Um pouco.

— Nada bom, Barrett. — Ele estendeu uma garrafa de Gatorade para Troy. — Beba isso. Sente-se.

Troy ficou mais do que feliz em fazer as duas coisas. Ele desabou na cama e abriu o Gatorade, imaginando como Ilya sabia que ele tinha bebido sozinho na noite anterior.

— Eu vi você no saguão com uma sacola de loja de bebidas — disse Ilya, como se pudesse ler mentes. — Indo em direção aos elevadores. Parecia que você estava com pressa.

Com pressa para não sentir nada, pensou Troy.

— Isso é algo que você faz muito? — Ilya pegou a garrafa quase vazia de vodca barata da cômoda de Troy e franziu a testa para o rótulo.

— Não.

— Jogaremos hoje à noite.

— Eu sei. Foi estúpido.

— Sim. — Ilya o estudou até que Troy foi forçado a desviar o olhar.

— Não vai acontecer de novo — disse ele, embora não tivesse certeza se era verdade, porque agora todos os seus motivos para beber estavam voltando à tona. Depois de uma longa e solitária viagem de avião ouvindo seus companheiros de time rindo e brincando como os amigos próximos que eram, tudo o que Troy queria era se refugiar nos braços do namorado. Sentia tanta falta do Adrian que nem conseguia ligar para ele. Além disso, vinha ignorando os telefonemas e mensagens do pai desde ontem porque não conseguia *lidar* com aquele cara agora.

Esta foi a primeira vez na carreira de Troy que ele não gostou de voltar para sua cidade natal. Ele nunca gostou de ver o pai, mas até esta viagem, ele tinha conseguido ver o namorado, ou a mãe, ou ambos.

Agora, o babaca do pai dele era o único que restava.

A merda com Dallas aconteceu tão rápido depois que Adrian o largou, e depois a troca, que a tristeza foi uma espécie de vazio vago que pairou sobre Troy como uma nuvem. Agora que ele estava em Vancouver, a nuvem desceu, enchendo-o de raiva e desespero. O término não parecia real antes, porque ele e Adrian mal se viam. Estar na mesma cidade e não poder abraçá-lo, beijá-lo, levá-lo para a cama e ser ele mesmo por algumas horas estava acabando com ele.

E ninguém jamais poderia saber.

— Desculpe. Foi...

Se Ilya notou a voz embargada de Troy, seu rosto não demonstrou. — Esta é a sua cidade, não é? De onde você é?

— Sim.

— Sua vida pessoal é pessoal. Se não afeta seu jogo, não importa para mim. O treinador dirá a mesma coisa.

Troy fechou os olhos. — Você vai contar a ele?

— Não desta vez.

Era um aviso, e Troy silenciosamente prometeu acatar. Hóquei era tudo o que lhe restava. Ele precisava aproveitar ao máximo as coisas com o time de Ottawa, ou desmoronaria completamente.

— Você está com uma cara péssima — disse Ilya. — O treino é opcional esta manhã. Você está fora.

Troy quase protestou porque tinha planejado patinar naquela manhã, mas seria ridículo argumentar. Ele não estava em condições de fazer nada mais extenuante do que tomar um banho. — Certo.

— Além disso, seu pai está no saguão.

— *O quê?*

— Sim. Ele se apresentou a mim. — Ilya fez uma careta que Troy entendeu perfeitamente. — Ele ainda está lá, mas posso dizer a ele que você...

Porra. — Não. Preciso falar com ele. Senão ele só vai... — Troy se conteve. Sua família problemática não era da conta de Rozanov. — Vou tomar um banho e descer. Vou mandar uma mensagem para ele. Avisar.

— Sim, está bem.

Troy terminou o Gatorade. — Obrigado. Por isso. — Ele ergueu a garrafa vazia.

— Descanse hoje. Jogue bem esta noite. Não faça isso de novo.

— Eu não vou.

Ilya foi até a porta e parou antes de abri-la. — Família pode ser difícil. Pais.

Era uma coisa estranha de se dizer, e Troy não sabia como responder. Ele respondeu: — É. Às vezes.

Ilya assentiu e saiu. Troy soltou um suspiro e foi para o chuveiro.

Troy fez o possível para se manter apresentável, mas enfiou um boné do Ottawa Centaurs na cabeça para esconder parcialmente o rosto, caso seus olhos ainda estivessem vermelhos. Além da ressaca, ele se sentia perigosamente à beira das lágrimas.

Troy não conseguia acreditar que o pai dele estava ali. Mas, ao mesmo tempo, fazia todo o sentido — a cereja podre no topo da sobremesa de lixo em que sua vida tinha se transformado.

Ele viu Curtis Barrett imediatamente, recostado em uma das poltronas no meio do saguão. Levantou-se ao avistar Troy, e os dois homens sentados nas cadeiras à sua frente também se levantaram.

Claro que o pai trouxe amigos. Ele adorava exibir o filho, estrela da NHL.

— Troy! Nossa, parece que você passou a noite acordado. — Papai deu um tapinha forte no ombro de Troy. — Espero que ela tenha valido a pena.

A risada de Curtis era tão agressiva quanto tudo o mais nele, e Troy se esforçou para não se encolher. Enquanto os amigos de Curtis se juntavam a ele, zurrando como burros ignorantes, Troy teve uma breve e selvagem vontade de dizer: *'Na verdade, meu namorado me trocou por outro homem'*, mas é claro que não disse.

Em vez disso, acomodou-se em uma das cadeiras, cansado de ficar em pé. — Oi, pai.

— Este é o Brad, dono da Construções Condor. E o Darryl, da Demolições Harper. Você se lembra do Darryl, né?

— Claro — mentiu Troy. — Claro. — Todos os amigos do papai eram parecidos: homens de meia-idade com constituição física que sugeria que já tinham sido atletas, mas que tinham ficado flácidos com o passar dos anos. O próprio Troy provavelmente teria essa aparência um dia.

— Então. — Curtis inspecionou o moletom e o boné Centaurs do filho. — Você foi rebaixado para Ottawa.

— Fui *negociado.*

— Você foi punido, foi o que aconteceu. Não sei o que o Kent fez para te irritar, mas você tem que tomar cuidado com a boca, garoto. Que azar ter isso gravado em vídeo. — Ele fez uma careta. — Os treinos devem ser privados. O que é dito entre companheiros de time deve ficar lá. Eu me lembro de quando eu jogava em Kamloops...

E lá se foi ele, sugando todo o oxigênio da sala com histórias de seus dias de glória como jogador júnior de hóquei. Troy o ignorou. O fato de Troy ser uma verdadeira estrela da NHL nunca impediu seu pai de tentar superar todas as suas histórias de hóquei. Com o tempo, Troy simplesmente parou de compartilhar histórias.

— Claro, hoje em dia não se pode dizer nada — dizia papai quando Troy percebeu que ele ainda falava. — Guerreiros da justiça social espreitando por toda parte.

— Você acertou — Brad ou Darryl concordaram.

— Olha o coitado do Dallas Kent — disse o pai, como se Troy não estivesse sentado ali. — As pessoas podem dizer qualquer coisa na internet, tentando arruinar a carreira de um homem. A reputação dele.

Troy queria dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. Sua cabeça doía e sua garganta ainda estava precariamente apertada. Papai agora olhava diretamente para ele.

— Felizmente, ninguém levou o que você disse a sério — continuou papai. — Obviamente, Toronto teve que se livrar de você, o que é uma pena, mas quem entende de hóquei sabe que as coisas são ditas no calor do momento.

Era isso que as pessoas diziam a si mesmas? Que Troy tinha perdido a paciência por causa de alguma coisa durante o treino e tinha dado uma resposta inofensiva para Kent? Que Troy não *acreditava de fato* que Kent fosse um predador sexual?

Papai riu baixinho. — Se vocês tivessem sido adversários em vez de companheiros de time, acho que usar as besteiras que aquelas mulheres estavam acusando ele seria uma estratégia inteligente no gelo. Entrar na cabeça dele, sabe? Mas não no seu companheiro de time. Vocês dois eram como irmãos. Espero que você pelo menos tenha tentado se desculpar com ele. Não o culpo se ele mandar você se foder, mas você tem que ser homem e tentar.

Brad e... o outro... fizeram barulhos de concordância.

Troy respirou fundo, se acalmando. — Você vem ao jogo hoje à noite?

— Pode apostar. Vou levar esses caras comigo. Mas não tenho certeza se eles vão torcer pela porra do Ottawa.

Os três homens riram. Troy não. Quase perguntou por que o pai não estava trazendo a nova esposa, mas decidiu que não se importava. Não se importava com nada daquilo e já havia esgotado sua capacidade de parecer bem. Era hora de se refugiar em seu quarto particular de hotel para chorar até adormecer. — Bem, como você disse, não dormi muito ontem à noite, então preciso tentar descansar antes do jogo.

— Você não vai embora já, né? Toma, vou te pegar um café. — Papai riu. — Você devia estar comprando cafés para nós, com seus milhões de dólares.

Curtis Barrett também tinha milhões de dólares. Talvez não tantos milhões quanto Troy, mas a empresa de guindastes que ele havia fundado há mais de vinte anos certamente o tornara um homem rico.

— Acho que dormir seria melhor do que tomar café agora — disse Troy. Ele se levantou.

— Acho que sim. — Curtis franziu a testa para o filho, e Troy sabia que ele esperava que ele fizesse mais para deslumbrar os amigos do que murmurar algumas palavras em meio à dolorosa ressaca. Ele não pareceu feliz quando se levantou relutantemente e deu outro tapinha no ombro de Troy. — Tudo bem, então, boa sorte esta noite.

— É bom ver você de novo, pai. — Troy era um excelente mentiroso. — Aproveitem o jogo — disse ele para Brad e Darryl, depois se virou rapidamente e saiu.

Seus olhos já estavam queimando quando as portas do elevador se fecharam.

Troy jogou terrivelmente naquela noite. Obviamente. Exigiu toda a sua concentração para não cair em prantos no vestiário ou no banco. Qualquer uma das duas opções seria, claro, impensável. Ele não era conhecido por seu bom humor nos melhores momentos, e seus companheiros de time nem o conheciam, então era mais fácil esconder sua agonia do que seria de outra forma.

No terceiro período, Troy foi substituído na linha de frente por Luca Haas. O treinador reduziu drasticamente o tempo de gelo de Troy, o que só lhe deu mais tempo para se afundar na miséria no banco. Seu time perdeu.

No vestiário, os companheiros de Troy não falaram com ele. Mal o olharam. Bem, Ilya olhou para ele, mas foi de um jeito que conseguiu dizer '*você pode beber a noite toda e jogar péssimo no dia seguinte exatamente uma vez*

antes de eu dizer ao treinador' sem dizer uma palavra sequer. Foi impressionante. O resto do time provavelmente só estava pensando uma coisa: Por que diabos contratamos esse babaca?

Tudo era uma merda, e agora o hóquei nem estava funcionando. O que restava para o Troy?

— Tudo bem, rapazes — anunciou o treinador Wiebe. A sala ficou em silêncio, o ar carregado de vergonha e frustração. — Vamos treinar em Edmonton amanhã, depois do pouso. Obviamente, haverá algumas mudanças. — Ele não olhou diretamente para Troy, mas não precisava. — Edmonton tem um time mais forte que Vancouver, e não podemos jogar como fizemos hoje à noite contra eles. Então, tenham uma boa noite de sono... não quero que ninguém saia hoje à noite, não importa em que cidade estejamos... e amanhã preparem-se para trabalhar duro, ok?

Ouviu-se um coro de — Sim, treinador — então Wiebe assentiu e saiu da sala.

Troy desejou que estivessem voando agora. Mal podia esperar para deixar Vancouver para trás.

Troy não estava na linha de frente quando seu time enfrentou o Edmonton. Ele foi rebaixado para a terceira linha, o que não podia culpar os técnicos, mas ainda assim doeu.

Ele *precisava* de um gol. Nunca estivera tão desesperado por algo na vida. Quanto aos jogadores de hóquei, ele não era particularmente supersticioso, mas pensou que talvez, se marcasse um gol, as coisas mudariam para ele.

Então, ele jogava duro em todos os períodos, usando sua velocidade para chegar à rede e ter a chance de pegar um rebote ou desviar. Ele jogava fisicamente, descontando sua agressividade em qualquer um que se aproximasse. Ele *marcaria* naquela noite.

No terceiro período, o treinador escalou Troy para jogar na linha de vantagem numérica. Edmonton estava dois gols à frente, e um gol do Ottawa agora seria um grande impulso. A disputa de disco foi na zona de Edmonton, e Rozanov venceu, mandando o disco de volta para Dykstra.

Troy disparou para a rede, bem na hora em que Dykstra chutou forte da linha azul. O goleiro do Edmonton fez a defesa, mas não conseguiu controlar o rebote. O disco caiu no taco de Troy, a centímetros de distância, quando o goleiro caía de costas no gelo. Troy chutou por cima do corpo caído do goleiro, para dentro do gol escancarado.

Troy comemorou como se tivesse ganhado a Copa Stanley.

Então ele percebeu que seus companheiros de time não estavam comemorando com ele e ouviu Dykstra gritando: — De jeito nenhum isso foi interferência, árbitro!

Mas o árbitro estava fazendo o sinal de 'sem gol' e Troy não conseguia acreditar.

— Eu não toquei no cara! — gritou Troy. — O desastrado caiu!

— Sem gol — disse o árbitro. — Você acertou a parte de trás do patim dele, Barrett.

— O caralho que fiz isso.

Um dos defensores do Edmonton, um babaca gigante chamado Nelson, empurrou o peito de Troy, fazendo com que suas costas batessem nas placas atrás da rede. — Todos nós vimos, seu trapaceiro de merda.

— Como você viu? Você estava ocupado demais fazendo porra nenhuma para me impedir. Eu entrei direto na sua casa e marquei. Desculpa, você é ruim no seu trabalho, seu idiota.

— Pelo menos eu não sou um traidor de merda.

Troy empurrou Nelson para trás, mesmo que Nelson tivesse uns quinze centímetros a mais de altura. Rozanov interveio, com o rosto calmo, e disse:

— Você precisa ter amigos para ser um traidor, Nelson. Então, não. Você nunca será um.

Nelson o encarou. — É melhor torcer para que nenhuma garota com quem você transa fique falando mal de você na internet, Rozanov. Esse vai se virar contra você num piscar de olhos.

— Sim. Você poderia pedir para sua esposa não postar nada sobre mim então?

— Foda-se, Rozanov!

— Todos de volta aos seus bancos agora — gritou o árbitro.

Troy voltou sua fúria para o árbitro. — Foi um gol.

— Não, não foi.

— Foi um gol do caralho! Você já viu um jogo de hóquei antes? Ele caiu, porra.

O árbitro levantou-se na cara dele. — Vá para o seu banco. Último aviso.

Troy estava cheio de raiva, fervilhando há mais de uma semana, e precisava desabafar. O árbitro era provavelmente o pior alvo possível, mas, bem, era ele quem estava na frente de Troy.

— Foda-se. — E então ele empurrou o árbitro, e, sim, não foi uma boa ideia.

Troy recebeu imediatamente uma penalidade de expulsão do jogo. Ele continuou insultando os árbitros, os jogadores do Edmonton, os torcedores e possivelmente Deus enquanto saía do gelo. No túnel, Troy quebrou seu taco na parede, gritando palavrões até segurar um pequeno pedaço de fibra de carbono na luva. Então, ele jogou o pedaço na parede.

Ele ainda não tinha tomado banho nem se despido quando o jogo terminou. Estava apenas sentado em sua baia, fervendo de raiva.

Ottawa não marcou mais um gol e acabou perdendo por três gols. O clima na sala ficou solene depois que o resto do time chegou. O treinador entrou e

fez outro discurso sobre como eles precisavam melhorar. Troy estava começando a se perguntar se ele só tinha um discurso. Deus sabia que ele só precisava de um, do jeito que aquele time jogava.

Depois que o treinador saiu e a maioria dos rapazes foi para os chuveiros, Rozanov sentou-se ao lado de Troy. — Tudo bem? — perguntou Rozanov.

— Ótimo pra caralho.

— Sim, eu posso dizer.

Troy não respondeu. Estava de cabeça baixa, mas agora olhava para seu novo capitão. Ilya estava só de cueca boxer e tinha as pernas compridas esticadas à sua frente. O olhar de Troy se fixou na famosa tatuagem de um urso-cinzento rosnando no peitoral esquerdo de Ilya. Era absolutamente ridícula de perto. Ele notou uma segunda tatuagem, menos famosa e provavelmente mais recente, no braço de Ilya, perto do ombro. Era uma espécie de pássaro. Um mergulhão, talvez. Uma escolha meio estranha.

— Você é um bom jogador de hóquei — disse Ilya.

Foi tão abrupto e inesperado que Troy se atrapalhou ao responder. — Ah, sim. Valeu.

Ilya suspirou e inclinou a cabeça para trás, encostando-a na parede atrás de si. — Estou cansado de perder, Barrett.

— Bem, você veio para o time errado. — Troy, como praticamente toda a NHL, não fazia ideia de porquê Ilya Rozanov havia escolhido assinar com Ottawa quando se tornou um agente livre. Ele poderia ter ido para praticamente qualquer lugar. Em vez disso, escolheu um dos piores times da liga, em uma cidade tranquila que recebia cerca de um bilhão de toneladas de neve todo inverno. Para um cara que amava carros esportivos, casas noturnas e mulheres, parecia uma escolha estranha.

— Acho que podemos vencer — disse Ilya. — Temos um bom goleiro. Temos jovens talentos e uma defesa firme. E temos a mim. Deve ser um bom time.

Tudo o que Ilya dizia era verdade. Eles *deveriam* ser um time melhor. — Então por que não somos?

Ilya o encarou. — Porque não acreditamos. Ninguém que vem aqui espera vencer.

Bem, Troy não podia contestar isso. Ele certamente não veio para cá esperando fazer parte de um time vencedor.

— Hoje à noite — continuou Ilya. — O que você queria fazer?

— Eu queria marcar um gol.

Ilya assentiu. — Por você. Não pelo time.

— Eu... — Certo. Troy também não podia contestar *isso.* — Eu precisava marcar. Ainda preciso, mesmo que aquele gol devesse ter...

— Sim. Eu sei. — Ilya se levantou, virou-se e encarou Troy. Mesmo de cueca, Ilya conseguia fazer Troy se sentir envergonhado e ridículo. Ele tinha feito birra por causa de um gol anulado. Um gol que provavelmente nem teria importância.

Além disso, Ilya estava muito bonito de cueca. Mas essa não era uma linha de pensamento útil.

— Marque um gol para você se precisar — disse Ilya — mas pense no que você pode fazer pelo time. Você é, eu acho, tudo o que precisávamos.

Sem esperar por uma resposta, ele se virou e atravessou o andar até sua própria baia, tirando a cueca no meio do cômodo. Troy soltou uma risada. Rozanov era um verdadeiro filho da puta.

Houve anos na vida de Troy em que o vestiário era o lugar mais estressante do mundo. Quando a conversa que acabara de acontecer, com um homem tão atraente quanto Ilya se exibindo com a mesma audácia que

acabara de fazer, teria sido aterrorizante, por que e se Troy revelasse alguma coisa? Um olhar involuntário ou, que Deus o ajudasse, uma ereção involuntária. Ele estava infeliz e sozinho, até que um dia, antes de começar sua segunda temporada na WHL, aos dezoito anos, decidiu se esconder atrás de um muro de besteiras machistas agressivas. Não tinha sido difícil; seu pai lhe dera anos de besteiras machistas para imitar. Assim como a maioria de seus companheiros de time e treinadores.

E então ele foi para Toronto e conheceu Dallas Kent, o arbusto barulhento e babaca perfeito para se esconder. Em algum momento, ficou mais fácil manter o personagem como um cara hétero que era, vergonhosamente, bem homofóbico.

Troy usara aquela máscara o tempo todo até conhecer Adrian. Naquela festa, dois anos antes, Troy se mostrara completamente indefeso diante de toda a beleza e charme de Adrian. Fora difícil, todas as vezes, recolocar a máscara depois de sair do apartamento de Adrian, mas Troy precisava voltar à sua vida de jogador de hóquei e não estava nem perto de estar pronto para se assumir e se orgulhar como Scott Hunter. Ele ainda não estava pronto.

Mas ele também não queria mais usar aquela porcaria de máscara.

Ele pensou em Ryan Price, um ex-companheiro de time que estivera em seus pensamentos durante o último ano. Ryan jogara com Troy em Toronto na temporada retrasada. Ele fora negociado um zilhão de vezes; Toronto fora, tipo, seu nono time na NHL ou algo assim. Troy fora um completo babaca com ele porque estava seguindo o exemplo de Kent. E porque Troy era, admito, um completo babaca.

Agora Troy sabia o quão desconfortável era ser trocado, e tinha vergonha da forma como tratara Ryan quando ele lutava para se encaixar. Em vez de fazer qualquer coisa para ajudar, Troy riu do nervosismo de Ryan nos aviões e fez piadas homofóbicas bem na frente dele. Não depois de descobrir que Ryan era gay, mas isso não importava.

Ryan tinha sido um cara perfeitamente legal. Tímido, talvez. Estranho, com certeza. Mas ele tinha sido feroz como o diabo ao acabar com as piadas imaturas de Dallas e Troy, afirmando claramente que era gay e que não toleraria mais a homofobia deles. Aquele foi um momento que Troy jamais esqueceria.

Fora a coisa mais corajosa que ele já vira. E nem pareceu grande coisa para Ryan, que apenas retornara calmamente à sua baia e começara a vestir suas roupas como se não tivesse humilhado e inspirado Troy ao mesmo tempo. Porque Troy se escondia atrás de piadas homofóbicas há tanto tempo que se tornara fácil fazê-las. Fácil de rir. Mas Troy tinha um companheiro de time gay de verdade e nem tentara conhecê-lo. Aproximar-se. Ajudá-lo a se sentir aceito e bem-vindo.

Que oportunidade desperdiçada.

Troy gostou que Ilya tivesse tirado alguns minutos para conversar com ele, mesmo que não tenha sido exatamente uma conversa agradável. Ele sabia que Ilya falava abertamente sobre a importância da inclusão no hóquei, e que ele não falava só por falar. Ele e Shane Hollander organizavam acampamentos beneficentes de hóquei no verão que celebravam a diversidade e tinham uma equipe inclusiva à altura. Troy ouvira dizer que Ryan Price era um dos treinadores. Ele também ouvira os rumores de que Shane Hollander era gay. Não tinha certeza se eram verdadeiros, mas secretamente achava que seria legal se fosse. Ele certamente não culpava Hollander por não ter anunciado.

Ele se perguntou se Ilya sabia. De alguma forma, aqueles dois rivais haviam se tornado próximos nos últimos anos, e Troy ficaria impressionado se Ilya fosse o melhor amigo de um homem gay. Talvez, depois de ter ficado com tantas mulheres quanto Ilya, você não precisasse se preocupar em ter sua própria sexualidade questionada.

Ilya provavelmente apoiaria Troy se soubesse que ele é gay. Se Troy quisesse se assumir e simplesmente... ser ele mesmo. Finalmente.

Troy soltou um longo suspiro e começou a tirar o uniforme. Era muita coisa para pensar enquanto ainda usava um uniforme de hóquei suado e nojento. Troy precisava comer, dormir, marcar um gol e quem sabe transar um dia.

Talvez ele devesse pedir o número do Shane Hollander para o Ilya. O Shane era um gato pra caralho.

O pensamento fez Troy sorrir, e isso pelo menos era alguma coisa.

Capítulo Seis

Harris passou com sua caminhonete sob a placa pendurada que dizia - *Pomar Família Drover* - no final da tarde de domingo. A casa de sua família ficava a cerca de 45 minutos da cidade, mas ele ainda tentava ir lá para o jantar de domingo sempre que possível.

Fileiras organizadas de macieiras desfolhadas estendiam-se de ambos os lados da longa estrada de terra que levava à casa, com seus galhos se retorcendo em direção ao céu branco do final de novembro. A terra congelada e compactada rangia sob seus pneus, um som alto e familiar. Ele adorava voltar para casa.

Ele passou pela estrada mais nova que ia da entrada principal até a sidraria que suas irmãs haviam construído na propriedade dois anos antes. Conseguia avistar o elegante prédio, semelhante a um celeiro, ao longe, com luzes brancas de Natal decorando o telhado em mansarda. Imaginou se Anna e Margot ainda estariam trabalhando ou se o estariam esperando em casa.

Os cães já corriam para recebê-lo quando a casa apareceu. Mac - o mais novo dos três - foi o primeiro. Shannon e Bowser seguiram, latindo alegremente.

Harris saiu da caminhonete e riu enquanto os três cachorros pulavam nele, com os rabos batendo nas pernas e uns nos outros. — E aí, pessoal, como vão as coisas?

Ele se agachou para dar a cada um deles os carinhos e carícias que mereciam. Mac, um enorme animal marrom, pôs as patas nos ombros de Harris. Todos os cães eram resgatados, e Harris mal conseguia imaginar de

que raças eram compostos, mas Mac devia ter um pouco de Terra-Nova dentro dele.

— Abaixe-se, seu puxa-saco de atenção.

— Mac! Vem! — A mãe apareceu na varanda da frente, vestindo uma camisa xadrez de flanela e jeans. Bateu as palmas nas coxas e chamou Mac de novo. Relutante, Mac largou Harris e correu até ela.

Ele pegou uma caçarola coberta do banco do passageiro e caminhou até a casa. Shannon e Bowser o seguiram, mais calmos agora que estavam convencidos de que Harris ainda os amava e se lembrava deles.

— O que você trouxe desta vez? — perguntou a mãe quando ele chegou à varanda. Ela o beijou na bochecha, e ele fez o mesmo.

— São minhas couves-de-bruxelas com bacon e balsâmico. Só precisa de alguns minutos para esquentar.

Desde que Harris e suas irmãs se mudaram, os jantares de domingo passaram a ter uma estrutura mais comunitária. A família inteira sempre ajudou na cozinha quando moravam juntos, então fazia sentido continuar ajudando, mesmo que fosse em cozinhas separadas.

— Eu esperava que fosse isso. Seu pai fez experiências com aspargos e acho que talvez precisemos de um vegetal verde reserva.

Ele a seguiu, junto com os cachorros, até a casa, que cheirava a porco assado e possivelmente a aspargos queimados. Ainda não havia sinal de Anna, Margot ou de seus maridos. A casa dos Drover não era grande, mas Harris não conseguia imaginar um lugar melhor para crescer. Ou para onde voltar. Era uma antiga casa de fazenda, branca por fora e predominantemente de madeira escura por dentro. Apertada, aconchegante e cheia de fotos de família e móveis antigos que estavam na casa há gerações.

Harris foi colocar suas couves-de-bruxelas no forno. Papai estava na cozinha, franzindo a testa para uma assadeira de aspargos pretos.

— Você usou a grelha, não é? — Harris provocou.

— Não posso tirar os olhos dessa maldita coisa por um segundo — resmungou papai.

— Tudo bem, pai. Já cobri o vegetal verde saudável. — Ele abriu a porta do forno e deslizou sua caçarola para dentro. — Tem bacon, mas ainda é totalmente saudável.

Papai parecia querer dizer algo sobre bacon e colesterol, mas em vez disso perguntou: — Você está se sentindo bem, Harris?

— Estou ótimo. — Harris deu um tapinha no peito. — Perfeito funcionamento.

O pai franziu a testa para o peito de Harris, onde ambos sabiam que as linhas feias de múltiplas cicatrizes cirúrgicas marcavam sua pele, então suspirou e envolveu o filho em um abraço apertado. — Que bom ouvir isso.

— Você se preocupa demais. Sabe que eu vou consultar com o Dr. Melvin se eu me sentir um pouco indisposto.

— Eu sei.

— Aqui — disse Harris, pegando a assadeira. — Vou levar para a composteira.

Papai deu uma última olhada nos aspargos, como se pudesse pensar em uma maneira de reanimá-los, então assentiu.

Shannon, a mais velha e a menor dos três cachorros, seguiu Harris porta afora. O ar estava fresco e frio, e o sol se punha rapidamente. Harris adorava essa época do ano, quando a temporada de hóquei estava a todo vapor e o Natal se aproximava.

Ele jogou os aspargos na composteira enquanto Shannon inspecionava uma pedra no chão. Ele não gostava de falar sobre sua saúde. Não gostava de pensar nisso. Levava a sério - não estava mentindo para o pai sobre isso -

, mas odiava o jeito como sua família o olhava às vezes. Como se ele fosse frágil. Como se pudesse morrer a qualquer momento.

Qualquer um pode morrer a qualquer momento.

Harris havia decidido há muito tempo não se preocupar tanto e não sentir pena de si mesmo. Ottawa tinha ótimos hospitais e ele recebera os melhores cuidados desde o nascimento. Não havia razão para supor que ele não viveria uma vida longa e feliz.

Depois de alguns minutos coçando as orelhas de Shannon e apreciando o silêncio atrás da casa, Harris voltou para dentro. A casa estava muito mais barulhenta do que antes, o que significava que suas irmãs mais velhas, Anna e Margot, haviam chegado com seus maridos.

— Harris! — gritou Anna. — Que se dane. Aquela guerra do Twitter que você travou com Edmonton foi hilária.

Harris a abraçou. — Ah, bom. Eles têm uma ótima pessoa para trabalhar com redes sociais. A Danielle é superengraçada.

'Brigar' com outras contas de mídia social da NHL era uma das partes favoritas de Harris no trabalho. Ele não era o tipo de cara que falava mal ou dizia qualquer coisa maldosa na vida real, mas quando interpretava o papel da marca Ottawa Centaurs, ele realmente se soltava.

— Foi ótimo — disse ela. — Nossa, Mac. Calma. Aqui, leva isso para a cozinha para mim, por favor? — Ela entregou a Harris uma caçarola embrulhada.

— Esta maçã é crocante?

— Claro que sim. Se você me colocar para fazer a sobremesa, vai ganhar torta de maçã toda vez.

Harris não ficou triste com isso. Levou a sobremesa para a cozinha e chamou Mac para segui-lo. Agora que todos haviam chegado, a casa continuaria um caos barulhento até a hora de ir embora. Sete adultos

tagarelas e três cachorros dóceis, amontoados em uma velha casa de fazenda, proporcionavam momentos animados. Harris adorava.

Havia um gato também. Em algum lugar. Ursula não era fã dos jantares de domingo à noite e provavelmente estava lá em cima, em uma das camas.

E, claro, o tio Elroy. Mas ele não era uma presença confiável.

O jantar foi animado como sempre, com muitas provocações e risadas. Harris não era o único Drover com uma voz potente e uma risada desnecessariamente alta.

— Como esse cara novo está se adaptando? — perguntou Margot durante a sobremesa. — Troy Barrett.

Harris sinceramente não tinha certeza. Apesar da aparência irritadiça de Troy, havia algo atraente naquele homem. E não apenas sua beleza divina. Harris tinha gostado de entrevistá-lo. Ele tinha gostado de tentar fazê-lo sorrir, mesmo que mal tivesse funcionado.

Mas Margot não perguntou nada disso.

— Não tenho certeza — disse ele, cauteloso. — Ele é quieto. Acho que é reservado.

— Ele foi expulso do jogo outro dia em Edmonton — disse papai. — Empurrou um árbitro!

— É — disse Harris. Ele certamente não tinha perdido *isso.* A mídia especializada em hóquei não parava de exibir aquele vídeo e falar sobre como Troy estava perdendo o controle nas últimas semanas. — Isso não foi bom.

— Eu nunca gostei dele quando ele estava no Toronto — disse Mike, marido de Anna. — Mas ele era talentoso. Espero que ele consiga se recompor, porque com certeza ele seria útil para nós.

Harris costumava falar sobre hóquei dessa maneira. Como todos os fãs faziam, como se fizesse parte do time, mas só se referisse aos jogadores como

ativos ou ferramentas. Agora que trabalhava para um time da NHL e tinha se tornado amigo dos jogadores e da comissão técnica, ficava irritado quando eles não eram reconhecidos como seres humanos. Ele queria que Troy jogasse no auge da sua forma também, mas principalmente queria que Troy não fosse mais sobrecarregado por aquilo que o estava deixando tão infeliz.

Ele também queria parar de pensar nele por cinco minutos.

— Colocamos mais algumas caixas na traseira da sua caminhonete, Harris — disse Margot, tirando Harris do que estava prestes a se tornar mais um devaneio de Troy Barrett. — Obrigada por ser nosso representante não remunerado.

— Sempre. Como vão os negócios?

— Incrível. A nova sidra de especiarias de inverno está vendendo muito. E o bar do centro está lotado para as festas de Natal o mês todo.

— Claro que sim. Que ótimo.

— Traga alguns dos seus amigos jogadores da NHL quando eles voltarem. Isso nos faz parecer legais.

— Conflito de interesses — brincou Harris. Não era bem assim, a menos que ele estivesse usando o lugar como cenário para material promocional.

— Ou você pode trazer um acompanhante — disse Anna casualmente.

— Eu *jamais* traria um acompanhante para cá. Meu Deus. Vocês me fariam passar vergonha.

— Nós não faríamos!

— Não. Com certeza — disse Margot.

— Você está namorando alguém? — perguntou a mãe.

— Não.

— Bem, isso é uma pena.

— Quer dizer, eu saio em encontros. Mas... sabe de uma coisa? Não vou falar sobre isso.

— É uma pena que Scott Hunter não jogue pelo Ottawa. Vocês dois poderiam ter se apaixonado.

— Mãe!

— E Ottawa poderia ter uma Copa Stanley — disse Mike. — Sabe. Se tivéssemos o Scott Hunter.

— E Harris seria rico — acrescentou papai — se *tivesse* Scott Hunter.

Todos riram enquanto Harris tentava encará-los. — Vocês sabem que é absurdo presumir que dois homens ficariam juntos só porque são gays e próximos um do outro, certo?

— Mas quem poderia resistir a você? — argumentou a mãe. — Você é um amor.

— E você tem um cabelo bonito — disse Mike. — Uma barba bonita.

— Você entende muito de maçãs. Homens adoram — disse Margot. Ela se virou para o marido, que era o homem mais quieto que Harris já conhecera. — Não é, Josh?

— Super sexy — Josh concordou.

— *De qualquer forma* — disse Harris. — Scott Hunter não joga pelo Ottawa e é casado e feliz, então acho que vou continuar procurando.

Na verdade, ele estava ficando cansado de procurar. Queria ter alguém para levar aos jantares em família e se aconchegar em casa mais tarde. Atribuía essa saudade ao hábito de passar tempo demais com jogadores da NHL na faixa dos vinte anos, casados e com filhos. Provavelmente deveria se esforçar para sair com os outros amigos. Seus amigos normais, não milionários. Seus amigos gays, com certeza. Quando foi a última vez que ele foi dançar? Ou simplesmente encontrou um grupo de amigos para beber em um bar gay ou tocar karaokê? Ele costumava fazer parte de um time de

perguntas e respostas. Agora estava obcecado pelo trabalho, e esse trabalho não tinha horário fixo.

O jantar continuou animado até a última mordida na torta de maçã crocante, com todos conversando uns com os outros, como sempre. Harris ficou estranhamente quieto durante a maior parte do tempo, com a mente presa na possibilidade de ter deixado o trabalho consumir sua vida inteira. Ele realmente não ganhava o suficiente para isso.

Quando ele estava indo embora, os pais de Harris o abraçaram como se não fossem vê-lo novamente por meses, em vez de dias. Os cachorros pularam em cima dele, como se tentassem impedi-lo de ir.

— Cuide-se — disse a mãe. — E diga oi para o Ilya Rozanov.

Harris riu. Mamãe conheceu Ilya em um evento beneficente do time e Ilya flertou descaradamente com ela. — Eu vou.

— E você vai chamar o médico se alguma coisa parecer... estranha, certo? — disse papai.

Harris engoliu em seco para conter a frustração que o consumia. Ele vinha lidando com o coração danificado a vida toda e sempre fora cauteloso. — Claro que sim. Você sabe que sim. — Ele forçou uma risada para disfarçar a irritação. — Não se preocupe tanto.

Papai deu um sorriso triste. — Não consigo evitar. Desculpe.

Isso dissipou a irritação de Harris rapidamente. — Amo vocês. Vejo vocês na semana que vem. Mantenham o Mac longe de problemas, ok?

— Mantenha Troy Barrett longe de problemas — brincou papai.

Harris se virou antes que o pai o visse corar. — Farei o meu melhor.

Capítulo Sete

No dia seguinte ao retorno do time da viagem, Troy recebeu uma mensagem de texto inesperada.

***Wyatt**: Churrasco na casa de Bood hoje à noite. Você deveria ir.*

Foi seguido do endereço.

Churrasco? Que porra é essa? Estava nevando lá fora. Não muito, mas, tipo, mais do que a quantidade que indicaria que era temporada de churrasco.

***Troy**: Todo mundo vai?*

***Wyatt**: A maioria dos caras, provavelmente. E parceiras. Bood e Cassie são ótimos anfitriões.*

Troy não estava nem um pouco no clima para uma festa no time. Ele ficou surpreso que seus companheiros também estivessem, considerando que o time era péssimo. Talvez você se acostume a ser péssimo quando joga pelo Ottawa e simplesmente aproveita as coisas ao máximo.

***Troy**: Talvez.*

***Wyatt**: Precisa de uma carona? O Harris disse que vai direto da arena, então provavelmente poderia te levar.*

Espera aí. O Harris ia? O *cara das redes sociais?* Esse time era tão estranho.

Não que Troy não entendesse por que Harris poderia ter sido convidado. Ele era... legal. Meio irritante. Definitivamente barulhento demais. Ria demais. Cheirava a maçãs, mas provavelmente era imaginação de Troy, porque não fazia o menor sentido. Exceto quando estava no espaço pessoal

de Troy, removendo o microfone após a entrevista, Troy podia jurar que sentiu o cheiro de algo doce e de dar água na boca.

***Wyatt**: Vou pedir para o Harris te mandar uma mensagem. Leve cerveja.*

***Troy**: Eu não disse sim.*

***Wyatt**: Saia desse quarto de hotel, Barrett. Vai conhecer os teus companheiros de time.*

Troy torceu o nariz. Não havia nada de errado com seu quarto de hotel. Ele estava, naquele momento, descansando em uma cama perfeitamente confortável. Tinha muitas coisas para fazer naquela noite, como ficar olhando fixamente pela janela até reunir energia para se masturbar.

Harris lhe enviou uma mensagem em menos de vinte minutos. *Wyatt disse que você precisava de uma carona hoje à noite?*

***Troy**: Não.*

Ele não precisava de carona. Ele veio de Toronto de carro, em vez de voar, especificamente para ter um carro aqui. E porque ele tinha vontade de dirigir na época e de sair de Toronto o mais rápido possível.

Além disso, Harris provavelmente lhe faria um monte de perguntas estranhas durante a viagem. Ou perguntas normais que Troy não conseguiria responder porque não era normal. Pessoas normais não se sentem mal quando lhes perguntam sobre seu lugar favorito na Terra. A ideia era ser uma pergunta fácil, uma que deveria ser agradável de responder, mas só fez Troy pensar na cama de Adrian. Nos braços de Adrian.

***Harris**: Tem certeza? Estou indo do rinque para lá mesmo.*

Troy rolou para o lado, apoiando-se em um cotovelo. Apesar de ter dificuldade para responder a algumas perguntas de Harris, ele tinha gostado

da entrevista mais do que esperava. Ele gostou de Harris. Ele parecia uma boa pessoa, e Troy estava tentando se aproximar de pessoas boas.

***Troy**: Que horas você vai?*

Não que ele estivesse pensando seriamente em ir. Mesmo que estivesse, ele dirigiria para poder chegar tarde e sair cedo. Harris provavelmente se certificaria de ser o primeiro a chegar.

***Harris**: Estou atolado esta tarde. Provavelmente só saio daqui às 19h.*

Que diabos de trabalho o Harris estava fazendo? Quão difícil podia ser um cara de mídia social, especialmente em um dia de folga? Ele não podia postar coisas no Twitter de, tipo, qualquer lugar? Troy quase quis perguntar, mas se Harris estava ocupado, não tinha tempo para explicar seu trabalho.

Sete não parecia tão ruim. Não para um jantar. E Troy poderia pegar um táxi de volta para o hotel a qualquer hora.

***Troy**: Foda-se. Claro. Pode me pegar.*

***Harris**: kkkkk adoro esse entusiasmo.*

***Harris**: Na verdade, estou trabalhando em um vídeo com seus cinco principais objetivos de carreira no momento.*

***Troy**: Você tem que fazer isso sozinho?*

***Harris**: Sim. É tipo, meu trabalho.*

Agora Troy se sentia um idiota. Tentou pensar em algo para dizer, mas Harris enviou outra mensagem.

***Harris**: Preciso fazer isso, depois tenho uma teleconferência com o marketing e um novo patrocinador que quer produzir conteúdo patrocinado. E tenho algumas postagens para agendar.*

***Harris**: Desculpe. Você não pediu mais informações. Eu também sou muito comunicativo por mensagens.* Ele adicionou um emoji de rosto feliz no final.

Harris digitava muito rápido. O que fazia sentido, Troy supôs, dado o seu trabalho.

***Troy**: Ok. Acho que é só me mandar uma mensagem quando você for embora.*

Ele ficou olhando para a mensagem depois de enviá-la. Parecia grosseiro pra caramba. Ele sempre soava tão grosseiro assim? Provavelmente.

Troy escreveu: 'Estou ansioso por isso' e depois apagou porque parecia ir muito além. Ele escreveu: 'Deve ser divertido', mas não parecia nada com ele, então finalmente chegou a: *Posso te servir um café no Starbucks do saguão, se quiser*. Ele enviou.

Ele *queria dizer* que pegaria um café e daria para Harris quando o buscasse. Para que ele pudesse tomar no carro ou algo assim. Mas Harris respondeu: *O quê? Agora? Isso seria demais.*

Hum.

Não era como se Troy estivesse *ocupado,* mas ele também não era um maldito garoto de recados.

***Harris**: Ah. Você quis dizer quando eu te pegasse, não é? rsrs*

Troy deveria ter ficado aliviado, mas em vez disso se sentiu péssimo. Harris queria um café, e Troy poderia facilmente resolver esse problema. Ele não tinha nada além de tempo e dinheiro.

Tipo, literalmente. Nada.

Troy: Posso te levar um agora. O que você quer?

Harris enviou uma série de emojis de rostos animados e então: *Gemada com café com leite.*

***Troy**: Isso não é típico do Natal?*

***Harris**: É novembro! Quase! E é uma DELÍCIA.*

***Troy**: Muito cedo para gemada.*

Harris respondeu com uma série de emojis de rosto de Papai Noel.

***Troy**: Tudo bem. Você está no seu escritório?*

***Harris**: Sim. Eu também não recusaria um bolo no palito se eles tivessem.*

Emoji de rosto piscando.

Troy não sabia o que era um bolo no palito, mas parecia o tipo de coisa que Harris gostaria.

***Troy**: ok. Chego logo.*

Os bolos no palito, descobriu-se, eram ainda mais idiotas do que Troy imaginava. Principalmente porque eram decorados para parecerem cabeças de bonecos de neve, então, aparentemente, *era* temporada de gemada. Troy nunca tinha olhado de verdade para nenhum dos doces oferecidos no Starbucks. Ele sempre pedia um café preto de torra média, sem prestar muita atenção ao redor.

Ele bateu na porta do escritório de Harris, equilibrando uma bandeja com dois copos e um saco de papel com três bolos no palito porque pareciam meio pequenos, então Troy comprou alguns.

— Entre.

Ao contrário da última vez que Troy estivera ali, o sorriso de Harris não desapareceu ao vê-lo. Na verdade, ele se alargou.

— Entrega de café feita por uma estrela da NHL. Eu poderia me acostumar com isso. — Ele entrelaçou os dedos e esticou os braços acima da cabeça. Isso levantou a barra da camiseta da Carly Rae Jepsen o suficiente para que Troy vislumbrasse a área felpuda do seu umbigo.

— Acho que bolos no palito são coisa de criança — disse Troy, forçando o olhar a desviar da pele exposta. Colocou a bandeja na mesa em frente à de Harris e lhe entregou o saco de papel.

Harris relaxou os braços e agarrou o saco com entusiasmo. Ele pegou um dos palitos e o ergueu, admirando-o. — São fofos!

— Parece uma cabeça empalada numa estaca.

Harris riu alto demais com isso. — É verdade! Nossa! — E então enfiou a cabeça inteira do boneco de neve na boca, envolvendo os lábios em volta da base da bola e puxando-a para fora do palito. Era... incrível.

Ele engoliu aquela bola seja-lá-do-que-for-aquilo — bolo, Troy supôs — e abriu um sorriso. — Eu adoro essas coisas. Puta merda, tem mais aqui dentro! — Ele puxou outro.

Troy se acomodou em uma cadeira encostada na parede, perto da ponta da mesa de Harris. — Eu não tinha certeza do que era uma porção normal de bolos no palito.

— Sem limites. Aqui — disse Harris, estendendo-lhe o pacote. — Você precisa experimentar um.

Troy estava em conflito. Por um lado, ele não queria colocar aquela coisa ridícula na boca. Por outro, ele não queria ver Harris fazendo outra garganta profunda.

— Estou bem. — Ele tomou um gole de café preto para demonstrar o quão bom era e imediatamente queimou a boca. — *Porra.*

— Sabe o que refrescaria sua boca? — perguntou Harris, fazendo a bola de neve dançar no ar. — Um bolo no palito de menta.

— Não, não. E pare de fazer com que pareça, tipo, vivo.

Harris virou o boneco de neve para encará-lo diretamente nos olhos. — Vou chamá-lo de Gordon.

— Vai se foder. Só come.

— Não posso. Agora somos amigos.

— Tanto faz. Sua gemada está aí. — Troy apontou para o copo de papel no canto da mesa de Harris.

O pequeno escritório estava inundado pelo aroma enjoativo e adocicado de gemada e bolo. Troy deu uma profunda cheirada no próprio café para bloqueá-lo.

Ele supôs que poderia ir embora. Só viera entregar um café e um lanche. Missão cumprida.

— Quando será sua teleconferência?

— Vinte minutos. — Harris devolveu o Gordon bolo no palito ao saco e, absurdamente, tirou o terceiro idêntico e o comeu. Depois de engolir, disse: — Espero que não dure para sempre como a última.

— Então os patrocinadores colocam o logotipo deles nos vídeos que você posta ou algo assim?

Harris olhou para ele com curiosidade. — É. Você nunca olhou as redes sociais do seu time? Nem em Toronto?

— Não.

Harris balançou a cabeça. — Bem, eu não te culpo. Quem quer que esteja cuidando das redes sociais de Toronto é péssimo nisso. Não tem coração nenhum. Não sei por que alguém os segue.

Troy não sabia o que dava 'coração' a uma conta do Twitter, mas simplesmente tomou um gole de café em vez de perguntar. Ainda estava quente, mas sua boca já estava dormente.

Harris tomou um gole de seu café com leite e fez um barulho que Troy só fazia durante o sexo. — Nossa, eu precisava disso. Obrigado por trazer.

Ele lambeu o lábio superior, e Troy observou com mais interesse do que o necessário. Ele apostava que Harris estaria com um gosto horrível agora - a boca cheia de açúcar e café estranho.

— Acho que vou voltar — disse Troy, levantando-se. Imaginar qual seria o gosto do Harris era um sinal claro para ir embora. — Você pode, hum, me mandar uma mensagem. Mais tarde.

— Legal.

— Ok.

Troy hesitou por um instante. Não tinha pressa de voltar para o seu solitário quarto de hotel e descobriu que não se importava de estar perto daquele pequeno e esquisito fazendeiro de maçãs. Também não se importava de olhar para ele, o que não era bom.

Ele foi embora.

Harris avistou Troy parado do lado de fora do hotel, vestindo jeans e seu sobretudo preto de lã. Harris desejou ter tido a chance de ir para casa e se trocar antes da festa, mas ele nunca pareceu tão elegante quanto agora.

— Oi — disse Harris quando Troy deslizou para o banco do passageiro de sua caminhonete Toyota.

— Você dirige uma caminhonete.

— Rapaz da fazenda, lembra?

— Certo. — As bochechas de Troy estavam levemente rosadas por causa do frio, e ele estava recém-barbeado. Sem o pelo escuro da barba por fazer no maxilar, ele parecia mais jovem. Soprou as mãos e as esfregou. — Está frio. O Bood está mesmo fazendo churrasco?

— Ah, sim. Não tem tempo que impeça esse cara de fazer churrasco. Ele tem um deque incrível, com aquecedores e tudo mais. Espere só para ver.

— Provavelmente não ficarei muito tempo.

— Posso te levar de volta depois. Não me importo.

Harris estava com os olhos na estrada, mas sentia a tensão de Troy ao seu lado. — Não vou pedir para você fazer isso.

— Você não fez isso — disse Harris simplesmente. — Mas a oferta está de pé.

Troy não respondeu e, quando chegaram a um sinal vermelho, Harris olhou e o viu mordendo a unha do polegar, com a cabeça voltada para a janela do passageiro.

Harris se acostumara a conviver com jogadores da NHL nos últimos anos, então não se intimidou com a presença de Troy em sua caminhonete. Festas como a que iriam se tornaram parte normal da vida social de Harris, e ocorreu-lhe que *Troy* era quem estava desconfortável naquele momento. Que provavelmente estava nervoso por estar com seus novos companheiros de time e tentava se esconder atrás de um muro de indiferença.

— É um ótimo grupo de caras — disse Harris. — Tenho trabalhado e convivido com a maioria deles há alguns anos, e não acho que possa haver um time melhor na liga em termos de personalidades.

— Personalidades não ganham taças — disse Troy sem rodeios. Parecia que ele estava repetindo algo que um treinador de merda tinha lhe ensinado.

— Não sei. Camaradagem conta para alguma coisa. Acho que seria difícil vencer jogos se você odiasse seus companheiros de time.

— Você já jogou hóquei?

Um lampejo de constrangimento percorreu Harris. — Não.

Troy fez um barulho de escárnio desdenhoso e voltou a roer a unha do polegar.

Harris desejou poder ter dito sim. O fato de nunca ter jogado hóquei organizado era algo que ele tentava não deixar incomodar, e algo que esperava que todos com quem trabalhava ignorassem. Ou que nem soubessem, para começo de conversa. Harris sempre amou hóquei e provavelmente *poderia* ter jogado, mas seus pais estavam nervosos. Ele não podia culpá-los; quando o corpo do seu filho já está sofrendo, o hóquei parece um risco desnecessário.

Então, quando criança, ele se dedicou a ser fã de hóquei em geral e do Ottawa Centaurs em particular. E agora ele sentia que fazia parte do time. E esse sentimento podia ser atribuído principalmente à forma como fora recebido pelos jogadores como amigo. Ele conversou com outros gerentes de mídia social de times da NHL e sabia que sua amizade com os jogadores de Ottawa não era a norma.

— Desculpe — disse Troy. Estava tão quieto que Harris quase não percebeu.

— Pelo quê?

— Estou sendo um babaca de merda. Você está me dando uma carona e eu estou sendo... eu. Desculpa.

— Você me trouxe café — ressaltou Harris. — Em termos de favores, estamos quites. Aliás, como você também me trouxe bolos no palito, eu diria que ainda *lhe devo* um favor.

Troy ficou em silêncio por um longo momento. Então, perguntou: — Que tal pararmos em algum lugar e pegarmos uma cerveja?

— Já resolvi — disse Harris. — Tenho algumas caixas de sidra lá atrás.

— Sidra?

— Minhas irmãs fazem. Cem por cento de maçãs da família Drover. É a melhor sidra de Ontário.

— Essa é sua opinião imparcial? — Troy perguntou secamente.

— Absolutamente.

— Posso te pagar um pouco?

— Não.

— Então acho que é a sua vez. Estamos quites.

Harris sorriu. — Justo.

Houve mais um minuto de silêncio, e então Troy disse: — Então, tipo, todo mundo vai estar lá?

— Provavelmente não todos. Ilya não estará lá.

— Ele não vai?

— Não. Ele quase nunca está por perto nos dias de folga.

— Para onde ele vai?

Harris deu de ombros. — Não faço ideia. Se houver uma visita do time ao hospital ou algum evento comunitário, o Ilya está sempre disponível. Se não, ninguém consegue falar com ele num dia de folga. Imagino que seja o horário dele, então não é da conta de ninguém. Mas os caras gostam de inventar teorias.

— Você tem razão — disse Troy depois de um momento. — Não é da conta de ninguém.

Troy já tinha ido a muitas festas e eventos do time ao longo dos anos. A maioria tinha sido na mansão de Dallas Kent, e geralmente ele até gostava. Mas sempre achou o gosto do Kent meio duvidoso. A mansão dele era brega pra caramba.

Agora ele não conseguia pensar naquelas festas sem se sentir enjoado. Quantas mulheres Kent havia abusado - ou tentado - naquelas festas? Será que Troy estava na sala ao lado ou no andar de baixo? Será que estava acontecendo bem na sua frente e ele não tinha percebido?

Ele se lembrou de que Dallas Kent não estaria ali naquela noite. Era um time novo, com gente nova e uma vibe muito diferente do Toronto Guardians.

Assim que Troy seguiu Harris pela porta da frente de Bood, eles foram alegremente recebidos por Evan Dykstra.

— Harris! E aí, mano? — Dykstra passou o braço em volta da cabeça de Harris e o puxou para perto do peito. Ele era bem mais alto que Harris ou Troy - provavelmente uns 1,90 m - e parecia um caipira de verdade. Quando não estava de uniforme de hóquei ou terno, parecia estar sempre com o cabelo castanho-claro desgrenhado preso em um boné camuflado. Troy o conhecia há poucos dias, mas já o ouvira falar sobre pesca, caça, snowmobile e porque sua província natal, Manitoba, era o melhor lugar do mundo.

— Você trouxe a coisa boa — disse Dykstra, pegando a caixa de sidra engarrafada de Harris. Ele franziu a testa e acenou para Troy. — E você trouxe o Barrett.

Certo. Ninguém queria o Troy aqui. Ele não deveria ter vindo.

Dykstra deu uma cotovelada em Troy e disse: — Tô só brincando, cara. Que bom te ver. Regra número um de ser um Centauro: se Bood te convidar para um churrasco, você vai. Espera só até você provar a comida dele. Incrível pra caralho.

— Legal — disse Troy. Ele ergueu a caixa que carregava. — Onde eu coloco isso?

— Leve para o deque. O Bood tem uma geladeira de cerveja lá fora que talvez ainda tenha espaço. Vou te mostrar.

Harris já havia saído para falar com uma mulher que Troy tinha quase certeza de ser a esposa de Wyatt, então seguiu Dykstra até os fundos da casa. Passaram pela sala de estar, onde um grupo de jogadores mais jovens travava uma animada batalha de *Super Smash Bros.*

O deque dos fundos do Bood era enorme, com um teto de ripas de madeira forrado de luzes. Dava a ilusão de estar em um ambiente fechado, exceto pelas rajadas de neve que refletiam a luz. Apesar do tempo ruim, o espaço estava aquecido, com aquecedores elétricos, pessoas e o aroma de dar água na boca de carne grelhada.

As pessoas descansavam em móveis acolchoados, algumas em círculo ao redor de uma fogueira, outras nos bancos embutidos que ladeavam o deque. A maioria das pessoas eram companheiros de time de Troy, e algumas eram mulheres que provavelmente eram suas parceiras. A festa parecia bem descontraída e intimista; nada como as festas de Kent, lotadas de moças, DJs ao vivo e drogas. Todos eram amigos ali.

— Bood! — Dykstra gritou. — Harris trouxe sidra.

Bood estava em frente a uma grelha enorme, virando pedaços de frango com uma pinça. — Incrível. Adoro essa porra. E aí, Barrett, tudo bem?

— Bem.

Zane Boodram era um pouco mais alto que Troy e um pouco mais baixo que Dykstra. Tinha pele marrom clara e quente e cabelos escuros e cacheados. Seus braços musculosos estavam cobertos por tatuagens que incorporavam elementos náuticos, flores tropicais e a bandeira de Trinidad e Tobago.

— Fique à vontade. Pegue o que quiser da geladeira. Tenho um monte de comida na mesa ali. — Ele gesticulou com a pinça. — E este frango vai ficar pronto logo. Você gosta de picante?

— Diga não — alertou Dykstra. — Bood encara isso como um desafio.

Bood riu. — Não, você que é fraco, D.

Troy e Dykstra foram até a geladeira de cerveja e esvaziaram as garrafas de sidra. Então, cada um pegou uma e Dykstra disse: — Minha esposa, Caitlin, ela não está aqui esta noite, mas ela adorou que você tenha gritado com o Kent. Ela é voluntária em uma instituição de caridade que ajuda mulheres que são, sabe? Vítimas. Desse tipo de coisa.

Falar sobre abuso sexual deixava muitos jogadores de hóquei desconfortáveis. Troy também não se sentia particularmente à vontade para

falar sobre isso, mas apreciava o esforço inesperado de Dykstra para se comunicar.

— É legal que ela faça isso — disse Troy, e Dykstra arrastou os pés desconfortavelmente por um momento, depois assentiu.

— Eu sei que muitos caras da liga não acreditam no que essas mulheres estão dizendo sobre o Kent, ou não querem acreditar. Até pouco tempo atrás, eu provavelmente teria pensado que elas também estavam mentindo, sinceramente. Mas aprendi muito com a Caitlin e, sabe como é, lendo coisas. Além disso, imagino que você conheça o Kent muito bem, então se você acredita nessas mulheres, eu com certeza acredito.

O calor preencheu um pouco do vazio que Troy sentira na semana anterior. — Eu acredito nelas — disse ele com firmeza.

— Bom o suficiente para mim. — Dykstra tomou um gole da garrafa que segurava e mudou de assunto. — Já experimentou esta sidra?

Troy não tinha, então tomou um gole da própria garrafa. A sidra estava fresca e não tão doce quanto ele esperava. Refrescante. — É boa.

— As irmãs do Harris sabem o que estão fazendo, isso é certo. Mas você pode se ferrar muito com essa merda, então tome cuidado.

Troy só planejava tomar um drinque naquela noite. Dado o seu humor, sabia que dois drinques poderiam facilmente se tornar demais. — Vou com calma.

Outro defensor - Nick Chouinard - chamou Dykstra para a área da fogueira. Troy não o seguiu, dirigindo-se em direção à mesa de comida. Ele chegou lá quando Bood serviu um enorme prato de frango grelhado.

— Certo — disse Bood, esfregando as mãos com entusiasmo. — Vou te mostrar. Temos frango temperado ao estilo "jerk"[2] aqui, e é o máximo, então não mexa com ele se não gosta de pimenta. Temos frango com a minha

[2] Um prato típico da culinária jamaicana, feito com uma mistura apimentada de ervas e especiarias.

receita secreta de molho barbecue aqui. — Ele gesticulou para o prato que acabara de colocar na mesa. — É mais doce e defumado do que apimentado. Vai acabar rápido, então pegue agora. Costela, claro, ali. Ervilha com arroz, salada de repolho, callaloo[3]. Tenho um pouco do meu molho de pimenta caseiro. É apimentado pra caramba, mas se você gostar, posso te dar uma garrafa. Eu faço toneladas dele.

— Wow. Jesus. Parece tudo ótimo. — Troy pegou um prato e uma coxa de frango jerk, o que fez Bood sorrir.

— Indo para o picante. Eu amo isso. — Ele deu um tapinha no ombro do Troy. — E, olha só. Eu joguei no júnior com o Kent, no mesmo time, e odiava o pequeno idiota. Vou ser bem sincero e dizer que sempre achei você um idiota também, por associação.

O que Troy deveria responder a isso? Ele *era* um idiota por associação. E talvez só por si. — Faz sentido — foi o que ele disse.

— Espero que você prove que estou errado, é só isso. Temos um bom grupo aqui. Não estrague isso.

— Não vou — disse Troy fracamente.

— Legal. Preciso limpar a grelha. — Bood sorriu e acenou com a cabeça para o prato de frango do Troy. — Bom apetite.

Troy encontrou um banco tranquilo em um canto. O deque estava tomado pela conversa animada de um grupo de pessoas que obviamente se conheciam bem. Antes de chegar ali, Troy presumia que os jogadores de Ottawa deviam ser o grupo de pessoas mais miseráveis do mundo. Como vocês poderiam se divertir juntos - ou até mesmo gostar uns dos outros —- se não conseguiam vencer no gelo? Quando a arena só estava pela metade

[3] É um prato popular na culinária caribenha, especialmente em Trinidad e Tobago, Granada e outras ilhas. É feito com folhas de plantas chamadas "callaloo", que podem ser de taro (também conhecido como inhame ou taioba) ou Xanthosoma, semelhantes ao espinafre. O prato pode ser uma sopa ou um ensopado, e geralmente inclui outros ingredientes como quiabo, leite de coco, cebola, alho.

na maioria dos jogos? Como não ficavam completamente envergonhados o tempo todo?

Mas esse grupo se amava. Troy não fazia nem duas semanas que estava no time e já conseguia ver isso claramente. Ele simplesmente não conseguia se imaginar fazendo parte daquilo, mesmo que seus companheiros tivessem sido gentis com ele até então.

A comida estava deliciosa. Troy não tinha percebido a fome que sentia até devorar o frango jerk, e, sim, estava apimentado, mas também era muito gostoso. Ele refrescou a boca com mais sidra.

Como se tivesse sido convocado pela sidra, Harris apareceu de repente na frente dele. — Ei. — Ele segurava seu próprio prato de comida e uma garrafa. — Se importa se eu me sentar?

— Vá em frente.

Harris sentou-se ao lado dele. — Se divertindo?

— Acho que sim. É um belo deque.

— É pornografia imobiliária, é isso. Fico feliz que Bood goste tanto de entreter. — Ele pegou uma costela e cravou os dentes nela.

Troy voltou para sua própria comida, comendo em silêncio até que Harris perguntou: — Você falou com alguém?

— Hum. Dykstra um pouco. Bood.

— Já conheceu a Cassie? É a esposa do Bood.

— Não.

Harris gesticulou para uma mulher alta e loira parada perto da fogueira. — Essa é a Cassie. Ela é superlegal. — Quando ela se virou, Troy viu que ela estava grávida.

— Esse será o primeiro filho deles?

— Sim! Eles vão ser os melhores pais. — Harris cutucou Troy. — Não conte para nenhum dos outros pais que eu disse isso.

— Eu nem sei quem são os outros pais.

— Dykstra tem uma filha, Susie. Ela acabou de fazer um ano. Chouinard tem três filhos, Boyle tem gêmeos... — Ele continuou citando todos os pais do time, os nomes e idades de todos os filhos. Em seguida, listou e detalhou os animais de estimação de todos. Troy tentou manter pelo menos parte disso.

— Nossa! Você sabe todas as alergias deles também?

Harris riu. — Eu gosto de pessoas. E gosto do meu trabalho.

— E se o jogador for um babaca, mas você ainda tiver que fazer propaganda para fazê-lo parecer ótimo?

— Isso nunca aconteceu. Este time só tem gente boa.

Ele parecia muito seguro de si, considerando que Troy estava sentado bem ao lado dele como uma prova concreta de que Ottawa *não* contratava apenas pessoas boas.

— Você gostou de ficar em casa por alguns dias? — perguntou Harris. — Só estive em Vancouver uma vez. Faz jus ao que promete.

— Não é ruim.

— Wyatt adora as viagens a Vancouver. A irmã dele mora lá com a esposa e o filho.

A atenção de Troy se concentrou em uma palavra. — Esposa?

— É. Você não sabia? Ele fala sobre eles o tempo todo. Eu presumi que ele também falava em Toronto.

Mesmo que Wyatt *tivesse* falado sobre a família quando jogava por Toronto, ele não teria contado para Troy sobre a irmã queer. Não do jeito que Troy exalava homofobia. Considerando a cultura do time de Toronto, havia uma boa chance de que Wyatt não tivesse falado sobre a irmã para ninguém.

Talvez para Ryan Price. Wyatt era amigo de Ryan. Provavelmente porque ninguém mais era.

— Eu não sabia. Mas tudo bem.

— Nunca conheci a irmã dele, mas ela parece incrível — disse Harris.

Os dois terminaram de comer, e então Harris se levantou e disse: — Vejo lugares disponíveis perto da fogueira. Vamos dar uma olhada.

Troy olhou para o grupo feliz de pessoas que conversavam e riam sob a luz da fogueira. Ele não precisava se intrometer. — Ah, uh. Tudo bem.

Harris pegou o prato de papel quase vazio de Troy e o colocou em cima do seu. — Vamos.

Os pratos foram jogados em uma lata de lixo gigante estrategicamente posicionada perto da porta. Então Harris foi em direção à fogueira e Troy, sem saber o que mais fazer, o seguiu.

— Harris! Venha sentar-se — disse Wyatt alegremente. — Ei, Barrett.

— Ei.

Harris sentou-se na cadeira vazia ao lado do sofá que Wyatt dividia com a esposa. Troy sentou-se na cadeira em frente a eles.

Bood estava sentado no braço da cadeira em que sua esposa, Cassie, estava sentada. Nick Chouinard estava ao lado deles, e ao lado dele estava uma mulher que Troy não conhecia, mas imaginou que fosse a esposa de Nick.

— Wyatt estava falando sem parar sobre seu sobrinho — disse Bood a Troy.

— É. Porque ele é incrível — disse Wyatt.

— Quantos anos Isaac tem agora? — perguntou Harris.

— Três. Lindo pra caramba também. Mal posso esperar para vê-lo de novo, mas não vai demorar muito. Kristy e Eve também. Mas principalmente o Isaac.

E lá estava. Wyatt falando com naturalidade sobre a irmã e a esposa dela. Sem medo de que os companheiros julgassem sua família, porque ninguém naquele time era intolerante. Mais uma vez, Troy se sentiu um intruso.

— Você é de Vancity, certo, Barrett? — perguntou Nick.

— Ah, sim.

— Sua família foi ao jogo?

— Sim. — Todos o encararam, provavelmente esperando que ele explicasse melhor, mas Troy apenas encarou o fogo.

Ele não falou com o pai depois do jogo. O pai lhe enviou uma mensagem de texto basicamente zombando de como os Centaurs eram péssimos, e principalmente de como o Troy tinha jogado mal.

Mas a sua mãe também mandou mensagem. Ela mandou uma foto do bonequinho dele na mesa de um restaurante em Tóquio e disse: *Da próxima vez que você for a Vancouver, eu também vou.*

Deus, ele sentiu falta dela.

Uma risada alta arrancou Troy de seus devaneios. A conversa claramente havia seguido seu curso sem ele.

— Ah, merda, Barrett — disse Bood. — Você não conhece minha esposa, Cassie.

Cassie acenou para Troy do outro lado da fogueira. Ela era incrivelmente linda, com cabelo e pele que sugeriam muito cuidado profissional. — Oi, Troy. Bem-vindo a Ottawa.

— E esta é Selena — disse Nick.

— Oi — disse Troy. A esposa de Nick era pequena em comparação com o marido, quase desaparecendo sob o braço gigante que ele a envolvia. Ela era loira e linda como Cassie, e Troy não conseguia acreditar que ela era mãe de três filhos. Nick tinha apenas vinte e poucos anos, como Troy, e ela parecia ter a mesma idade.

— Prazer em conhecê-lo — disse ela. Tinha um sotaque de Quebec, assim como o marido. — Sabemos como pode ser difícil ser negociado. — Ela trocou um olhar com o marido.

— Pelo menos você não tem filhos, Barrett — disse Nick. — É mais fácil se mudar quando é só você.

— Você está com alguém? — perguntou Selena. — Esposa ou namorada?

Troy ignorou a dor que pulsava em seu peito ao lembrar-se de ter sido abandonado recentemente e de ser diferente. — Ninguém agora.

— Você se lembra da Lisa, certo? — perguntou Wyatt, gesticulando para sua esposa.

Troy tinha esquecido completamente o nome dela. Provavelmente só tinha falado com ela uma vez em Toronto. — Claro. É. Oi, Lisa.

— Que bom te ver de novo, Troy. Você está se adaptando bem? — Lisa parecia muito diferente das outras duas mulheres no círculo. Ela tinha cabelo escuro, curto, e não parecia estar usando maquiagem. Era muito bonita, mas enquanto muitas das esposas dos companheiros de time de Troy ao longo dos anos pareciam modelos, Lisa parecia mais uma instrutora de fitness.

Ou, ele supôs, como uma médica. Porque era isso que ela era.

— Mais ou menos. Nunca fui negociado antes, então é meio estranho.

— Clube do Nunca Foi Negociado — disse Bood, estendendo o braço e oferecendo o punho a Troy. Troy o cumprimentou. — Bem, acho que você está fora do clube agora.

— Sim.

— Você ainda está no hotel? — Lisa perguntou.

— Por enquanto. Preciso encontrar um lugar para morar.

Lisa cutucou Wyatt. — Dê a ele os detalhes daquele prédio em que morávamos quando você foi trocado para cá. Você vai adorar, Troy. Totalmente mobiliado, bem no centro da cidade, com serviço de concierge

para limpeza e lavanderia. Foi perfeito para nós, enquanto esperávamos para ver se Wyatt ficaria em Ottawa depois daquela temporada.

— Vou te mandar um e-mail falando sobre isso — disse Wyatt. — Você deveria conferir.

— Certo. Obrigado. Parece ótimo. — Parecia perfeito, na verdade. Embora a proximidade da arena fosse boa, Troy estava ficando de saco cheio do hotel. E ele precisava de algo fácil e temporário, só para durar até descobrir como sair daquele time.

— Certo, deixa eu falar uma coisa rapidinho — disse Bood de repente. — A gente precisa falar de como, na última temporada, eu marquei o gol mais lindo do maldito ano contra o Buffalo. Peguei o puck do McCord, atravessei a defesa do Buffalo igual uma faca cortando manteiga, e ainda driblei o goleiro deles. Lindo demais. Passei isso umas mil vezes no replay.

— Eu me lembro — disse Wyatt. — Mas por que estamos falando sobre isso?

— Ai, meu Deus — disse Cassie. — Eu sei exatamente por quê. Deixa pra lá, querido.

— Não. *Deveria* ter sido o ponto alto da noite. — A voz de Bood ficou mais alta, e ele apontou o dedo diretamente para Troy. — Mas aí *esse* filho da mãe marca o gol do *século* contra o Filadélfia na mesma noite.

Todos riram, e até o Troy teve que sorrir. — Desculpa, cara.

— Puta merda! *Aquele* gol — disse Harris. — Eu estava assistindo de novo hoje à tarde enquanto fazia aquele vídeo dos seus melhores gols, Troy. Como você conseguiu fazer aquela manobra? Foi como mágica.

Troy deu de ombros. — Habilidade. — O gol *tinha* sido incrível. Nem ele conseguia acreditar que tinha conseguido quando assistiu ao vídeo.

— Não fiquei impressionado — resmungou Bood.

— Ele reclamou disso por *semanas* — disse Cassie, dando um tapinha no braço dele. — Agora vocês podem marcar gols lindos juntos.

— Acho que sim. Ei! — Bood se levantou e gritou na direção da geladeira de cerveja: — Quantas são, Haas?

Troy se virou e viu Luca Haas, paralisado como um cervo diante dos faróis, com a mão na maçaneta da porta da geladeira de cerveja.

— Não sei. Cinco? — disse Luca. Seus olhos estavam arregalados por trás dos óculos. Troy sabia que tinha vinte anos, mas parecia ter quinze. Também parecia corado e embriagado.

— Uh-uh. Tem chá gelado aí. Beba isso. — Bood sentou-se novamente. — Crianças do caralho.

— Você vai ser um pai incrível, Bood — disse Wyatt.

— Sou durão, mas justo — disse Bood. Ele olhou carinhosamente para a esposa e acariciou seus cabelos. — Além disso. *Nosso* filho vai ser inteligente e muito maneiro.

Cassie se inclinou e o beijou rapidamente. Troy notou que Lisa havia se aconchegado um pouco mais perto de Wyatt, e Nick tinha o braço ainda mais apertado em volta de Selena. Troy sentiu muita falta de Adrian naquele momento, mesmo nunca tendo feito nada tão público quanto se aconchegar ao lado dele em uma festa. Será que algum dia conseguiria? Com alguém?

Harris cruzou o olhar com o de Troy do outro lado da fogueira e sorriu. Troy conseguiu curvar um pouco os lábios em uma resposta fraca.

Os cabelos e a barba dourados de Harris brilhavam à luz da lareira. Ele era bonito, mesmo sendo um pouco bobo. Arrojado de um jeito autêntico que Troy achou surpreendentemente atraente. Ele usava uma jaqueta de veludo cotelê forrada de lã, com um broche que dizia '*Orgulho de Ottawa*' e um broche em forma de taco de hóquei com fita de arco-íris.

Harris não devia ter namorado. Se tivesse, Troy tinha certeza de que já o teria trazido, ou pelo menos mencionado. Harris não teria vergonha de ter o braço em volta de um homem numa festa. Provavelmente acariciaria seus cabelos e o beijaria com carinho. Troy apostaria que Harris era absolutamente repugnante no amor, sempre tocando seu parceiro de maneiras carinhosas e familiares. Sorrindo para ele. Fazendo-o rir.

Na semana anterior, Troy não conseguia parar de pensar em como as coisas poderiam ter sido diferentes se ele tivesse tido coragem de se assumir quando estava com Adrian. Talvez eles pudessem ter sido um casal de verdade. Poderiam ter ido a festas, estreias de filmes e ao NHL Awards juntos.

Será que Troy faria isso com alguém? Será que ele deixaria de ser um covarde e seria pelo menos tão corajoso quanto o gerente de mídia social do seu time? Tão corajoso quanto Scott Hunter, que se casou com o amor da sua vida durante o verão. Tão corajoso quanto Ryan Price, que Troy esperava que fosse feliz onde quer que estivesse.

Ele não conseguia imaginar. Não mesmo. Só de pensar nisso, seu estômago se revirou. Seu pai nunca mais falaria com ele, e mesmo que isso não devesse incomodar Troy, incomodava. Curtis era um babaca, e alguém que Troy provavelmente deveria ter cortado da sua vida anos atrás, mas ele ainda era seu pai. E Troy ainda tinha medo dele.

O resto da festa, que até então tinha sido mais agradável do que Troy esperava, passou num piscar de olhos enquanto ele mergulhava cada vez mais em sua miséria particular. Quando Harris perguntou se ele queria uma carona de volta para o hotel, Troy ficou chocado com o quão tarde era. Ele havia planejado ir embora horas antes.

— Obrigado — disse ele, quando estava de volta ao banco do passageiro da caminhonete de Harris.

— Sem problemas. Eu gosto de dirigir.

— Quer dizer, sim. Obrigado pela carona. Mas também por me fazer vir. E por me fazer socializar um pouco. Foi uma boa ideia.

Harris sorriu para ele. — Estou cheio de boas ideias.

Uma música suave tocava no som da caminhonete enquanto eles dirigiam. Troy não reconheceu o artista, mas as músicas eram assombrosas e tristes, e não o que ele esperaria que Harris ouvisse. — Sem música country?

Harris deu uma risadinha. — Às vezes. Gosto de todos os tipos de música.

A conversa distraiu Troy de sua angústia, então ele continuou fazendo perguntas. — Quem é?

— Fabian Salah. Você não o conhece?

Havia um tom de surpresa na pergunta de Harris, como se esperasse que Troy soubesse quem era o cantor aleatório. — Não. Mas é legal. Bonito.

— Ele é o namorado do Ryan Price.

— *O quê?*

— É. Eles estão namorando desde que o Ryan jogava com os Guardians.

Nossa. Aparentemente, o Troy não sabia porra nenhuma sobre ninguém. — Eu não fazia ideia.

— Da próxima vez que o Fabian fizer um show aqui, você deveria ir. Ele é incrível ao vivo. O Ryan costuma viajar com ele, o que é completamente adorável. Eles devem estar super apaixonados.

— Deve estar. — Troy ficou feliz em ouvir isso, mas também era difícil ouvir que alguém estava apaixonado. Mesmo assim, pensar em Ryan Price - um homem enorme, mais conhecido por socar jogadores de hóquei - namorando uma musicista com a voz de um anjo foi surpreendente. E legal.

Eles chegaram ao hotel, que ficava bem longe do lugar de Bood e provavelmente bem longe do caminho de Harris. Ele era bonzinho demais.

— Tenha uma boa noite de sono — disse Harris. Havia um tom em sua voz que sugeria que ele sabia que Troy não dormiria. Que Troy não dormia bem havia duas semanas.

— Vou tentar.

Troy achou surpreendentemente difícil sair da caminhonete. Estava quentinho, com uma música agradável tocando e um homem bonito sorrindo para ele. A nevasca caia sob as luzes do estacionamento do hotel lá fora, lembrando Troy de que, assim que abrisse a porta, não haveria nada além de frio e solidão.

O mundo ficou completamente parado por um instante. Harris observava o rosto de Troy, os olhos verdes brilhando na penumbra, como se esperasse que Troy dissesse algo importante.

— Dirija com cuidado — disse Troy. Ele abriu a porta do passageiro e entrou no mundo ao qual pertencia, fechando a porta com firmeza atrás de si.

Capítulo Oito

Depois de uma série de derrotas, Harris decidiu que a melhor maneira de animar o time e os fãs era com um cachorrinho.

— Graças a Deus — disse Ilya assim que avistou Harris e Chiron. — Tragam-no aqui.

Harris depositou Chiron alegremente nos braços de Ilya. — Ele sentiu sua falta.

— Eu sei que sim. Olha só. — Chiron já lambia o rosto de Ilya. — Eles foram bons com você na escola de cães? — perguntou Ilya ao cachorrinho. — Você se divertiu?

— Ele é bem tratado na clínica. Eu prometo. A treinadora dele, Hannah, é incrível.

— Eu gostaria de conhecer essa Hannah — disse Ilya sombriamente, então suavizou-se quando Chiron acariciou seu queixo.

Harris tirou algumas fotos de Ilya com Chiron e estendeu os braços. Ilya, relutante, devolveu o cachorro a ele.

— Ele disse que eu sou o favorito dele — insistiu Ilya.

— Só porque você não o deixa chegar perto de mais ninguém. — Harris colocou Chiron no chão e o deixou correr um pouco pela sala.

— Ele vai voltar — disse Ilya confiantemente, mas Chiron já estava pulando em cima de Evan Dykstra.

— Basta pegar um cachorro, Ilya.

— Não posso. Moro sozinho e nunca estou em casa.

Harris não podia contestar isso. Entre o hóquei, a instituição de caridade que Ilya havia cofundado com o capitão do Montreal, Shane Hollander, e todos os outros compromissos de Ilya, ele provavelmente não estava em casa com frequência. Até mesmo seus verões eram ocupados com acampamentos beneficentes de hóquei e... alguma coisa. Ele era misterioso sobre sua vida privada.

— Chiron está indo no gelo? — perguntou Ilya.

— Não, o treinador me disse para ficar apenas no vestiário hoje.

— Fascista.

— É. O Wiebe é muito durão. — Brandon Wiebe era provavelmente o treinador de hóquei mais tranquilo de todos os tempos.

— Visita do time ao hospital na quarta-feira, sim? — perguntou Ilya.

— Sim — confirmou Harris. — Você vai levar outra surra no *Mario Kart?*

— Não. Eu tenho praticado.

Harris riu. Ilya provavelmente não estava brincando.

O treino começaria em breve, então a sala estava lotada. Todos vestiam seus equipamentos e conversavam em grupos ou duplas. Todos, exceto Troy Barrett, Harris notou. Troy já estava completamente vestido e pronto para entrar no gelo, mas também estava agachado em frente à sua baia, oferecendo a Chiron o dedo enluvado. Troy ainda não estava com o capacete, e seus cabelos negros caíam sobre a testa enquanto brincava com o cachorrinho animado. Quando Chiron o mastigou com entusiasmo, um sorriso caloroso se abriu no rosto de Troy. Harris, que estava prestes a se aproximar, de repente congelou no lugar.

Troy era absolutamente deslumbrante quando sorria. E, ao contrário do sorriso irônico que Troy havia demonstrado durante a sessão de perguntas e respostas, agora Harris tinha tempo para admirá-lo.

Ele pegou o celular e rapidamente tirou o máximo de fotos espontâneas que pôde de Troy e Chiron. Seria bom mostrar esse lado mais suave de Troy aos fãs, disse Harris a si mesmo. Era definitivamente para isso que as fotos serviam.

Troy olhou para cima no mesmo instante em que Harris abaixou o celular, e seu sorriso desapareceu imediatamente. Se era uma reação à presença de Harris ou uma reação geral ao fato de estar sendo observado, Harris não tinha certeza. Mas lamentou a perda do sorriso de Troy.

— Ei — disse Harris, atravessando o lugar para ficar na frente dele. Troy se levantou para recebê-lo, e Chiron começou a arranhar a perna de Troy.

— Ei.

Harris pensava em Troy quase sem parar desde que o deixara no hotel, duas noites antes, e agora que estava diante dele, não sabia bem o que dizer. Queria perguntar se estava tudo bem ou se precisava de alguém para conversar, mas em vez disso disse: — Parece que ele gosta de você.

Por um segundo, Harris achou que o sorriso pudesse voltar. Ele viu Troy se esforçando para contê-lo. Mas então Troy simplesmente disse, sem rodeios: — Ele gosta de me mastigar. Não tenho certeza se é a mesma coisa.

O sorriso de resposta de Harris foi largo o suficiente para ambos. — Aliás, o vídeo teve muitas curtidas. O de perguntas e respostas. Eu queria te contar isso outro dia. — Ele não mencionou as muitas respostas que criticaram Troy por jogar mal e custar caro demais. Ele estava feliz por Troy não dar muita importância às redes sociais.

— Ah — Troy se afastou do cachorrinho e de Harris, e Chiron pulou em seu patim. — Legal.

— Mas a maioria das pessoas concorda comigo. Salmão não é uma delícia.

— Eles estão errados.

Harris riu e gesticulou para onde Chiron ainda atacava os patins de Troy. — Chiron agora tem sua própria conta no Twitter.

— Você consegue fazer isso também?

— Eu divido com a treinadora dele, Hannah. E com o Chiron, é claro.

Nem uma fração de sorriso de Troy para isso. Seu lábio inferior era absurdamente carnudo e sedutor. Talvez a nitidez do resto de suas feições o tornasse mais suave em contraste. Maçãs do rosto altas e proeminentes, divididas como um quebra-gelo por um nariz estreito e reto. Olhos severos de safira que brilhavam sob sobrancelhas grossas e escuras. Ele parecia ameaçador, ou possivelmente até cruel, mas aquele lábio carnudo, assim como seu sorriso secreto e suave, sugeria a possibilidade de doçura.

Ou talvez Harris estivesse imaginando coisas. Não seria a primeira vez.

Ele não estava imaginando as linhas profundas sob os olhos de Troy, como se não dormisse há dias. Ou semanas. Duvidava que Troy quisesse que ele mencionasse isso, então, em vez disso, Harris disse: — Você vai dar uma olhada naquele prédio que Wyatt e Lisa te falaram?

— Sim, acho que sim.

— Legal. Na verdade, não é muito longe de mim.

— Ah. — Troy não pareceu muito animado com a notícia, e Harris tentou não se decepcionar. Ele não tinha certeza do que esperava. Será que esperava que Troy o convidasse para assistir a filmes ou algo assim?

Talvez Troy precisasse de alguém para assistir filmes.

— Se você quiser que alguém lhe mostre o bairro...

— Vou para o gelo — interrompeu Troy. — Te vejo mais tarde.

Certo então.

— Vamos, Chiron — suspirou Harris. — Vamos para o meu escritório enquanto os homens fazem suas tarefas importantes de hóquei.

Troy bateu na porta do escritório de Harris e não precisou esperar nem um segundo antes que Harris o chamasse para entrar.

— Sou só eu. — Troy ergueu o copo de papel que carregava. — Não é Starbucks, mas é da máquina de expresso da sala dos jogadores. É um café com leite.

Harris pareceu atordoado, mas sorriu e acenou para Troy se aproximar. Chiron dormia no chão, ao lado dos pés de Harris. — Você me fez um café com leite?

— Espero que sim. Nunca usei essa coisa antes. — Ele colocou o copo na mesa de Harris e então percebeu que não tinha ideia de qual seria seu próximo passo. Não sabia o que o levara a vir até ali, exceto que a melhor sensação em muito tempo fora estar no escritório de Harris, observando-o comer bolos no palito.

Harris tomou um gole. — Você se saiu bem. Isso é definitivamente um café com leite. Obrigado.

Troy ficou absurdamente emocionado com a validação de Harris. — Desculpe por ter sido um babaca com você no vestiário. Quando você se ofereceu para me mostrar o lugar. Eu... — Ele não sabia como terminar a frase, então parou de falar.

Harris esperou um momento e então disse: — Provavelmente deveríamos parar esse ciclo.

— Ciclo?

— Você se sentindo mal por algo que me disse e depois aparece no meu escritório para se desculpar. Mas não me importo com as entregas de café. — Ele apontou para uma cadeira encostada na parede. — Traga isso aqui. Sente-se. A menos que você tenha algum lugar para ir.

Troy realmente não tinha. Arrastou a cadeira até a ponta da mesa de Harris e sentou-se. Lamentou não ter trazido um café para si, só para ter algo com que ocupar as mãos.

Como se estivesse lendo sua mente, Chiron levantou a cabeça e imediatamente se levantou ao avistar Troy. Ele trotou até lá, abanando o rabo.

— Posso segurá-lo? — perguntou Troy.

— Acho que ele ficará triste se você não fizer isso.

Troy colocou o cachorrinho no colo e coçou suas orelhas ridiculamente macias. Ele conseguia entender o apelo de ter um cachorro. Seria fácil se viciar nesse nível de adoração.

— No que você está trabalhando? — perguntou Troy.

— Fazendo GIFs do último jogo.

— Como você consegue fazer isso? Eu sempre me perguntei.

Harris lançou lhe um olhar curioso, como se pensasse que aquilo pudesse ser uma armadilha. — Quer que eu te mostre? É bem fácil.

— Sim.

Então Troy observou Harris criar GIFs com vídeos do último jogo. E com alguns vídeos que Harris havia gravado durante o treino daquele dia. Ele não reteve nenhum detalhe do processo de criação dos GIFs, mas gostou de ouvir a voz alegre e calorosa de Harris e de ver seus olhos verdes brilharem sempre que olhava para Troy. Ele sabia que Harris provavelmente não cheirava a maçãs, mas não conseguia tirar essa ideia da cabeça. Jurou que sentia cheiro de maçãs sempre que estava perto do homem.

— Hum — disse Harris — eu postei uma foto sua mais cedo que recebeu muitas curtidas.

— Do treino?

— De antes. Aqui, vou te mostrar.

Harris estendeu o telefone, e Troy viu uma foto sua no vestiário, agachado e sorrindo para Chiron.

— Ah — disse ele, porque não tinha visto muitas fotos dele sorrindo daquele jeito. Não conseguia acreditar que conseguia *sorrir* daquele jeito ultimamente. — As pessoas simplesmente gostam do cachorrinho. Qualquer um pode ganhar curtidas com um cachorrinho fofo.

— Não é isso que os comentários dizem.

— Não me diga o que os comentários dizem.

— Certo — disse Harris. Então mordeu o lábio, e Troy percebeu que estava sofrendo por não lê-los.

— Estou falando sério.

— Tudo bem. Não vou dizer que todo mundo acha você adorável e sexy.

Troy bufou. — Duvido.

— Eu posso lê-los se você...

— Não. Tudo bem. — Troy sentiu as bochechas corarem e abaixou a cabeça para esconder. — Adorável, né?

— Sim.

Troy tinha certeza de que nunca tinha sido chamado de adorável na vida. Ele acariciou distraidamente a barriga de Chiron e se perguntou se Harris o achava adorável. Ou sexy.

Por alguns minutos, Harris trabalhou enquanto Troy mantinha a atenção no cachorrinho em seu colo. Então, Harris girou na cadeira e perguntou, cuidadosamente: — Como vão as coisas?

Troy expirou com mais força do que pretendia. Chiron ficou surpreso. — Você viu os jogos. Estou jogando muito mal.

Harris parecia querer discutir, mas obviamente não podia. — Existe algum motivo? Quer dizer, desculpe. Essa é uma pergunta muito pessoal. Mas eu sou um bom ouvinte, se você quiser conversar.

Troy não sabia bem o que dizer. Ele não tinha ido ali para conversar. Não mesmo. Gostava de estar perto de Harris, só isso. Ele era uma presença calmante. Algo agradável para distrair Troy de todas as coisas ruins da vida dele. E ele não queria pensar nessas coisas ruins agora.

— Ou — disse Harris com um sorriso tímido — você é bem-vindo para ficar aqui e abraçar Chiron enquanto eu faço meu trabalho em silêncio.

Era impressionante como Harris tinha simplesmente oferecido a Troy, casualmente, exatamente o que ele precisava. Troy conseguiu dar um leve sorriso. — Você faz *alguma coisa* em silêncio?

Harris riu - alto, é claro. — Vou tentar.

Harris achou a presença de Troy Barrett em seu escritório uma distração. Era difícil trabalhar quando um dos homens mais bonitos da NHL estava abraçado a um cachorrinho a poucos metros de distância.

Por que Troy Barrett estava em seu escritório? Algo o preocupava, obviamente. E ele claramente não tinha interesse em falar sobre isso. Talvez não passasse do estresse de ser negociado, de não poder jogar em seu nível habitual. Talvez fosse a situação do Dallas Kent. Troy havia conversado com *alguém* sobre isso? Tipo, conversado *mesmo?*

O que quer que o estivesse incomodando, ainda não explicava por que ele havia trazido outro café para Harris. Porque ele estava ali, afinal.

Depois de cerca de meia hora fingindo trabalhar, Harris se afastou da mesa e se espreguiçou. — Vou levar o Chiron para dar uma voltinha antes que a Hannah venha buscá-lo.

Chiron quase adormecera no colo de Troy, mas se animou ao ouvir a palavra '*voltinha*'. Harris pegou sua jaqueta e a guia de Chiron num gancho perto da porta e se virou para Troy. — Pode vir se quiser.

O rosto de Troy se iluminou tanto quanto, Harris suspeitava, o rosto de Troy jamais se iluminara. — Vou pegar meu casaco.

As opções de caminhada perto da arena não eram ótimas, mas o estacionamento era enorme e vazio, então eles caminharam por toda a sua volta. Troy segurou a coleira de Chiron e pacientemente deixou o cachorrinho cheirar cada pedra, poça d'água e copo de Tim Hortons amassado que passavam.

— Eu nunca levei um cachorro para passear antes — ele disse.

Harris parou de repente. — Sério?

— É. Nunca tive um, nunca cuidei do de ninguém.

— E então? O que você acha?

— Está tudo bem. — O jeito como Troy olhava para Chiron - sem sorrir, é claro, mas com um olhar divertido - dizia a Harris que ele estava gostando mais da experiência do que demonstrava.

Era um dia razoavelmente agradável para Ottawa no início de dezembro. Frio, mas ensolarado e calmo depois de uma noite chuvosa e ventosa. Harris passava boa parte da vida em ambientes fechados ultimamente. Principalmente em frente ao computador ou olhando para o celular. — Alguém já te disse alguma coisa? Sobre ser gay? — Troy perguntou do nada.

Harris não tinha ideia do porquê estava perguntando, ou mesmo *do que* estava perguntando, mas disse: — Você quer dizer se alguém me insultou por causa disso?

— Sim.

— Claro. Mas ninguém com quem eu me importe. Por quê?

Troy não respondeu, aparentemente tão interessado em uma embalagem de canudo encharcada do McDonald's quanto Chiron. Então, perguntou à embalagem de canudo: — Alguém do time? Ou da organização?

— Ninguém — disse Harris. — Como eu disse, este é um bom grupo. Nunca escondi que sou gay, e ninguém aqui jamais me fez sentir que eu precisava.

— Isso é bom.

Eles caminharam até o final de um lado do estacionamento, dobraram a esquina e seguiram para o próximo. — Imagino que as coisas fossem diferentes em Toronto? — perguntou Harris.

Troy cerrou os dentes e assentiu. — Um monte de insultos e coisas do tipo. Não posso fingir que não contribuí para isso.

Harris ficou decepcionado ao ouvir isso, mas não surpreso. — Você vai continuar contribuindo?

— Não. — Troy parou de andar. Chiron pareceu confuso e voltou para bater o nariz no tênis de Troy. — Eu fui um completo babaca em Toronto. Eu sei. Todo mundo aqui parece tão, tipo, *bonzinho*... Eu não deveria estar aqui.

Harris sentiu-se tentado a colocar a mão no braço, então enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. — Você odeia este lugar?

— Não tanto quanto eu pensava.

Harris riu baixinho. — Que bom ouvir isso. — Ele recomeçou a andar, e Troy se juntou a ele. — Se valer a pena, acho que você vai se adaptar muito bem.

— Você não acha que eu sou um babaca?

Harris mordeu o interior da bochecha e disse: — Não tanto quanto eu pensei que seria.

Troy bufou - não chegou a ser uma risada - e Harris o cutucou de brincadeira. Troy não retribuiu, mas sua boca lutava para não sorrir.

Então Troy lhe entregou a guia. — Preciso ir. Preciso tirar um cochilo, sabe. Antes do jogo.

— Ah. Certo. Claro. Até mais...

Mas Troy já estava correndo em direção ao hotel. E Harris ficou olhando para ele, sem saber exatamente o que Troy estava fazendo.

Capítulo Nove

Troy não sabia ao certo por que estava fazendo aquilo. A última coisa que crianças hospitalizadas precisavam era ser obrigadas a passar cinco segundos com ele.

Mas lá estava ele, em um hospital infantil em Ottawa, vestindo uma camisa e um boné dos Centaurs e segurando uma pequena pilha de cartões-postais dele e uma caneta Sharpie.

Ele foi emparelhado com Wyatt, o que foi bom porque as crianças provavelmente ficariam muito animadas em conhecer o goleiro titular para sequer olhar para Troy.

— Eles provavelmente estão entediados comigo — disse Wyatt, contradizendo tudo o que Troy estava pensando. — Pelo menos os pacientes de longa permanência. Venho aqui com frequência porque a Lisa trabalha.

Certo.

Troy seguiu Wyatt até o primeiro quarto que visitaram. Havia duas camas, ambas ocupadas por crianças muito pequenas conectadas a máquinas, e Troy queria sair imediatamente.

Ele se concentrou nos pais que estavam parados ao lado das camas. Eles sorriam, obviamente emocionados por ver Wyatt e Troy, então talvez as coisas não estivessem tão ruins, certo?

— Jenny — disse Wyatt, abraçando uma das mulheres que estavam ao lado de uma das camas. Então, voltou sua atenção para o garotinho na cama. — Danny. E aí, cara? — Ele estendeu o punho, e Danny o cumprimentou com mais força do que Troy esperava.

Wyatt foi até a outra cama, todo sorridente, e disse: — Ainda não nos conhecemos. Sou Wyatt. Quer me dizer seu nome?

— Nathan.

— Prazer em conhecê-lo, Nathan. Gostaria de um toque de punho?

— Certo. — O garoto estendeu o punho - aquele que não tinha soro conectado - e Wyatt o tocou de leve. Virou-se para o pai e apertou sua mão, conversando amigavelmente com ele por um instante antes de voltar sua atenção para as duas crianças.

Troy ficou feliz em ficar perto da porta e apenas observar Wyatt dar uma aula de como conversar com crianças doentes. Ele notou como Wyatt pedia permissão diretamente às crianças antes de fazer qualquer coisa.

— Você gostaria de conhecer meu mais novo companheiro de time? — perguntou Wyatt, e as duas crianças assentiram.

O pai de Nathan disse: — Sim!

Troy ergueu a mão num aceno desajeitado. — Oi.

— Este é Troy Barrett — disse Wyatt. — Ele jogava pelo Toronto, assim como eu.

— Buuuuu! — disse Danny.

Wyatt apontou para ele. — Exatamente! Buuu, Toronto! Certo, Troy?

Troy conseguiu esboçar algo próximo a um sorriso. — É. Buu. — Deu um passo em direção ao pai de Nathan, pois parecia entusiasmado em conhecê-lo, e estendeu a mão. — Troy. Prazer em conhecê-lo.

— Greg, sou muito fã. Estamos felizes que você esteja aqui em Ottawa agora.

O prazer que percorreu o corpo de Troy com esse simples elogio foi surpreendente e ridículo. — Estou animado por estar aqui — murmurou ele, virando-se para o garoto, Nathan. — Você é fã de hóquei, Nathan?

— Sim — Nathan disse calmamente.

— Você, hum, quer um autógrafo? Eu tenho cartões-postais. — Troy ergueu a pilha. Meu Deus. Será que ele poderia ter soado mais como se quisesse acabar logo com aquilo?

Mas Nathan pareceu entusiasmado com a oferta. — Ok!

A letra do Troy era horrível, mas ele se esforçou ao máximo para escrever legivelmente quando rabiscou '*Para o meu amigo Nathan'*. Então, acrescentou sua assinatura bagunçada e, após um momento de hesitação, uma carinha feliz. Porque talvez ele pudesse ser o tipo de cara que desenha carinhas felizes ao lado do autógrafo.

Ele entregou o cartão-postal a Nathan, que sorriu e imediatamente o mostrou ao pai, Greg. — Nossa, que incrível, Nate — disse o pai, como se não tivesse acabado de ver Troy autografar o cartão. Meu Deus, o que aquele homem provavelmente estava passando.

— Você gostaria de um? — Troy perguntou a ele.

— Ah. — Greg pareceu envergonhado, mas Troy também percebeu que ele queria *muito* dizer sim. — Você devia guardar para as crianças. Sabe.

— Tenho toneladas. Aqui.

Troy assinou o próximo cartão-postal. Não tinha certeza se deveria escrever mais alguma coisa. Queria escrever uma redação inteira dizendo a Greg que era um ótimo pai, e Troy o admirava. E não sentia *ciúmes* de uma criança hospitalizada, mas não conseguia imaginar o próprio pai olhando para ele com tanto carinho. Seu próprio pai, aliás, tinha ido ao hospital para detalhar todas as maneiras pelas quais Troy poderia ter evitado quebrar a perna quando ele foi hospitalizado aos onze anos. Ele também tinha dito algumas coisas racistas sobre o garoto que acidentalmente fez Troy cair sobre a perna torcida. Então, atendeu a uma ligação do trabalho e saiu abruptamente.

Troy decidiu adicionar *Greg* com um ponto de exclamação alegre antes da assinatura e entregou-lhe o cartão-postal. — Muito obrigado — disse Greg, sorrindo para o pedacinho de papel cartão como se ele resolvesse todos os seus problemas. Troy gostaria que resolvesse.

Wyatt foi até a cama de Nathan e pegou uma sacola grande que trouxera consigo. — Você gosta de histórias em quadrinhos, Nathan?

Nathan assentiu.

— Quem é seu super-herói favorito?

— *Tartarugas Ninja.*

Wyatt sorriu e vasculhou a sacola, tirando dois quadrinhos coloridos das *Tartarugas Ninja.* — Você vai dividir com o Danny, né? — disse ele, entregando-os. — Eu dei a ele os quadrinhos dos *Jovens Titãs em Ação!*

— Eu adoro os *Jovens Titãs em Ação!* — disse Nathan, sorrindo para Danny do outro lado da sala. — Qual é o seu favorito?

— Mutano — disse Danny.

— Eu também!

— Se o Luca Haas vier aqui, você devia pedir para ele desenhar o Mutano para você. Ele desenha bem.

— Sério? — Danny perguntou.

— Luca Haas também está aqui? — Nathan se engasgou.

— Ah, sim — disse Wyatt. — Somos só a atração de abertura. Ilya Rozanov está aqui, e Zane Boodram. Evan Dykstra. Todos os caras importantes.

Troy riu da forma como Wyatt os estava subestimando. Ele e Wyatt estiveram no Jogo das Estrelas no ano passado, e Wyatt provavelmente voltaria este ano.

— E — Wyatt disse num sussurro teatral — Chuck também está aqui.

Os sorrisos das crianças se alargaram ainda mais. Chuck era o mascote oficial do time Ottawa Centaurs e, por algum motivo, era um castor. Mas, como todos os mascotes do time, ele era uma celebridade maior entre as crianças do que os jogadores.

— Alguém disse *Chuck?* — perguntou uma voz alegre e estrondosa. Troy se virou e viu Harris parado na porta, com um castor gigante vestindo uma camisa de hóquei atrás dele.

Troy se afastou para dar passagem a Chuck. Harris sorriu para ele, e Troy não pôde deixar de sorrir de volta. Havia gente demais na sala, mas ninguém parecia se importar. Chuck fez o que tinha que fazer com as crianças, dando toca aqui em silêncio e fazendo reações exageradas que pareciam ridículas com seu rosto enorme, congelado e com os olhos esbugalhados.

— Como vai? — Harris perguntou baixinho a Troy.

— Nada mal. Wyatt é bom nisso.

— Ele é o mestre.

— O Chuck também é bom nisso — disse Troy. Ele podia estar desconfortável, mas pelo menos não estava usando uma fantasia de castor pesada e desajeitada.

— Ah, sim. Vou te apresentar o Theo qualquer dia desses. Ele é ótimo.

— Theo?

— O cara da fantasia. — Harris estreitou os olhos, brincando. — Você *sabe* que tem alguém nessa fantasia, né?

— Cale-se.

— Tentamos contratar um castor de dois metros para o trabalho, mas, deixe-me dizer, não deu *muito* certo.

Troy bufou e tentou disfarçar. — Você é péssimo.

Harris o cutucou. — Vamos tirar algumas fotos.

Troy sorria - sorria de verdade - em todas as fotos que Harris tirava no hospital naquele dia. Harris hesitou em devolver os celulares aos pais, esperando que eles apreciassem o raro presente que era o sorriso pleno e natural de Troy Barrett.

Foram algumas horas agitadas, com Harris correndo de sala em sala para ajudar com as fotos e capturando algumas fotos e vídeos espontâneos para as redes sociais do time. Ele queria garantir que conseguiria pelo menos uma foto de cada um dos jogadores.

Mas ele continuava gravitando em direção aos cômodos onde Troy e Wyatt estavam. Às vezes, ele observava em silêncio da porta por um minuto, observando sorrateiramente Troy com as crianças. Ele estava indo muito bem, apesar de não ter prática nesse tipo de coisa.

Harris se lembrou dos Ottawa Centaurs visitando o hospital quando tinha doze anos. Tinha sido emocionante conhecer jogadores de verdade da NHL. Tinha sido emocionante fazer *qualquer coisa* além de dormir, ler ou olhar para o teto. Pelo menos um de seus familiares estava ao lado de sua cama o tempo todo, geralmente mais. Amigos também o visitavam, mas conhecer seus heróis - em particular o capitão do time, por quem ele tinha uma quedinha - lhe dera uma sensação de euforia que o acompanharia por dias. Ele sabia agora que os jogadores da NHL eram apenas pessoas, mas naquela época pareciam deuses. Ele não conseguia acreditar que eles estavam realmente em seu quarto de hospital, conversando com ele.

Agora, na sala de pacientes, Harris observava Troy e Ilya brigando entre si e com duas crianças no *Mario Kart*. Ilya estava falando besteiras - sem usar palavrões - e fazendo todo mundo rir. Troy mal conseguia se conter e xingava várias vezes.

— Tenho um presente para você, Barrett — disse Ilya.

— F... — Troy se interrompeu. — Eu não quero isso, Rozanov.

— É vermelho.

— Atire em um jogador de computador!

— Não. É para você. — Todos riram quando uma concha vermelha de Koopa bateu no carro de Troy. Mario deu um tombo espetacular e Troy, mais uma vez, se esforçou para não xingar.

— Você é o pior — resmungou Troy.

— Eu não te bati daquele jeito ano passado? — provocou Ilya. — Em Toronto. Você fez a mesma coisa que o Mario. — Ele girou uma das mãos em um movimento de queda, e rapidamente a devolveu ao controle.

— Não — disse Troy.

Em segundos, uma das crianças encontrou o golpe no YouTube e alegremente mostrou a todos seu iPad para que pudessem assisti-lo.

— Obrigado, Grayson — disse Ilya. — Viu, Barrett? Igualzinho ao Mario.

Ilya venceu a corrida e ficou com os braços acima da cabeça, em sinal de vitória. — Invicto!

Vangloriar-se de vencer um bando de crianças hospitalizadas em videogames pode ser rude, mas de alguma forma Ilya tornou isso encantador.

Troy se levantou e entregou o controle para Wyatt. Ele se afastou desajeitadamente para o lado e olhou ao redor da sala como se não soubesse o que fazer. Quando seu olhar pousou em Harris, ele sorriu daquele mesmo jeito sincero que Harris havia desfrutado o dia todo.

Desta vez, o sorriso de Troy era só para ele, e Harris não conseguiu evitar a sensação de estômago embrulhado em resposta. Ter uma queda por Troy Barrett era uma péssima ideia, mas Harris já tinha passado do ponto de conseguir impedir.

No final da tarde, os jogadores embarcaram no ônibus do time que os levaria de volta à arena. Eles haviam saído diretamente do treino matinal.

Harris alcançou Troy antes que ele entrasse no ônibus. — Te vejo amanhã, eu acho.

— Antes do jogo. Com certeza.

Harris queria perguntar o que ele ia fazer naquela noite, mas isso não ajudaria em nada a acalmar aquela paixão ridícula. Então, em vez disso, ele ofereceu alguma segurança. — A propósito, você se saiu muito bem. Com as crianças.

Os lábios de Troy se curvaram num sorriso suave. — É?

— Confie em mim. Sou especialista.

Algo caloroso brilhou nos olhos cor de safira de Troy. — Você veio dirigindo?

— Peguei uma carona na van com o Theo e a Rebecca. — A expressão inexpressiva de Troy revelou a Harris que ele não sabia de quem estava falando. — Do Chuck, quero dizer. É o Theo, como eu disse antes. E a Rebecca é basicamente a agente dele. Ela é estagiária de marketing.

— Ah. — Troy olhou ao redor. — O Chuck... quero dizer, o Theo... precisa se trocar em algum lugar ou... como isso funciona exatamente?

Harris riu. — Com muito cuidado. Não podemos deixar ninguém vê-lo meio vestido, sabe? Estraga a magia. Ele vai usar a fantasia na van até a gente sair do estacionamento, pelo menos.

— Parece complicado.

— Theo entendeu tudo como uma ciência.

Troy olhou para o ônibus, que parecia ter todos, menos ele, dentro. — Bem. Eu deveria...

— Sim. Até amanhã.

Por um momento, os dois homens se entreolharam, Harris radiante e os lábios de Troy se curvando ligeiramente para cima. Seu olhar pousou na boca de Harris e depois voltou para seus olhos.

Então ele piscou e disse: — Te vejo mais tarde, Harris.

Ele entrou no ônibus sem olhar para trás, e Harris foi até a van, onde um castor gigante provavelmente o esperava.

Capítulo Dez

Na semana seguinte, Harris recebeu a visita de Troy três vezes. Ele se sentiu como Ebenezer Scrooge, só que em vez de espíritos, recebeu um jogador de hóquei mal-humorado que era, tipo, o Fantasma das Mensagens Confusas de Natal.

Ele aparecia e desaparecia tão repentinamente quanto um fantasma, isso era certo. Mas ele sempre trazia café, e Harris não se importava de tê-lo por perto. Mesmo que ele continuasse com um tesão insuportável.

Às vezes, Troy fazia perguntas. Às vezes, ele fazia perguntas *estranhas*, do nada, que não tinham nada a ver com o trabalho de Harris.

— Você já levou, tipo, um acompanhante para alguma festa de hóquei? Festas de time ou algo assim?

Essa foi a pergunta aleatória de hoje. Harris fez uma pausa no meio do e-mail. — Normalmente, estou bem ocupado trabalhando em eventos oficiais do time, mas houve algumas festas em casa onde levei alguém.

Troy não respondeu, então Harris voltou a escrever seu e-mail.

— Tipo, um namorado? Você levou um namorado?

Harris se virou na cadeira. — Mais como caras que eu esperava que fossem meus namorados. Por quê?

— Todo mundo ficou tranquilo com isso?

Troy parecia fazer muitas variações da mesma pergunta. — Pelo que eu pude perceber, não é como se estivéssemos nos agarrando loucamente. Talvez eu os tenha beijado rapidamente. Talvez tenha me sentado com um braço em volta deles.

Troy estava simplesmente destruindo a tampa do copo de café. De algum jeito, já tinha dobrado ela ao meio duas vezes, e Harris estava preocupado que ele acabasse se cortando no plástico serrilhado. — Você se preocupa com isso? Com as pessoas te julgando. Tipo, quando você está num grupo de pessoas hétero?

Harris queria dizer que não se preocupava nem um pouco com isso, mas não era exatamente verdade. — Às vezes, eu acho. Tive sorte com o apoio que recebi da minha família e amigos, então não me preocupo tanto quanto algumas pessoas, mas claro. Sempre tem alguma coisa na minha cabeça que me deixa um pouco nervoso. Principalmente se eu não conheço todo mundo na sala.

Troy deixou a tampa do café se abrir, formando um círculo de aparência irregular, e começou a dobrá-la novamente. — Como você... — Ele suspirou. — Você simplesmente manda essa coisa no fundo da sua cabeça calar a boca ou algo assim?

— Basicamente. — Harris estendeu a mão cuidadosamente e pegou a tampa das mãos de Troy. Jogou-a na lata de lixo ao lado da mesa. — Eu tento fazer o que me parece certo. O que é honesto, sabe? E se alguém tem algum problema com isso, bem, nunca seríamos amigos de qualquer maneira.

Troy olhava para as mãos vazias, franzindo a testa. — Que bom — disse ele, embora parecesse infeliz. — Por que eles não queriam ser seu namorado?

Harris estava completamente confuso agora. — Quem?

— Os caras que você levava para as festas. Que você disse que esperava que fossem seus namorados.

— Ah — Harris corou. — Não sei. Provavelmente por motivos diferentes.

— Você devia ter um namorado. — Agora foi a vez do Troy corar, o que foi tão fofo que Harris não aguentou. — Quer dizer. Não tem motivo para

você não ter. Hum. — Ele mordeu o lábio, nervoso, e Harris ia morrer. — Você é, tipo, legal. E não, sabe, feio.

Harris riu. — Meu Deus. Obrigado.

— Não, quero dizer... — Os olhos de Troy estavam arregalados de horror, como se ele não conseguisse acreditar que tinha acabado de dizer aquilo. Harris continuou rindo até que, de repente, milagrosamente, Troy se juntou a ele. Começou com uma expiração trêmula que se transformou em uma gargalhada completa. Os olhos de Troy se enrugaram e seu sorriso maravilhoso e raro se espalhou por seu rosto.

— Esqueça o que eu disse — disse Troy, embora ainda sorrisse. — Não sei o que eu estava tentando dizer.

Harris também não, porque naquele momento estava completamente atordoado pelo sorriso de Troy e não conseguia se lembrar de nenhuma palavra. Só quando o rosto de Troy voltou à sua expressão inexpressiva de sempre foi que Harris conseguiu dizer: — Já tive alguns namorados. De verdade. Mas faz um tempo. Eu uso principalmente aplicativos de encontro, mas ultimamente não tenho tido muitos desses encontros que me levaram a um segundo.

— Ah. — Troy parecia querer muito a tampa do copo de café de volta. — Eles são principalmente para, hum.

— Sexo? — Harris ofereceu. — Às vezes. Mas eu gosto de conversar com as pessoas, como você provavelmente já percebeu. Gosto de conhecer alguém. Então, geralmente espero mais, mas se for só um encontro casual, tudo bem também. Às vezes, é tudo o que eu preciso, de qualquer forma.

Troy parecia ter algo preso na garganta. Harris observou seu pomo-de-adão balançar enquanto engolia em seco. Não fazia ideia de pôr que Troy estava fazendo todas aquelas perguntas sobre sua vida amorosa gay se isso o incomodava.

Bem, havia uma possibilidade, mas Harris tentava não pensar muito nisso. Se Troy estava descobrindo sua própria sexualidade, Harris não queria pressioná-lo. Ele também não queria criar muitas esperanças.

— E você? — perguntou Harris, cauteloso. — Você namora muito?

Troy se levantou. — Eu deveria deixar você trabalhar.

— Não, está tudo bem. Estou quase...

— Preciso...

Troy nem terminou a frase. Ele simplesmente saiu correndo pela porta, como sempre fazia, deixando Harris repassando a conversa e se perguntando o que exatamente Troy queria dele.

Troy abriu o navegador do celular e digitou *coisas divertidas para fazer em Ottawa.* Os resultados foram principalmente museus, passeios pelo Parlamento e outros prédios históricos e ir a um jogo do Ottawa Centaurs. Nada bom.

O time viajaria amanhã de manhã, começando com um jogo em Toronto.

Toronto.

Já era cedo, mas Troy já sabia que teria dificuldade para dormir. Precisava de uma distração.

Ele tentou a *vida noturna de Ottawa.* Havia casas noturnas, casas de show ao vivo, bares esportivos e vários outros lugares onde Troy não queria estar. Ele não sabia o que queria. Talvez apenas um pub tranquilo onde pudesse sentar sozinho e tomar uma cerveja. Um lugar onde pudesse observar as pessoas sem ter que interagir com nenhuma delas.

Ele mordeu o lábio e digitou '*Bar gay de Ottawa'.* Não sabia por que fez aquilo; não tinha a mínima chance de ir a um. Se fosse sozinho a um bar gay

numa cidade onde com certeza seria reconhecido, era melhor já começar a usar broches do Orgulho na jaqueta, igual o Harris fazia.

Harris provavelmente estava em um desses bares agora, cercado de amigos e dando aquela risada estridente e ensurdecedora que Troy deveria odiar muito mais do que ele odiava.

Talvez Harris estivesse em um encontro. Usando aquele aplicativo dele. Troy nunca tinha experimentado encontro online, ou um aplicativo de pegação, ou qualquer coisa do tipo. Provavelmente seria uma boa ideia, se ele algum dia se tornasse corajoso em relação à sua sexualidade. Ele teria que dar *um jeito*, porque não fazia sexo há meses e, embora estivesse acostumado com períodos de seca, pelo menos com Adrian havia sexo por videochamada regularmente.

Troy colocou o celular no criado-mudo e andou de um lado para o outro no quarto do hotel. Precisava sair dali. Sabia que não ia transar naquela noite, mas podia fazer *algo* para se distrair da dor de estômago.

Ele não estava pronto para enfrentar seu antigo time. Amanhã, viajaria para Toronto, entraria em sua antiga arena e iria ao vestiário do time visitante. Vestiria seu uniforme de Ottawa e patinaria no gelo de sua antiga casa, diante de sua antiga torcida, para competir contra seus antigos companheiros de time. Contra o Dallas Kent.

Troy seria vaiado pelos torcedores que o adoravam. Ele já esperava por isso. Seria provocado e maltratado por homens que, até bem pouco tempo atrás, eram sua família. Precisaria confiar em seus novos companheiros de time para protegê-lo, e não tinha certeza se já havia conquistado isso. Não tinha certeza se algum dia conquistaria.

Ele não devia mandar mensagem para o Harris. Já tinha incomodado aquele cara o suficiente esta semana, e sabia o quanto era estranho. A mente de Troy era uma bagunça e só se acalmava quando ele estava sentado no escritório de Harris, ouvindo-o digitar. Absorvendo seus sorrisos e

apreciando o cheiro inacreditável de maçã que Troy definitivamente estava imaginando.

Que horas eram em Singapura agora? Era onde a mãe dele estava. Ontem, ela havia enviado uma foto do boneco dele em frente àquele prédio gigante com o parque no topo. Ele pegou o celular para pesquisar a diferença de fuso horário no Google e encontrou uma mensagem de texto.

***Harris**: Você está nervoso sobre amanhã à noite?*

Troy sentou-se na cama, olhando fixamente para a mensagem. Por um lado, era uma pergunta meio idiota; claro que Troy estava nervoso. Por outro, o fato de Harris estar pensando nele o suficiente para enviar aquela mensagem fez sua garganta apertar.

Ele decidiu ser honesto.

***Troy**: Estou um caos agora.*

***Harris**: Quer dar uma volta de carro e ver as luzes de Natal?*

— Que porra é essa? — disse Troy para o quarto vazio. Ele não tinha sete anos. Por que ele iria querer olhar para as luzes de Natal?

Só que ele gostava da ideia de estar na caminhonete de Harris, ouvindo qualquer música que lhe desse vontade e vendo como ficariam os olhos dele com as luzes de Natal refletidas neles.

***Troy**: Ok.*

Quando Troy entrou na caminhonete meia hora depois, ele definitivamente sentiu cheiro de maçãs. Mas Harris já tinha uma explicação pronta.

— Trouxe uma sidra quentinha para você. — Ele gesticulou para as duas canecas de viagem aninhadas nos porta-copos entre os assentos.

— Maçãs da família Drover? — perguntou Troy. Quando foi a última vez que ele tomou sidra de maçã quente? Provavelmente por volta da última vez que ele dirigiu só para ver as luzes de Natal.

— Você sabe disso. — O sorriso de Harris era largo e brilhante, e Troy sabia que ele estava olhando, mas não conseguia desviar o olhar. Ele era tão *fofo*, enrolado em um cachecol verde-escuro festivo estampado com flocos de neve brancos. Uma música natalina suave tocava no aparelho de som.

— Você realmente gosta do Natal, né? — disse Troy.

— Cara. Você não tem ideia. — Harris saiu do estacionamento do hotel. — Você não?

— Na verdade, não. Acho que nunca ouvi música de Natal por vontade própria.

— Você pode desligar se quiser. Eu não me importo.

Troy já estava sendo um babaca. Ótimo. — Não, é legal. Festivo, sabe? — *Era* legal. Para compensar o babaca, ele tomou um gole de sidra. — Merda. Isso é bom.

— Eu mesmo pensei nisso!

— É isso, tipo... o que é isso? O que está no preparo da sidra?

— Basicamente, apenas aquecendo com temperos e outras coisas.

Troy tomou outro gole. Era doce, mas também picante, reconfortante e maravilhoso, e o acalmou como um remédio.

— Eu faço na panela elétrica — explicou Harris. — Depois, chego em casa e encontro um apartamento com um cheiro incrível. Você tem uma panela elétrica?

— Não. Eu moro em um quarto de hotel.

— É, eu sei, mas, tipo, você vai ter uma quando se mudar para um apartamento? Você tinha uma?

— Eu mal sei o que é uma panela elétrica.

— Nossa, elas são ótimas. Cozinham as coisas lentamente.

Troy ficou muito feliz por ter concordado em vir. Já se sentia melhor, ouvindo Harris dizer coisas bobas e adoráveis. — Por que isso é bom? Você não quer que as coisas cozinhem mais rápido?

— Para que você possa voltar para casa e encontrar uma refeição que ficou pronta o dia todo! É como um maridinho.

Isso fez Troy rir. — Que desolador.

— Dito como alguém que nunca conheceu o amor por uma panela elétrica.

— Não quero ouvir você agradecer à panela elétrica pelo jantar.

Harris riu tanto que Troy achou que eles iam sair da estrada. — É o melhor relacionamento que já tive. Fácil.

Eles pegaram a estrada, o que Troy achou estranho, mas não disse nada a respeito. Francamente, ele não se importava se vissem uma única luz de Natal. Ele estava apenas curtindo o passeio.

Harris cantarolou 'Winter Wonderland' enquanto Troy tomava sua sidra e tentava não achar tudo sobre Harris dolorosamente encantador.

— É isso que você faz para se divertir? — perguntou Troy. — Olhar as luzes de Natal?

— Bem, não no verão — disse Harris secamente.

Troy se conteve. Estava sendo um babaca de novo. — O que você costuma fazer? Para se divertir.

— Muita coisa. Eu saio bastante. Ou pelo menos saio o máximo que posso ultimamente. Este trabalho me mantém bem ocupado. O Wyatt organiza uma noite mensal de jogos de tabuleiro na casa dele, então eu costumo ir a essas noites.

Troy quase riu. Será que seus novos companheiros de time realmente se reuniam para jogar jogos de tabuleiro? — Tipo, o quê? Monopoly?

— Geralmente, jogos como Colonizadores de Catan ou Aventuras sobre Trilhos.

Troy nunca tinha ouvido falar dessas coisas, mas pareciam nerds pra caramba. — Para onde você vai quando sai?

— Muitos lugares. Gosto de música ao vivo, então vou a muitos shows. Frequento bares gays. Não frequento baladas. Sou mais de pub. E você?

— Pubs, eu acho. Eu não saio muito.

— A menos que algum esquisito te convide para ver as luzes de Natal? — Harris provocou.

Os lábios de Troy se contraíram. — Aparentemente.

— Você vai ver sua família no Natal?

— Não. — Troy não gostava de falar sobre sua família, mas por algum motivo disse: — Meus pais são divorciados. É meio complicado. A mãe está viajando e o pai é basicamente um babaca gigante.

— Oh.

— Ele também tem uma nova esposa, e ela é pouco mais velha que eu. Então.

— Natal estranho.

— É. Não estou triste por perder. Faz anos que não me importo com os feriados. — Não era bem verdade. No ano passado, Adrian surpreendeu Troy em Toronto na véspera de Natal, e eles passaram alguns dias maravilhosos juntos. Mas as comemorações não foram exatamente tradicionais.

Houve um silêncio por alguns segundos, e então Harris perguntou: — Você viu seu pai quando estava em Vancouver?

— Sim. Ele ainda é péssimo.

— Sinto muito.

Troy conseguia imaginar o que Curtis Barrett diria se visse o filho andando por Ottawa com um homem gay, olhando as luzes de Natal. — Tanto faz. Que se foda.

— Essa é uma boa atitude — disse Harris. — Pessoas tóxicas não valem a sua energia.

— Estou começando a entender — disse Troy para a janela. A estrada estava escura, e ele realmente não se importaria de ter algumas luzes festivas para admirar agora.

— E a sua mãe? Ela é legal?

— Ela é ótima. Ela é... — Troy suspirou. — Ela estava miserável depois que meu pai a deixou. E eu estava ocupado demais com hóquei para fazer muita coisa além de dar dinheiro a ela. Comprar uma casa nova para ela morar em Vancouver. Esse tipo de coisa.

— Isso não parece exatamente inútil.

Troy sabia que ela apreciara a ajuda, mas lamentava não ter feito mais por ela. — Enfim. Ela está bem agora. Conheceu um cara legal e tranquilo chamado Charlie, que a trata bem e a faz sorrir. Então agora eles estão viajando o mundo juntos. Já se foram há quase três meses.

— Que incrível. Mas aposto que você sente falta dela.

— Sim. Muito.

Houve um silêncio entre eles por um momento, então Harris disse: — Posso te perguntar uma coisa? Sobre aquele babaca com quem você era companheiro de time?

Troy quase riu. — Claro.

— Eu realmente não consigo... tipo, ele não esconde exatamente o fato de que ele é...

— Um babaca? — Troy ofereceu.

— Certo. Por que você era amigo dele?

Troy suspirou. Ele não queria falar sobre isso, mas meio que queria. Havia algo em Harris que o fazia querer compartilhar. — Éramos calouros no mesmo ano. Colegas de quarto. Eu sabia que ele era um babaca, mas ele também era exatamente o tipo de cara que meu pai amava. Então, parte disso pode ter sido eu reconhecê-lo como um cara de quem eu deveria querer ser amigo.

— Mas você também deve ter gostado dele. Pelo menos um pouco.

— Sim — admitiu Troy. — Ele era divertido. Gostava de festejar, gostava de gastar dinheiro. Adorava hóquei e ser uma estrela da NHL. Conversávamos sobre todas as taças que iríamos ganhar juntos. Todos os recordes que iríamos quebrar. Os carros que iríamos comprar. — Dallas também falava muito sobre sexo e mulheres, enquanto Troy, sem jeito, tentava contribuir, mas não contou isso a Harris. — Éramos próximos. Até algumas semanas atrás, ele era meu melhor amigo. Eu sei que é foda, mas era assim.

— Você falou com ele desde então?

Troy bufou. — Não.

— Nossa. Eu nunca gostei daquele cara, e acho que você fez a coisa certa e está melhor sem ele, mas sinto muito que tenha perdido seu amigo. Que pena.

— Obrigado — disse Troy baixinho. Era bom ter alguém reconhecendo a perda que ele sentia por sua antiga amizade e tornando-a menos vergonhosa. — Eu não presenciei nada. Nunca o vi estuprar ninguém. Me sinto idiota, mas nem me ocorreu que ele faria isso. Até ler aquelas postagens.

— Você acreditou nelas imediatamente?

— Sim. Foi um soco no estômago, mas sim. Eu acreditei nelas.

— Sinto muito — disse Harris novamente.

Troy expirou e aliviou um pouco da tensão que lhe fazia o maxilar doer. — Então, para onde vamos? — perguntou, querendo mudar de assunto.

— Alameda Taffy.

— Alameda Taffy? Onde fica isso? É um nome de rua de verdade?

— Ah, cara. Espera só. É em Orleans e eles se *divertem muito* todo ano. É um paraíso natalino.

Troy mal podia esperar para ver o que aquilo significava. Então, bebeu sua sidra e deixou um homem barbudo e alegre levá-lo ao paraíso natalino.

Alameda Taffy era *horrível*. Mas também, meio que ótima.

— Quanto esses caras estão gastando com eletricidade? — perguntou Troy enquanto passavam lentamente por uma casa que devia ter dezenas de milhares de luzes espalhadas por toda a casa e jardim. Havia também vários geradores ligados, mantendo os personagens de desenho animado no gramado inflados.

— Muito — disse Harris, sorrindo.

— Por que existe Darth Vader? O que ele tem a ver com o Natal?

— O sabre de luz dele tem listras de bengala doce. Viu?

— Sim, mas...

— Não questione a visão de Natal de ninguém. Apenas aproveite.

Troy franziu a testa para o supostamente festivo Darth Vader. Troy não era *nerd* nem nada, mas sabia o suficiente sobre *Star Wars* para dizer, com autoridade, que Darth Vader não era uma decoração de Natal apropriada.

— Ele explodiu um planeta — argumentou Troy.

— É, mas ele se sentiu mal depois. Com o tempo.

Era um debate tão ridículo, mas Troy não conseguia deixar passar. — Tarde demais. Ele deveria ter jogado o imperador naquele poço antes.

Harris riu. — Você é tão nerd. Nossa. Eu não fazia ideia.

— Não, não sou. Eu vi esses filmes, tipo, duas vezes. Isso é normal pra caralho.

— Prefiro aplaudir a decisão heroica de Vader de enfrentar seu amigo maligno, não importa quanto tempo tenha levado — disse Harris. Ele cruzou o olhar com Troy depois de dizer isso, como se quisesse ter certeza de que Troy havia entendido.

Troy se remexeu inquieto no assento. Ele entendeu.

— Ainda é uma decoração de Natal idiota — ele resmungou.

Eles dirigiram até o final da alameda Taffy, o que demorou um pouco, pois estavam em uma fila de carros que se arrastava. Então Harris os levou por outras ruas próximas, que também tinham algumas decorações decentes, mas nada no nível da alameda Taffy.

— Não gosto das projeções de luz — declarou Troy quando estavam na metade da quarta ou quinta rua. — É preguiçosa.

— Entendo. Mas combinados com outras luzes, ficam bem legais.

— É demais. Eu gosto de casas assim. — Troy apontou para uma casa pequena com telhado pontudo. Luzes iluminavam os frontões, as janelas, a porta, a varanda da frente e as laterais da frente da casa, do chão ao telhado. Havia uma grande guirlanda com um laço vermelho pendurada na porta. — Isso é clássico, bem ali. Tipo, esse é o tipo de casa em que eu gostaria de passar o Natal.

— É mais ou menos assim que meus pais decoram nossa casa — disse Harris.

Troy conseguia imaginar a casa de fazenda da família Drover, perfeita e linda no meio de um pomar de maçãs coberto de neve. Aquela casa provavelmente transbordava de risadas e amor durante os feriados. — Parece legal.

— Você deveria ir no Natal. O jantar é sempre incrível. Meus pais ficariam felizes em recebê-lo. — Harris fez o convite com naturalidade, como se não fosse um dos convites mais gentis que Troy já recebera. Mas não havia como alguém tão miserável quanto Troy estragar as festividades de Natal de alguém, muito menos de uma família tão perfeita quanto a de Harris.

— Não posso. Vou me mudar para aquele apartamento dois dias antes do Natal e vou, sabe, me instalar lá.

— A oferta permanece válida caso você mude de ideia.

— Obrigado. — Eles estavam em um sinal de parada e seus olhares se encontraram por um momento. Os olhos de Harris refletiam as luzes cintilantes ao redor, e seu sorriso era tão caloroso e encantador que Troy sentiu uma vontade repentina e intensa de beijá-lo.

Em vez disso, ele desviou o olhar. — Eu provavelmente deveria voltar. Amanhã será um longo dia.

— Claro — disse Harris. — Espero que isso tenha ajudado um pouco com seus nervosismo.

— Sim. — Troy sabia que, assim que estivesse sozinho novamente, todas as suas ansiedades sobre o dia seguinte voltariam à tona, mas isso não era motivo suficiente para continuar ocupando o tempo de Harris. Além disso, ele precisava controlar sua vontade de beijá-lo.

Ao entrarem na rodovia 'All I Want for Christmas Is You' de Mariah Carey, começou a tocar, o que não ajudou em nada. A situação piorou quando Harris começou a cantar junto.

Troy não conhecia Harris havia nem um mês. Na verdade, mal o conhecia. Por que se sentia tão atraído por ele? Ele não se parecia em nada com nenhum dos homens por quem Troy se sentira secretamente atraído antes. Não se parecia em nada com Adrian. Nem era o tipo de cara com quem Troy normalmente seria *amigo.*

Mas enquanto observava o pateta no banco do motorista fazendo um dueto animado com Mariah Carey, ele não conseguia negar o quanto o desejava. Para si mesmo. Mais do que Harris jamais, jamais, *jamais poderia* saber.

Capítulo Onze

Troy nunca tinha estado no vestiário do time visitante em Toronto antes, e não gostou. Estar naquele prédio - naquela cidade - novamente era perturbador. Ele estava sentado em sua baia, vestindo seu uniforme do Ottawa Centaurs, e tentou não deixar que seu rosto demonstrasse o pânico que o consumia por dentro.

Ele não podia fazer isso. Ele não podia sair dali.

Talvez se ele não estivesse jogando tão mal desde que foi trocado. Talvez se Dallas Kent não estivesse em alta a temporada toda. Talvez se Troy não estivesse voltando como membro dos malditos Ottawa Centaurs.

Deus, ele se sentiu mal.

— Ande comigo. — Troy olhou para cima e viu Ilya em pé sobre ele.

Ele obedeceu ao seu capitão, levantou-se e seguiu-o até o corredor.

— Você está nervoso — disse Ilya assim que ficaram sozinhos.

— Um pouco.

— Não. Não é pouco. O que você precisa?

Troy balançou a cabeça. — Não sei. Não estou pronto.

— Você não os enfrentará sozinho. Estamos com você. Estamos com você, Barrett.

Troy conseguiu sustentar o olhar por alguns segundos antes de desviar o olhar. Na verdade, ele não estava confiante de que seu novo time o apoiaria. — Obrigado.

— Você não acredita em mim.

Troy deu de ombros. — Eu não te culparia se você não me apoiasse.

Ilya o encarou fixamente e soltou uma gargalhada exasperada. — Anime-se, Barrett. Nós não te odiamos, sabia?

— Não?

— Não. Todo mundo do outro time te odeia. Dallas Kent te odeia. Todo mundo na torcida te odeia.

— Tudo bem, entendi.

— Ninguém no nosso time odeia você. E queremos vencer o Toronto tanto quanto você.

Troy olhou para seus patins, envergonhado e um pouco comovido.

— Certo? — perguntou Ilya.

— Ok.

Ilya deu um soco no ombro acolchoado de Troy. — Eu estava ansioso para dar uma surra no Dallas Kent. Já faz um tempo.

Troy conseguiu dar um leve sorriso. Seu estômago estava mais calmo do que antes da conversa. — Faz anos que eu quero fazer isso.

A multidão vaiava cada vez que Troy tocava no disco.

Eles o vaiaram pra *caralho.* E aplaudiram um predador sexual. Que porra havia de errado com o mundo?

Seus ex-companheiros de time eram ainda piores, lançando lhe insultos sempre que podiam. Dallas parecia estar em uma missão para passar o máximo possível do jogo atacando Troy. Os olhos azul-acinzentados de Dallas brilhavam de ódio toda vez que ele o olhava, e isso deixava Troy furioso. Como esse filho da puta ousa sentir qualquer coisa além de vergonha?

Na metade do primeiro período, Troy canalizava toda a sua raiva para o jogo. Ele jogava um hóquei rápido e agressivo, o tipo pelo qual era

conhecido. Ele ia com tudo para a rede, derrubava adversários nos cantos e não parava de lutar.

Não importava. Toronto ainda estava em cima deles. Dallas já tinha um gol e uma assistência.

— Feliz Natal, vadia — ele zombou de Troy depois que ele marcou.

Dallas praticamente cuspiu cada palavra que disse para Troy durante o jogo. E então ele completava a frase literalmente cuspindo.

— Como é perder tudo, traidor? — Kent perguntou a ele após o apito no segundo período.

— Você vai *mesmo* perder tudo, um dia — avisou Troy. — Mal posso esperar.

Dallas o empurrou. — Seu pai deve estar puto. Ele gosta muito mais de mim do que de você.

Troy o empurrou de volta. — Porque vocês dois são uns babacas.

O árbitro os separou, mas Dallas fez uma última tentativa. — Você se ferrou, Barrett. Valeu a pena?

Troy saiu patinando sem responder.

No terceiro período, Troy *marcou um gol, porra.* Finalmente. Foi um passe perfeito de Ilya, e ver o disco passar voando pelo goleiro foi incrível pra caralho. A torcida vaiou mais alto do que nunca, mas Troy não se importou. Ele estava ocupado demais abraçando seus novos companheiros de time.

— Diga oi para o seu pai — disse Dallas enquanto Troy passava patinando por ele.

— Parece que você quer transar com meu pai — respondeu Troy.

Dallas pareceu horrorizado. — Vai se foder, seu babaca.

— Parece que você quer *me foder.*

— Gostaria muito né — gritou Dallas atrás dele. — Provavelmente é por isso que você está tão bravo, né? Você queria esse pau, seu nojento de merda...

Ele não conseguiu dizer a última palavra porque Ilya o havia derrubado no gelo. Dallas estava de costas, atordoado. Então, começou a agitar os braços, gesticulando freneticamente em direção a Ilya. — Ei, árbitro! Que porra é essa! Você viu esse psicopata de merda?

— Cale a boca, Kent — disse Ilya em um tom baixo e perigoso.

— Por quê? O Barrett é seu namorado? Você deu uma pausa na trepada com o Hollander para enfiar o pau no Barrett...

Ilya puxou Dallas pela camisa, puxando-o com força até que ele se levantasse completamente. Então, Ilya tirou a outra luva e lhe deu um soco no rosto.

— Puta merda — Troy murmurou.

Os árbitros, que estavam se demorando para separar a discussão entre Ilya e Dallas, considerando que tudo aquilo era uma interrupção do jogo e algo muito ilegal, entraram correndo. Ilya recebeu rapidamente uma penalidade de expulsão do jogo, mas pareceu não se importar. Piscou para Troy antes de sair do gelo.

No último minuto de jogo, Troy lutava com Dallas em um canto pelo disco. Ele já conseguia ver o hematoma se formando na bochecha de Dallas, onde Ilya o havia socado.

Troy o empurrou com força, tentando derrubá-lo do disco. Dallas revidou e disse: — *Você é* um merdinha, Barrett.

— Legal. Você finalmente conseguiu dar uma resposta.

Dallas bateu o ombro no peito de Troy. — Você é um babaca porra.

— É? Quantas acusações já houve até agora? Teve uma nova ontem, né?

Dallas acertou Troy com o taco, empurrando-o com força, depois largou o taco e o empurrou de novo com as duas mãos. — Elas são mentirosas.

Troy bufou e o empurrou de volta. — Todas elas?

— *Sim.* — E então Dallas derrubou Troy no gelo, esquecendo o disco.

Troy tentou tirar Dallas de cima dele, mas Dallas o batia violentamente com uma mão enluvada, enquanto o segurava com a outra.

— Você era meu *amigo!* — gritou Dallas. Seus olhos estavam furiosos e magoados enquanto ele continuava batendo em Troy.

— Eu não devia ter sido — retrucou Troy. Os árbitros finalmente apareceram para tirar Dallas de cima dele. Troy se levantou de joelhos e gritou: — Você é nojento, Dallas.

Dallas lançou lhe um último olhar por cima do ombro, e Troy ficou chocado ao ver lágrimas em seus olhos.

Ótimo. Que ele se foda.

O jogo terminou com Ottawa perdendo por 4 a 2. Ilya já estava de banho tomado e de terno quando o resto do time retornou ao vestiário. Troy foi até ele imediatamente.

— Você não precisava fazer isso — disse ele. — Mas obrigado.

— Eu adorei. Por que jogar hóquei se você não consegue se divertir, certo?

Os lábios de Troy se curvaram. — Certo.

Ilya acenou com a cabeça para ele. — Belo gol. Sente-se melhor?

— Sim. Obrigado pelo passe.

Ele foi se despir. O que não caiu bem para Troy foi que Ilya ficou bravo quando Kent o acusou de fazer coisas gays. Troy sabia, quando sugeriu que Dallas queria transar com o pai dele, que isso deixaria Dallas bravo porque ele era um saco de lixo homofóbico. Foi decepcionante ver Ilya ficar tão ofendido com o mesmo tipo de provocação.

Mas era exatamente por isso que Troy mantinha sua sexualidade em segredo todos esses anos. Acusar um oponente de ser gay ainda era o menor insulto que se poderia proferir.

Ele tentou se concentrar em coisas positivas. Seu primeiro jogo contra o Toronto havia terminado, ele finalmente havia marcado um gol e seus companheiros o apoiaram, especialmente Ilya.

Teria sido legal ganhar esse, no entanto. Para esfregar isso na cara do Dallas. Não só o Dallas, mas todo o time, especialmente o treinador Cooper. E todos os torcedores que vaiaram o Troy. Que se fodam todos eles.

Estava tudo acabado. Os dois times só se enfrentariam em fevereiro, e Troy se certificaria de que a situação seria menos complicada até lá. Por ora, ele deixaria isso para trás e se concentraria no próximo jogo em Nova York.

Troy sabia que era Ilya Rozanov batendo à porta do seu quarto de hotel antes mesmo de abri-la. Havia uma confiança em suas batidas que correspondia à confiança com que ele fazia todo o resto.

— Pegue seu casaco — disse Ilya.

— Por quê?

— Estamos em Nova York e vamos sair. Vou encontrar amigos e você deveria vir.

— Onde? Por quê?

— Um bar. E porque você precisa se divertir.

Bem, Troy conseguia pensar em coisas piores do que ir a um bar em Nova York com Ilya Rozanov. — Tá. Um segundo.

O táxi os levou por uma curta distância até um bairro que tinha *muitas* bandeiras de arco-íris.

— É isso... — Troy começou, mas parou. — Para onde estamos indo?

— O bar que Scott Hunter e Eric Bennett são donos. É legal, mais ou menos.

Certo. Espera aí. Troy sabia que Hunter e Bennett compraram um bar juntos, mas... — Não é um bar gay?

Ilya franziu a testa para ele. — Isso é um problema?

— Não! Não, eu não quis dizer... eu só... — Troy balançou a cabeça. Ele não era *contra* bares gays, obviamente. Só nunca *tinha ido* a um. E agora ele ia ao seu *primeiro* bar gay com Ilya Rozanov, aparentemente. — Só surpreso. Eu nem sabia que você gostava do Hunter.

Ilya fez uma careta. — Ele é legal. Mas você está apaixonado por ele, então pensei que você gostaria disso.

— Não estou apaixonado por ele — resmungou Troy enquanto o táxi parava em frente a um pub chamado Kingfisher. Um minuto depois, Ilya segurava a porta do bar aberta, e Troy teve que se esforçar para se mover e não deixar o pânico transparecer no rosto.

O bar não parecia muito diferente por dentro de qualquer outro pub que Troy já tivesse frequentado. Um pouco mais bonito, talvez, e decorado para o Natal. Havia televisores de tela plana exibindo esportes, música pop tocando e jarras de cerveja em mesas de madeira escura, cercadas por pessoas conversando e rindo. Coisas comuns de bar. Os clientes eram em sua maioria homens, o que não era incomum para um bar de esportes, mas o fato de a maioria desses homens provavelmente se sentir *atraído* por homens estava meio que deixando Troy perplexo. E o deixando enjoado.

Havia algumas bandeiras e adesivos espalhados pelo bar que o identificavam como um espaço acolhedor para pessoas LGBTQ+; não apenas a bandeira do arco-íris do Orgulho, mas algumas outras que Troy já tinha visto antes, mas não tinha certeza do que representavam. Porque ninguém sabia menos sobre sua própria comunidade do que ele.

Ilya o conduziu a uma mesa redonda em um canto, com uma placa de reservado. Troy esperava que a mesa fosse para eles, pois, de qualquer forma, não duvidaria que Ilya a reivindicasse. Assim que se sentaram, um homem loiro muito atraente, que parecia ter a mesma idade de Troy, aproximou-se.

— Ei, rapazes — disse o homem. — O Eric disse que ele e o Scott chegarão em breve. — Ele sorriu para Rozanov. — Oi, Ilya.

Ilya acenou com a cabeça para ele. — Kyle. O lugar parece melhor.

— Tudo o que o bar precisava era de um pouco de trabalho duro e de alguns novos donos ricos que se importassem. Aqui. — Ele deslizou algo pela mesa para Ilya. — Novo cardápio de drinques. Muda mensalmente.

Ilya olhou para ele. — Você ainda tem cerveja, não é?

Os dois pediram cervejas, e Kyle saiu para buscá-las. Troy já havia dito a si mesmo que só tomaria uma cerveja, primeiro porque jogariam amanhã à noite e, segundo, porque não havia a mínima chance de ele chegar perto de ficar bêbado quando estivesse em um bar gay pela *primeira vez*. Com um grupo de colegas jogadores da NHL.

Ele ainda não entendia por que eles estavam ali. Claro, Scott Hunter, o capitão superstar do New York Admirals, era dono do negócio com o goleiro superstar recém-aposentado do Admirals, Eric Bennett, mas jogadores de hóquei eram donos de muitos negócios ridículos. Se Troy frequentasse todos eles, nunca beberia nada além do vinho horrível de seus vinhedos.

O olhar de Troy percorria a sala sem parar. Havia muitos homens bonitos no bar naquela noite. Homens altos e em forma. Homens mais velhos de aparência distinta. Homens jovens e bonitos. Homens grandes e corpulentos. Era um bufê tentador. E um ao qual Troy não ia prestar atenção.

Kyle trouxe as bebidas deles quando Scott e Eric chegaram. Um homem que Troy reconheceu como o marido de Scott, Kip, estava com eles.

— Só estou dizendo oi — disse Kip à mesa. — Vou deixar vocês, jogadores de hóquei, terem um tempo só para vocês. — Ele se virou para Troy. — Você é novo. — Seu olhar percorreu Troy de forma descaradamente avaliadora. — Droga. Como você consegue jogar hóquei e continuar tão bonito?

— Ei! — disse Scott fingindo estar ofendido.

Kip riu e ofereceu a mão a Troy. — Kip. Prazer em conhecê-lo.

Troy apertou sua mão. — Troy.

— Puta merda! Você é o Troy *Barrett*, né? Você é o meu novo herói.

— Igualmente — disse Scott, o que fez Troy arregalar os olhos. Scott Hunter - seu *ídolo* - olhava para ele com tanta aprovação e carinho que Troy não aguentou.

— Eu não sou um herói — murmurou Troy, abaixando a cabeça para esconder as bochechas que escureciam. Principalmente comparado a Hunter, que havia beijado corajosamente o namorado ao vivo na televisão depois de ganhar a Copa Stanley algumas temporadas antes e se mantinha ativista desde então. Tudo o que Troy fizera fora ficar bravo com alguém que merecia. Não que ele tivesse conquistado alguma coisa com isso.

A última vez que Troy falou com Hunter foi durante o fim de semana do Jogo das Estrelas em janeiro. Ele estava tão nervoso quando abordou Scott no bar do hotel, porque sabia que Scott odiava Dallas Kent, e provavelmente odiava Troy por associação. Scott pareceu cauteloso no início quando Troy se apresentou desajeitadamente, mas logo relaxou quando Troy o parabenizou pelo noivado e, da maneira mais desajeitada possível, tentou articular o quão inspirador era para Scott ter se assumido gay. Sem, sabe, realmente dizer isso.

Ele se perguntou se Scott havia entendido o que Troy realmente tentara dizer. O jeito como o olhava agora - considerando, *compreendendo* - sugeria que provavelmente sim.

Kip acenou para a mesa cheia de jogadores de hóquei e beijou Scott. Troy prendeu a respiração, esperando reações de desgosto, mas é claro que ninguém se incomodou ou se interessou. Havia um mundo inteiro de pessoas que não viam problema em homens se beijando ou se apaixonando. Troy só andava nos círculos errados.

Então Kyle, o barman, beijou *Eric Bennett* na boca. Eles sorriram um para o outro quando se separaram, com os olhos cheios de adoração, e Troy ficou *perplexo.* Ele olhou ao redor da mesa para ver como todos estavam reagindo, mas, novamente, ninguém pareceu se importar.

Mas o Eric não era hétero? Ele foi casado com uma mulher por anos, até recentemente. Talvez fosse bissexual? Fosse o que fosse, ele definitivamente parecia estar transando com um homem muito atraente - e muito mais jovem. Então, continue, Eric.

Eric sentou-se e Ilya disse: — Aproveitando a aposentadoria? — com um sorrisinho malicioso.

— Muito — disse Eric, tomando um gole do drinque que Kyle deixara na mesa. Virou-se para Troy. — Que bom te ver de novo, Troy. Como está Ottawa?

— Tudo bem, eu acho.

— Fiquei impressionado por você ter enfrentado Kent. Scott também.

— Com certeza — confirmou Scott. — Isso exigiu coragem.

Troy se remexeu na cadeira. — Não é como se tivesse feito alguma coisa.

— A mudança precisa começar em algum lugar — disse Scott com autoridade. — Sei que nada aconteceu com Kent, então você provavelmente acha que suas palavras não significaram nada, mas aposto que significaram muito para as vítimas dele.

As bochechas de Troy coraram. — Duvido.

— Uma coisa é se defender — disse Eric calmamente. — Mas defender os outros, pessoas que nem estão ali, e das quais você não ganha nada com isso? Isso mostra coragem, e mostra que você é uma boa pessoa.

Houve murmúrios de concordância de todos, até mesmo de Ilya. Troy não estava preparado para esse nível de atenção, e não gostou.

— Vou ao banheiro masculino. — Ele se levantou rapidamente e saiu correndo antes que alguém pudesse ver a inquietação em seu rosto.

E então Troy estava no banheiro masculino de um bar gay. Um lugar que tinha sido alvo de inúmeras piadas horríveis de vestiário.

Se ao menos papai ou Dallas Kent pudessem vê-lo agora.

Sinceramente, o banheiro parecia bem normal. Só havia mais um cara lá dentro, que resolveu o problema rapidamente e saiu sem nem olhar para Troy. Não parecia haver nenhuma orgia acontecendo nas cabines, nem o que quer que seus ex-companheiros de time imaginassem que acontecesse naqueles lugares.

Troy respirou fundo algumas vezes, acalmando-se, depois de lavar as mãos. Nada de estranho. Você está em um bar normal com três estrelas da NHL porque você é uma estrela da NHL. Pelo menos dois deles são queer, mas adivinha? Você também é, cara, então se recomponha.

Ele se sentia, percebeu, da mesma forma que quando estava perto de Harris. Sobrecarregado e desorientado por ter encontrado um pequeno espaço onde seus dois mundos coexistiam pacificamente. Ele era jogador de hóquei e gay, mas nunca tentara ser os dois ao mesmo tempo.

Scott e Eric pareciam tão felizes. Completamente relaxados e confortáveis consigo mesmos. Será que Troy algum dia seria assim? Será que Troy algum dia superaria os efeitos de ser sobrecarregado por anos de, primeiro, negação, depois auto aversão, vergonha, medo, ciúme e saudade? Ele *queria*

se sentir confortável ali. Se sentir confortável *em qualquer lugar*. Ser ele mesmo e não se importar com quem tinha problemas com isso.

De repente, ocorreu-lhe que poderia se assumir. Agora mesmo. Para o grupo com o qual estava. Ele mal conhecia algum deles, mas todos o aceitariam e o apoiariam.

O coração de Troy batia forte enquanto ele olhava para o próprio reflexo no espelho do banheiro. Puta merda. Ele podia se assumir.

Alguém entrou no banheiro e lançou um olhar curioso para Troy antes de ir até um dos mictórios. Ótimo. Agora era *Troy* quem estava se comportando de forma estranha no banheiro masculino de um bar gay.

Ele saiu, com a mente a mil com as possibilidades. Ele conseguia fazer aquilo. Ele conseguia simplesmente... *fazer aquilo.*

Ele não conseguiu. Assim que viu Scott, Eric e Ilya, perdeu a coragem. Deu meia-volta e foi até o bar.

— E aí, bonitão — disse Kyle com um sorriso sedutor. — O que você quer?

— Posso pegar um pouco de água? — Parecia que a temperatura da sala tinha aumentado vinte graus nos últimos cinco minutos.

— Sem problemas.

Troy se apoiou no balcão, precisando de apoio. De repente, desejou que Harris estivesse ali. Harris amaria aquele lugar e amaria saber que Troy estava ali, com aqueles caras. Ele ficaria tão animado com isso.

Troy ficou um pouco apavorado com a ideia. Poderia contar tudo a ele quando o visse novamente.

— Aqui está. — Kyle colocou a água na sua frente. — Mais alguma coisa?

— Não — disse Troy. — Mas, hum... você está namorando o Eric Bennett?

— Estamos juntos há meses. Por quê?

— Eu não sabia que ele era... uh...

— Comprometido? Desculpe.

Troy sabia que Kyle estava brincando com ele, mas ainda assim ficou vermelho de vergonha. — Não! Eu quis dizer...

— Eu sei o que você quis dizer.

Troy deu uma risada nervosa, o que era uma prova de como a noite inteira estava mexendo com a sua cabeça, já que ele *nunca* fazia isso. — Desculpe. Só estou um pouco, hum, fora do meu elemento aqui.

As sobrancelhas de Kyle se ergueram. — Primeiro bar gay?

— Ah, sim. Na verdade.

— Não se preocupe. Contanto que você saia até a meia-noite. É quando o chão se abre e revela a área do sexo.

O riso de Troy foi um pouco menos nervoso dessa vez. Ele gostava desse Kyle. — Obrigado pelo aviso.

— Se você quisesse ficar para a feira de sexo, aposto que o Fofo ali não ficaria triste com isso. — Ele acenou sutilmente para a esquerda de Troy, e quando Troy se virou para olhar, viu um homem muito atraente com pele oliva e óculos estilosos o avaliando.

Oh.

Troy desviou o olhar. Depois olhou de novo. Depois desviou o olhar novamente. E se ele falasse com ele? E se ele simplesmente fosse até lá e conversasse com ele? E flertasse com ele? E fosse para casa com ele? Meu Deus, Troy poderia transar hoje à noite. Ele poderia pegar um homem em um bar gay e transar com ele.

Ele virou metade da água de uma só vez e se obrigou a olhar para qualquer lugar, menos para o homem bonito que tentava chamar sua atenção. Seu olhar pousou em um quadro de avisos atrás do bar, que exibia cuidadosamente folhetos de vários eventos futuros. Em um canto, havia um

pequeno broche esmaltado em forma de maçã com um coração de bandeira do arco-íris no meio.

Puta merda.

— Ei — perguntou ele a Kyle. — Onde posso conseguir um desses broches? — apontou para o quadro de avisos.

Kyle pareceu confuso. — É só um broche antigo da Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Nova York. Acho que ainda tenho alguns aqui embaixo do balcão. Quer um?

— Para um amigo — disse Troy, provavelmente rápido demais. — Conheço alguém que adoraria.

Kyle se abaixou e voltou com um broche idêntico. Entregou-o a Troy. — Todo seu.

Troy segurou o broche como se fosse algo precioso, passando o polegar pelas saliências metálicas. Seu rosto deve ter revelado tudo, porque Kyle sorriu para ele com ar de quem sabe o que dizia.

— Ele é um produtor de maçãs — explicou Troy, tentando parecer descolado, mas sem conseguir disfarçar a leveza incomum na voz. — E ele é gay. E adora broches. Então, tipo, isso é perfeito.

— Parece que sim.

— Obrigado.

— Sem problemas. Diga ao seu produtor gay de maçãs para vir visitar o Kingfisher na próxima vez que estiver em Manhattan.

— Eu vou. — Troy guardou o broche cuidadosamente no bolso da calça jeans e tentou ignorar as estranhas vibrações que o *seu produtor gay de maçãs* fazia com seu estômago.

Ele voltou para a mesa, onde Scott estava franzindo a testa e Ilya estava sorrindo, então Ilya devia estar zombando dele.

— Kyle estava flertando com você? — Ilya perguntou alegremente a Troy.

— Hã. — Troy olhou inquieto para Eric.

— Provavelmente — disse Eric. Ele não parecia incomodado.

— Vocês formariam um casal atraente — continuou Ilya. — Ambos muito bonitos. E da mesma idade. Kyle provavelmente gostaria disso, para variar.

— Cale a boca, Rozanov — disse Scott.

Mas Eric apenas sorriu. — Não acho que Kyle esteja procurando por uma *mudança*, mas se Troy estivesse interessado, tenho certeza de que Kyle estaria mais do que disposto a...

— Não. — Troy levantou as mãos. — Não estou interessado. Seu namorado é gato, mas... — Ele congelou. Será que ele tinha mesmo acabado de dizer aquilo? — Quer dizer, ele provavelmente é considerado atraente. E é legal que você, hum, tenha a mente aberta sobre, hum. — Ele precisava calar a boca. Imediatamente. Então calou.

Ilya caiu na gargalhada. — Sua cara!

Troy sabia o quão vermelhas suas bochechas deviam estar naquele momento. Ele tomou um grande gole de água, tentando refrescar a pele queimada.

— Aquele gol que você marcou ontem à noite deve ter sido bom — disse Scott, mudando de assunto de uma forma muito óbvia, pela qual Troy ficou grato.

— Sim. Foi ótimo.

Conversaram sobre hóquei por um tempo. Na verdade, quase duas horas se passaram antes que Ilya se afastasse da mesa e dissesse: — Hora de dormir. Jogo amanhã.

— Sim — concordou Scott. — Igualmente.

— Você já devia estar na cama há horas, velho — disse Ilya. — Você vai sentir isso amanhã no gelo.

— Contra vocês? Duvido.

Eric olhou para o bar e para Kyle. — Vou ficar um pouco. Porque não tenho nada para fazer amanhã.

Ilya deu um tapinha no ombro dele. — Sinto falta de você, Eric.

— E sinto falta de calar a sua boca.

Quando Ilya e Troy saíram do bar, Ilya disse: — Podemos ir a pé. Vamos a pé.

Era uma sugestão estranha, mas *parecia* uma corrida curta de táxi, então, claro. Eles podiam ir a pé. Além disso, caminhar por Nova York era legal.

— Parece que você quer perguntar alguma coisa — disse Ilya assim que começaram a andar. — Ou me dizer alguma coisa.

— Não — mentiu Troy. Então, ele deixou escapar: — Por que você deu um soco no Dallas Kent?

Ilya riu. — Muitos motivos.

— Eu sei, mas por que *exatamente* você deu um soco nele? Porque eu pensei que era porque ele te insultou dizendo que você era, tipo, gay. Ou sei lá o quê. Mas aí você me levou para um bar gay, então estou bem confuso agora.

— Não dei um soco no Kent por isso. Não sou tão frágil.

— Ah. Só pensei, porque a maioria dos jogadores de hóquei prefere ser acusado de assassinato do que de gostar de pau...

— Eu não sou a maioria dos jogadores de hóquei. — Havia um tom áspero no tom de Ilya. — E eu nunca disse que era hétero.

Troy parou de andar. — *O quê?*

Ilya se virou para encará-lo. — As pessoas presumem coisas. São idiotas. Dallas Kent disse algo odioso sobre algo que é... sobre algo que ele não sabe nada.

— É meio que a cara dele, mesmo.

Havia uma tensão visível no maxilar de Ilya, e a raiva queimava em seus olhos. — Pessoas como Kent atrapalham a felicidade dos outros. Sem motivo. Eu sempre fico feliz em socar pessoas assim.

Troy teve vontade de abraçá-lo. Foi um impulso selvagem e ridículo, como quando quis beijar Harris na caminhonete na outra noite. Por que Troy desperdiçara tanta energia com as piores pessoas?

— Você consegue guardar um segredo? — Troy nem percebeu que estava fazendo a pergunta antes que as palavras saíssem, pairando entre eles com suas nuvens de respiração em uma calçada de Manhattan.

Os lábios de Ilya se curvaram num sorriso irônico. — Sim. Muito bem.

O coração de Troy batia forte contra as costelas. Ele poderia vomitar. Ou poderia desmaiar. Mas ele ia dizer essas palavras, droga. — Eu sou gay.

Por um momento, Ilya não reagiu. Apenas observou Troy calmamente. Então, disse: — Você não contou a ninguém.

— Não.

Ilya inclinou a cabeça na direção que precisavam seguir e retomou a caminhada. Troy o acompanhou.

— Deve ter sido muito difícil. Em Toronto — disse Ilya.

— Não foi fácil.

— Desculpe. — Eles caminharam mais alguns passos, e Ilya se animou e disse: — Aquele foi seu primeiro bar gay?

— Sim, foi.

Ilya caiu na gargalhada. — Incrível.

Troy balançou a cabeça, mas o absurdo daquela noite o atingiu de repente, e ele começou a rir também.

— O que você achou? — perguntou Ilya.

— Tinha mais jogadores da NHL do que eu esperava.

A risada de Ilya era uma risadinha aguda e delirante que só fez Troy rir ainda mais.

— Mas foi tudo bem? — perguntou Ilya, mais sério, apesar do sorriso.

— Foi legal — garantiu Troy. — Gostei. Quem sabe eu até vou a outro algum dia.

O sorriso de Ilya desapareceu. — Acho que não tem problema se você contar para o resto do time. Quando estiver pronto.

— Eu sei. Mas não sei se quero.

Ilya assentiu. — Eu entendo muito bem.

— Não gosto muito desse tipo de atenção. Então, provavelmente não vou contar a ninguém.

— Há *alguém* que você gostaria de contar, não é?

O sorriso provocador de Ilya havia retornado. Como diabos ele sabia? — Não sei do que você está falando.

— Ok. — Mais alguns passos, e Ilya disse: — É muito normal para um jogador da NHL passar a maior parte do seu tempo livre no escritório do cara das mídias sociais.

Troy queria morrer. Quem mais tinha notado? — Eu só estava... meu Deus. Todo mundo sabe? É óbvio?

— Não. Nem todo mundo é assim, hum, de perceber as coisas? — Ilya franziu a testa, e Troy o ajudou.

— Perceptivo?

— Sim. Sou o mais perceptivo.

Troy encolheu os ombros contra o frio e tudo o que sentia. — Eu gosto dele.

— Eu sei. Todos nós gostamos do Harris. Mas você quer beijá-lo.

Troy não se deu ao trabalho de negar. — Não vou. Ele merece coisa melhor, e provavelmente há algum conflito de trabalho que torna isso errado.

— Sim. Talvez o cara das redes sociais te dê uma vantagem no Twitter se você fizer um boquete nele.

Troy soltou uma risada chocada e incomum. — Meu Deus.

— Você receberá todos os bons GIFs.

— Certo. Chega.

Ilya se virou e ficou bem na frente de Troy, andando de costas com aquele sorriso irritante no rosto. — Acho que ele também gosta de você.

— Sério.

— Ele acha que não tem chance com você.

— Você é vidente ou algo assim?

— Não. Só por... porra. Já esqueci a palavra.

— Perceptivo.

— Perceptivo — repetiu Ilya. Depois, repetiu mais três vezes, cravando-a na cabeça. — Boa palavra. — Ele voltou a caminhar ao lado de Troy, em vez de na frente dele.

Nossa, o Troy tinha acabado de se assumir para o capitão do time. E o capitão do time tinha... meio que se assumido para ele?

— Então, você não é hétero? — Troy perguntou cuidadosamente.

— Sou bissexual. Não é da conta de ninguém, mas, sim.

— Ouvi o boato de que Shane Hollander é gay. Não sei se é verdade, mas... foi o que ouvi.

— Você ouviu.

Algo estalou na cabeça de Troy. — Vocês são próximos, né?

Ilya começou a andar mais rápido. — Chega de compartilhamento por hoje, Barrett.

Capítulo Doze

Ilya Rozanov usava um gorro de Papai Noel e um suéter de boneco de neve, e segurava um cachorrinho. Harris amava seu trabalho.

— Fique mais perto da árvore — instruiu Gen.

Ilya deu um passo em direção à gigantesca árvore de Natal iluminada no canto da sala de reuniões. Ele era injustamente bonito para alguém vestido de forma tão ridícula. Chiron tinha uma bandana festiva amarrada no pescoço e parecia adorável enquanto acariciava o rosto de Ilya. Harris não precisou torcer o braço de Ilya para concordar com a sessão de fotos.

— Ah! — gritou Ilya. — Ele pegou meu pompom!

Chiron de fato havia mordido o grande e fofo pompom na ponta do gorro de Ilya e o puxava agressivamente enquanto Ilya ria. Harris, graças a Deus, estava registrando tudo em vídeo com seu celular enquanto Gen tirava fotos rápidas.

Os fãs iriam adorar isso.

— Talvez em algum lugar onde você esteja ajoelhado ou sentado, Ilya? — sugeriu Gen. — Em frente aos presentes debaixo da árvore.

Ilya se abaixou até ficar sentado de pernas cruzadas, o que foi super fofo, e Chiron ficou no chão ao lado dele com suas patinhas na coxa de Ilya.

— Ah, que fofo — disse Gen, tirando fotos. — Fique assim.

— Uau. O que é isso?

Harris não precisou se virar para saber que era Troy quem estava perguntando, mesmo assim se virou tão rápido que quase levou um torcicolo. Troy estava parado na porta, vestindo roupas de academia e com um sorriso sincero.

— Oi — disse Harris. Ele não via o Troy desde a viagem de carro antes da viagem, e, caramba. Ele ainda era muito gostoso. — Estamos, hum, fazendo uma pequena sessão de fotos de fim de ano. É como um cartão de Natal virtual que postaremos em nossas contas.

— Ah. Está ótimo, Ilya.

— Eu sei.

Troy olhou inquieto para Harris, Gen e Ilya, e então disse: — Eu, uh, trouxe uma gemada com café com leite para você, Harris. Mas posso deixar para lá.

— Não! — disse Harris, rápido demais. — Pode ficar. E obrigado. Pelo café com leite. — Ele o pegou, o calor do copo de papel penetrando em seus dedos enquanto o calor de algo mais ardia em seu peito.

Gen soltou uma gargalhada que Harris sabia que significava que *você está a fim desse cara e está sendo óbvio.* Para o alarme de Harris, Ilya fez um som quase idêntico.

Ele tentou ignorar os dois. — Estamos quase terminando, se você quiser se sentar, ou...

— Tem outros suéteres — disse Ilya, e então acenou com a cabeça para a mesa repleta de peças de fantasias de Natal. — Você devia fazer isso.

— Ah. Não. Eu ia fazer um treino e, hum. — Troy gesticulou para seu short de ginástica.

— Suéter, gorro, da cintura para cima. Vamos, Barrett.

Harris adorou a ideia, mas só se o Troy estivesse a fim. — Seria incrível ter vocês dois na foto.

— Os fãs vão gostar mais de você — disse Ilya sem rodeios. — Você, eu, cachorrinho, merda de Natal. Ninguém resiste a isso.

Troy olhou para a mesa, depois para Harris, depois de volta para a mesa. — Certo. Claro.

— Harris, ajude-o a escolher um suéter — disse Ilya, pois aparentemente era ele quem estava encarregado da sessão de fotos agora. — Não! Chiron! Volte.

Chiron havia perdido o interesse em Ilya e estava indo em direção a Troy.

— E aí, amigão — disse Troy, agachando-se e coçando as orelhas de Chiron. — Senti sua falta.

Troy olhou para cima e encarou Harris. Seus lábios se abriram como se quisesse dizer algo, mas então ele olhou novamente para o cachorrinho.

Harris foi até a mesa e escolheu um suéter azul com um desenho de luzes de Natal tricotado. — Experimente este — disse ele. Ele não disse que deixaria os olhos de Troy incríveis. Não que seus olhos precisassem de ajuda.

Troy olhou com tristeza para o suéter, mas aceitou e o vestiu por cima da camiseta esportiva.

— Existe um gorro de elfo? — perguntou Ilya.

— Não — disse Troy categoricamente.

— Acho que você quer dizer *sim* — disse Harris, segurando um gorro de feltro de elfo com sinos pendurados. Colocou-o cuidadosamente na cabeça de Troy e, ousadamente, colocou uma mecha rebelde de cabelo preto atrás da orelha. Os olhos de Troy o fitaram por um instante, mais brilhantes do que qualquer luz de Natal.

— Como estou? — ele perguntou baixinho.

Harris não viu nada além daqueles olhos. E daqueles lábios. — Perfeito.

Ele jurou que Troy começara a corar antes de se virar rapidamente para Ilya. Chiron trotou atrás dele, abanando o rabo.

— Eu te odeio por isso — Troy resmungou para Ilya.

— Acho que não. Agora fique bonitinho para Gen e Harris.

Meu Deus, o Troy *estava* corando. E sorrindo. E dando cotoveladas de brincadeira no Ilya. Quem era esse cara?

Eles tiraram várias fotos dos dois homens juntos, segurando o cachorrinho entre eles. Pareciam um casal absurdamente atraente, mas Harris guardou isso para si. Troy sorriu para a câmera e até riu algumas vezes, graças a Ilya. Foi bom ver os dois se dando bem. Eles devem ter criado um vínculo na viagem recente.

Ilya entregou Chiron para Troy e disse: — Tire algumas fotos só com Troy, sim?

Harris não tinha certeza se eles precisavam disso, mas Ilya já estava tirando seu gorro e suéter de Papai Noel, e Troy parecia irresistivelmente bobo.

Ilya apertou o ombro de Troy antes de se afastar, o que fez Troy corar novamente por algum motivo. Então Ilya jogou o gorro e o suéter na mesa e saiu rapidamente. Foi meio estranho a partida repentina, mas Ilya era estranho no geral.

Sem Ilya por perto para provocá-lo, o rosto de Troy assumiu a expressão vazia de sempre, o que ficou hilário em contraste com um gorro de elfo, um suéter chamativo e um cachorrinho. Harris mal podia esperar para ver as fotos mais tarde.

— Certo — disse Gen. — Acho que estamos bem.

Troy colocou Chiron cuidadosamente no chão e, em seguida, removeu as peças do seu traje. — Essas fotos provavelmente foram horríveis. Desculpe.

— Elas são ótimas — disse Gen enquanto repassava as imagens que havia capturado com a câmera. Harris percebeu que ela mal conseguia conter uma risadinha. — Muito festivo.

Harris pegou o suéter e o gorro de Troy. — Obrigado pela ajuda.

— Sem problemas. Hum. O Chiron precisa dar uma voltinha?

Chiron soltou um latido alegre ao ouvir a palavra '*voltinha*'. Harris riu. — Parece que sim. Quer levá-lo?

— Claro. Você pode vir também? Ou se estiver ocupado, eu posso...

— Não estou ocupado. Só me dê alguns minutos, ok?

— Ok.

— Eu posso limpar aqui — disse Gen. — Vocês, rapazes, podem dar uma volta.

Foi uma tentativa descarada de deixar Harris e Troy sozinhos, e Harris tentou atirar punhais nela, mas provavelmente falhou, pois nunca havia atirado punhais em ninguém na vida. — Tem certeza?

— Ah, tenho certeza. — Gen parecia estar sob a suposição ridícula de que a estranha amizade de Harris com Troy iria se transformar em algo mais. Como se *Harris* pudesse encantar um *jogador da NHL*...

— Vou pegar meu casaco — disse Troy. — E, hum, minha calça.

— Provavelmente uma boa ideia — disse Gen. — É dezembro.

Troy saiu rapidamente da sala, e Harris se virou para Gen. — Que *diabos,* cara?

— O quê?

— Por que não usar uma camiseta que diga *Harris gosta de você?*

— Ah, qual é. Ele é jogador de hóquei. Ele não percebe esse tipo de coisa.

— Ele é inteligente!

Ela fez uma cara que dizia: *Mas ele é mesmo?*

— Você é má.

Ela riu. — Sério, eu gosto dele. E ele é gentil com você, o que eu também gosto. Então, mesmo que ele só queira passear com você com o cachorro e te trazer café, eu apoio.

Harris relaxou. — Obrigado. — Ele pegou seu café com leite da mesa e foi até a porta. — Te vejo daqui a pouco.

— Vou te enviar as melhores fotos do Troy.

— Sim. Porque é o seu *trabalho.*

— E seu trabalho é passear com um cachorrinho com Troy Barrett. Vai.

Harris ia argumentar que aquilo não era trabalho dele, mas que isso seria uma perda de tempo valioso para passear com o Troy, então ele foi embora.

— Então, a temporada de gemada já está aceitável? — perguntou Harris. Eles estavam na metade do primeiro trecho do estacionamento da arena, Troy segurando a coleira de Chiron. Harris segurava o café com leite, tentando não o beber muito rápido.

— Sim. É Natal na semana que vem.

— A gemada tem um espaço de uma semana?

— Ela tem um espaço de zero semana para mim.

— Mas deve haver alguma guloseima de Natal que você goste.

Troy deu de ombros. — Peru?

Nossa, cara. Harris decidiu mudar de assunto. — O jogo contra o Toronto pareceu intenso.

— Foi bem difícil.

— Eu não conseguia acreditar quando Ilya deu um soco em Kent.

Os lábios de Troy se curvaram. — Isso foi incrível.

— O que Kent disse a ele para fazê-lo perder o controle daquele jeito?

Troy ficou tenso por um instante, depois disse: — Nada mesmo. Só besteira.

Harris não tinha certeza se acreditava nisso, mas deixou para lá. — Foi horrível voltar para Toronto?

— Foi estranho. E bem terrível. Achei que ia vomitar antes do jogo. O Ilya me acalmou, na verdade.

— Ele é bom nisso.

— Mm.

Eles terminaram uma volta no enorme estacionamento, e Harris estava prestes a começar uma segunda volta depois de jogar seu copo vazio em uma lata de lixo, mas Troy parou de andar.

— Hum — disse Troy.

Harris esperou. Troy lhe entregou a guia e, em seguida, enfiou a mão no bolso do próprio casaco.

— Trouxe uma coisa para você. — Ele disse tudo como se fosse uma palavra, e então empurrou um objeto pequeno e brilhante para Harris.

— Você trouxe?

Harris pegou o objeto e viu que era um broche esmaltado em forma de maçã, com um pequeno coração de arco-íris no meio.

Seu próprio coraçãozinho de arco-íris vibrava no peito. Ele sorriu para Troy. — Onde você encontrou isso?

— Nova York. É, sabe? A Big Apple. E aquele broche era da Parada do Orgulho, eu acho. Então. Sim.

— Big Apple Gay.

Troy bufou. — Achei que você ia gostar.

— Adorei! — Harris prendeu-o imediatamente na jaqueta e sorriu. Troy estivera *pensando nele* durante a viagem.

— Ilya me levou ao bar do Scott Hunter e do Eric Bennett. Foi lá que vi o broche. E o barman me deu um quando perguntei sobre ele.

Harris ficou boquiaberto. — Você foi ao Kingfisher? Droga, que inveja! Adoro saber que tem um bar gay em Nova York que tem dois jogadores da NHL. Quem diria, né?

— Eu sei, é meio inacreditável. Mas é um bar legal. E o barman que me deu o broche é, uh, o namorado do Eric, eu acho.

— Ah, sim. Ouvi dizer que o Eric Bennett estava namorando o gerente do lugar. Eles se conheceram lá, antes do Eric e do Scott comprarem. Aparentemente, eram clientes regulares, o que é adorável. A Christina me disse que o namorado dele é super gato.

— Christina?

— A gerente de redes sociais dos Admirals. Somos amigos. Então é verdade? O namorado é gato?

Harris gostou da cor que surgiu nas bochechas de Troy. — Ele é um cara bonito.

Harris tinha certeza de que não era nada comparado ao cara bonito que estava parado à sua frente naquele momento. Harris admirou seu novo broche e se certificou de que não estava torto em sua jaqueta. Ele se perguntou como tinha sido difícil para Troy pedi-lo ao barman. Como tinha sido difícil para ele estar em um bar gay.

Quando voltou a olhar para Troy, encontrou o homem sorrindo timidamente para ele. Parecia satisfeito consigo mesmo, o que era tão fofo que Harris não conseguiu se conter e o abraçou. — Obrigado.

Por alguns segundos, os braços de Troy penderam rigidamente ao lado do corpo. Seu corpo inteiro pareceu congelar. Então, lentamente, ele colocou uma mão nas costas de Harris, depois a outra. — Sem problemas — disse ele. Sua respiração fez cócegas na bochecha de Harris. Seus braços se apertaram, segurando Harris mais perto.

Harris inclinou a cabeça, só um pouquinho. Só o suficiente para inalar o aroma picante da loção pós-barba de Troy.

Então Troy deu um passo para trás e tropeçou porque Chiron conseguiu enrolar sua guia em volta das pernas deles como se estivesse fazendo seu próprio casamento.

Harris estendeu a mão e agarrou a frente do casaco de Troy para impedi-lo de cair para trás. O impulso trouxe Troy para perto novamente, enquanto ele era puxado para cima. Seu nariz roçou no de Harris e, por um instante interminável, eles apenas se encararam. Os olhos de Troy estavam arregalados e brilhantes, talvez um pouco assustados.

Harris queria tanto beijá-lo. Não conseguia se lembrar de nenhum motivo para não o fazer.

Mas Troy riu nervosamente e se abaixou para soltar as pernas da guia. — Merda, Chiron. O que você fez?

Harris não se abaixou para ajudar. Aproveitou a distância para clarear a mente e respirar fundo algumas vezes. O que diabos ele estava pensando?

Troy arrumou a guia, levantou-se e deu alguns passos para trás. — Vou malhar. Mas, hum, obrigado pela caminhada.

— Ah. Certo. — Harris não queria que ele fosse embora, mas não conseguia pensar em um jeito de fazê-lo ficar. — Obrigado pelo broche. E pelo café com leite.

Troy olhou para o broche e sua boca se curvou naquele seu sorriso tosco. — Feliz Natal.

Então ele foi embora sem dizer mais nada. De novo.

— Eu sei o que você estava tentando fazer com a guia, cara — disse Harris a Chiron. — Agradeço o esforço, mas acho que precisamos deixar isso para lá.

Nenhum namorado apareceu no apartamento de Troy para surpreendê-lo na véspera de Natal, mas pelo menos ele estava em um apartamento de verdade e não em um quarto de hotel.

O apartamento era bom o suficiente. Era espaçoso, com dois quartos, totalmente mobiliado, e tudo parecia relativamente novo, ainda que um

pouco sem graça. Ele havia mandado algumas de suas coisas despachadas do depósito em Toronto - roupas, principalmente -, então oficialmente não estava mais vivendo de malas. O prédio tinha piscina, academia e estacionamento subterrâneo, basicamente tudo o que Troy precisava.

Exceto talvez alguma companhia.

Este seria o primeiro Natal que Troy passaria completamente sozinho. Ele não *se importava* muito com o Natal, mas era estranho passá-lo sozinho. Parte dele esperava por uma mensagem de Harris, convidando-o para ver mais luzes de Natal. Ou talvez um segundo convite para jantar na fazenda da família. Troy não tinha certeza se recusaria desta vez.

Ele não conseguia parar de pensar em como o rosto de Harris se iluminou quando Troy lhe deu aquele broche de maçã. Queria continuar lhe dando coisas para que Harris continuasse sorrindo para ele daquele jeito. Não que fosse preciso muito para arrancar um sorriso do cara.

Troy frequentemente se perguntava o que seria necessário para arrancar um gemido dele. Ou um suspiro de prazer. O que encheria aqueles olhos verdes de tesão?

Ele percebeu que estava preguiçosamente passando as pontas dos dedos pela barriga enquanto se deitava no sofá de couro que veio junto com o apartamento. Seu pau se contraiu de interesse, e a mão de Troy deslizou para baixo, aparentemente por conta própria. Ele apertou seu pau cada vez mais grosso por cima do short largo de academia e grunhiu baixinho para o quarto vazio.

Troy *poderia* tornar esta véspera de Natal ainda mais triste do que já estava se masturbando com fantasias sobre o namorado perfeito que era bom demais para ele, ou poderia encontrar algo que o distraísse para esfriar o sangue rapidamente.

Com muito esforço, Troy tirou a mão do pênis e pegou o controle remoto da televisão da mesa de centro. Encontrou um programa de destaques esportivos que contava os gols mais importantes da NHL do ano.

O rosto de Dallas Kent preencheu a tela, e isso acalmou a ereção de Troy rapidamente.

— Foda-se — disse Troy para o homem na televisão. E então se sentiu um idiota por isso.

Troy se lembrou do gol que eles estavam mostrando. Tinha sido épico, a maneira como Troy driblou os dois defensores do San Jose e, em seguida, jogou o disco para Dallas, que o pegou e voou para o gol. Ele enganou o goleiro perfeitamente e marcou o gol da vitória.

Na televisão, Dallas pulava nos braços de Troy, e os dois sorriam, gritavam e se abraçavam. Como amigos. Como irmãos.

Ele mudou de canal e, depois de algumas trocas rápidas, encontrou um episódio do programa de super-heróis do Adrian. Porque a vida de Troy era um desfile interminável de merda. Na tela, o ex-namorado de Troy estava sem camisa, devastado pela batalha e de tirar o fôlego.

Troy desligou a televisão. Por um longo tempo, ficou olhando para o teto, sem se mexer. Seu cérebro girava em círculos, tentando entender como exatamente sua vida chegara àquele ponto. O que o tornara tão malvado? Por que ele sempre zombava tão rápido dos outros? Seria apenas um mecanismo de defesa, uma forma de proteger seus segredos, ou ele era um babaca como o pai? Por que ele gravitava em torno de pessoas cujo senso de humor se baseava inteiramente em menosprezar os outros?

E, o mais importante, será que Troy conseguiria mudar isso? Será que ele conseguiria ser amigo de alguém como Harris, que parecia determinado a ver o melhor nas pessoas? Que, quando provocava Troy, fazia parecer um abraço, em vez de um empurrãozinho.

Finalmente, Troy se levantou do sofá. Pediu sushi e comeu no balcão da cozinha enquanto, pela primeira vez, conferia a conta do Ottawa Centaurs no Twitter.

Ele não sabia ao certo o que o motivava a fazer aquilo, mas achava reconfortante ler as coisas que Harris havia escrito. Ele conseguia ouvir a voz de Harris ao ler as postagens e reconhecia seu senso de humor nelas.

Harris postava *bastante.* Manter as contas de mídia social do time parecia dar muito trabalho. Cada dia tinha dezenas de postagens, todas *elaboradas*, com gráficos, GIFs, vídeos e emojis criativos. Todas as postagens eram escritas em francês e inglês, e Troy nem imaginava que Harris falava francês. Ele supôs que seria um requisito de trabalho, em uma cidade bilíngue como Ottawa.

A postagem mais recente foi uma das fotos do Troy e do Ilya posando em frente à árvore de Natal com o Chiron. O Troy estava ridículo na foto, mas também parecia... feliz. Ou pelo menos não infeliz.

Havia várias postagens sobre Troy. Fotos dele no hospital infantil e com Chiron no vestiário. Fotos dele durante o treino - incluindo uma em que ele ria de algo que Bood disse. Troy ficou olhando para aquela por um longo tempo, mal se reconhecendo, com os olhos enrugados de divertimento.

Mais tarde, quando Troy estava na cama por falta de mais nada para fazer, ocorreu-lhe que Harris provavelmente tinha uma conta pessoal no Instagram.

Não demorou muito para encontrá-lo. Sua foto de perfil era o broche de maçã que Troy lhe dera. Troy podia jurar que sentiu o coração inflar como um balão ao vê-lo.

As postagens não tinham quase nada a ver com hóquei. Havia muitas fotos da fazenda de sua família e de cachorros que Troy presumiu que morassem lá. Havia fotos de bandas ao vivo e de amigos em bares lotados.

Algumas selfies, mas quase sempre com o braço em volta de outra pessoa. Troy não se surpreendeu; Harris parecia uma pessoa que raramente estava sozinha.

Quando Troy olhava para as fotos de Harris - quando pensava nele -, sentia o oposto da raiva e da vergonha que o invadiram ao ver Dallas e Adrian na televisão. Seu estômago se revirou de uma forma completamente diferente, tomado por uma energia nervosa alimentada pela excitação e pela expectativa, em vez de medo e ansiedade.

Talvez o Troy nunca fosse uma pessoa tão boa quanto o Harris, mas ele poderia pelo menos tentar ser tão bom quanto, tipo, *o Ilya.* Aquele cara zombava das pessoas o tempo todo, mas ele era tão simpático. E ele compensava isso se importando genuinamente com as pessoas, abrindo uma instituição de caridade e sendo um líder de time impressionante, à sua maneira peculiar.

O tipo de líder que conseguiu fazer com que Troy se sentisse confortável o suficiente para *se abrir com ele,* algo que Troy ainda não conseguia acreditar que realmente tinha feito.

Troy dormiu até mais tarde na manhã seguinte, porque não havia motivo para não dormir. Acordou com mensagens de 'Feliz Natal' no celular, tanto dos pais quanto de um terceiro, mais surpreendente.

***Harris**: Feliz Natal!*

O coração de Troy se alegrou. Ele tinha certeza de que Harris havia enviado a mesma mensagem para todos do time, e provavelmente para todos que ele já conhecera na vida, então seria bobagem responder. Além disso, se respondesse, passaria o resto do dia esperando por uma resposta que definitivamente nunca viria. Era manhã de Natal e Harris estava com a família, ocupado e cheio de alegria festiva.

***Troy**: Obrigado. Para você também.*

Ele se encolheu de medo, colocou o celular na cama e o pegou de volta.

***Harris**: Como é o novo lugar?*

Ah. Essa foi uma pergunta específica para o Troy.

***Troy**: Ótimo. Silencioso.*

***Harris**: Ha. Esta casa é o oposto de silenciosa.*

Troy sorriu ao ouvir isso e desejou que Harris estivesse com ele, enchendo seu apartamento solitário com gargalhadas ensurdecedoras. Enquanto tentava pensar em algo para responder, Harris escreveu: — *Acabei de sair por um instante. Está tudo calmo e tranquilo aqui fora.*

Então ele enviou uma foto. A neve caía suavemente sobre um quintal enorme, com árvores ao fundo. Troy conseguia ver a caminhonete de Harris ao lado.

Ele queria que Harris enviasse uma foto sua. Queria vê-lo com flocos de neve no cabelo. Ele só queria vê-lo.

***Troy**: Parece bom.*

***Harris**: Clima de Natal perfeito.*

***Harris**: Mas estou ansioso para estar na Flórida na semana que vem.*

A mensagem foi seguida por uma sequência de emojis de palmeiras. Troy quase se esquecera de que Harris se juntaria ao time na viagem para o sul. O pensamento o aqueceu mais do que o sol da Flórida provavelmente faria.

***Troy**: Eu também.*

Tentando ser fofo, Troy adicionou um emoji de flamingo.

Harris não respondeu, o que significava que Troy passou a maior parte do Natal olhando para aquele maldito flamingo. Finalmente, por volta das nove da noite, Harris escreveu: *Acabei de chegar em casa. Você fez alguma coisa divertida hoje?*

Troy se levantou do sofá onde estava deitado, sorrindo como um louco, e escreveu*: Liguei para minha mãe,* o que era verdade e parecia mais legal do que *eu ter passado o dia inteiro esperando que você me mandasse mensagem de novo.*

***Harris**: Ah. Onde ela está hoje?*

***Troy**: Brisbane. Austrália.*

***Harris**: Puta merda, sério? Eu sempre quis ir para lá.*

Troy nunca havia pensado muito em ir para a Austrália. As poucas vezes que viajara por motivos não relacionados ao hóquei, fora para o México ou o Caribe com colegas de time. Ele e Adrian costumavam fazer planos vagos de irem juntos ao Havaí um dia.

***Harris**: Adoro sotaques australianos.*

Troy sorriu e escreveu: *Olá* o que era quase um flerte, mas sem ser óbvio.

Harris: Se você está tentando me seduzir, está funcionando.

O calor subiu pelo pescoço de Troy, mas ele riu e escreveu, *kkkkk* para deixar Harris saber que ele não estava levando aquilo a sério. O pau dele estava, mas o *Troy* não.

Eles trocaram mensagens por mais de uma hora e, durante esse tempo, Troy viu pelo menos oito emojis que ele nem sabia que existiam.

No geral, foi um dos seus melhores Natais.

Capítulo Treze

— Pare de trabalhar tanto porra!

Harris sorriu para Bood do seu assento no avião. — Não consigo! Uma grande vitória como essa significa que tenho muito trabalho pela frente.

Bood deu-lhe um tapinha forte no ombro e continuou andando pelo corredor, já gritando algo para Luca Haas.

Era a primeira semana de janeiro, e os Centaurs haviam começado a viagem com uma grande vitória por 4 a 1 à tarde em Raleigh, e agora seguiam para Tampa Bay. Amanhã seria o dia de folga que todos aguardavam ansiosamente, longe do frio invernoso de Ottawa. Apesar de todos que haviam jogado provavelmente estarem exaustos, o avião estava uma festa naquele momento.

Harris participava da melhor forma possível, mas também tinha o laptop à sua frente e trabalhava duro atualizando as diversas contas do time, respondendo aos fãs e gravando vídeos com o celular das comemorações que aconteciam no avião. Ele os editava para que nada muito pessoal fosse postado online.

Ele estava sentado sozinho porque não estava se divertindo muito no momento, mas estava curtindo a gritaria e os berros ao seu redor. Algumas pessoas gostavam de ouvir a chuva caindo ou o canto dos pássaros para relaxar, mas Harris sempre se sentia mais à vontade quando cercado de pessoas felizes.

— Primeira estrela da noite: Troy BBB-Barrett! — gritou Bood.

Harris virou a cabeça para olhar para trás e viu Troy caminhando pelo corredor em sua direção. Troy dispensou a alegria de Bood e sentou-se no assento vazio ao lado de Harris. — Oi.

— Ei — disse Harris. — Você deve estar se sentindo muito bem agora. Dois gols.

Troy assentiu solenemente, como se estivesse pensando se marcar dois gols era bom ou não. — Sim — decidiu ele finalmente. — Foi um bom jogo.

Então todos estavam em clima de festa, exceto, é claro, Troy Barrett.

Que estava sentado com Harris, observando-o trabalhar.

— Muita coisa para fazer? — perguntou Troy.

— Receio que sim. Ninguém nunca pensa no pobre sujeito das redes sociais.

— Isso não é verdade — disse Troy, e então pareceu se arrepender imediatamente. — Quer dizer, sinto muito. Por fazer você se esforçar mais.

— Não, você não sente.

Troy esboçou um sorriso. — Na verdade, não.

O avião deu uma guinada repentina, o que fez muitos dos passageiros gritarem de susto e depois rirem. Bood também caiu no corredor, o que fez todos rirem ainda mais. Harris esticou o pescoço para ver se Bood estava bem e, ao se virar, viu que Troy havia apoiado seu laptop com a mão firme.

— Obrigado — disse Harris. Troy retirou a mão rapidamente, como se não tivesse percebido que havia feito algo atencioso sem querer.

Harris fechou o laptop. — De qualquer forma, posso terminar isso no hotel mais tarde. Devemos estar quase pousando.

Troy, ainda vestindo a maior parte do terno com que saíra da arena, brincava com a ponta da gravata. — Você tinha razão — disse ele baixinho.

— Normalmente. Mas e quanto a isso?

— Este time. É um bom grupo.

Harris lhe deu uma cotovelada. — Eu *avisei!*

Os lábios de Troy se curvaram um pouco. — Não sou um bom juiz de caráter. Sempre escolho as pessoas erradas para ser amigo. Ou confiar. Eu, hum. — Ele enrolou a ponta da gravata formando um cilindro apertado e depois a soltou. — Quero me encaixar aqui. Com este time. Gosto deles e acho que, pela primeira vez, não estou errado em querer que gostem de mim.

— Eles gostam de você — disse Harris. — E eu também.

Os olhos azuis de Troy estavam cheios de angústia, o que era uma maneira estranha de reagir àquela declaração. Harris tentou não levar para o lado pessoal.

— Eu também gosto de você — disse Troy finalmente. Olhou ao redor, nervoso, e então baixou ainda mais a voz. — Harris, eu...

Houve um estrondo alto, e então o avião deu outro solavanco, mais violento dessa vez.

— Jesus! Que porra é essa? — gritou Troy ao mesmo tempo em que todos os outros no avião gritavam uma variação da mesma coisa.

E então o avião caiu.

Era uma sensação horrível e nauseante, agravada pelos gritos que enchiam a cabine. Harris não gritou porque não conseguia respirar. Eles iam morrer. Iam todos morrer, caindo na escuridão em algum lugar sobre a Flórida.

Harris fechou os olhos e esperou que eles caíssem bem longe de outras pessoas.

O avião estremeceu e se estabilizou, com outro giro de dar dor de estômago. O silêncio era total no avião enquanto todos aguardavam o que estava para acontecer.

Uma voz surgiu nos alto-falantes. — Perdemos um motor, mas ainda temos controle da aeronave. Fomos liberados para um pouso de emergência em Tampa, mas prevemos uma descida difícil. Aguarde novas instruções da sua comissária de bordo.

Ele ouviu Troy respirar fundo ao seu lado, então Harris percebeu que sua própria mão estava sendo segurada com força por Troy. Harris retribuiu o aperto e disse, com a maior calma possível: — Vai ficar tudo bem.

Ouviam-se gritos de pânico por toda parte, e Harris odiava saber quem estava provocando cada um deles. Ele conhecia aqueles caras tão bem e os amava como família, e não queria que eles se assustassem.

Seu coração estava martelando no peito, e ele deveria se preocupar com isso, mas uma coisa de cada vez.

— Tem fogo aqui fora! — Era Nick Chouinard. — O avião está pegando fogo!

— Porra — murmurou Troy. — *Porra.*

Do outro lado do corredor, Ilya digitava freneticamente algo no celular. Harris provavelmente deveria tentar mandar uma mensagem para os pais, mas o que ele diria?

Meu Deus, os pais dele. Eles ficariam arrasados.

Em algum momento, seu laptop caiu no chão. Ele colocou o pé em cima para evitar que fosse jogado para todos os lados. A comissária de bordo - uma jovem com cara de corajosa, mas que Harris percebeu que mal conseguia se conter - vinha pelo corredor com instruções. — Mesas para cima. Tirem gravatas, óculos, correntes. Qualquer coisa assim. Posicionem-se para se preparar para o impacto. Abaixem a cabeça e apoiem-na no encosto do banco da frente. Pés firmes no chão.

Harris soltou a mão de Troy e ergueu a mesa enquanto Troy tirava a gravata. Então, ambos se prepararam para o impacto, conforme as

instruções. Harris fechou os olhos novamente e se concentrou na respiração ofegante de Troy ao seu lado. Pensou em todos os outros a bordo. Em Bood, que estava prestes a se tornar pai. Na esposa de Wyatt, Lisa. Na esposa e nas três filhas do treinador Wiebe. Em Luca Haas, que acabara de completar vinte anos. Em Dale, o gerente de equipamentos, que acabara de comemorar oito anos livre do câncer.

Ele virou a cabeça, levemente, contra o plástico duro do assento à sua frente e encontrou o rosto de Troy a centímetros de distância, encarando-o com olhos arregalados e temerosos. Harris colocou a mão sobre a de Troy, onde estava pressionada, com a palma para baixo, em seu joelho. Troy virou a mão e fechou os dedos em volta dos de Harris, segurando-os com força.

Harris conseguiu dar um sorriso fraco. Ou eles sobreviveriam àquilo, ou não, mas não havia nada que pudessem fazer agora. Tudo o que lhe restava era esperar e oferecer o máximo de conforto possível. Em troca, poderia apreciar a vista do belo rosto de Troy, que, se fosse a última coisa que ele veria, bem, havia opções piores.

O avião estava tão silencioso. Talvez fosse porque o coração de Harris batia forte nos ouvidos, abafando todo o resto, mas parecia que ninguém emitia um som sequer. Ele apostava que alguns estavam rezando - Chouinard, provavelmente. Ele era católico. Ou talvez todos estivessem apenas se concentrando, como se a energia mental combinada pudesse guiar o avião com segurança até o solo.

Parecia que o avião estava descendo mais rápido do que o normal, mas Harris não tinha certeza. Estava mais trêmulo, muito mais turbulento. Ele tentou não pensar no fogo. Ouvira dizer que motores de avião apagavam incêndios automaticamente. Talvez já estivesse apagado. Talvez tivesse se espalhado para a asa. Talvez o avião inteiro estivesse prestes a explodir.

Harris engoliu em seco. Precisava manter uma atitude positiva, por si mesmo e por Troy, que ainda o encarava a alguns centímetros de distância, com os olhos arregalados de medo.

— Quando pousarmos — disse Harris, alto o suficiente para Troy ouvir — vou tomar sorvete.

Havia lágrimas nos olhos de Troy, mas ele conseguiu dar um pequeno sorriso e disse: — Que tipo?

O avião estremeceu e sacudiu, e Troy fechou os olhos com força, os lábios apertados em uma careta.

— Massa de cookie. Com certeza — disse Harris rapidamente.

Troy abriu os olhos. Ainda estavam úmidos. — Isso parece nojento.

Harris riu, mas soou como um soluço, e de repente o rosto de Troy ficou muito embaçado.

O avião fez um barulho estridente, e, graças a Deus, seria o trem de pouso? Talvez eles sobrevivessem. Talvez essa fosse uma aventura sobre a qual falariam por anos. Harris teria muito trabalho a fazer depois disso. O Ottawa Centaurs receberia muita atenção da mídia.

As rodas tocaram o chão, e Harris nunca sentira nada tão maravilhoso em sua vida. Nem foi um pouso particularmente difícil. O avião diminuiu a velocidade e todos aplaudiram em uníssono. Até mesmo Troy.

As mãos deles se separaram - Harris não tinha certeza de quem soltou primeiro - e ambos aplaudiram o piloto e sua boa sorte.

Luzes de emergência piscavam do lado de fora das janelas do avião, mas Harris não conseguia parar de olhar para Troy. Ele enxugava os olhos e sorria de orelha a orelha.

Talvez fosse a adrenalina falando, mas Harris percebeu que estava talvez um pouco apaixonado.

— Seu laptop está quebrado — disse Troy, o sorriso desaparecendo.

Harris seguiu o olhar até o plástico rachado do laptop no chão. — É, não consigo me importar com isso agora.

Troy deveria estar completamente exausto quando o ônibus finalmente chegou ao hotel em Tampa, mas estava cheio de adrenalina. Ele realmente achou que ia morrer. Que *todos* iam morrer. Que *Harris* ia morrer.

E durante aqueles minutos horríveis em que ele lutava contra a morte iminente, ele continuava pensando em uma coisa, repetidamente:

Eu quero beijá-lo.

Ele queria tanto que quase fez. Quase se inclinou e diminuiu aqueles poucos centímetros, deixando que a última coisa que sentiu fossem os lábios de Harris roçando os seus. O que Harris teria feito se Troy o tivesse beijado? Teria correspondido ao beijo? E se sim, teria sido por pânico? Teria sido um ato de caridade, dando a Troy o que ele precisava porque Harris era um cara legal? Ou Harris o teria beijado porque queria tanto quanto Troy? Porque se eles tivessem que morrer, pelo menos poderiam ter isso primeiro?

Ele não tinha feito isso, mas pegou a mão quente de Harris e a apertou como se a conexão pudesse, de alguma forma, mantê-los seguros. Receber conforto de Harris havia se tornado um hábito, e Troy egoisticamente precisou fazer isso naquele momento, mesmo que confortar fosse a última coisa que Harris faria.

Ele ainda queria beijar Harris. Era esse o pensamento que lhe martelava a cabeça enquanto seguia os companheiros de time até o saguão do hotel. Seria fácil dizer que a vontade tinha sido instantânea, e que não era algo que ele realmente *quisesse,* mas não era verdade. Ele queria. Queria tanto que mal conseguia olhar para ele.

— Bem. — disse o treinador Wiebe — não sei vocês, mas eu gostaria de uma bebida.

Ouviram-se murmúrios de concordância e algumas risadas dispersas que soavam como alívio. Eles haviam sobrevivido juntos e agora se embebedariam juntos.

Eles lotaram o bar. Todas as mesas disponíveis estavam ocupadas por jogadores, técnicos, preparadores físicos, médicos e outros funcionários do time. Harris sentou-se em uma das mesas maiores. Troy foi até o bar e sentou-se em um dos bancos vazios. Ele precisava pensar.

Ele ficou sentado por um tempo com seu uísque e seus pensamentos. Se o avião tivesse caído, como Troy teria sido lembrado? Uma Estrela da NHL? O cara que discutiu uma vez com Dallas Kent?

Quem choraria por ele? Sua mãe, com certeza. Ele esperava ter notícias dela assim que a notícia chegasse. Seu pai talvez se importasse. Adrian, pelo menos, se sentiria estranho com isso.

Jesus, e se ele e Adrian ainda estivessem juntos? Se o avião tivesse caído e Troy tivesse morrido, Adrian não teria conseguido lamentar a morte dele. Troy nunca imaginara um cenário em que um deles morresse enquanto estivessem juntos, mas agora seu estômago se revirava ao pensar em como teria sido devastador se tivesse perdido Adrian quando ninguém sequer sabia o que eles representavam um para o outro. Como seria horrível ter que esconder a dor. Já tinha sido difícil o suficiente quando Adrian terminou com ele.

Não era justo que Troy sentisse que tinha que viver assim. Amar em segredo, sentir *tudo* em segredo.

Alguém se sentou no banco do bar ao lado dele, e ele viu no espelho atrás do balcão que era Ilya.

— O que estamos bebendo? — perguntou Ilya, com as palavras um pouco arrastadas. Seu sotaque estava um pouco mais carregado, e ele exalava um leve cheiro de cigarro.

— Uísque.

— Perfeito. — Ele chamou a atenção do barman e apontou para o copo vazio de Troy e depois para o espaço vazio à sua frente. — Como vai?

Troy bufou. — Vivo.

— Sim.

Os uísques foram entregues, e Ilya imediatamente engoliu metade do seu. Fez uma careta, pousou o copo e disse: — Quando você pensa que vai morrer, tem... o que é? Coisas importantes. Na sua cabeça.

— Como uma sensação de clareza — disse Troy. — Sim.

Ilya assentiu lentamente. — Faz você pensar sobre as coisas. O que é importante. O que não é.

— Sim. — Troy encontrou Harris no espelho novamente. Ele estava em uma mesa diferente agora, inclinado para perto de Luca Haas com a mão em seu braço. Ouvindo, oferecendo conforto daquele jeito natural que Harris sempre fazia para todos.

Quem estava cuidando de Harris?

— Eu acho — disse Ilya — que o que você pensa naquele momento... está correto, não é?

Harris flagrou Troy olhando para ele. Seus olhares se encontraram no espelho por um segundo, então Troy desviou o olhar. — Talvez.

— Acho que sim. — Ilya virou o resto do uísque e deu um tapinha no ombro de Troy. — O que você queria naquele avião? Vai em frente.

Ilya saiu, aparentemente indo para o seu quarto de hotel. Troy provavelmente deveria fazer o mesmo. Ele precisava, no mínimo, tirar aquele terno.

Ele se levantou, pegou o paletó do encosto do banco e lançou outro olhar para Harris.

Seu coração *doeu* ao olhar para ele. Ele era tudo o que Troy queria, e tudo o que ele não merecia. Tudo o que Troy fizera até então fora tirar-lhe o que tinha, mas talvez naquela noite pudesse retribuir.

Capítulo Quatorze

Uma hora depois, Harris lamentava a perda de seu laptop.

Ele não conseguia dormir; não conseguia nem manter os olhos fechados por mais de alguns segundos antes de todos os gritos e soluços do avião voltarem à sua mente.

Ele foi examinado por uma das médicas que estavam no local do acidente no aeroporto. A médica lhe garantiu que seus batimentos cardíacos e pressão arterial estavam apenas ligeiramente elevados, o que, claro, era normal para qualquer pessoa que tivesse passado por algo tão assustador. Mas ela sugeriu que ele pegasse leve e fosse a um hospital se se sentisse mal mais tarde.

Harris sentiu muitas coisas, agora que estava sozinho. Estava agitado e ainda vibrava com uma energia inquieta, apesar de se sentir esgotado ao mesmo tempo. Também estava assustadoramente excitado. E era por isso que desejava ter um laptop funcionando. Não que *precisasse* de pornografia, mas apreciaria a distração naquele momento. Mas não queria olhar para o celular. Na verdade, ele o havia desligado e o guardado na mala.

Em vez disso, ele ligou a televisão e encontrou um reality show sobre reformas imobiliárias que era exatamente o nível de drama que ele poderia suportar naquele momento.

Bateram à porta quando o episódio estava terminando. Harris sabia quem *esperava* que fosse, mas ainda assim ficou surpreso ao ver Troy quando ele abriu a porta.

— Ei. — Troy vestia uma calça de moletom preta e uma camiseta cinza de aparência macia. Seu cabelo estava úmido e sua pele ainda estava rosada do

que devia ter sido um banho muito quente. Ele parecia perigosamente sexy, especialmente quando Harris já estava tão agitado.

— Não consigo dormir — disse Troy.

— Eu também não. — Harris deu um passo para trás, e Troy passou por ele e entrou no quarto.

— Trouxe uma coisa para você. — Troy se virou e entregou um saco plástico da farmácia para Harris com tanta ansiedade que Harris se perguntou se estaria cheio de camisinhas.

Ele pegou o saco de Troy e, quando olhou dentro dele, quase caiu no choro. Provavelmente tinha mais a ver com seu estado emocional depois de toda aquela provação no avião, mas, caramba. Troy Barrett ia matá-lo.

— Sorvete de massa de cookie — disse Harris, tirando o potinho do saco. — Você foi comprar isso para mim?

— Sim. Peguei uma colher com o barman. Está ali no saco.

Ele tinha mesmo. Ele tinha saído do hotel... sei lá que horas... e ido atrás de um sorvete de massa de cookie.

— É mesmo. — Harris conseguiu manter a voz firme, por pouco. — Só uma?

Troy deu de ombros. — Não é para mim.

Harris não sabia o que dizer. Seu pobre coração já tinha passado por tanta coisa naquele dia, e agora Troy estava parado em seu quarto de hotel, a centímetros de distância, cheirando tão bem e observando Harris com olhos arregalados e incertos. Era demais.

Harris gesticulou em direção à cama. — Sente-se.

Troy sentou-se na beira da cama. O quarto estava escuro, exceto pela televisão, e a luz azul e bruxuleante brilhava em seu rosto.

— O que você está assistindo? — perguntou Troy.

— Um programa imobiliário. Eu só estava assistindo pela metade. — Harris se esticou na metade da cama onde estivera antes e deu um tapinha na outra metade. Troy hesitou por um instante, depois se moveu até ficar ao lado dele. Harris tirou o lacre do sorvete e enfiou a colher.

— Mmm — gemeu ele na primeira mordida. — Você é meu herói por ter conseguido isso, cara.

Troy estava apoiado num cotovelo, observando-o comer. — Você merece.

— É. Eu definitivamente mereço o meu presente hoje. Puta merda. — Harris riu, e Troy, milagrosamente, também.

— Que pesadelo do caralho — disse Troy.

— Sério. Não quero passar por isso nunca mais.

Os dois ficaram olhando para a televisão por alguns minutos. Harris não estava realmente olhando para nada, sua atenção dividida entre o sorvete e o homem lindo que o trouxera. O homem que estava reclinado ao lado dele, perto o suficiente para que Harris pudesse sentir o calor de sua pele.

— Eu costumava tirar sarro do Ryan Price nos aviões — disse Troy baixinho. Inesperadamente. — Porque ele tinha medo de voar.

Harris não disse nada. Detestava ouvir coisas assim, mas esperou que Troy continuasse.

— Ele ficava um caos toda vez que voava. Achávamos hilário.

Harris sabia que por *nós,* Troy queria dizer ele mesmo e Dallas Kent.

— E agora — disse Troy — só consigo pensar em como temos que pegar outro avião daqui a alguns dias. Não sei se consigo.

— É — disse Harris. — Também tenho pensado nisso.

— Devo mil desculpas ao Ryan. Meu Deus do céu. Eu fui um babaca. — Troy se virou de lado para encarar Harris. — Ele é a pessoa mais corajosa que eu já conheci. Sério. Dallas adorava rir de como ele era ingênuo em relação a voar, mas quanta coragem é preciso ter para encarar seus medos,

tipo, pelo menos uma vez por semana? Geralmente várias vezes por semana. Por *anos*... Nem consigo imaginar.

— É impressionante — concordou Harris.

— E ele também é gay.

Certo. Isso pareceu um non sequitur[4]. — Não acho que ser gay torne voar mais assustador.

— Não, quer dizer, tipo, isso também é muito corajoso. Duas coisas que o Dallas acha que são fraquezas: ter medo e ser gay, mas não são. Eu queria... — Ele suspirou. — Eu queria ter feito tudo diferente. Eu deveria ter apoiado o Ryan e mandado o Dallas se foder.

— Provavelmente — disse Harris. Ele queria dizer algo mais substancial, mas seu cérebro estava em frangalhos e a boca de Troy estava muito perto da sua.

Troy se jogou de costas, criando alguma distância, mas sem afastar a tentação. — Tenho tantos arrependimentos.

Harris estava prestes a criar um arrependimento próprio se não reprimisse a vontade ardente de beijar Troy. Porque, sim, tinha sido uma noite estranha, e, sim, eles estavam de mãos dadas no avião, e, claro, Troy estava deitado ao lado dele agora no escuro, depois de chegar ao seu quarto de hotel com *sorvete de massa de cookie*.

Mas nada disso significava que Troy quisesse algo de Harris além de companhia. Troy era hétero, até onde Harris sabia, e mesmo que não fosse, era o homem mais bonito que Harris já vira. Ele poderia se dar bem com um produtor de maçãs com o coração danificado.

— Então, o que está te preocupando? — perguntou Troy. — Estou desabafando em você como um babaca egoísta.

[4] Assertiva sem nenhuma referência lógica ao que foi dito anteriormente.

— Você não é um babaca. Eu gosto quando você fala comigo. E não sei o que se passa na minha cabeça agora. Um milhão de coisas, mas estou cansado demais para entender. — Harris riu. — Eu estava pensando em assistir pornografia mais cedo, se quer ser totalmente honesto. Mas meu laptop quebrou, desliguei meu celular e o enfiei no fundo da mala. Não quero olhar até precisar.

— Igualmente — disse Troy baixinho, com os olhos fixos no teto. — Pornô, hein?

Harris provavelmente não deveria ter mencionado isso. — É. Só pensei que seria uma boa distração.

— Seria. — Algo brilhante apareceu na tela da televisão e, por alguns segundos, Harris teve uma visão clara das maçãs do rosto de Troy, seus lábios carnudos e a sombra da barba por fazer em seu maxilar.

Harris precisava mudar o clima. Imediatamente. — Quer um sorvete? Pelo menos experimente.

Troy virou a cabeça para olhar para Harris. — Está bom?

— É a melhor coisa que já provei. Aqui. — Ele estendeu uma colherada de sorvete, pairando sobre os lábios de Troy. Troy encarou a colher, como se não tivesse certeza se era segura. Então, lentamente, inclinou-se para a frente e abriu os lábios. Harris enfiou a colher dentro e observou o rosto de Troy enquanto o sorvete doce e sedoso tocava sua língua.

Os olhos de Troy se fecharam por um instante, aqueles cílios longos, como asas de corvo, roçando suas maçãs do rosto. A ponta da língua espreitava por entre os lábios carnudos, como se procurasse alguma gota perdida que pudesse ter deixado passar.

Não *mudou* a vibe. Nem um pouco.

— Ah — disse Troy baixinho. — Puta merda, isso é muito bom.

— É — disse Harris, distante. Se ele beijasse Troy agora, ele teria gosto de sorvete. — Mais?

Um sorriso dolorosamente tímido curvou aqueles lábios macios. — Ok.

Harris, percebendo que seria estranho continuar dando sorvete na colher para Troy, entregou-lhe o recipiente e a colher.

Também era estranho estar sentado no escuro, então ele acendeu o abajur. Troy se recostou nos travesseiros com o sorvete, enquanto Harris sentou-se de pernas cruzadas ao lado dele, tentando desesperadamente se concentrar na televisão. Era difícil quando Troy suspirava de alegria a cada mordida no sorvete.

Harris deu um empurrãozinho de brincadeira na coxa. — Eu disse que sorvete é uma delícia.

— Mm — foi tudo o que Troy disse, porque ele tinha acabado de enfiar outra colherada de sorvete na boca.

Eles assistiam à TV enquanto a mão de Harris tremia de vontade de tocá-lo novamente. Ele frequentemente ansiava por toque físico e amava abraços, talvez até mais do que sexo. Achava isso reconfortante e, naquele momento, precisava desesperadamente de conforto. Nada dentro dele parecia certo; seu cérebro não conseguia se acalmar, sua pele formigava, seu estômago dava nós e sua garganta estava seca.

Ele não queria pensar no coração. Tinha certeza de que batia normalmente, clinicamente falando, mas parecia... agitado. Ansioso.

Ele ouviu a colher raspar o fundo do pote de sorvete e sorriu. — Não demorou muito.

— É um recipiente pequeno.

Harris se virou para encará-lo e soltou uma risada ao ver como Troy parecia relaxado. Seu cabelo estava quase seco agora, mas estava bagunçado e caía sobre os olhos. Ele tinha um braço esticado sobre a cabeça, o que dava

a Harris uma bela visão de seus bíceps e de uma faixa de pele acima do cós da calça de moletom. Um vislumbre de seu abdômen musculoso.

— Eu levo isso — disse Harris, pegando o recipiente vazio. — Vou ao banheiro mesmo.

Ele precisava de distância. Agora.

No banheiro, ele enxaguou o recipiente, escovou os dentes, bebeu um pouco de água e se examinou no espelho. Parecia exatamente como se sentia: tenso, exausto, inquieto. Ele se perguntou se Troy voltaria para o próprio quarto agora. Ele não queria que ele voltasse.

Troy estava encolhido de lado, de costas, quando Harris voltou para a cama. A mudança de posição permitiu que Harris visse a bunda musculosa de Troy, suas costas e ombros largos e seus pés de meia estranhamente adoráveis.

Cautelosamente, Harris se aproximou da cama. Queria se enrolar sobre o corpo magnífico de Troy e inspirá-lo, mas, em vez disso, deixou uma certa distância entre eles ao se deitar na cama ao lado dele.

Harris olhou para o teto com as mãos cruzadas sobre a barriga, evitando qualquer tentação. — Você pode ficar — disse ele.

Houve uma longa pausa antes de Troy murmurar, sonolento: — Tem certeza?

— Sim. Fique.

— Obrigado.

Ele não conseguia parar de olhar, impotente, para a lenta subida e descida das costas de Troy. Para os pelos curtos da nuca de Troy. Para a curva absolutamente normal, mas de alguma forma preciosa, de sua orelha.

Ele se permitiu alguns momentos de admiração furtiva antes de desligar a televisão e, em seguida, o abajur. Estavam ambos em cima do edredom, e talvez isso fosse suficiente por aquela noite. Seria seguro.

Ele rolou para o lado, para longe de Troy. Ainda não conseguia dormir, mas gostava de ouvir Troy respirar. Era bom ter outro corpo por perto, mesmo que não pudesse tocá-lo.

No escuro, as lembranças do avião voltaram rápido, reproduzindo-se em um horrível conjunto de vídeos em loop no cérebro de Harris. Ele tentou respirar fundo.

— Você está bem? — A voz de Troy era baixa e áspera, e Harris parou de respirar completamente ao ouvi-la.

— É. Mais ou menos. Não sei.

Houve um movimento atrás dele, e então a mão grande e quente de Troy pousou no braço de Harris. — Posso ajudar?

Harris mordeu o lábio, decidindo o que dizer. — Fico feliz que você esteja aqui.

Mais movimento, e então o corpo de Troy quase tocou o dele. Ele sentiu a respiração de Troy na nuca quando disse: — Eu também.

Por um momento, tudo ficou muito quieto e silencioso. E então a mão de Troy deslizou, muito lenta e suavemente, pelo braço de Harris até o pulso. Harris teve certeza de que todos os pelos estavam arrepiados.

Troy parou no pulso, os dedos acariciando levemente a parte inferior sensível, e Harris poderia jurar que foi o toque mais íntimo que já recebera. Ele conteve um suspiro, sem querer emitir nenhum som, caso Troy percebesse o que estava fazendo e parasse.

Mas Troy não parou. Ele esticou as pontas dos dedos e as roçou na palma de Harris, fazendo-o estremecer.

Toque-me, Harris pensou: Toque-me em todos os lugares.

Um hálito quente lhe fez cócegas na nuca. — Sinto muito que você estivesse naquele avião.

Harris expirou. — Poderia ter sido pior. — Ele curvou os dedos até que eles encontraram os de Troy no meio da palma da mão.

— Eu sei. — E então Troy pressionou os lábios, brevemente, na nuca de Harris. Foi o beijo mais suave, quase nada, mas Harris não conseguiu conter o arquejo dessa vez.

— Desculpe — disse Troy, e começou a se afastar. Harris entrelaçou os dedos e o puxou para perto, envolvendo o braço de Troy firmemente em volta do seu peito.

— Eu não odiaria se você fizesse isso de novo — disse Harris.

Por um momento, Troy não fez nada. Então Harris sentiu novamente o maravilhoso toque dos lábios dele no pescoço. Depois outro beijo, logo abaixo daquele ponto. Depois outro, à direita. Dolorosamente suave e perfeito.

O colchão se mexeu, e Troy deve ter se levantado um pouco, porque agora seus lábios acariciavam Harris de um novo ângulo. Ele espalhou beijos pela lateral do pescoço, atrás da orelha, fazendo Harris estremecer de alegria.

Troy suspirou contra a pele de Harris, então Harris sentiu o calor úmido de uma língua, logo abaixo da orelha, onde sua barba começava.

— Sim — Harris respirou fundo. Havia um monte de perguntas rondando sua cabeça, mas ele não queria se preocupar com elas porque já estava duro e queria muito o que quer que estivesse acontecendo naquele momento.

Ele se arriscou e rolou para ficar de frente para Troy. Não conseguia vê-lo direito, no escuro, mas encontrou seu rosto com os dedos. Sentiu a barba por fazer, a linha acentuada do maxilar e, então, seu polegar roçou os lábios úmidos de Troy.

— Harris. — A voz de Troy estava rouca, fazendo o nome soar como um desejo de morte. Ele segurou a mão de Harris com a sua e beijou seus dedos,

passando a língua suavemente pela pele esticada. Harris soltou um suspiro longo e trêmulo, incapaz de acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. Ele havia sonhado com isso, fantasiado com Troy inúmeras vezes nas últimas semanas, mas nunca imaginou que se tornaria realidade. E mesmo em suas fantasias, nunca esperara que Troy fosse tão devastadoramente doce.

Finalmente, Troy se inclinou e o beijou. Seus lábios se encontraram no escuro, roçando-se timidamente. Foi gentil por apenas alguns segundos, e então Harris enfiou os dedos nos cabelos sedosos de Troy e o beijou de volta, com força e desejo.

Ele estava beijando Troy Barrett. Inacreditável.

Troy gemeu em sua boca e pousou a mão na lateral do rosto de Harris, acariciando sua barba com o polegar. Sua língua acariciou a de Harris, e ele aplicou uma leve pressão na articulação do maxilar de Harris, incitando-o a se abrir mais. Harris obedeceu, desejando o máximo que pudesse daquele homem. Desejando que Troy tomasse dele tudo o que precisasse.

De alguma forma, apesar do calor úmido e perfeito da boca de Troy e da dor do pau duro de Harris, Harris conseguiu formular um pensamento responsável. Será que Troy estava mesmo bem com isso?

Harris interrompeu o beijo, mas deixou apenas distância suficiente entre os lábios para ofegar: — É isso... você está...

— Podemos conversar sobre isso mais tarde?

Harris assentiu, sua testa batendo na de Troy. Mais tarde.

Ele o beijou novamente e, por vários minutos, perdeu-se no prazer requintado de beijar alguém de quem realmente gostava. Fazia muito tempo, e a boca de Troy era encantadora. Assim como seu corpo, que Harris não conseguia ver, mas conseguia passar a palma da mão sobre o tecido macio da camiseta de Troy, mapeando os músculos firmes por baixo.

Sentindo-se ousado, ele virou Troy de costas e montou em sua cintura. Troy bufou de surpresa e engasgou quando Harris o beijou sob o maxilar e depois na concavidade do pescoço. Harris inclinou os quadris, deixando Troy sentir sua ereção através da calça do pijama. Deixando-o saber que Harris estava totalmente de acordo com aquilo e que ele nem sempre era o cara bobo que andava com jogadores de hóquei.

Troy respondeu erguendo os quadris, e ambos gemeram quando seus paus duros se chocaram. Harris estava completamente farto agora. Ele queria que Troy o fizesse esquecer tudo.

Troy os virou, cobrindo Harris com seu corpo sólido e pesado e o beijando novamente. Harris se contorceu sob ele enquanto Troy apertava suas ereções. Mesmo com as barreiras de tecido no caminho, Harris estava enlouquecendo. Ele adorava estar preso daquele jeito. Adorava que Troy estivesse tão duro para ele. Adorava cada som suave que Troy emitia.

— Porra, isso é tão bom, Troy. Não pare.

— Quero isso. Quero você — Troy sussurrou.

Meu Deus, Harris precisava de mais informações. Há quanto tempo Troy o queria? Será que ele ainda o quereria amanhã?

Foda-se. Nada importava naquele momento, exceto a pressão crescente nas bolas de Harris. Ele precisava de alívio mais do que de respostas. Mas também...

— Devíamos — ele ofegou — tirar as calças do caminho.

— É, tá bom. — Troy puxou a cintura de Harris para baixo, só o suficiente para liberar sua ereção, e fez o mesmo com a própria calça. O pau de Troy roçou no de Harris, sólido, macio e quente.

Troy já tinha feito isso antes? Era a primeira vez dele com um homem? Ele parecia confiante, mas se já tinha estado com outros homens e não era hétero,

por que não tinha mencionado isso para Harris? Ele devia saber que não precisava esconder isso dele.

Mais tarde. Essas eram perguntas para mais tarde.

— Beije-me — disse Harris, precisando de distração.

Troy imediatamente o abraçou, beijando-o com toda a urgência que Harris sentia. Agarrando-se a ele como um adolescente, o que era muito mais excitante do que deveria ser. Harris nunca tinha visto Troy simplesmente se soltar antes, e desejou que a lâmpada estivesse acesa porque queria ver seu rosto.

Em vez disso, Harris segurou a bochecha e murmurou palavras encorajadoras contra os lábios de Troy. — Tão bom. Porra, estou perto. Quero que você goze.

Troy grunhiu e envolveu os dois paus com a mão. Harris arqueou-se ao toque. — Perfeito. Puta merda, Troy.

Ele colocou a mão sobre a de Troy, ajudando-o a acariciá-los. Passou os dedos pelas bolas apertadas de Troy e apreciou o jeito como ele estremecia e gemia.

— Eu... porra, Harris. Eu vou gozar. Eu vou...

— É. Eu também. Eu também. *Porra.*

Harris se abriu, cada parte dele explodindo de prazer enquanto ele descarregava entre seus corpos. Ele gritou, provavelmente alto demais porque Troy empurrou três dedos contra seus lábios. Não adiantou muito para acalmá-lo. Porra, ele não tinha um orgasmo como aquele há séculos.

Por um minuto, eles ficaram onde estavam, Troy apoiado sobre Harris, ambos respirando com dificuldade. Então, Troy soltou um suspiro e se jogou de costas ao lado de Harris.

— Puta merda — disse Troy. — Eu precisava disso pra caramba.

— Eu também, cara. — Harris deveria ter tido a precaução de tirar a própria camiseta do caminho, porque agora o algodão estava encharcado com a mistura de ambos. Ele não podia ficar bravo com isso.

Depois de alguns minutos, Troy saiu da cama e foi para o banheiro. Harris passou a mão no rosto enquanto a realidade do que tinham acabado de fazer começava a se impor. Ele jamais teria previsto que isso aconteceria em um milhão de anos, e agora que aconteceu, sentiu-se um pouco ansioso. Esperava que não tivessem acabado com a amizade incipiente, porque ele gostava muito de Troy.

Ele acendeu o abajur e olhou para si mesmo. Ao ver o estado da camiseta, começou a rir.

— O quê? — Troy perguntou, voltando do banheiro.

— Nada. Estou um desastre, só isso. — Harris acenou com a mão por cima da camisa.

— Ah, desculpe.

— Pelo menos metade da culpa é minha — brincou Harris.

Ele não conseguia entender a expressão de Troy, mas ele parecia... inquieto. Harris sabia que precisavam conversar, mas dormir provavelmente era mais importante. — Vou me arrumar e depois a gente devia dormir um pouco.

— Certo, hum.

— Você ainda pode ficar aqui. Se quiser.

O rosto de Troy relaxou um pouco. — Certo.

Harris pegou uma camisa limpa da mala e foi até o banheiro. Estava com vergonha de expor o peito, então se trocou em particular. Quando voltou para a cama, Troy já estava debaixo das cobertas, de frente para ele. Harris se arrastou para perto dele, mas manteve alguma distância entre seus corpos.

— Não era esse o meu plano — disse Troy — quando cheguei ao seu quarto. Eu não esperava... isso.

Harris sorriu. — Eu também não. Mas, hum, obrigado. Ajudou.

Troy bocejou, o que fez Harris rir e Troy sorrir levemente. — Sim.

Ele fechou os olhos, e Harris permitiu-se um momento para admirar seu rosto bonito e tranquilo, antes de apagar a luz.

Capítulo Quinze

Troy acordou primeiro.

Por alguns momentos maravilhosos, enquanto seu cérebro ainda estava enevoado de sono, ele se sentiu feliz. Tinha o corpo quente e sólido de Harris debaixo do braço e, ao inspirar, sentiu o cheiro de maçãs.

Então a realidade se instalou.

Ele não deveria estar na cama de Harris, e certamente não deveria ter se esfregado em Harris na noite passada. Não deveria tê-lo beijado, não deveria ter pressionado contra as mãos entrelaçadas deles. Não deveria ter encharcado a camisa de Harris com sua liberação.

Troy era um monstro. Harris era tão bom e doce, e Troy continuava se alimentando dele como um vampiro.

Porra, as coisas que o Troy queria fazer com ele. Ele queria destruí-lo completamente, mas queria que o Harris estivesse lá para ele quando tudo acabasse. Confortando-o. Cuidando dele.

Troy era tão egoísta.

Ele se aninhou nos cabelos grossos de Harris, sentindo seu cheiro. Tentando memorizar tudo sobre aquele momento perfeito antes de se forçar a ir embora.

Harris soltou um longo suspiro de satisfação e se retorceu levemente contra ele. Sua bunda roçou na ereção matinal de Troy, fazendo-o gemer baixinho.

— Bom dia — Harris disse sonolento.

Troy afastou os quadris bruscamente. — Oi.

Harris colocou a mão no antebraço de Troy e apertou-o com mais força contra o peito. — Eu poderia ficar aqui o dia todo.

Troy também. Ele estava completamente, maravilhosamente aconchegado e relaxado de um jeito que ele nem imaginava ser possível para ele.

Era exatamente por isso que ele não podia ficar.

Ele recuperou o braço e saiu da cama enquanto ainda tinha força de vontade. Harris rolou de costas e piscou para ele, sonolento e confuso. Seu cabelo estava desgrenhado e um lado do rosto estava rosado por ter sido pressionado contra o travesseiro. Troy queria comê-lo vivo.

— Você está indo embora?

— É. Eu, uh, eu devia voltar para o meu quarto. Sabe. — A última coisa que Troy queria era que alguém do time soubesse que ele tinha passado a noite com Harris. Mais pelo bem de Harris do que pelo seu.

— Certo. — Harris parecia desanimado.

— Então, tudo bem. Até mais, eu acho.

Harris sentou-se. — Tem certeza de que não devemos conversar primeiro?

Meu Deus, ele parecia tão magoado. Mas a coisa mais gentil que Troy podia fazer por ele era ir embora.

— Não. Eu vou... — Ele apontou para a porta e, depois de um último olhar para o rosto miserável de Harris, foi embora.

Bem.

Harris certamente não iria deixar *isso* acontecer.

Ele daria um pouco de espaço a Troy, deixaria que ele aproveitasse o dia de folga na Flórida o máximo que pudesse, e então falaria com ele. Porque eles *precisavam* conversar.

Havia uma chance de que a noite passada tivesse sido a primeira experiência sexual de Troy com um homem. Se tivesse sido, Harris sabia que sua mente devia estar uma bagunça de pensamentos confusos. Tudo na noite passada, desde o avião até dormir nos braços um do outro, tinha sido avassalador e surreal. Harris não deixaria Troy lidar com tudo isso sozinho, por mais autodestrutivo que o cara fosse.

Harris finalmente saiu da cama para tomar um banho. Precisava entrar em contato com a chefe, bolar um plano para hoje, depois do acidente de avião. Avisá-la que precisava de um laptop novo. Ainda era uma viagem de trabalho, mesmo que tudo estivesse ferrado.

Meu Deus, ele não queria nem olhar para o celular. Tinha certeza de que o time havia divulgado um comunicado oficial e que o teria publicado nas próprias redes sociais. Ele provavelmente tinha um milhão de mensagens de texto e mensagens de voz preocupadas da família.

Pelo menos ele podia dizer honestamente que seu coração estava funcionando. Parabéns ao cirurgião que instalou sua válvula aórtica mecânica três anos atrás. Parabéns também a quem inventou a válvula aórtica mecânica. Aguenta firme durante experiências de quase morte em aviões e sessões de amassos sexys e intensos com galãs da NHL.

Quando Harris se vestiu - animado por estar de short e camiseta em janeiro -, pegou o celular no fundo da mala e o ligou. Como suspeitava, havia uma tonelada de mensagens. Enviou uma mensagem em grupo para os pais e as irmãs, garantindo que estava bem e que ligaria mais tarde. Enviou um e-mail para a chefe, Theresa, para informá-la sobre a situação do laptop e para saber o que ela queria que ele fizesse hoje, já que ninguém no time estava a fim de vídeos divertidos.

Houve um texto da Gen. *Que porra é essa!!!! Você está bem?????*

***Harris**: Estou bem. Um pouco abalado. Acho que todo mundo está.*

***Gen**: Sério. Esse time não consegue nem ganhar em dias de folga.*

Harris riu alto disso.

***Harris**: Será que eles vão ficar bem jogando amanhã à noite?*

***Gen**: Vamos ver. Além disso... vocês têm que pegar um avião de novo!*

***Harris**: Ou poderíamos ficar aqui para sempre.*

Ele adicionou alguns emojis de palmeiras.

***Gen**: Foda-se. Está menos vinte e cinco aqui hoje.*

***Harris**: Não consigo me identificar.*

Gen não respondeu, o que era normal para ela. Ela costumava desaparecer abruptamente durante uma conversa por mensagem. Harris decidiu ir ver se havia algum café da manhã. Era quase meio-dia, mas ele tinha certeza de que havia um restaurante IHOP, um Denny ou algo assim por perto. Ele poderia acabar com umas panquecas agora mesmo.

Ele odiava comer sozinho, então mandou uma mensagem para Wyatt. Recebeu uma resposta quase imediatamente.

***Wyatt**: Claro que sim.*

***Harris**: Veja se mais alguém quer ir. Te encontro no saguão.*

***Wyatt**: Vou tentar convencer o Roz a ir. Acho que ele precisa. O Haas também.*

Meia hora depois, Harris dividia uma mesa no IHOP com Ilya Rozanov, Wyatt Hayes e Luca Haas. Luca, o novato, estava com os olhos turvos por trás dos óculos. Bebera demais na noite anterior ou dormira pouco. Wyatt parecia mais ou menos o mesmo de sempre, animado. Ilya mal falava e já estava olhando para algum ponto por cima do ombro de Harris há vários minutos.

— Mandei mensagem para o Barrett, mas não obtive resposta — disse Wyatt. — Não é nenhuma surpresa, eu acho.

— Ele provavelmente está cansado — disse Ilya suavemente. Ele olhou rapidamente para Harris com as sobrancelhas arqueadas.

Harris corou em sua caneca de café. Como Ilya sempre sabia de tudo?

O garçom trouxe suas pilhas ridículas de comida. Todos pediram combinações enormes de café da manhã, exceto Ilya, que pediu café preto e torrada.

— O que as crianças estão fazendo hoje? — Wyatt perguntou a Luca.

— Íamos alugar patinetes, mas depois de ontem à noite, não sei. Todo mundo está...

— Borocoxô? — Harris sugeriu.

— Sim. Exatamente.

— Pena que o Chiron não está aqui — brincou Harris. — Isso animaria todo mundo.

Ilya levantou a cabeça de repente, os olhos ardendo de choque e indignação. — Então Chiron estaria no *avião*... Que porra é essa, Harris? Ele teria ficado tão assustado!

Harris levantou as mãos. — Eu só estava dizendo. Um cachorrinho seria ótimo agora.

Ilya deu uma mordida agressiva na torrada, com os olhos ainda cheios de advertência. Harris mudou de assunto. — Bem, pelo menos o time conseguiu um ônibus para a viagem a Fort Lauderdale na sexta-feira.

— Graças a Deus — concordou Wyatt.

— Ainda temos que pegar um avião no domingo. De volta para Ottawa — Ilya ressaltou.

O silêncio pairava sobre a mesa, carregado pela ansiedade de homens que não estavam acostumados a se sentir aterrorizados. Ou pelo menos não estavam acostumados a falar sobre isso.

Harris tomou uma decisão: — Deveríamos nos divertir hoje.

Ilya bufou. — Fazendo o quê?

— Não sei. Vamos para a praia. Vamos... jogar minigolfe.

Ilya parecia ter algo a dizer sobre isso, mas Wyatt o interrompeu. — Claro. Eu topo. Melhor do que ficar sentado se preocupando com o voo de volta.

Luca olhou para Ilya, como se esperasse orientação. Ilya suspirou. — Tudo bem. Sim. Vamos deitar-nos na praia.

Luca sorriu, e isso o fez parecer ainda mais jovem do que seus vinte anos. Ele idolatrava Ilya e todos sabiam disso. — Eu também vou.

Desta vez, Harris conseguiu erguer as sobrancelhas para Ilya. O capitão dos Centaurs interrompeu a provocação silenciosa com um olhar furioso e uma frase: — Você acha que Barrett trouxe roupa de banho?

Os tênis de Troy pisavam na areia enquanto ele se esforçava mais um quilômetro. O sol estava quente, o ar úmido, mas ele não queria parar de correr. Ainda não.

Era ótimo poder correr ao ar livre assim. Em uma praia sem fim, com o sol batendo forte no peito e nas costas. A camiseta encharcada de suor pendia do cós do short, roçando na coxa a cada passada.

Finalmente, quando seus pulmões não aguentaram mais, ele diminuiu o ritmo para uma corrida leve e depois uma caminhada. Conseguia avistar o hotel à frente, não muito longe. Tirou a camisa da cintura e enxugou o rosto.

Ele não conseguia parar de pensar. Em Harris. No avião. No jogo que eles, de alguma forma, deveriam jogar amanhã à noite. No voo de volta para casa que se aproximava. Em Dallas Kent. Em Ryan Price. Em quantos anos Troy passou sendo malvado, tão cheio de raiva e medo que fora incapaz de tomar uma boa decisão.

Ele também pensou na maneira como Harris gritara o nome de Troy quando ele atingira o clímax, tão alto que Troy tentara freneticamente

silenciá-lo. E em como fora maravilhoso acordar com Harris em seus braços. Ele não deveria tê-lo deixado daquele jeito naquela manhã. Deveria ter conversado com ele. Harris provavelmente nunca mais queria falar com ele depois disso, e Troy não podia culpá-lo.

Ele sentou-se pesadamente na areia e ligou para sua mãe.

— Troy? Meu Deus, acabei de ouvir sobre...

— Estou bem. Estou ótimo. Foi assustador, mas estamos todos bem.

— Você *está* bem? Você parece um pouco ofegante.

— Acabei de terminar uma corrida.

— Oh.

Troy levantou os joelhos e fixou o olhar no oceano. — Desculpe. Onde você está? Eu te acordei?

— Estou na Nova Zelândia. Auckland. Cheguei ontem. São umas seis da manhã aqui, então não se preocupe.

Nova Zelândia. Meu Deus. Troy percebeu de repente o quão longe sua mãe estava e o quanto ele a queria desesperadamente com ele.

— Sinto sua falta — ele disse, parecendo tão destruído quanto se sentia.

— Ah, docinho. Não precisa bancar o corajoso por mim. Você deve estar traumatizado.

— Não é isso — Troy suspirou. — Não sei, provavelmente é em parte isso. Mas é tudo. Eu continuo estragando tudo. — Ele fez uma careta. — Desculpe. *Estou* estragando tudo.

Ela riu baixinho. — Já ouvi essa palavra antes. Fale comigo.

Troy não tinha certeza se conseguiria. Não sem contar *tudo a ela.* E se ele ia se assumir para a mãe, não queria que fosse assim.

Só que, porra. Ele quase morreu ontem. Poderia ter morrido sem que ela soubesse, e por algum motivo ele odiava essa ideia.

Ele respirou fundo.

E foi em uma direção completamente diferente.

— Me sinto inútil. Tipo, com o Dallas. Nada de ruim aconteceu com ele. Não consigo parar de pensar nas vítimas dele e ninguém mais parece se importar. Ele acabou de ser eleito o Jogador da Semana! Tipo... Não sei se tem algo que eu possa fazer, mas talvez tenha.

A mãe ficou em silêncio por um momento, depois disse: — É muita coisa para carregar.

— Tipo, eu não fui testemunha de nada, mas só porque não prestei atenção suficiente. Eu deveria ter prestado. Eu poderia tê-lo impedido. Eu poderia ter...

— Em primeiro lugar, eu entendo o que você está dizendo e por que se sente assim. Mas, Troy, você sabe que não é sua culpa, certo? Dallas foi quem agrediu aquelas mulheres. Dallas é o vilão.

— Ele era meu melhor amigo.

— Eu sei — disse ela baixinho. — Sinto muito.

— Eu só... quero ser melhor. Quero ter, sei lá, orgulho de mim mesmo. Quero ser alguém que valha a pena admirar.

— Bem, você não é ruim no hóquei.

Troy bufou. — Eu sei. Mas não é o suficiente.

— Quanto ao Dallas, não há muito que você *possa* fazer. Nenhuma das vítimas está prestando queixa e, como você disse, você não é testemunha. Mas você pode ajudar de outras maneiras.

— Tipo o quê? — Meu Deus, Troy faria qualquer coisa. — De que jeito?

— De cabeça, e lembrando que aqui ainda é *bem* cedo de manhã, você poderia doar para instituições de caridade que ajudam vítimas de agressão sexual. Você poderia usar suas redes sociais para divulgar essas organizações e oferecer apoio geral às vítimas.

— Tá. É, eu posso fazer isso. — Troy estava ficando animado. — O que mais?

— Preste mais atenção. Eu convivi com seu pai por quase trinta anos, então sei tudo sobre ver alguém com lentes cor-de-rosa e ignorar mau comportamento. Agora, sou mais cuidadosa com quem passo o tempo.

Troy esperava já estar à frente do jogo nesse ponto. — Fiz novos amigos aqui. Mais ou menos. Bons caras. Caras *melhores.*

— Você também pode ser amigo de mulheres, Troy. Não se esqueça disso.

Troy corou. — Eu sei. Só que ando mais perto de homens.

— Isso pode ser algo que vale a pena mudar.

Parecia mais fácil falar do que fazer, já que Troy nem era bom em fazer amizade com os *companheiros de time,* mas era algo a se considerar. Ele adicionaria à sua lista de deveres de casa. — Tudo bem.

— Parece que você já está se sentindo melhor.

— Estou sim. Obrigado. — Ele decidiu encerrar a ligação antes que começasse a chorar numa praia pública. — Preciso ir. Eu te amo.

— Eu também te amo. Tenho orgulho de você.

— Tchau, mãe.

Ele pensou em tudo o que a mãe lhe sugerira por alguns minutos. Ele nunca teve medo de se esforçar para melhorar fisicamente. Era hora de ser corajoso e melhorar o resto do seu corpo.

Harris era um profissional, antes de tudo, e nunca usaria seu acesso ao time como uma oportunidade para cobiçar estrelas da NHL.

Mas.

Ele estava, naquele momento, em uma praia, cercado por jogadores de hóquei muito em forma e muito atraentes, a maioria dos quais usava apenas sungas. Não era terrível.

O passeio na praia provou ser mais popular do que o café da manhã no IHOP, e havia cerca de uma dúzia de membros dos Ottawa Centaurs reunidos na areia, em um grupo barulhento e alegre. Foi bom ouvi-los rindo e vê-los com um ar quase relaxado.

Harris era um dos únicos de camisa, mas era uma regata, então ele se sentia praticamente nu. Ele estava jogando frisbee com Bood e Dykstra, uma atividade física na qual ele era realmente bom.

Ele tinha praticado outra atividade física na qual era bom na noite passada, então estava numa fase ótima de condicionamento físico ultimamente. Praticamente um decatleta.

Ele vinha tentando viver o dia como um cara normal que fora forçado a encarar a própria mortalidade, e não como um cara que encarara a própria mortalidade e depois se pegara com Troy Barrett. Era difícil porque ele continuava ouvindo o jeito como Troy sussurrava seu nome. O jeito como acariciava delicadamente o pulso de Harris. Aqueles primeiros beijos cuidadosos e preciosos na nuca de Harris.

E, opa! Ele errou o frisbee.

— Minha culpa. — Ele correu atrás do frisbee, que havia caído alguns metros atrás dele. Ele o pegou e, ao se levantar, avistou algo que quase o fez deixá-lo cair de volta na areia.

Troy Barrett. Sem camisa e suado. Caminhando em direção a Harris.

— Ah. Ei — disse Troy, quando se aproximou. Ele olhou para os companheiros de time que brincavam. — O que está acontecendo? Festa na praia?

— Praia — disse Harris fracamente. Foi o máximo que conseguiu dizer. Ele nunca tinha visto Troy sem camisa pessoalmente e, nossa! Foi uma experiência única.

Seu olhar percorreu o peito largo de Troy, com seus peitorais lisos e esculpidos e mamilos escuros, até os sulcos de seu abdômen definido e a trilha escura de pelos que desapareciam no cós do short.

Troy olhou para o oceano. — Eu devia dar um mergulho. Estou um desastre.

— Sim. — Havia areia grudada na pele brilhante de Troy, nas coxas e panturrilhas, nos antebraços. Havia um pouco no pescoço. Harris sabia que, na prática, seria horrível, mas queria muito lamber tudo.

Então Troy tirou tênis e as meias, deixando-os numa pilha junto com a camiseta que tirou da cintura. — Quer vir?

— Uh. — As ondas pareciam realmente convidativas, e Harris não conseguia se lembrar da última vez que havia nadado no oceano, mas também não queria tirar a camisa.

Ele não tinha vergonha do próprio corpo nem nada. Claro, não se comparava aos Adônis que o cercavam, mas isso não o incomodava. O problema era que havia coisas que ele não queria que Troy visse. Coisas que levariam a perguntas que Harris não tinha vontade de responder naquele momento.

Troy já caminhava em direção às ondas, o short colado à bunda musculosa. — Foda-se — murmurou Harris, e o seguiu. Ele deixaria a camisa vestida. Ela secaria.

A água estava morna e maravilhosa, e Harris riu quando a primeira onda o atingiu, quase o derrubando. Troy mergulhou na onda seguinte, com uma postura impecável. Ao emergir, balançou a cabeça, lançando gotas d'água ao sol como um tritão.

A próxima onda derrubou Harris, mas apenas porque suas pernas estavam praticamente moles naquele momento.

— Você está bem? — perguntou Troy. Aproximou-se dele, agarrando o bíceps de Harris com uma mão forte.

Harris tossiu algumas vezes e fez uma careta ao sentir o gosto da água salgada. — Estou bem. Obrigado. — Percebeu que tinha uma mão no ombro de Troy, usando-o para se equilibrar. Arriscou-se e disse, de forma um tanto sedutora: — Meu herói.

Houve um lampejo de algo nos olhos de Troy - tesão? Medo? - e então ele deu um passo para trás. — Cuidado com os tubarões.

— Não são os tubarões que te devem preocupar. É a caravela-portuguesa.

— O quê?

— Águas-vivas. Seus ferrões são mortais e podem atingir mais de trinta metros de comprimento!

Troy olhou para a água ao redor do corpo. — Tem isso aqui?

— Sim. Às vezes.

Troy o encarou. — Por que você tinha que dizer isso, cara?

Harris riu. — Desculpe. Quer dizer, acho que elas são mais uma coisa do sul da Flórida.

— Então por que você mencionou isso? Nossa, agora não consigo pensar em mais nada. — Troy olhou cautelosamente para o mar, e Harris não resistiu e estendeu a mão e roçou delicadamente a parte de trás da panturrilha de Troy com o dedo do pé.

Para sua alegria, isso fez Troy *gritar.*

— Porra! Que porra é essa? Foi você?

Harris estava rindo muito alto para responder.

— Ah, *foda-se.* — E então Troy estava derrubando Harris, ambos os homens caindo com força na areia sob a água rasa. Harris sentou-se, ainda rindo, Troy ajoelhado entre suas pernas estendidas. Troy também estava rindo, rindo de verdade, com os olhos enrugados, enquanto a água pingava de seus cabelos e da ponta do nariz.

Ele parou de rir quando percebeu o olhar de Harris. Por alguns segundos, eles se encararam, ambos ofegantes. Obviamente, Troy não ia beijá-lo ali, em público, na frente de metade do time, mas, droga. Talvez ele quisesse?

Em vez disso, Troy, brincando, jogou água no rosto de Harris e se levantou. Ofereceu a mão a Harris e o ajudou a se levantar. Havia, sem dúvida, luxúria no olhar de Troy, mas Troy desviou o olhar antes que Harris pudesse se perder nele.

Ah, sim. Eles definitivamente tinham algumas coisas para discutir mais tarde.

Troy estava exausto, levemente queimado de sol e um pouco embriagado quando voltou para seu quarto de hotel naquela noite.

Considerando tudo, tinha sido um dia muito divertido e relaxante. Ilya mencionou a Troy que a ideia de levar todo mundo à praia tinha sido de Harris. Troy não ficou surpreso.

No final da tarde, quase todos os jogadores, a maioria dos técnicos e demais funcionários já haviam se juntado à festa. Às seis horas, Bood anunciou que havia conseguido reservar várias mesas para eles em um restaurante mexicano, então a festa foi transferida para lá.

A única coisa estressante naquele dia era a luta de Troy para se impedir de encarar Harris abertamente. Tentou manter alguma distância dele, principalmente depois de quase ter sido tomado pela vontade de beijá-lo no oceano. Ele estava tão adorável, encharcado e rindo, com o sol realçando

todos os tons de verde em seus olhos. A regata molhada grudava no peito, e Troy vira o contorno dos pelos do peito e dos mamilos firmes pressionados contra o tecido.

Troy não tinha se sentado à mesma mesa que Harris no restaurante, mas não parava de olhar para ele. Conseguia ouvir sua voz alegre e sua risada ridícula durante toda a refeição, e sentia um pouco de ciúmes cada vez que ouvia um dos outros caras rindo de uma de suas piadas.

Meu Deus, o Troy tinha uma queda por esse cara.

Ele estava determinado a ficar em seu próprio quarto esta noite. Podia sentir a atração vinda do quarto de Harris no final do corredor, mas resistiria. Harris merecia alguém muito, muito, *muito* melhor do que Troy.

O que lembrou Troy do seu plano de criar uma conta oficial no Instagram, de verdade, dessa vez. Ele sabia que ia ser criticado nas respostas, principalmente se postasse ativamente em apoio às vítimas de abuso sexual, mas que se dane. Ele aguentaria. Era um desconforto tão pequeno, considerando o contexto geral.

Ele se perguntou como conseguir um daqueles selinhos azuis. Harris saberia. Ele podia mandar uma mensagem para ele e perguntar. Ou descer até o quarto dele e ver se ele...

Não. Troy poderia descobrir isso.

Ele estava assistindo a um vídeo tutorial sobre como ser verificado há vários minutos quando alguém bateu à sua porta.

Ele abriu, esperando que fosse qualquer outra pessoa que não Harris, mas também desejando muito que fosse Harris.

Era Harris.

— Oi. Estou interrompendo alguma coisa?

— Não. — Troy, contra seu melhor julgamento, deixou Harris entrar em seu quarto de hotel.

Quando a porta se fechou, Troy recostou-se nela. — O que foi?

— Acho que deveríamos conversar, talvez.

Troy não era babaca o suficiente para perguntar *o quê?* então apenas assentiu. — Tá bom. — Tentou manter a expressão impassível, sem demonstrar o quanto seu coração disparava, ou o quanto ele realmente queria puxar Harris para seus braços.

— Então, sobre ontem à noite — disse Harris com um sorriso nervoso. — Foi sua primeira vez? Com um homem, quero dizer?

Mesmo que Troy já tivesse beijado Harris, transado com ele e o segurado nos braços a noite toda, ele ainda precisava forçar a admissão. — Não.

Harris arregalou os olhos. — Uau. Certo. Então, hum...

Troy atravessou o quarto e sentou-se na cama. — Eu sou gay. — Ele deixou a ideia pairar no ar por um instante. Harris não disse nada, apenas ficou parado na frente dele, esperando pacientemente. — Eu tinha um namorado. Ficamos juntos, secretamente, por quase dois anos.

— Ah, meu Deus, isso parece difícil.

— Foi, eu acho. Mas nenhum de nós queria se assumir, então funcionou. Eu achei que funcionava mesmo. Mas aí ele me largou e agora... — Troy suspirou. — Acho que posso te contar. Foi o Adrian Dela Cruz.

Harris ficou boquiaberto. — Espere. *O quê?*

— Sim.

— O *ator?*

— Sim.

— Mas quando vocês começaram a namorar? Porque eu achei que ele tinha dito no post do Instagram que estava com o Justin Green há meses. Eles estão noivos!

— Ele me largou em novembro. Então, é. Pode fazer as contas.

Harris sentou-se ao lado dele e colocou a mão em seu braço. — Ah, Troy. Sinto muito.

Troy engoliu em seco. Nunca tinha falado sobre Adrian com ninguém antes. — Foi horrível ver aquele post. Eu estava apaixonado por ele, pensei. Quer dizer, ainda acho que estava.

Harris pegou a mão dele e esfregou o polegar nos nós dos dedos de Troy. — Droga. Fiquei tão animado quando vi aquela publicação. Tão feliz por ele. Eu não fazia ideia de que ele era um canalha completo.

Troy bufou. — Ele encontrou alguém melhor. Não sei por que fiquei surpreso.

Harris olhou para ele com severidade. — Não diga isso.

Seu polegar ainda roçava os nós dos dedos de Troy, firme e reconfortante. — Eu estava pensando em sair do armário por ele, se ele quisesse — disse Troy baixinho. Era algo que ele nunca admitira para si mesmo, muito menos dissera em voz alta. Só havia considerado isso quando estava nos braços de Adrian, atrás da segurança de uma porta trancada, mas naqueles raros e perfeitos momentos, Troy se sentira corajoso.

— Você tem alguém com quem possa conversar sobre ele? — perguntou Harris baixinho.

— Não. Nunca contei a ninguém sobre ele.

O polegar de Harris parou. — Você está lidando com um coração partido sozinho?

Troy deu de ombros.

Harris apertou a mão dele. — Ah, Troy. Nossa, você teve uns meses difíceis.

Troy olhou nos olhos calorosos de Harris e deu um sorrisinho. — Não foi de todo ruim.

O sorriso de Harris em resposta foi tão doce que Troy precisou de todo o seu autocontrole para não o beijar.

Ele endireitou os ombros. — Então, é. Não foi a minha primeira vez, então não se preocupe com, hum, isso. E, obviamente, nós dois precisávamos de um alívio depois... de tudo. Não é grande coisa.

Harris soltou a mão dele e seu sorriso desapareceu. — Entendi. Foi só uma questão de conveniência.

Troy deveria ter ficado aliviado por Harris ter entendido, mas queria pegar a mão dele. Em vez disso, assentiu e disse: — Exatamente. Gostei muito, não me entenda mal, mas não vou ficar aqui pensando que significa mais do que significa. — *Por favor, me diga que significa mais.*

— Certo — disse Harris. Ele riu, mas soou forçado. — Eu também não.

Troy se levantou, porque a proximidade com Harris, principalmente na cama, era demais. — Então, acho que é melhor eu ir para a cama. Amanhã é dia de jogo.

— É. Certo. — Harris se levantou, e Troy percebeu que ele estava magoado. Será que ele esperava ficar? Fazer mais uma rodada com ele? Talvez desta vez sem roupa? Meu Deus, Troy queria jogá-lo na cama e simplesmente destruí-lo. Ou talvez apenas abraçá-lo a noite toda e sentir seu cheiro.

— Boa noite — disse Harris. Ele estava com uma das mãos na maçaneta, mas estava virado para encarar Troy, como se esperasse que ele o impedisse.

— Boa noite — disse Troy, e se virou. A porta se abriu e fechou atrás dele.

Capítulo Dezesseis

Troy tinha certeza de que sua aparência era pelo menos tão ruim quanto a de Ryan Price nos aviões. Seu corpo inteiro estava tomado por uma intensa sensação de pânico que ele mal conseguia controlar.

Felizmente, pelos rostos pálidos e dedos brancos dos companheiros de time ao redor, todos estavam travando suas próprias guerras internas, então Troy não podia se sentir muito envergonhado com isso.

O avião nem tinha decolado ainda. Eles tinham acabado de fechar a porta e todos já estavam nervosos.

Os jogos na Flórida não tinham sido ótimos, mas, considerando a situação, tinham sido razoáveis. Eles perderam por 3 a 2 para Tampa e depois por 2 a 1 para a Flórida, então não foram as goleadas que as pessoas provavelmente esperavam. Troy achou que a insistência de Harris para que se divertissem no dia de folga provavelmente ajudou o time mentalmente.

Mas não estava ajudando agora. Não quando estavam presos dentro de uma armadilha mortal exatamente igual àquela que havia explodido em chamas poucos dias antes.

O silêncio no avião era assustador; a ausência de conversas e risos só aumentava a tensão. Quando o avião já estava a toda velocidade na pista, prestes a decolar, Troy engolia um nó na garganta.

Ele estava sentado sozinho. Gostaria de estar sentado com Harris, mas isso só o faria cair em maus hábitos. Sabia que estaria apertando a mão de Harris agora mesmo se ela estivesse perto dele.

Ilya estava sentado do outro lado do corredor, também sozinho. Sua cabeça estava baixa, os olhos fechados, e Troy pensou que ele havia se

colocado preventivamente na posição de impacto. Então, notou seus lábios se movendo, formando palavras silenciosas, e percebeu que devia estar rezando.

Estranho. Ele sabia que Ilya usava aquela cruz no pescoço, mas nunca o considerou um homem religioso. Troy supôs que, se alguém rezasse, aquela era a hora.

'Deixe-nos chegar em casa em segurança' pensou ele, sem se dirigir a ninguém em particular. Sua própria versão preguiçosa de uma prece.

Estatisticamente, disse a si mesmo, era extremamente improvável estar em dois aviões seguidos com falhas mecânicas. Mas, meia hora depois do voo, os músculos de Troy doíam devido à postura tensa. Ele olhou para Ilya e o viu olhando fixamente pela janela, como se estivesse observando o motor para garantir que ele permanecesse funcionando. Havia algo muito perturbador em um Ilya Rozanov ansioso.

Troy fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e desejou ter tomado algum tipo de remédio para dormir. Teria sido inteligente. Como não tinha tomado, tentou pensar em algo agradável.

Ele estava se esforçando *muito* para não fantasiar sobre Harris, mas tempos desesperados exigiam medidas desesperadas, e as imagens sensuais em sua cabeça eram extremamente eficazes como distrações.

Então ele se deixou levar por uma adorável distração, onde Harris esfregava aquela barba macia nas bolas de Troy enquanto ele o chupava. Nesse cenário, ele conseguia ver Harris, e os dois tinham tirado a roupa. Droga, ele queria que pelo menos tivessem ficado nus para aquela primeira e única transa.

Troy gostava demais dele. Ele se *assumiu* para ele. Talvez de uma forma bem diferente, fazendo sexo com ele primeiro e depois contando que ele era gay, mas foi assim que ele contou para Adrian também.

— Muito bem, pessoal. É hora da história.

Os olhos de Troy se arregalaram ao som da voz extremamente bem projetada de Harris. Ele estava parado no corredor, bem no meio do avião, sorrindo para todos como se aquilo fosse algo totalmente normal de se fazer.
— Já contei a vocês sobre o primeiro encontro da minha irmã Anna com o marido?

— Não! — alguém gritou.

— Sim!

— Conte-nos de qualquer maneira!

— Ok, então a Anna estava apaixonada por esse cara, o Mike, há meses. Posso te dizer agora que ele é um cara superlegal e todos nós o amamos, mas na época tudo o que eu sabia era que ele era o motivo de eu não poder pegar a caminhonete dos nossos pais emprestada naquela noite.

Já havia algumas risadas esparsas. Troy apostava que Harris tinha a atenção de todos a bordo. Ele até se virava enquanto falava, certificando-se de que todos na frente do avião também pudessem ouvi-lo.

— Anna e eu nunca brigávamos muito, mas naquela noite a briga ficou feia. Fui convidado para uma festa e me ofereci para dar carona a um garoto super fofo da minha aula de geografia, então eu precisava daquela caminhonete.

O coração de Troy disparou com a facilidade com que Harris disse '*garoto fofo*' na frente de uma plateia de jogadores da NHL.

A história continuou, e todos estavam atentos a cada palavra de Harris. Troy percebeu que estava na ponta do assento por um motivo que não tinha nada a ver com temer por sua vida. Até Ilya estava sorrindo e rindo, e ele gemeu junto com Troy quando Harris contou que Anna tinha ganhado a caminhonete naquela noite, e que Harris não tinha conseguido cortejar seu garoto fofo da geografia.

— Então, Anna colocou o homem no banco do passageiro, e eles estavam indo para o cinema, conversando e flertando, e ele perguntou se ela tinha ouvido algo estranho. Tipo, talvez algo errado com a caminhonete. Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos e não ouviram nada, então ele concluiu que estava imaginando coisas.

— Harris — Ilya avisou — se essa história é sobre um maldito veículo quebrando...

— Não é! Eu prometo. Certo, então eles dirigem mais um pouco, e dessa vez Anna ouve. Como um som estranho de algo arranhando. Mas então para. A caminhonete está funcionando bem, não parece haver nenhum problema. Sem luzes de advertência nem nada. Então ela para em um estacionamento porque só quer verificar a parte traseira da cabine, e quando espia atrás do banco do Mike, vê um *gambá.*

— Não! — alguém gritou.

— Juro por Deus.

— Você colocou o gambá lá? Como vingança por ter roubado a caminhonete?

— Eu não fiz isso! — Harris riu. — Mas ela ainda não acredita em mim. Mas agora ela está num encontro com um cara que ela gosta há séculos, e tem um gambá lá atrás, o que é obviamente uma situação precária, porque eles têm que tirar o bicho de lá sem, sabe, fazê-lo soltar o fedor.

— Que porra eles fizeram?

— Eles foram espertos. Saíram, deixaram as portas abertas e foram se sentar na calçada a alguns metros de distância. No fim, o gambá foi embora sozinho, sem causar nenhum dano. Mas o mais fofo é que a Anna e o Mike deram o primeiro beijo sentados na calçada, esperando pelo gambá. Então, o gambá é, tipo, um casamenteiro. Mas, cara, ela ainda estava com uma raiva danada de mim quando chegou em casa.

— Acho que você fez isso — disse uma voz que definitivamente era de Bood.

Harris levantou as mãos. — Juro que não. Como eu conseguiria fazer isso sem ser atingido? Mas vou te dizer uma coisa: ainda bem que não foi eu dirigindo por aí tentando impressionar um garoto naquela noite.

— Você ficou com aquele garoto? — perguntou Ilya, que era exatamente a pergunta que Troy queria fazer, mas tinha medo.

— Sim. Fomos tomar sorvetes McFlurrys depois da escola alguns dias depois. Depois voltamos para o quarto dele.

Houve alguns gritos e vaias, que Harris dispensou com um gesto. — Não foi *tão* bom assim.

Risadas tomaram conta do avião. O clima havia mudado tão drasticamente desde que Harris começara sua história, que era chocante. E realmente impressionante. Troy sentiu uma onda de orgulho imerecido.

— Então, quem mais tem uma história? — perguntou Harris. Ele apontou para Evan Dykstra. — D, eu sei que você tem um milhão.

— Bem. — disse Dykstra lentamente enquanto se levantava — já que estamos falando sobre encontros desastrosos...

Todos aplaudiram. Harris encontrou o olhar de Troy e piscou para ele. Troy sorriu de volta, com naturalidade e sem esforço. Ele apostava que conseguiria sorrir o tempo todo se tivesse Harris o suficiente na vida.

Finalmente, eles pousaram em segurança em Ottawa, e todos a bordo soltaram um suspiro coletivo de alívio. Troy alcançou Harris assim que chegou à pista.

— Como você fez isso? — ele perguntou.

— Fiz o quê?

— Fez todo mundo relaxar. Levantou-se e contou essa história como se você também não estivesse apavorado.

Harris soprou uma nuvem branca no ar gélido do inverno. — Seria um voo muito longo se todos nós ficássemos ali, agarrados aos apoios de braço, com os nós dos dedos brancos. E, sei lá. Imagino que, se todos nós vamos morrer num acidente de avião, não há nada que possamos fazer. Melhor aproveitar a vida enquanto podemos, certo?

— Eu acho.

Harris lhe deu toque no ombro. — Sei que essa viagem foi uma merda, mas me diverti com você.

Algo borbulhou dentro de Troy. Felicidade, ele supôs. — Eu também.

— Puta merda.

Gen não tirou os olhos do computador. — O quê?

— Troy Barrett agora tem uma conta no Instagram, e é, hum. Você devia dar uma olhada.

— Certo — disse ela lentamente, estendendo a mão para pegar o telefone de Harris. Harris atravessou o escritório e entregou o telefone a ela.

— Puta merda — ela disse depois de olhar as primeiras postagens de Troy.

A biografia de TroyBarrett17 passou uma mensagem clara: jogador da NHL pelo Ottawa Centaurs. Eu acredito nas vítimas de agressão sexual.

Ele já havia feito três postagens até então. A mais recente era um infográfico com algumas estatísticas sobre agressão sexual que ele havia obtido da linha do tempo de uma organização nacional (e, Harris ficou satisfeito ao ver, ele havia dado os devidos créditos a eles e incentivado as pessoas a segui-los). A segunda postagem era um gráfico que listava os números de telefone e sites de organizações que ajudavam sobreviventes de agressão sexual. A primeira postagem era uma selfie, tirada na academia do time. O rosto de Troy estava vermelho e seu cabelo estava úmido de suor.

Dava para ver o suor escurecendo a parte de cima de sua camiseta cinza também. Ele estava quase sorrindo. Quase.

A legenda dizia: Trabalhando duro. Sempre há espaço para melhorias.

Poderia *estar* se referindo apenas à aptidão física de Troy e ao seu desempenho no gelo, mas Harris não achou que fosse isso que Troy queria dizer. Pelo menos não totalmente.

— Ele não está para brincadeira — disse Gen. — Estou impressionada.

— É — disse Harris, distante, ainda olhando para a selfie de Troy. Ele também ficou impressionado. Impressionado, surpreso, orgulhoso e um pouco apaixonado.

Aliás, o Troy sabia que aquela selfie era uma armadilha para a sede? Ele devia saber, né?

— Como estão as respostas? — perguntou Gen. — Ele já tem seguidores?

— Ele tem mais de cinco mil seguidores até agora — disse Harris. Ele apertou o botão de seguir e rolou a tela com as respostas de cada publicação. A maioria era positiva, com algumas dando boas-vindas ao Instagram, demonstrando seu apoio como fãs. Algumas apoiavam explicitamente suas duas últimas publicações. E alguns babacas pareciam encantados por Troy ter dado a eles um lugar para detoná-lo diretamente. Algumas das respostas negativas até marcaram Dallas Kent. Meu Deus.

— Bem. — disse Harris, recostando-se na cadeira — é hora de promover suas postagens — Ele fez questão de estalar os dedos e então começou a trabalhar.

Ele não falava com Troy desde que retornaram da viagem à Flórida, dois dias antes, embora tivessem se separado amigavelmente. Harris presumira que Troy, assim como todos os outros do time, queria um tempo sozinho depois daquela viagem.

Era tão difícil interpretar Troy. Ele dissera a Harris, claramente, que a transa deles não tinha significado nada. Mas Harris também tinha a impressão de que o único outro homem com quem Troy havia ficado era seu ex-namorado, Adrian. O que, para Harris, significava que a transa deles devia ter significado *alguma coisa*...

Significava muito para Harris. Ele já tinha tido muitos encontros casuais - caras que conheceu em baladas, festas ou online - e geralmente gostava deles. Gostava de conhecer gente nova, mesmo que brevemente, e gostava de sexo. Gostava de confortar as pessoas e fazê-las felizes, e sexo, ele descobriu, fazia muita gente feliz.

O encontro com Troy não fora algo digno de lenda erótica - eles nem sequer tiraram as roupas, e não houve nenhuma habilidade real envolvida. Fora apenas uma necessidade e um desespero ardentes e descontrolados, e Harris nunca havia experimentado nada parecido antes.

E aqueles beijos. Uau! Troy sabia como usar aqueles lábios carnudos. Harris apostaria que ficariam ótimos nele...

— Por que Rozanov não estava no treino ontem? — perguntou Gen.

Harris piscou enquanto acompanhava a voz da colega de volta à realidade. — Hã?

— Ilya não estava no treino. Incomum para ele. Não era um treino opcional, e ele também não estava fazendo terapia. Você acha que ele está doente?

Ilya parecia um pouco abalado desde o incidente do avião. Todo mundo parecia, na verdade, mas Ilya sempre foi tranquilo e imperturbável, então sua ansiedade era mais perceptível. — Não sei.

— Espero que ele jogue hoje à noite. Os Admirals vão acabar com a gente se ele ficar fora. — Ela girou o pescoço, esticando-o. — Eles provavelmente vão acabar conosco de qualquer jeito, mas vai ser pior sem o Rozanov.

— Eles podem te surpreender.

Gen bufou. — Quando foi que esse time me surpreendeu?

O clima no vestiário estava pesado. Os Centaurs vinham de uma viagem angustiante e decepcionante, onde haviam perdido dois dos três jogos, e agora estavam prestes a enfrentar o melhor time do Leste, o New York Admirals.

Parecia que eles já tinham perdido.

O treinador Wiebe entrou e tentou animá-los. Ele era, Troy decidiu, um bom treinador. Não tinha muita experiência, mas tinha uma boa noção do que cada um dos seus jogadores precisava em qualquer momento. E ele era simpático, o que algumas pessoas podem ver como uma falha em um treinador de hóquei. Troy talvez também se sentisse assim, não muito tempo atrás, mas gostava muito do treinador Wiebe e queria vencer por ele.

Mais fácil falar do que fazer.

Depois que o treinador saiu, o clima melhorou um pouco. Mas não havia confiança no vestiário. Em Toronto, o vestiário dos Guardians sempre foi barulhento e, muitas vezes, agressivo antes dos jogos. Sempre houve uma suposição entre os jogadores de que eles iriam vencer. Que qualquer coisa menos que isso era inaceitável. Aqui em Ottawa, a energia no vestiário parecia mais uma aceitação de que eles provavelmente não venceriam, mas talvez não passassem por uma vergonha tão grande.

Era muito chato pra caralho.

— Todos ouçam.

Troy levantou a cabeça de repente e ficou surpreso ao ver Ilya parado no meio da sala. Ele era o capitão do time, mas não era de fazer discursos.

— O New York Admirals não é um time melhor que o nosso. — Houve algumas zombarias e risadas esparsas. Ilya interrompeu. — Eles *não são*...

Eles têm Scott Hunter, nós temos *a mim.* Eles têm Tommy Andersson... um bom goleiro. Jovem, talentoso, sim. Nós temos Wyatt Hayes... um *ótimo* goleiro. — Ele sorriu para Wyatt. — Velho e talentoso.

Houve alguns gritos e palmas entusiasmados pela sala.

— *Experiente* — Wyatt o corrigiu jovialmente.

— Eles têm Carter Vaughan, o braço direito de Hunter e um dos melhores atacantes da liga. Temos Zane Boodram *e* Troy Barrett. — Ilya estendeu os braços. — Eu tenho *duas* mãos. Quem está à esquerda do Scott? Alguém sabe o nome dele?

Parecia que Luca Haas queria fornecer o nome do principal ala-esquerda do Nova York, mas ele sabiamente manteve a boca fechada.

— Nova York tem Matti Jalo, mas nós temos Evan Dykstra e Nick Chouinard. — Mais aplausos. Tacos batiam no chão a cada nome que Ilya listava. — Temos Boyle, Holmberg, LaPointe e Young.

Ele prosseguiu nomeando todos os jogadores presentes, às vezes acrescentando algo que os impressionasse especificamente. — Estou cansado de perder — disse Ilya. — Chega. Vamos vencer este jogo hoje à noite e continuar vencendo. Vamos preencher todos os lugares nesta arena. Vamos surpreender *a todos* e vamos para os playoffs este ano. Não no ano que vem. Não no futuro. *Este ano, porra.*

Todos concordaram com um rugido. Troy ficou atônito. Era exatamente essa a energia que ele procurava.

— Passamos por algo juntos — disse Ilya, mais sério. — Foi assustador pra caramba. Mas estamos vivos. Estamos todos vivos e não pretendo desperdiçar mais um segundo disso. Vamos lá, porra.

— Certo, Roz! — Dykstra gritou, por cima do barulho ensurdecedor de aplausos e batidas de tacos.

— Porra sim — concordou Bood. — Vamos acabar com alguns Admirals!

Troy se curvou para receber o disco para começar o jogo. Ele voltou a jogar normalmente na ala direita da linha de ataque e ia se certificar de que continuaria lá.

Ele estava enfrentando o ala esquerdo titular do New York, e ele, de fato, sabia quem ele era, mas Ilya o inspirou.

— Oi. Sou o Troy. Qual é o seu nome?

O homem - Cale Wagner - estreitou os olhos. — Foda-se.

— Belo nome. Bonito.

— Você sabe o quão constrangedor é ter que jogar contra seu time de merda?

— Vai ser mais constrangedor quando você perder.

O disco caiu e o jogo começou com Wagner tentando derrubar Troy. Troy era rápido demais e já estava avançando em direção à zona dos Admirals, pois Ilya havia vencido a disputa de disco.

Não houve gols no primeiro período, nem no segundo, mas a terceira linha dos Centaurs apareceu e desviou o disco para o gol de Tommy Andersson em menos de dois minutos de jogo.

— Sim! — gritou Troy, batendo nas placas com o taco. — É assim que se faz, porra!

A multidão, um pouco maior do que o normal - possivelmente como demonstração de apoio aos jogadores da cidade natal que conseguiram escapar da queda de avião -, estava de pé. Foi um ótimo começo.

Mais tarde no primeiro período, Scott Hunter tentou empatar o jogo com um chute rápido incrível que Troy tinha certeza de que entraria, mas Wyatt segurou a bola com a mão.

Ilya caiu na gargalhada. — Nossa, Hunter. Que pena. Isso deveria ter entrado, né?

Troy bateu na proteção de Wyatt com a luva. — Foi lindo, Hazy.

— Não tenho certeza de como fiz isso — disse Wyatt.

— Porque você é incrível.

Wyatt sorriu para ele por trás da máscara de goleiro. — Quase esqueci. Obrigado pelo lembrete, Barrett.

Troy sorriu enquanto patinava em direção ao círculo de disputa de disco. Era bom sentir que ele poderia ser amigo de Wyatt agora.

Ilya agarrou o braço dele do lado de fora do círculo. — Vamos marcar pontos nessa jogada, ok?

Troy riu. — Parece bom. Você tem um plano?

— Sim. Acompanhe-me.

Troy balançou a cabeça, ainda sorrindo enquanto se abaixava em frente a Cale Wagner. — Oi de novo — disse Troy. — Wilson, certo? Ou Wagon? Desculpe, sempre esqueço seu nome.

— Por que você não pergunta para sua mãe?

— Não. Ela não tem a mínima ideia de você.

O disco caiu e Ilya o jogou para Troy. — Vamos lá! — gritou Ilya, e disparou pelo gelo.

Troy não teve problemas em acompanhar o ritmo, deixando Wagner para trás. Ele garantiu que entraria primeiro na zona de Nova York, carregando o disco, e depois o passou para Ilya, que o devolveu para Bood, enquanto Ilya passava pelo defensor do Admirals. Bood passou para Troy, e Troy encontrou Ilya na frente do gol. O goleiro não teve chance.

O gol fez 2 a 0 para Ottawa. Troy pulou em cima de Ilya contra as placas, e Bood esmagou os dois.

— Bom trabalho — disse Ilya, batendo na testa de cada um deles com a parte da frente do capacete. — Vamos fazer de novo.

— De jeito nenhum — disse Bood. — O próximo é meu.

O próximo, como se viu, veio de Luca Haas no segundo período. Infelizmente, foi depois que os Admirals marcaram dois gols para empatar o jogo, mas o gol de Haas deu a liderança ao Ottawa novamente.

No terceiro período, as coisas estavam bem intensas. Os Admirals estavam desesperados por um gol para salvar seu orgulho, e os Centaurs estavam determinados a impedi-los de consegui-lo.

Houve alguns empurrões depois que Wyatt fez uma defesa fácil no meio do terceiro período. Os ânimos estavam exaltados, e Ilya, como sempre, vinha provocando Scott Hunter a noite toda.

— Vou te matar, Rozanov — Scott rosnou na cara de Ilya. Troy estava meio que segurando o braço de Scott, mas era só para enfeitar. Scott tinha quase o dobro do tamanho dele.

— Você vem dizendo isso há anos — disse Rozanov com um largo sorriso. — Mas eu ainda estou aqui.

Scott se virou, cruzando brevemente o olhar com Troy, que soltou seu braço imediatamente. Então Troy notou Scott lutando contra um sorriso enquanto começava a patinar para longe.

— Acho que ele gosta de você — disse Troy a Ilya.

— Claro que sim. Sou ótimo.

O placar permaneceu em 3 a 2 para Ottawa durante a maior parte do terceiro período. Nova York lutou muito, ávida pelo gol de empate. Mas o time de Ottawa trabalhou junto como nunca antes e manteve a vantagem de um gol. Foi estressante tentar impedir que os Admirals marcassem, e o banco de Ottawa assistia nervosamente ao relógio marcar os minutos finais de jogo.

Faltando três minutos, já chegando perto do momento em que Nova York provavelmente iria tirar o goleiro para colocar um atacante extra, Troy conseguiu um contra-ataque livre. Dykstra colocou o disco no taco na zona

de Ottawa e Troy disparou. Ele era um dos patinadores mais rápidos da liga e um habilidoso no manejo do taco. Ele enfiou o disco entre as pernas do defensor do New York em seu caminho, pegou-o do outro lado e então estava sozinho, se aproximando do goleiro.

Tommy Andersson era um bom goleiro, mas Troy o enganou facilmente, balançando o disco e passando-o por cima da perna estendida de Andersson.

Com certeza foi um gol de destaque.

Um segundo depois, seus companheiros de linha estavam em cima dele. Bood empurrou seu capacete e disse: — Gosto muito mais daqueles seus gols exibicionistas quando estamos no mesmo time.

Depois do jogo, a maior parte do time foi comemorar em um bar chamado Monk, que Troy descobriu ser o favorito do time. Era uma taverna antiga no Glebe, não muito longe do apartamento de Troy.

Troy estava sentado à mesa com Evan Dykstra, Wyatt e a esposa deste, Lisa. Várias esposas e namoradas apareceram no bar, o que Troy achou legal. Em Toronto, havia uma regra tácita de não ter parceiras na maioria das comemorações do time.

— Acabei de terminar meu turno e nunca precisei tanto de uma cerveja — disse Lisa após o primeiro gole. — Se eu dormir daqui a pouco, é só me ignorar.

Wyatt passou o braço em volta dela e beijou o topo da sua cabeça. — Me avise quando quiser ir embora, campeã. Podemos continuar as comemorações em casa.

Ela empurrou o peito dele de leve. — Minhas comemorações envolvem banho e cama.

Ele arqueou as sobrancelhas. — A minha também.

Evan riu. — Acho que a Caitlin dormiu horas atrás. Ela disse que ia assistir ao jogo, mas parou de mandar mensagens depois do primeiro tempo.

— Eu não a culpo — disse Lisa, compreensiva. — Como está a Susie?

Evan se iluminou e começou a falar longamente sobre sua filha de um ano. Lisa sorriu enquanto ouvia, mas Troy percebeu que ela se aconchegava mais em Wyatt, com as pálpebras ficando mais pesadas.

Troy examinou o bar para ver o que todos estavam fazendo. Ilya estava falando mal de Bood em voz alta enquanto jogavam sinuca. Uma mesa barulhenta, cheia de jogadores mais jovens, estava cheia de jarras vazias, o que provavelmente não era bom.

Então, ele avistou Harris no bar e parou de olhar para qualquer outro lugar. Não tinha notado Harris entrar, mas não estava surpreso por ele estar ali. Vestia uma camisa jeans, com as mangas arregaçadas para exibir os antebraços.

E ele estava conversando com um homem muito alto e atraente, de cabelos escuros. Sorrindo para ele. Rindo. E o outro homem estava sorrindo e rindo também.

Troy cerrou os dentes. Ele não tinha nenhum direito sobre Harris, obviamente, mas vê-lo com outro homem fez Troy perceber que ele esperava voltar para casa com Harris naquela noite.

Ele se afastou da mesa e foi ao banheiro. Talvez, quando voltasse, Harris já tivesse saído com João Bonitão.

O banheiro estava vazio quando ele entrou. Ele parou em frente ao mictório e, quando estava abrindo a braguilha, a porta se abriu atrás dele.

— Barrett — disse a voz de Ilya Rozanov.

Ilya se encostou no mictório ao lado do Troy, o que era... apertado. Mas o Ilya era um cara meio estranho, então fazia sentido.

— Se divertindo? — perguntou Ilya.

— Hum.

— No bar. Não aqui.

— Sim, claro. — Troy tentou terminar o mais rápido possível, mas tinha bebido muita cerveja.

— É bom vencer. — Ilya terminou em primeiro, fechou o zíper e foi em direção às pias. — Para ter algo para comemorar.

— Ei, uh. — Troy se endireitou e seguiu Ilya. — Aquele discurso antes do jogo... Acho que não teríamos vencido sem ele.

— Todos trabalharam duro esta noite — disse Ilya enquanto se olhava no espelho. — Vocês fizeram um bom trabalho hoje.

— Foi um gol muito bonito — admitiu Troy.

— Não é o objetivo. As postagens que você fez. No Instagram. Foi legal, Barrett.

— Ah. Eu não sabia que você tinha visto isso.

Os lábios de Ilya se curvaram num meio sorriso provocador. — Estou te seguindo. Você não viu?

— Eu realmente não verifiquei depois que postei isso.

— Deveria. As pessoas curtem. Principalmente depois que *eu* compartilhei.

Meu Deus. O Ilya não tinha centenas de milhares de seguidores? Troy sabia que o objetivo das redes sociais era fazer com que seus pensamentos e fotos fossem vistos pelo maior número de pessoas possível, mas ainda assim se sentia ansioso. — Então, muita gente já viu?

— Sim. — Ilya deu um tapinha em seu ombro. — Como eu disse. Bom trabalho.

Ilya saiu do banheiro, e Troy encarou a porta, sem saber se estava pronto para voltar. Sem saber mais quem ele era. Nunca se sentira tão desconfortável consigo mesmo. Tinha sido fácil ser um babaca. Tinha sido

seguro. Agora, de repente, ele estava se posicionando, se expondo online, pensando em se assumir gay publicamente e talvez ver se Harris queria beijá-lo novamente.

Ele não tinha mais ninguém para se esconder, e a máscara estava tão cheia de rachaduras que ele poderia muito bem jogá-la fora.

Troy saiu do banheiro e, embora soubesse que era uma má ideia, foi direto para o bar. E para Harris. E para o cara gostoso com quem Harris provavelmente estava flertando.

— Troy! — Harris gritou alegremente assim que o avistou. — Gol incrível hoje à noite. Puta merda.

— Valeu. — O olhar de Troy estava fixo no gato deslumbrante que Harris praticamente segurava de mãos dadas. *Quantos gols incríveis* você *marcou hoje à noite, cara?*

— Este é o Alain — disse Harris. — Alain, este é o Troy Barrett.

Alain estendeu a mão e Troy, depois de franzir a testa por um segundo, apertou-a. A mão de Alain era quente e forte, e seus olhos escuros eram tão lindos que era difícil encará-los diretamente.

— Oi, Alain — murmurou Troy.

— É uma honra conhecê-lo — disse Alain com um forte sotaque quebequense. — A Gen estava me contando sobre o seu Instagram.

— Oh?

— Alain é o namorado da Gen — Harris forneceu.

Foi constrangedor o alívio que Troy sentiu com isso. — Que legal. A Gen parece ótima.

Naquele momento, Gen surgiu por trás de Alain. — Gen *é* ótima. Ah, oi, Troy. Belo gol hoje.

— Obrigado.

— O gif que postei já tem um zilhão de curtidas — disse Harris.

— Oh sim?

— Sim. E o mesmo acontece com suas postagens no Instagram, agora que as contas do time as compartilharam.

Troy sentiu uma mistura confusa de constrangimento e prazer. — Você viu isso, hein?

— Não graças a você. — Harris deu um soquinho no braço dele, brincando. — Você não me disse que tinha criado uma conta! Ou que ia usá-la para bancar o herói.

— Até parece. — As bochechas de Troy coraram. — Eu tive que, hum, assistir a alguns tutoriais, para descobrir como fazer umas coisas, mas acho que estou pegando o jeito.

— Adoro suas postagens, Troy — disse Gen. — É assim que se pode ser um aliado. Continue assim.

Um aliado. Troy supôs que era isso que ele era, ou o que tentava ser. Não um herói, certamente. — Obrigado. Eu farei isso.

Gen se virou para Alain e disse algo em francês rápido. Então, disse para Harris e Troy: — Vamos embora.

Harris deu um abraço em cada um deles enquanto Troy ficou sem jeito ao lado.

— Então — disse Harris, depois que eles saíram — você quer uma bebida?

— Não, já tomei umas cervejas. Acho que estou bem. — Ele apontou para o copo de cerveja de Harris. — É a sidra da sua irmã?

— Pode apostar. Eles têm aqui na torneira.

— Legal.

Um silêncio constrangedor recaiu entre eles. Tinha sido um dia excelente para Troy, e ele não conseguia deixar de pensar que a maneira perfeita de coroar tudo seria prender Harris contra uma parede em algum lugar e beijá-lo até deixá-lo sem fôlego.

Se Harris estivesse interessado nisso.

— Não conversamos muito desde que voltamos da Flórida — disse Troy.

— Eu também notei isso.

— Eu não tenho te evitado nem nada. Não é porque nós, uh. Sabe.

Os olhos de Harris brilharam. — Tem certeza?

Troy não conseguia mentir para ele. — Talvez seja. Estou meio envergonhado com isso.

Harris bufou. — Bem, não é isso que eu quero ouvir.

— Não! Quer dizer, não estou envergonhado pelo... que fizemos. É porque eu meio que joguei um monte de coisas em você e fui embora.

— Você fez isso — concordou Harris. — Mas, para ser justo, foram alguns dias estranhos.

— É, bom. — Troy abaixou a cabeça. — Eu também disse que o que fizemos não foi grande coisa. Mas a questão é que meio que... foi.

Os olhos de Harris se arregalaram.

— Para mim, pelo menos — disse Troy rapidamente. — Eu normalmente não... faço isso. Só fiz isso com, hum... bem, você sabe. — Ele esperava que um dia pudesse falar sobre ser gay, sobre namorar homens, em um lugar público, mas hoje não era esse dia.

— Eu sei — disse Harris gentilmente. — Quando saí do seu quarto de hotel depois de dizer tudo aquilo, passei o resto da noite pensando em como tudo isso deve ter sido importante para você. Tudo aquilo. O que fizemos. O que você conseguiu me contar. E me sinto honrado por você confiar em mim o suficiente para compartilhar isso comigo.

Troy cutucou a perna de um banco de bar com o dedo do pé. — Eu confio. Confio em você. E, hum. Gostei do que fizemos. Muito.

Harris pôs a mão em seu braço, quente e firme. — Troy. Você gostaria de fazer o que fizemos de novo?

O coração de Troy acelerou, mas ele conseguiu concordar.

— Você gostaria de fazer isso... agora mesmo?

Troy não conseguiu responder. Apenas o encarou, atordoado com a proposta fácil de Harris. Seu olhar se concentrou nos lábios de Harris, brilhando com o último gole de sidra.

Harris se aproximou um pouco mais. — Porque eu *realmente* gostaria.

Troy sentiu-se tonto e não conseguia pensar em nada além de apertar suas bocas. Seu pau já estava endurecendo, o que seria perceptível na calça jeans justa que ele usava.

— Sim — ele sussurrou, e então, mais alto e com mais firmeza, disse: — Sim. Vamos.

Harris deu um passo para trás, e Troy quase caiu para a frente, tentando se aquecer. Harris o amparou com a mão amiga e riu. — Tem certeza de que só tomou duas cervejas?

— Não estou bêbado — prometeu Troy, endireitando-se. — Estou só... ansioso.

Harris se inclinou na direção dele, sua respiração roçando a orelha de Troy. — Eu posso trabalhar com ansiedade. Vamos pegar nossos casacos e sair daqui.

Capítulo Dezessete

— Você queria me beijar lá dentro — disse Harris assim que ficaram sozinhos na calçada coberta de neve.

— Fui óbvio?

Harris achava que nunca esqueceria o jeito faminto com que Troy tinha olhado para os seus lábios lá no bar. E não achava que algum dia fosse se acostumar com o fato de Troy, nada menos que Troy Barrett, querer ficar com ele. — Um pouquinho.

— Bem, para ser sincero, ainda quero te beijar.

Harris parou de andar e se virou para encará-lo. — É?

Um carro passou, e Troy se afastou. — Eu espero.

Harris tentou não se sentir decepcionado. Será que ele realmente esperava que Troy o beijasse numa rua movimentada, bem em frente a um bar lotado de seus companheiros de time? Isso não seria bom para nenhum dos dois.

— Estacionei em casa e vim andando — disse Harris.

— Eu também.

— Então vamos para a sua casa? Ficamos perto das duas.

Troy mordeu o lábio. — Vamos para a sua casa, se não tiver problema.

— Definitivamente.

A boca de Troy se curvou em um de seus raros e adoráveis sorrisinhos. — Eu estava querendo ver onde você mora.

Isso animou Harris. — Não é um palácio, mas eu gosto.

A neve caía ao redor deles, suave, mas fofa o suficiente para se acumular na calçada. Era uma noite linda e tranquila. Assim que entraram na rua de

Harris, eles eram os únicos por perto. Harris arriscou e estendeu a mão para Troy. Ficou emocionado quando Troy entrelaçou seus dedos enluvados com os de Harris sem hesitar.

Um minuto depois, ele ficou surpreso quando Troy puxou as mãos unidas de ambos, puxando Harris para perto, e o beijou. Foi rápido, e não exatamente apaixonado, mas tão doce e inesperado que Harris achou que suas pernas iriam derreter.

— Isso foi fofo — disse Harris quando eles retomaram a caminhada.

— Eu posso ser fofo.

— Foi assim que você imaginou me beijar, lá no bar?

— Não. Vou esperar até estarmos atrás de uma porta trancada para isso. — A voz baixa de Troy estava cheia de promessas obscenas, e Harris apressou o passo.

Finalmente, chegaram à porta da frente de Harris, e ele conseguiu se lembrar de como usar uma chave, apesar de Troy não parar de tocá-lo. Seus dedos roçaram suavemente a nuca de Harris, e então ele o beijou embaixo da orelha.

— Mal posso esperar — disse Troy em voz baixa. — Tenho pensado tanto nisso.

— Realmente?

Troy encostou a virilha na bunda de Harris, deixando-o sentir o quanto estava excitado. — Hm. Abra a porta.

Harris empurrou a porta, puxou Troy para dentro e foi imediatamente pressionado contra ela assim que a fechou novamente. Troy tomou sua boca do jeito que ambos queriam, duro, possessivo e faminto. Harris gemeu e se encolheu contra a porta, deixando Troy segurá-lo com um joelho entre as coxas de Harris, uma mão em sua nuca e outra em seu quadril.

— Você tem gosto de maçã — Troy murmurou contra seus lábios.

— Sidra — Harris murmurou.

Troy mergulhou novamente, beijando-o mais lentamente desta vez, como se estivesse saboreando o gosto. Harris estava no paraíso. Se pudesse ficar ali, explorando o calor aveludado e escorregadio da boca de Troy com seu corpo sólido pressionado contra ele, seria feliz pelo resto da vida.

Só que sua ereção roçava na coxa enorme de Troy, adicionando um toque de urgência à situação. Eles precisavam ir para o quarto.

— Nós deveríamos... — Harris tentou.

— Eu sei. — Troy caiu de joelhos e praticamente rasgou a braguilha de Harris.

— Eu quis dizer... — Harris ofegou desesperadamente.

— Eu sei. Só me deixa... — Ele empurrou a barra do casaco de Harris para cima, para fora do caminho, e mergulhou. O pau de Harris estava preso na boca quente e maravilhosa de Troy, e ele parou de se importar com o quarto. Eles poderiam transar ali mesmo, na cozinha minúscula dele, ou num banco de neve lá fora. Ele realmente não se importava.

Troy o penetrava profundamente, balançando a cabeça e chupando com força, de um jeito quase agressivo. Não havia nada de gentil nisso, e Harris adorava. Soltou um gemido alto e feliz e entrelaçou os dedos nos cabelos sedosos de Troy.

Troy parou o suficiente para perguntar: — Tudo bem? — Sua voz já soava abalada. — Não é demais?

Harris só conseguia balançar a cabeça, hipnotizado pela beleza do homem ajoelhado diante dele. Os olhos de Troy estavam escuros de luxúria, seus lábios inchados e brilhantes.

Aqueles lábios se curvaram num sorriso tímido e infantil. — Desculpe se estou sendo...

— Ansioso?

Troy envolveu os lábios ao redor da cabeça do pênis de Harris e cantarolou um ruído afirmativo.

— Só... só para deixar claro — disse Harris, hesitante — você não precisa ser gentil comigo.

Troy se afastou e encarou Harris como se não acreditasse no que ele acabara de dizer. — Eu não vou te machucar.

— Eu sei.

Troy respirou fundo. — Merda. Precisamos ir para o seu quarto. Puta merda.

Ele se levantou, o que permitiu que Harris clareasse um pouco a mente. — Vamos tirar os casacos e roupas primeiro. É estranho usar uma parka com o pau de fora.

Troy o encarou. — Mas parece bom.

Harris riu e guardou a ereção de volta na cueca, depois abriu o zíper do casaco. Eles jogaram as roupas de frio e as botas em uma pilha em frente à porta. Não chegaram mais perto do quarto porque Troy imediatamente encostou Harris na parede e o beijou novamente.

— Quarto — disse Harris, rindo.

— Certo. É. Desculpe.

Harris pegou a mão dele e o conduziu pela cozinha em direção ao quarto nos fundos do apartamento. — Que tal eu te mostrar o lugar depois?

— Combinado.

Harris atravessou seu quarto no escuro e acendeu o abajur de cabeceira.

Troy Barrett estava em seu *quarto.*

O quarto estava decorado de forma caótica, com muitas fotos de amigos e familiares - incluindo um conjunto de fotos emolduradas dos cães e gatos que os Drovers tiveram ao longo dos anos. Havia também recordações dos Centaurs, pôsteres de shows, várias gravuras que ele havia comprado no

Etsy, apetrechos do Orgulho LGBTQIA+ e muitos travesseiros em sua cama. Um deles tinha o formato de uma maçã.

— Uau — disse Troy. — Isso é... exatamente o que eu esperava.

— Realmente?

— É. É a sua cara. Mostra seu amor por... tudo.

— Eu não amo *tudo.*

Troy abraçou Harris por trás e beijou o lado do pescoço dele enquanto Harris tremia de felicidade e expectativa.

— Mas eu adoro isso — suspirou Harris. Ele *realmente* adorava o fato de nunca saber o que esperar de Troy. Era emocionante e um pouco assustador, e isso também era excitante.

Troy provavelmente lhe daria exatamente o que ele queria, se Harris pedisse. Se Harris conseguisse reunir a força mental para formular palavras agora que a mão de Troy mergulhara em sua calça jeans aberta e massageava seu pênis através da cueca de Harris. Ele gemeu e inclinou a cabeça para trás, procurando a boca de Troy. Eles se beijaram de forma torta e desajeitada, até que Harris se virou para que pudessem se beijar direito.

Ele deslizou a mão por baixo da camiseta de Troy, sobre os sulcos firmes do abdômen. Troy interpretou como uma indireta e rapidamente arrancou a camisa. E, uau! Lá estava o torso ridículo de Troy novamente. Bem ali para Harris brincar.

— Você é tão gostoso — disse Harris. — Achei que ia morrer naquela praia. E não por causa das ondas.

— Da água-viva assassina de um quilômetro de comprimento?

Harris riu. — Não. Pelo tanto que eu queria que você me empurrasse na areia e montasse em mim.

Troy acariciou a barba de Harris. — É isso que você quer? Quer ser empurrado e dominado?

Harris ficou de boca aberta porque *sim*... — Meu Deus, sim. Tanto.

— Você não quer que eu seja gentil com você. Foi o que você disse.

— Eu não. Eu quero que você... — Harris não conseguiu terminar a frase por algum motivo. Possivelmente porque a realidade da situação estava se impondo. Ele nunca tinha tido alguém que o tratasse exatamente como ele desejava. Precisava estar com alguém em quem confiasse, que estivesse disposto e fosse capaz. Talvez tivesse encontrado a pessoa perfeita.

Ele engoliu em seco e endireitou os ombros. — Quero que você seja rude comigo. Não sou masoquista, mas, só não me trate como se eu fosse delicado, ok?

Troy passou o polegar pela maçã do rosto de Harris, seus olhos azuis flamejantes, escuros e intensos. — Você não é delicado, Harris.

Harris sentiu-se tonto. Ouvir aquelas palavras, ditas tão claramente por um homem por quem se sentia extremamente atraído, foi quase demais. Ele esperara tanto tempo para que alguém as dissesse. — Não sou.

— Tenho fantasiado em te devorar por inteiro — disse Troy.

Não tinha como aquilo ser real. Era bom demais. — Você já?

— Quero te dar tudo o que você precisa. Você vai me deixar?

Harris não respondeu. Apenas o beijou sem a menor delicadeza. Era pura necessidade e luxúria, porque era tudo o que restava dele. Suas mãos percorreram o peito e a barriga firmes e nus de Troy, passando pelos músculos das costas e ombros. Troy os levou de volta para a beira da cama e interrompeu o beijo.

— Sua vez — disse ele, tocando o botão de cima da camisa de Harris.

Certo. Merda.

Ele observou Troy abrir a camisa, um botão de cada vez. Ele a deslizou pelos braços de Harris, que a jogou no chão. Ele estava usando uma camiseta

branca lisa por baixo e supôs que precisaria tirá-la também. Soltou um suspiro lento e tirou a camisa rapidamente, como um band-aid.

E esperou.

— Merda, Harris. — Troy passou a ponta dos dedos pela longa cicatriz vertical no peito de Harris. — O quê...

— Agora não, ok?

— Mas...

— Você prometeu. — Troy não tinha exatamente prometido, mas Harris não queria que suas cicatrizes mudassem a opinião de Troy sobre o quão delicado ele era.

Troy parecia querer forçar a barra, mas em vez disso passou os dedos nos pelos do peito de Harris, afastando-os da carne marcada que Harris tanto odiava.

— Adoro todo esse cabelo — murmurou Troy. — Tão sexy.

Harris suspirou de alívio e prazer. — Que bom. Tenho bastante.

Troy o puxou para a cama e rolou para que Harris ficasse embaixo dele. O peso de Troy o pressionava contra o colchão enquanto ele beijava o pescoço, a clavícula e o peito de Harris, evitando cuidadosamente as cicatrizes. Harris ofegou quando Troy agarrou seu mamilo com os dentes, quase com força demais, o que foi perfeito.

— Claro que sim — Harris suspirou. — Assim mesmo.

Troy mordeu novamente, puxando a carne sensível com os dentes. Harris gemeu e se contorceu, e Troy murmurou: — Meu Deus, olha só para você. — Suas palavras trilharam pela pele de Harris em uma lufada de ar quente. — Eu poderia te comer vivo.

— Faça isso — Harris implorou, distraído. Ele queria que Troy o segurasse e o fodesse com força. Ele queria tudo o que Troy havia fantasiado.

Troy se levantou, montando na cintura de Harris e olhando para ele. À luz fraca do abajur, a pele macia de Troy brilhava. Sombras se acumulavam nos sulcos entre seus músculos, acentuando-os. Harris passou o polegar sobre um mamilo escuro e firme, fascinado. Ouviu uma risadinha suave e se assustou ao ver Troy sorrindo para ele. Um sorriso brilhante e deslumbrante que alcançava seus olhos.

— Uau. — Harris havia perdido qualquer habilidade que um dia teve de ser descolado. — O que está fazendo você sorrir desse jeito?

— Estou feliz.

Era uma resposta tão simples e óbvia, mas fez Harris sorrir de volta. — Sim?

— Vou fazer sexo com um cara gostoso.

O estômago de Harris estava uma bagunça de excitação. — Então quer que eu vá embora?

Troy balançou a cabeça. — Se você não sabe o quão gostoso você é, então talvez eu precise te mostrar.

— Talvez.

— Vamos começar tirando essa calça jeans — disse Troy num ronco baixo e delicioso. — Quero ver todo você.

Ele ficou ao lado da cama e observou Harris tirar o resto da roupa. Então, Harris ficou nu, esparramado na cama, tentando não se cobrir enquanto Troy o inspecionava.

— Meu Deus, você é ainda melhor do que eu imaginava, Harris — disse Troy com a voz rouca. — Eu amo seu pau. Acaricie-o para mim. Deixa-me ver.

Harris fez o que lhe foi dito, mais do que feliz em dar um pouco de atenção ao seu pau. Ele gemeu de alívio enquanto se masturbava lentamente.

Troy abriu a própria calça jeans e deslizou a mão para acariciar sua ereção por cima da cueca. — Tão gostoso, Harris.

Harris ainda não conseguia acreditar que alguém com a aparência de Troy o achasse atraente. Achava-o até *gostoso.* Mas agora não era hora de protestar, porque Troy estava deslizando a calça jeans e a cueca pelos quadris e, puta merda.

O pênis de Troy era tão impressionante quanto o resto dele: longo, sólido e não circuncidado, saindo de uma mecha de pelo escuro e bem aparado como uma oferenda.

Harris esperou, ainda se acariciando, esperando para ver o que Troy faria em seguida.

Troy expirou lentamente enquanto seu olhar percorria o corpo de Harris. Estava fascinado por cada centímetro dele, desde o peito largo e peludo até a barriga macia, com uma trilha de pelos que levava ao seu pau roliço e não circuncidado.

E aquela cicatriz. Aquela sobre a qual Harris não queria falar, mas para a qual Troy sempre voltava o olhar.

Ele desviou o olhar, voltando para onde a mão de Harris ainda massageava obedientemente seu próprio pau. Fazia muito tempo que Troy não fazia aquilo - *de verdade,* sem roupa e com luz suficiente para ver seu lindo parceiro. Ele não sabia por onde começar.

— Venha aqui — disse Harris.

Troy se arrastou, deitando-se sobre o corpo sólido de Harris e tomando sua boca. Seus pênis se esfregaram enquanto se beijavam loucamente. Era tão bom estar pressionado contra o corpo nu de um homem. Se dependesse de Troy, ele nunca estaria em outro lugar.

Mas, acima de tudo, era incrível estar pressionado contra *Harris.* Estar em sua cama, fazendo-o ofegar de prazer. Beijando-o.

— Quero que você me foda — Harris ofegou contra os lábios de Troy.

Puta merda. Troy imaginou que era para lá que tudo aquilo ia dar, mas ouvir Harris dizer aquelas palavras foi surreal. — Sim?

— Sim. Quero com força.

— *Porra.* — Troy esfregou a bochecha na barba de Harris, tentando se acalmar. — Se importa se eu chupar seu pau mais um pouco antes?

— N-não.

Troy deslizou pelo corpo dele. Agarrou as duas coxas de Harris com força e as abriu, abrindo Harris completamente, parando, esperava ele, antes que o alongamento se tornasse desconfortável.

Harris gemeu e rolou a cabeça em um dos milhares de travesseiros empilhados em sua cama. — Troy. Porra.

Troy cravou os dedos nas coxas carnudas, com pressão suficiente para fazer Harris se contorcer. — Tudo bem? — perguntou.

— Tão bom que caralho. Puta merda.

Troy abaixou a cabeça e lambeu o membro de Harris. Nossa, como ele sentia falta de sexo, e sentia mais falta de um boquete do que de qualquer outra coisa. Fazia muito tempo que Troy não fazia isso, apesar de ter 25 anos e estar com tesão a maior parte do tempo.

Relacionamento à distância idiota. Não que isso tivesse impedido Adrian.

Troy não queria pensar nisso agora. Queria se concentrar no homem embaixo dele e aproveitar o cheiro almiscarado de sua virilha, as gotas salgadas de seu pré-sêmen e o jeito sexy como ele gemia - alto demais, como fazia tudo.

Ele o levou para o fundo, porque isso era algo em que Troy *era* bom. Hóquei e sexo oral profundo, suas duas principais habilidades.

— Uau. Nossa. Troy, isso é... uau.

Troy cantarolou em resposta e tirou uma das mãos das coxas de Harris para poder apertar e acariciar suas bolas. Ele adorava o jeito como Harris se contorcia na cama, já fora de si. Ele merecia se sentir tão bem. Troy queria lhe dar tudo o que ele merecia.

Com esse objetivo em mente, Troy deslizou os dedos até o buraco de Harris e começou a acariciá-lo e circulá-lo levemente. Ele deslizou os lábios até a cabeça do pênis de Harris, sugando e provocando mais pré-sêmen.

— Merda — Harris disse com a voz rouca. — Você tem que parar.

Troy o soltou e imobilizou seus dedos. — Precisa de uma pausa?

— Se você não quer que eu goze logo, sim.

— Talvez eu queira. Talvez eu ainda tenha algumas rodadas em mim.

— Você jogou uma partida hoje à noite. Não tem como.

— Isso é um desafio?

Harris apenas riu, o que Troy merecia. Ele sabia que provavelmente adormeceria assim que gozasse. Harris teria sorte se Troy não caísse em cima dele.

— Aqui... — Harris enfiou a mão no criado-mudo e tirou um frasco de lubrificante. — Acho que é seguro me tocar de novo.

Troy demorou a abrir Harris. Gostava de fazer isso e, mais uma vez, fazia tempo que não tinha essa oportunidade. Ele e Adrian não tinham papéis definidos no quarto; ambos estavam descobrindo o que gostavam um no outro. Troy preferia ser ativo, e esperava ter experiência suficiente para tornar isso bom para Harris. Era intimidador estar com alguém novo quando ele só tinha estado com Adrian antes. E se eles tivessem feito tudo errado?

— Nossa, isso é tão bom, Troy. Tão bom pra caralho. — Harris gemeu enquanto Troy o penetrava lentamente com três dedos. Então talvez Troy *estivesse* fazendo certo.

O pau do Harris era tão fofo. Troy não sabia como expressar isso sem soar estranho, então guardou para si. O pau do próprio Troy tinha uma aparência decente, longo e magro, com, ele achava, um bom formato. O pau do Harris era gordinho e um pouco mais curto que o do Troy, e tinha uma única sarda na cabeça pela qual Troy já estava obcecado.

— Cara — Harris disse entre dentes. — Vou precisar que você me foda agora.

Troy passou o dedo indicador sobre a próstata de Harris, fazendo-o estremecer e gemer. — Camisinhas?

— Gaveta. Com o lubrificante. Porra. Depressa.

Troy sorriu ao retirar os dedos. Seu próprio pau mal havia sido tocado, e isso provavelmente era melhor. Ele já sentia que poderia gozar assim que penetrasse Harris, e isso seria trágico.

Ele colocou a camisinha enquanto Harris o observava com olhos vidrados.

— Você quer com força? — perguntou Troy, para ter certeza.

— Por mais forte que seja. Eu aguento.

Troy respirou fundo. — Vire-se. Vou quebrar a porra da cama e te foder.

Harris se virou tão rápido que quase fez Troy rir, mas ele estava tentando ser intimidador. Ou pelo menos machão e sexy. Ajoelhou-se atrás de Harris, agarrando suas nádegas com as duas mãos e cravando os dedos. As costas de Harris se curvaram, levantando a bunda em um convite.

Num impulso, Troy abaixou a cabeça e cravou os dentes na nádega esquerda. Apreciou o suspiro de surpresa que Harris soltou. — Troy. Por favor.

Troy se alinhou, respirou fundo e se acalmou, então empurrou com cuidado. Harris podia querer com força, mas Troy ia se certificar de não o machucar.

— Bom? — perguntou ele quando já estava completamente dentro. Respirava com dificuldade, como se tivesse acabado de terminar um longo período no gelo, tentando manter o controle.

— Você está me matando, cara — disse Harris. — Eu disse que gostava de sexo violento, não que gostava de tortura.

Troy conteve um sorriso, então segurou firmemente os quadris de Harris e lhe deu o que queria.

Troy o penetrava com toda a força, enquanto Harris emitia sons altos e encorajadores. Troy gostava de exercícios e malhação, mas mesmo que odiasse, as horas diárias de trabalho que dedicava ao próprio corpo valeriam a pena por aquele momento. Ele adorava ser forte e ter a resistência necessária para foder Harris daquele jeito.

— Ah — Harris ofegou. — Porra, Troy. Não pare.

Ele não faria isso. Não até Harris se cansar. Ele deslizou as mãos nas costas de Harris, e os braços deste cederam, jogando-o no colchão. Troy o seguiu, abaixando o corpo sobre o de Harris, segurando-o com a mão firme entre as omoplatas enquanto o martelava com uma britadeira.

— Sim — Harris ofegou. — Adoro isso. Puta merda.

Troy continuou, perdendo-se na felicidade de transar com alguém. De transar com *Harris*. Ele queria fazer aquilo para sempre, só que estava chegando perto do próprio orgasmo e não queria gozar primeiro.

— Você — ele disse entre dentes. — Quero que você...

Ele ergueu a palma da mão e olhou, espantado, para a mancha vermelha que deixara na pele de Harris. Depois, passou o braço em volta do peito de Harris e o puxou bruscamente para cima. Puxou Harris de volta, de modo que ele se sentasse no colo de Troy, de costas para o peito. — Acaricia-se — rosnou no ouvido de Harris. — Preciso ver você gozar.

Troy investia contra ele enquanto Harris se masturbava freneticamente. Estava se tornando uma luta manter o ritmo que Harris queria, porque Troy estava prestes a gozar dentro dele. Ele precisava que Harris gozasse. Agora.

— Vamos lá — ele ofegou. — Estou tão perto, Harris. Porra.

— Eu também. Continue.

Troy não tinha certeza do que lhe deu, mas de repente estava mordendo a carne entre o pescoço e o ombro de Harris como um cachorro. Foi um impulso estranho, mas pareceu funcionar para Harris, pois ele gritou e gozou por toda a barriga peluda.

— Puta merda, Harris. Estou gozando. Eu... — Troy não conseguia falar. Seu orgasmo o percorreu em uma explosão ofuscante e maravilhosa enquanto a bunda de Harris o apertava com força.

Quando conseguiu se lembrar, Troy percebeu que estava salpicando o ombro de Harris com beijos gentis, como se estivesse se desculpando por ter agido de forma selvagem com ele. Harris respirava pesadamente, o peito arfando contra o braço de Troy.

— Isso foi perfeito — Harris ofegou. — Isso foi... meu Deus. Eu nunca...

Troy continuou beijando-o. Ele não conseguia parar. Em todos os lugares que conseguia alcançar: ombros, pescoço, costas, cabelo.

— Obrigado — suspirou Harris. — Eu precisava disso.

— Eu também precisava.

Ele soltou Harris com cuidado e saiu. Harris desabou na cama, esparramado de costas, e sorriu preguiçosamente para Troy.

— Meu Deus — Troy bufou. — Você parece aniquilado.

— Não sobrou nada de mim. — Harris abriu os braços sobre o colchão. — Eles vão precisar contratar um novo gerente de mídias sociais.

— Vai ser estranho explicar o porquê.

— Hum. — Ele fechou os olhos, o que significava que não conseguia ver o sorriso desamparado de Troy. O cabelo de Harris estava uma bagunça, sua pele corada e brilhando de suor, e seu rosto estava relaxado e satisfeito, como se Troy tivesse lhe dado exatamente o que ele precisava.

— Não durma ainda. Onde é seu banheiro?

Harris acenou com a mão na direção da porta sem abrir os olhos. — Lá fora.

Troy bufou e tirou a camisinha. — Já volto.

— Mmmf.

Quando Troy voltou do banheiro, limpou Harris com uma toalha de rosto que havia encontrado. — Você está bem?

— Estou incrível — disse Harris. — Provavelmente não vou andar a cavalo amanhã, mas...

— Sério? Eu não te machuquei?

Harris se sentou. — Eu juro que não. Eu adorei.

— Tá. — O pau do Harris ficava ainda mais lindo quando estava mole. — Quer que eu vá embora? — Troy realmente esperava que não, porque estava desmoronando.

— Não! Claro que não. Fique.

— Ótimo. Obrigado. — Troy jogou a toalha de rosto no cesto de roupa suja no canto. Harris puxou os cobertores, convidando-os, e os dois se enfiaram debaixo deles. Vários travesseiros caíram no chão enquanto os dois homens se acomodavam.

— Não acredito que você pensou que eu ia te expulsar — Harris repreendeu.

— Eu não queria presumir.

— O que aconteceu com a ideia de ficar acordado a noite toda, garanhão? Não foi isso que você disse?

— Vai se foder — murmurou Troy, sonolento. Ele lutava para manter os olhos abertos.

— Algumas rodadas. Foi o que você disse.

Troy fechou os olhos. — Só um segundo — disse ele arrastado.

Harris riu e apagou o abajur. Um instante depois, aconchegou-se em Troy, quente, macio e muito acolhedor. Troy o abraçou, puxando-o para perto para que pudessem ficar de conchinha. Troy tinha quase certeza de que havia uma almofada ou algo assim embaixo dele, mas não se importava. Estava mais confortável do que nunca.

— Boa noite — disse Harris.

— Sim — Troy concordou.

Capítulo Dezoito

Troy acordou tarde na manhã seguinte sentindo-se bem descansado e perfeitamente confortável.

Quase.

— Em que porra eu estou deitado? — Ele colocou a mão sob as costas e tirou o que parecia ser uma girafa de pelúcia extremamente surrada e desgastada?

— Ah — disse Harris, estendendo a mão para pegá-la. — É o Sr. Pescoçudo.

Troy o afastou de si, examinando o brinquedo tão querido. — Nossa. O Sr. Pescoçudo já passou por muita coisa.

— É — disse Harris, abaixando a mão. — Eu o tenho desde que eu era um bebê. Éramos inseparáveis.

— Fofinho.

— Ele era reconfortante, sabe, quando eu... Bem, eu ficava muito tempo no hospital quando criança. E depois de adulto, eu acho, mas principalmente quando criança.

Troy se virou de lado para que pudessem se encarar. — Quer conversar sobre isso?

— Claro. Por que não? — Harris franziu a testa, e Troy prendeu a respiração. Ele estava apavorado que Harris lhe dissesse que ele tinha um mês de vida ou algo assim. — Eu nasci com um defeito cardíaco. Chama-se truncus arteriosus, mas basicamente minhas artérias estavam todas danificadas, e eu fiz algumas cirurgias ao longo dos anos para resolver isso. A mais recente foi há três anos.

— Jesus. — Parecia tão errado que alguém tão carinhoso e amoroso como Harris tivesse algum problema no coração. — Sinto muito. Como você está agora?

— Bem. — disse Harris rapidamente, automaticamente, como alguém que já tivesse sido questionado sobre sua saúde inúmeras vezes. — Sério, estou bem. Eu faço exames com os médicos o tempo todo. Mas é por isso que nunca joguei hóquei quando era criança. Provavelmente até *poderia* ter jogado, mas meus pais ficaram preocupados. Não os culpo.

Troy também não podia culpá-los, pois mesmo agora queria enrolar Harris num cobertor e mantê-lo seguro. Mas Harris odiaria isso, então, em vez disso, entregou a Harris sua girafa de pelúcia. — Fico feliz que você tenha bons médicos. E bons pais. E o Sr. Pescoçudo.

Harris riu. — O Sr. Pescoçudo esteve comigo nos bons e maus momentos. Ele é puro amor.

— Sinto muito que ele tenha presenciado o que fizemos ontem à noite. Hum. Em cima dele. — Troy se apoiou no cotovelo e sorriu. — Tecnicamente, foi um ménage à trois?

Harris o atingiu com a girafa. — Não! Que diabos há de errado com você? E não é a primeira vez que o Sr. Pescoçudo vê esse tipo de coisa.

Troy sentiu uma pontada injustificada de ciúmes por haver outros homens naquela cama, mas reprimiu-a. — O Sr. Pescoçudo é um pervertido.

— De jeito nenhum, cara. Ele é só tranquilo e positivo em relação ao sexo.

Os dois riram. Troy achou incrivelmente fácil rir com Harris.

— Devíamos tomar um banho — disse Harris.

— Nós dois cabemos?

— Estou disposto a tentar. — Harris o beijou rapidamente e rolou para fora da cama. — Porra, está frio. Vamos.

Os dois conseguiram entrar no chuveiro, mas por pouco. Estava tudo bem, porque Troy não queria ficar a mais de um centímetro de Harris. Eles se beijaram por um longo tempo, desperdiçando água, enquanto suas ereções se chocavam.

Finalmente, eles começaram a se limpar. Harris lhe entregou um frasco de xampu, e Troy riu ao ler o frasco.

— O quê? — perguntou Harris.

— Tem cheiro de maçã.

— É mesmo?

— Sim! Meu Deus. Achei que estava ficando louco. Eu ficava sentindo cheiro de maçã sempre que você estava por perto e dizia a mim mesmo que estava imaginando. Meu Deus.

Harris sorriu. — Acho que meu sabão em pó também pode ter cheiro de maçã verde.

Troy derramou um pouco de xampu na palma da mão e começou a aplicá-lo no cabelo de Harris. — Inacreditável.

Harris deu um suspiro feliz e pareceu se divertir em silêncio com Troy massageando seu couro cabeludo por alguns segundos, e então disse: — Você achou que eu tinha um cheiro natural de maçã? Porque isso é adorável.

— Não! Eu pensei que fosse, tipo, psicossomático. Ou algo assim.

— Você *queria* que eu cheirasse a maçãs?

— Podemos deixar isso de lado, sabia?

— Você fica excitado com o cheiro de maçãs, Troy?

— Eu não costumava ficar. — Ele deu um passo para trás, se afastando de Harris. — Enxague.

Harris inclinou a cabeça para trás sob o jato d'água. — Eu te dei uma tara de maçã?

— Talvez. — Troy caiu de joelhos e beijou a cabeça do pênis saltitante de Harris.

— Ah, merda — disse Harris, arregalando os olhos, surpreso. — Eu estava brincando.

— É, bom, eu quero que você fique quieto sobre maçãs. — Troy o colocou na boca e apalpou suas nádegas, apertando-as enquanto chupava o pau. Harris parou de falar sobre maçãs ou qualquer outra coisa por alguns minutos.

— Você é — Harris ofegou — tão bom nisso. — Ele acariciou o cabelo molhado de Troy, observando tudo o que ele fazia. Troy se afastou um pouco para poder dar mais atenção à cabeça.

— Ah, merda — Harris ofegou. — Estou super perto.

Troy não parou. Ele queria tudo o que pudesse ter daquele homem.

Harris gozou em segundos; seus gritos soaram ainda mais altos do que o normal no pequeno box do chuveiro. Troy engoliu em seco, gemendo de excitação ao fazer um homem gozar com a boca.

— Suba aqui — disse Harris com a voz rouca. — Me beija. Quero te tocar.

Troy demorou, deslizando lentamente os lábios do pênis de Harris e beijando-o até a barriga, o peito e passando pelas cicatrizes que protegiam seu coração resiliente.

Suas bocas se chocaram e Harris envolveu a ereção de Troy com a mão. Não demorou muito para que Harris o levasse à beira do orgasmo, e então o superasse, com o prazer explodindo por todo o corpo de Troy enquanto sua liberação respingava na barriga de Harris.

Mesmo recuperando o fôlego, Troy continuou a beijá-lo. Ele não se cansava dele. Não era saudável.

— Então — disse Harris, pressionando a testa na de Troy — eu tinha gosto de maçã?

Troy bufou. — Cale a boca.

Harris riu, e Troy não conseguiu se conter e se juntou a ele. Conseguir rir sem esforço algum era um tipo diferente de alívio, possivelmente mais estimulante do que o orgasmo que ele acabara de desfrutar intensamente.

Finalmente, eles se limparam, saíram do chuveiro e se vestiram. Troy estava morrendo de fome quando eles foram para a cozinha.

— Você gosta de aveia? — perguntou Harris. — É o que eu normalmente como no café da manhã. Vou fazer café também, claro.

O pânico começou a invadir a mente excepcionalmente feliz de Troy. Talvez fosse a menção de Harris ao seu café da manhã *normal,* o lembrete de que Troy havia conseguido se inserir em sua rotina matinal. Talvez fosse a percepção repentina de que Troy estava na cozinha de Harris, em sua *casa.* Talvez fosse a percepção ainda mais assustadora de que ele não queria ir embora. Fosse o que fosse, Troy voltou ao seu eu habitual, cauteloso.

— Eu deveria ir, provavelmente. Você não precisa me alimentar.

— Mas você não comeu — protestou Harris. Então sorriu. — Bem, você *mal* comeu.

— Bruto.

— É tão fácil preparar duas porções de aveia quanto uma. Sente-se. Fique para o café da manhã, pelo menos. Ou, se preferir, tem uma lanchonete não muito longe daqui que...

— Eu fico. Mingau de aveia está ótimo. — A única coisa pior do que ficar ali com Harris agora seria passar um tempo em público com ele. Qualquer um que os visse juntos saberia que Troy estava a fim do cara, e ele não estava pronto para isso.

Troy não se sentou. Ele vagou pela pequena cozinha, provavelmente atrapalhando Harris. Estava cheio de energia e nervosismo e provavelmente deveria correr ou ir para a academia assim que saísse dali.

— Se você vai ficar pulando por aí desse jeito, talvez possa fazer café — sugeriu Harris.

— Ok.

Harris apontou para um armário e depois para a cafeteira no balcão. Troy começou a trabalhar. Quando a cafeteira começou a borbulhar e o café começou a escorrer para a cafeteira, ele se recostou no balcão, observando Harris mexer a aveia. Ele vestia calça jeans e uma camisa xadrez azul, e seu cabelo ainda estava úmido. Troy queria puxá-lo para seus braços, de volta para a cama e nunca mais sair.

Dois meses antes, ele não conseguia imaginar se sentir feliz novamente, muito menos encontrar um homem com quem pudesse ser ele mesmo. Ele pensava que Adrian era sua única chance de felicidade, mas agora, na cozinha de Harris, Troy percebeu que nunca se sentira tão confortável com Adrian. O relacionamento deles era sexy e excitante, mas era sustentado pelo medo e pela ansiedade. Ambos tinham tanto medo de serem pegos, e seus momentos a sós, roubados, eram cheios de desespero e alívio. Troy ficara tão emocionado por ter *alguém* por quem se apaixonar que se agarrara a Adrian com as duas mãos, sem ousar considerar outras opções. Adrian, por sua vez, estendia as mãos em duas direções diferentes. Até que se soltou de Troy completamente.

Nem tudo tinha sido sexo. Eles compartilharam partes de si mesmos um com o outro, mas Troy nunca teve a impressão de que Adrian tivesse se interessado particularmente pela vida dele. Adrian nunca se interessara excessivamente por *ninguém* que não fosse Adrian. Duvidava que estivesse mesmo muito interessado em seu novo noivo.

Resumindo, Troy estava experimentando todo tipo de sentimentos novos com Harris, e isso estava acabando com ele.

Harris colocou aveia em duas tigelas. — Quer xarope de bordo?

— Claro. — Troy apontou para o canto do balcão da cozinha de Harris. — É aquela panela elétrica com a qual você me disse para não me preocupar?

Harris riu. — Juro que não tem nada acontecendo entre mim e a panela elétrica.

— Hum.

— Mas — disse Harris cautelosamente — se a panela perguntar sobre você, o que devo dizer a ela?

O coração de Troy disparou. — Não sei. O que você quer dizer a ela?

Harris olhou para ele rapidamente e depois voltou a atenção para as tigelas de mingau de aveia. — Gostaria de dizer a ela que conheci alguém e que gosto muito dele. E acho que ele também gosta de mim. E gostaria de ver como as coisas vão com ele, se ele também quiser.

Troy não respondeu. Não conseguia. Não era chocante o que Harris estava dizendo. Obviamente, ambos estavam a fim um do outro, mas Troy ainda não conseguia acreditar no que estava sendo oferecido. E não tinha certeza se conseguiria aceitar.

— Hum — disse Harris, com as bochechas corando. — Talvez eu esteja supondo demais. Com esse cara. Que eu gosto.

— Você não está — disse Troy calmamente.

— Não? — Harris virou-se para encará-lo, com uma expressão esperançosa.

— Mas — disse Troy, porque precisava deixar isso claro — não tenho certeza do que posso oferecer. Você sabe que não sou assumido, e não vou pedir para você se esconder comigo.

— Acho que não *conseguiria me* esconder — admitiu Harris. — Sou meio que um livro aberto. Não sou bom em me esgueirar.

Não, Harris era a pessoa mais honesta e alegre que Troy já conhecera. Ele não pertencia às sombras. — Eu sei. E você não deveria. — Troy suspirou.

— Gosto muito de você, Harris, mas preciso de um tempo para me entender. Talvez até lá a gente deva só, sabe, ser amigo.

O sorriso de Harris não parecia natural. Ou real. — Claro. Faz sentido.

Troy assentiu, sentindo a cabeça pesada de repente. — Faz mesmo. Obrigado.

Por um momento, nenhum dos dois disse nada. Então Harris entregou uma das tigelas a Troy. — A aveia está esfriando. Vamos comer.

Troy queria jogar a aveia na pia e beijar Harris contra a geladeira. Queria levá-lo para tomar café da manhã e segurar sua mão enquanto esperavam a comida. Queria fazer café para ele todas as manhãs.

Em vez disso, ele silenciosamente levou sua tigela para a mesa e sentou-se desajeitadamente em frente ao seu novo amigo.

Capítulo Dezenove

Agora que Troy havia se permitido experimentar Harris, seu corpo ardia de frustração sexual. Disse a si mesmo que estava se distanciando de Harris pelos motivos certos e que não seria justo dormir com ele se Troy não fosse corajoso o suficiente para segurar sua mão livremente. Troy precisava *conquistar* Harris. Talvez nunca o merecesse, mas precisava tentar.

Na verdade, ele não estava se distanciando de Harris em nada. Nas últimas duas semanas, ele tinha visto o homem o máximo que suas agendas lotadas permitiam. Harris até ajudou Troy com suas postagens no Instagram, dando-lhe uma lista de ativistas, abrigos e organizações para seguir e mostrando como compartilhar suas postagens nos stories de Troy. Harris estava animado com o número de seguidores que Troy havia conquistado, mas Troy continuava evitando olhar sua conta além de criar postagens.

Mas ele se sentia bem. Fazia doações consideráveis para as organizações que promovia e, embora quisesse fazer mais, era um começo. Pela primeira vez na vida, estava usando seu privilégio para algo que valesse a pena e, embora ainda estivesse um pouco apavorado, estava animado.

Ottawa também venceu todos os jogos desde a grande vitória contra Nova York. Isso não atrapalhou.

E Harris parecia orgulhoso de Troy. Isso também ajudou.

Mas os sorrisos orgulhosos e os elogios entusiasmados de Harris não fizeram nada para calar o corpo de Troy. Toda vez que estava perto de Harris, ele ansiava por beijá-lo, por prendê-lo contra a parede e rasgar suas roupas, por se ajoelhar e chupá-lo em seu escritório.

Seu corpo tinha muitas ideias péssimas, então Troy estava o punindo agora na academia do time. Ele se forçou a fazer mais uma série de agachamentos com barra, determinado a continuar até quase conseguir esquecer o olhar intenso que Harris lhe lançara em seu escritório três dias atrás. Um olhar que deixava bem claro que ele não se importaria de ser tomado por Troy.

— Uau — disse Bood, agarrando a barra para que Troy não tivesse que segurá-la sozinho com os braços trêmulos. Juntos, eles a colocaram de volta no suporte.

— Obrigado — disse Troy. Ele se jogou no chão, sentando-se com o queixo apoiado no peito.

Bood sentou-se ao lado dele. — Seu objetivo é levantar um Zamboni ou algo assim? — provocou.

— Não. Só senti vontade de forçar um pouco mais hoje.

— Ajudou?

— Um pouco.

Um telefone tocou ali perto, e os dois homens viraram a cabeça na direção do som. — É seu? — perguntou Bood.

— Acho que sim. Me passa? Está ali. — Troy gesticulou preguiçosamente em direção à prateleira onde havia deixado o celular. — Minhas pernas estão em frangalhos.

Bood riu enquanto se levantava e pegava o telefone. — Número desconhecido — disse ele.

Troy pegou o telefone. Provavelmente era um telemarketing ou algo assim, mas ele atendeu mesmo assim. — Alô?

— Troy Barrett? — A voz era rouca, masculina e vagamente familiar.

— Sim?

— Aqui é Roger Crowell. Gostaria que você tivesse alguns minutos para conversar.

De repente, Troy recuperou a capacidade de andar e se pôs de pé. Roger Crowell, o comissário de toda a NHL, estava ligando para *ele.* Troy nunca havia falado com ele além de um aperto de mão no dia do recrutamento. Mas não havia como aquele telefonema ter sido por um bom motivo.

Troy saiu rapidamente da sala, ignorando o olhar interrogativo de Bood. — Sim, senhor. Claro.

— Ótimo. Como vai, Troy? Como está Ottawa?

As perguntas eram insossas e amigáveis, mas Crowell as fazia soar como uma armadilha, e o peito de Troy se apertava enquanto ele andava. — Tudo bem. Ottawa está bem.

— Linda cidade — concordou Crowell. — Fria, aposto.

— Sim. — Troy encontrou um lugar tranquilo no final de um corredor e recostou-se na parede, esperando que Crowell revelasse o motivo da ligação.

— Provavelmente não tem a vida noturna de Toronto. Nada para te divertir no seu tempo livre.

Troy não sabia o que dizer, então apenas engoliu em seco.

— Você está causando um rebuliço com sua conta do Instagram, Troy.

Meu Deus. — Estou?

— É um esforço nobre. A liga quer que seus jogadores se envolvam com a comunidade e, claro, a causa que você está divulgando é importante.

Troy sabia que era melhor não relaxar diante desse aparente elogio. Ele tinha anos de experiência demais conversando com homens intimidadores como Crowell para cair nessa. — Acho que sim.

— Se qualquer outro jogador tivesse postado sobre agressão sexual, eu ficaria muito satisfeito, mas com você, Troy... Bem, eu tenho que me perguntar sobre sua motivação aqui.

— Motivação?

Crowell suspirou um tanto teatralmente. — Não sei por que você e Kent deixaram de ser amigos, e sinceramente não me importo. Merdas acontecem, né? Talvez ele tenha dormido com a sua namorada. Talvez você tivesse ciúmes do talento dele. Mas essa vingança pessoal que você tem contra ele não é boa para ninguém, Troy. Nem para a liga, nem para o seu time, e certamente não para você.

— Eu... não é por isso... — Troy gaguejou.

— Aquelas mulheres, as que têm falado coisas sobre o Kent... eu entendo por que você poderia querer aproveitar essa oportunidade, se estivesse com raiva do seu amigo. Você não está pensando com clareza agora, porque está com raiva. Mas... — Crowell riu, e o som foi frio e cruel, como a risada do pai de Troy. — Você sabe que essas garotas só querem seus cinco minutos de fama. As pessoas podem dizer qualquer coisa na internet e nem precisam assinar o nome. Isso me enoja, porque não há integridade nisso. No mundo do hóquei, e no mundo dos negócios em que estou há décadas, integridade é importante. Não sei você, mas eu não tenho muito respeito por quem não assume o que diz. Lançar acusações no escuro é covarde, e inventar mentiras para destruir um jovem talentoso no auge da carreira é monstruoso. Crowell fez uma pausa, e Troy quase podia imaginar um sorriso lento e nauseante se formando em seu rosto. — Pelo menos, essa é a minha opinião.

O coração de Troy disparava no peito. As palmas das mãos estavam tão suadas que ele temia deixar o celular cair. Sabia que cada palavra que Crowell dizia estava errada 'distorcida', mas não sabia como se defender. Defender as mulheres em quem não conseguia parar de pensar.

— Não acho que estejam mentindo — conseguiu dizer. Odiava o quão baixa sua voz soava.

— Você viu Kent fazer alguma das coisas de que o acusaram? — perguntou Crowell. Sua voz estava calma, mas Troy suspeitava que essa

pergunta fosse o motivo exato da ligação. Crowell precisava saber se Troy era um perigo real.

— Não — Troy admitiu calmamente.

— Então você não sabe se essas meninas estão dizendo a verdade.

— Eu acho que ele...

— Você não — disse Crowell lenta e claramente — *sabe.*

Troy não tinha como argumentar. Ele não sabia. Ele não sabia de nada. Ele simplesmente... meu Deus. E se Crowell estivesse certo?

Só que não. Ele *sabia.* Ele conhecia Dallas e entendia o suficiente sobre como o mundo tratava as vítimas de agressão sexual para saber que as acusadoras de Kent não tinham nada a ganhar se denunciassem.

— O problema é — continuou Crowell — que suas postagens, embora admiráveis, parecem ataques pessoais a Kent. Pequenas provocações. Obviamente, o melhor para a liga seria se toda essa história ridícula desaparecesse, mas suas postagens continuam atiçando as chamas. Preciso que você pare.

Parte do medo de Troy se solidificou em raiva. Ele estava cansado de ser manipulado por homens como Crowell. — Não estou fazendo nada de errado. Estou tentando ajudar quem precisa.

— Há muitas causas que você pode promover, Troy. Pessoas sem-teto, ou crianças pobres tendo acesso a esportes. Posso pedir à minha assistente que te envie uma lista de instituições de caridade e iniciativas que a liga apoia.

— Certo — disse Troy, porque parecia mais seguro do que recusar. — Obrigado.

— Ótimo — interrompeu Crowell. — Eu odiaria ter que levar esse assunto adiante.

Adiante? Meu Deus, Troy não queria descobrir o que aquilo significava. — Não, senhor.

— Vou deixar você ir agora, Troy. Foi um prazer falar com você. Boa sorte amanhã à noite contra Montreal.

— Obrigado. — Troy parecia uma criança sendo forçada a falar com um estranho.

Crowell encerrou a ligação e Troy deslizou pela parede até sentar-se no chão. Que porra ele ia fazer?

— Você já está surpresa? — Harris perguntou a Gen na manhã seguinte a mais uma vitória de Ottawa, desta vez fora de casa contra Detroit.

— Eles quase deveriam morrer em acidentes de avião com mais frequência — disse ela secamente. Então, fez uma careta. — Desculpe. Eu sempre esqueço que você estava naquele avião.

Harris fez um gesto de desdém. — Estou vivo.

— Vivo e mal-humorado — murmurou Gen.

Harris apenas resmungou em resposta.

Ottawa estava desfrutando da maior sequência de vitórias do time em mais de dez anos, o que deveria ter deixado Harris de bom humor. Mas, em vez disso, ele não conseguia parar de pensar em Troy. Sabia que o time tinha voltado de avião tarde da noite, depois do jogo, e sentiu uma pontada ridícula de saudade de Troy dirigir direto para o apartamento de Harris. Queria ser o homem para quem Troy voltasse para casa, e estava frustrado por ter chegado tão perto de ser isso.

Ou talvez ele estivesse se enganando.

— Para ser justo — disse Gen — seu mau humor é como se fosse meu melhor humor.

— Talvez eu não esteja mal-humorado.

Gen zombou. — Tem alguma coisa te incomodando. O time está numa fase boa e você está péssimo.

Harris não contaria a Gen sobre Troy de jeito nenhum. Primeiro, isso significaria expor Troy. Segundo, era constrangedor demais falar sobre isso. O que Harris esperava? Que Troy Barrett quisesse ser seu namorado? Homens que se pareciam com Troy não namoravam homens que se pareciam com Harris. O último namorado de Troy tinha sido uma estrela de televisão belíssima com, tipo, um abdômen definido.

Troy provavelmente só via Harris como uma solução conveniente. Alguém com quem ele se sentisse à vontade para se assumir, o que era legal, mas também alguém que não representava muito risco. Ele soube que Harris era gay no minuto em que o conheceu, e provavelmente presumiu que Harris não o rejeitaria.

— Vou dar uma volta — disse Harris. — Preciso de uma pausa do computador.

Ele precisava de uma pausa desses pensamentos sombrios. Sabia que não eram verdade. Troy já havia fixado aquele olhar intenso e cobalto nele vezes suficientes para que Harris soubesse que ele via algo de que gostava. Ele, na verdade, havia *dito* a Harris que gostava dele quando decidiram terminar o relacionamento físico. Ele só precisava de espaço, e Harris precisava dar isso a ele sem fazer beicinho. E, além disso, ser amigo de Troy era... legal. Eles se davam bem, e Troy parecia mais feliz ultimamente, rindo e sorrindo com mais facilidade, e se dedicando a ajudar vítimas de abuso sexual da maneira que podia. Em suma, ele continuava maravilhoso e bonito, ao mesmo tempo em que mantinha um compromisso de amizade sem benefícios. Isso estava basicamente matando Harris.

— Diga oi ao Troy — disse Gen.

— Não vou ver Troy.

— Claro.

Troy provavelmente nem estava no prédio. Talvez. Harris supôs que era o horário habitual de ele se exercitar na academia do time.

Ele desejou poder parar de pensar na última noite que passaram juntos. Meu Deus, como Troy o tinha fodido. Ele tinha dado a Harris exatamente o que ele precisava e tinha sido incrível.

E então ele o abraçou a noite toda e conversou com ele enquanto relaxavam juntos na cama na manhã seguinte. Lavou o cabelo de Harris, fez um boquete nele no chuveiro, provocou-o por causa da panela elétrica.

Harris gostava muito dele.

É claro que Harris passou pela entrada da academia do time e espiou furtivamente para dentro. Ele não queria entrar, mas queria dar uma olhada em Troy. Só um gostinho.

Troy não estava lá.

Provavelmente foi melhor assim. Harris continuou andando, pegando o celular para checar o Twitter enquanto dobrava uma esquina.

E caiu direto em Troy.

— Merda! Desculpa — disse Harris. — Eu não estava olhando para onde ia.

Troy levou a mão ao coração e soltou um suspiro alto. — Meu Deus. Não esperava por isso.

Harris ergueu o celular timidamente. — Você me conhece. Viciado no meu celular.

Troy apenas olhou para ele, e foi então que Harris percebeu o quão chateado ele parecia.

— O que houve? — perguntou Harris.

Os olhos de Troy dispararam de um lado para o outro. Então, ele acenou com a cabeça na direção atrás de si. — Por aqui.

Eles caminharam até o final do corredor, colocando distância, Harris notou, entre eles e a academia onde estavam os companheiros de time de Troy. Então, Troy se virou para ele e disse, quase num sussurro: — O comissário me ligou.

— O comissário? — Harris não entendeu. — Crowell?

— É. Tipo, ele me ligou mesmo. O próprio Roger Crowell. No telefone.

— Quando? Por quê?

— Há alguns minutos. Ele está *preocupado.*

— Sobre o quê? — Harris tinha uma suspeita profunda de que já sabia. O comissário da NHL não era, na opinião de Harris, uma força do bem.

— Sobre a minha conta do Instagram. Sobre, sabe, tudo. Começando pelo que eu disse para o Dallas. — Troy passou a mão pelo cabelo. — *Porra!* Eu não quero... Eu estava tentando ser *bonzinho.* Em vez disso, só estou irritando as pessoas.

Harris pôs a mão no braço de Troy. — Você *está* indo bem, Troy. Me diga exatamente o que ele disse.

— Ele me fez algumas perguntas sobre Dallas, para ter certeza de que eu não tinha presenciado nada. E com base nisso, disse que eu não deveria ficar atiçando as chamas de... merda. Esqueci as palavras que ele usou. Mas basicamente ele quer que eu pare de falar sobre vítimas de abuso sexual. Ele disse que era, tipo, admirável, mas também que eu não deveria fazer isso. Não sei. Estou muito confuso agora. Você já falou com ele? Ele é intimidador pra caramba.

Harris nunca tinha ouvido Troy tagarelar antes e não gostou. — Não, não falei. Mas eu entendo como ele é por entrevistas, coletivas de imprensa e coisas assim. Ele te ameaçou? Deu um ultimato se você não parar de postar como tem feito?

— Ele disse que esperava que o assunto fosse resolvido porque não queria ter que levar as coisas adiante, seja lá o que isso signifique.

— Filho da puta — resmungou Harris.

Troy empalideceu como se Harris tivesse blasfemado.

— Escute — disse Harris, colocando as mãos firmemente nos bíceps de Troy. — Você está jogando um hóquei incrível, e é tudo o que deve a este time ou a esta liga. Você não está fazendo nada prejudicial ou ilegal. Você está usando sua fama e influência para ajudar pessoas que muitas vezes não têm voz, e não há nada de errado nisso. Que se dane o Crowell se ele disser o contrário.

Troy engoliu em seco. — Ele disse que Dallas Kent é uma das maiores estrelas da liga e que isso reflete mal em toda a liga se dermos crédito às histórias de suas acusadoras.

Harris sentiu uma vontade muito rara de socar alguma coisa. — O que mais?

— Ele estava rindo disso, como se fôssemos velhos amigos tomando uma cerveja ou algo assim. Rindo de mulheres tentando ganhar seus cinco minutos de fama ou sei lá o quê. Não acredita no que elas dizem. Porra, Harris. Do jeito que ele fala, ele me fez duvidar de mim mesmo. Duvidar de tudo.

Harris balançou a cabeça. — Ele está errado. Você sabe que ele está errado.

— Será que sim? Não vi nada. Talvez eu só quisesse acreditar nelas porque Dallas estava me dando nos nervos.

Harris manteve a voz firme. — É mesmo isso que você pensa?

Troy respirou fundo duas vezes. — Não. Acho que Dallas fez. Eu sei que fez. Tudo.

— Ok.

— Não é como se ele fosse o único. Aposto que esta liga protege predadores há cem anos.

— Provavelmente — concordou Harris.

— Sei que não posso consertar tudo, mas só quero ajudar. Um pouco. Se eu puder.

Troy se recostou na parede, parecendo tão derrotado que Harris teve vontade de abraçá-lo. E ele o fez. Troy retribuiu imediatamente, puxando Harris para perto.

— Eu continuo despejando todas as minhas merdas em você — disse Troy em seu ombro, os braços apertados em volta das costas de Harris. — Desculpa.

— Não se desculpe. Eu quero ajudar. Somos amigos, certo?

Troy respirou fundo, o que fez cócegas no pescoço de Harris. Depois, mais uma vez, como se estivesse inalando o cheiro de Harris.

— Maçãs? — Harris provocou gentilmente.

— Mm.

Troy ficou ali por um minuto, depois se afastou. Suas bocas estavam a centímetros de distância. Seria errado beijar Troy ali, especialmente agora que ele estava tão vulnerável.

— Eu deveria voltar — disse Troy, dando um passo para trás.

— Certo. Tudo bem. — Harris recobrou os sentidos. — Mas devemos conversar mais sobre isso quando você tiver tempo.

— Tudo bem. Se não se importa.

— Eu não me importo.

— Talvez eu fique longe do Instagram por um tempo.

— Faz sentido.

Troy assentiu e deu um passo em direção a academia.

— O que você vai fazer na sexta à noite? — Harris perguntou abruptamente.

Troy se virou. — Não sei. Nada. Por quê?

— Fabian Salah fará um show na cidade naquela noite.

Troy franziu a testa. — Quem?

— O músico. Estávamos ouvindo-o na minha caminhonete uma vez. Ele está namorando o Ryan Price.

— Ah, certo.

— Tenho dois ingressos. Comprei dois porque sabia que ia esgotar e queria ter certeza de que poderia levar alguém, e me ocorreu que você talvez queira ir. Talvez. — Harris estava mentindo. Ele tinha comprado o segundo ingresso pensando em Troy. — De qualquer forma, você deveria ir. Se quiser. Comigo.

— É nesta sexta-feira?

— Sim. Na primeira noite da sua semana de folga.

Troy pareceu pensar um pouco. — Claro. Tudo bem.

Harris se iluminou. — Sim?

— Sim. Vai ser, hum, legal. Passar um tempo com você, longe daqui. Eu meio que... queria. — O sorriso tímido de Troy era devastador.

— Eu também — disse Harris.

Troy olhou para ele com seriedade. — Sinceramente, não sei como teria lidado com qualquer coisa nesta temporada sem você.

Oh.

Harris conseguiu dar um sorriso trêmulo. — Fico feliz em ajudar.

— Eu sei. É uma das coisas que eu amo em você. — Seus olhos se arregalaram. — Quer dizer... obrigado.

Ele saiu correndo antes que Harris pudesse responder.

— Ah, cara — murmurou Harris para o seu coração remendado. — Acho que esse cara pode nos destruir.

Capítulo Vinte

Shane Hollander empurrou Ilya com força contra o vidro, e Troy quase riu do sorriso irônico de Ilya. Ilya empurrou Hollander para trás, o que fez com que o companheiro de linha de Hollander, Hayden Pike, interviesse.

O que fez Troy se juntar à pilha. Ele chegou bem a tempo de ouvir Ilya provocando Pike.

— Você ainda joga hóquei? — perguntou Ilya.

— Nem comece, Rozanov.

— Por que você está aqui? — Ilya empurrou o peito de Pike, forçando-o a se afastar. — Estou falando com meu amigo Hollander.

— Deixa ele em paz, Rozanov — rosnou Shane. — E recua, porra.

Troy segurava o braço de Pike, mas este não fazia nenhum movimento em direção a Ilya. Troy o ouviu resmungar: — Estou farto dessa besteira estranha.

Troy não tinha certeza do que isso significava.

Ilya se afastou de Hollander e disse: — Podemos nos encontrar no jogo das estrelas neste fim de semana. — Ele se virou para Pike. — O jogo das estrelas é uma partida especial disputada entre os melhores jogadores da liga.

Troy riu baixinho, e Pike lançou a Hollander um olhar que Troy chamaria de *suplicante.* — Posso esfaqueá-lo, por favor?

— Ninguém está esfaqueando ninguém — gritou o árbitro.

— Ainda não — disse Ilya, de forma um tanto sedosa, na direção de Hollander.

Hollander estreitou os olhos, mas não disse nada. Simplesmente saiu patinando, levando Pike consigo. Ilya o observou partir.

— Achei que vocês fossem amigos — disse Troy.

— Fora do gelo, sim.

Troy supôs que não era tão diferente de como Ilya tratava Scott Hunter quando jogavam um contra o outro. Talvez fosse um sinal de respeito se Ilya te criticasse no gelo. Ele costumava ignorar Troy quando jogavam um contra o outro.

No final, o Ottawa venceu o Montreal por 5 a 3, somando mais uma vitória à sua sequência que agora era um recorde do time: nove jogos seguidos. Foi incrível. Mais uma vez, o vestiário estava em festa, desta vez com a emoção extra de uma semana inteira de folga pela frente.

— Ilya está de bom humor — observou Troy.

Ilya estava meio que dançando ao som da música alta de hip-hop que tocava no vestiário, batendo palmas aleatoriamente e parabenizando a todos alegremente.

— Ah, sim — concordou Wyatt. — Ele está sempre de bom humor quando vencemos Montreal. Acho que ser amigo do Shane Hollander não o impede de adorar destruí-lo no gelo.

— Acho que não.

Ilya e Wyatt iriam para o fim de semana do jogo das estrelas em Anaheim amanhã. Troy não tinha sido convidado para o jogo das estrelas deste ano, obviamente. Com base nos sentimentos do comissário em relação a ele, provavelmente nunca mais seria convidado. Mas ele realmente não se importava. Harris basicamente o havia convidado para um encontro, e esse era um convite muito mais emocionante.

Na verdade, Troy nem queria *assistir* ao jogo das estrelas, muito menos participar. Dallas Kent estaria lá, junto com o comissário. E provavelmente um bando de jogadores que achavam que Troy era um traidor.

— Ansioso pelo jogo das estrelas? — ele perguntou a Wyatt.

— Estou. Sei que muitos caras odeiam, mas nunca pensei que seria convidado, sabe? Agora vou pelo segundo ano consecutivo. Além disso, vou para Vancouver passar o resto da semana com meu sobrinho. Mal posso esperar. A Lisa vai me encontrar lá.

— Legal. Você acha que o Ilya está animado?

— Ele parece gostar dos jogos das estrelas — disse Wyatt. — Acho que ele gosta da oportunidade de irritar todas as grandes estrelas ao mesmo tempo.

Troy sorriu ao ouvir isso.

Mais tarde, quando ele estava caminhando em direção ao carro, Ilya o alcançou. — Grandes planos para a semana de folga? — perguntou Ilya.

— Não realmente.

— Só andando por Ottawa?

— Sim.

Ilya deu um sorriso irônico. — Interessante.

Troy estreitou os olhos. — Não, não é. É o oposto de interessante.

— Você poderia tornar isso interessante. Com Harris.

— Cale a boca! — Troy olhou ao redor freneticamente, mas eles pareciam ser os únicos na garagem. — Vou sair com ele amanhã à noite.

— Puta merda, Barrett. Que adorável.

Troy coçou a nuca, nervoso. — É um encontro, eu acho. Quer dizer, eu acho que é. Espero que seja.

Ilya cutucou seu ombro. — Ele é um cara legal. Trate-o bem.

— Eu sei. Eu vou.

— Sim — concordou Ilya severamente. Então seu rosto se suavizou num sorriso torto. — Para onde você o está levando?

— Ele vai *me levar* para um show. Fabian Salah.

— Fabian! Eu não sabia que ele estava na cidade.

— Você o conhece?

Ilya encarou Troy como se ele fosse um idiota. — Sim. Ele é o namorado do Ryan Price. O Ryan Price, que é o treinador dos meus acampamentos.

— Certo. Eu esqueci.

— Vi o Fabian tocar uma vez — disse Ilya. — Em Montreal. Ele é muito bom. Muito... bonito.

— Oh sim?

Ilya sorriu. — Fabian e Ryan são como A Bela e a Fera. Espere até você ver.

Troy assentiu e esperou que seu rosto não demonstrasse o quanto estava ansioso com a possibilidade de ver Ryan Price novamente.

— Falando em feras, vou deixar o fim de semana do Dallas Kent muito desconfortável.

Troy bufou. — Não acredito que ele é uma estrela este ano.

— Eu sei. Sinto muito que você não tenha sido convidado.

— Por mim tudo bem. Não quero ver Dallas, e o comissário está puto comigo, então... — Troy se interrompeu. Ele não pretendia contar a Ilya - nem a ninguém além de Harris - sobre a ligação do Comissário Crowell.

— Crowell? Como assim, ele está puto? — perguntou Ilya.

— Nada. Esquece.

A expressão de Ilya ficou séria. — Não. O que ele disse?

Troy suspirou. — Ele me ligou e me avisou sobre, sabe, insinuar que Dallas Kent era culpado. Ele não gosta das coisas que eu tenho postado no Instagram.

— Você está falando sério?

— Ele ligou para o meu celular. Falou comigo por uns quinze minutos. Eu estava morrendo de medo.

— Eu não gosto disso — disse Ilya, sombriamente. — Isso é ruim.

— Eu sei. Foi por isso que parei de postar.

— Não. É ruim que Crowell tenha dito essas coisas para você. Talvez eu fale com ele em Anaheim.

O pânico tomou conta de Troy. — Por favor, não. Sério. Não. Só vai piorar as coisas, e aí você vai acabar sendo arrastado para o mesmo lugar.

O maxilar de Ilya se apertou, e ele ficou em silêncio por um momento antes de dizer: — Não pare de postar. A menos que seja sua escolha, e não de Crowell.

E assim, Troy se sentiu um covarde. Mais uma vez, ele se curvara à vontade de homens agressivos, autoritários e de moral questionável. — Só preciso de um tempo para pensar.

— Você terá uma semana inteira para pensar. Aproveite.

— Eu vou.

Ilya pegou o celular, olhou para ele e sorriu. — Preciso ir.

— Claro. Divirta-se em Anaheim. E tenha uma ótima semana de folga.

— Vou. — Ilya começou a caminhar em direção à sua Mercedes SUV e então gritou por cima do ombro: — Harris precisa de uma pausa do trabalho. Talvez você possa distraí-lo.

Troy soltou uma risada estranha, que provavelmente revelou mais do que ele queria. — Tanto faz.

O riso de Ilya era muito mais digno e controlado. Ele piscou enquanto entrava em seu SUV e ia embora, deixando Troy sozinho na garagem com muito em que pensar.

Troy achava que estava fazendo um trabalho muito bom em se manter calmo, considerando tudo.

Pelo menos por fora.

Ele estava num encontro, mais ou menos. Com um homem. Na cidade onde jogava hóquei. Com alguém que *trabalhava* naquele time de hóquei. Em uma apresentação de um músico assumidamente queer que estava namorando seu *ex-companheiro de time.*

Meu Deus.

O braço de Harris roçou no dele. — Você está bem?

Troy notou que Harris vinha tomando cuidado para não tocá-lo desde que entraram na boate lotada. Troy se encostou nele, só de leve, para silenciosamente deixá-lo saber que queria ser corajoso. Que ele realmente queria que aquilo fosse um encontro. Queria segurar a mão de Harris naquela noite, ou talvez até beijá-lo, ali naquela boate. Ele só precisava encontrar coragem.

— Estou bem. — disse Troy. — Faz tempo que não vou a um show como esse. Numa balada e, tipo, de pé.

— É a minha maneira favorita de ouvir música ao vivo. Adoro fazer parte da multidão.

Troy normalmente não se importava, mas sentia como se todos estivessem olhando para ele. Além disso, não parecia ser o seu grupo habitual. Ele não conseguia identificar nenhum atleta óbvio. Todos pareciam artísticos, com cores de cabelo chamativas e roupas que talvez fossem irônicas? Definitivamente feias, mas provavelmente de propósito. Outros estavam

vestidos com muito estilo, mas de um jeito que os antigos companheiros de time de Troy teriam ridicularizado. Eles teriam usado insultos para descrever as pessoas ali. E, não muito tempo atrás, Troy talvez os tivesse usado também.

Um dia, ele esperava, estaria entre pessoas abertamente queer e sentiria que pertencia àquele lugar. Porque, sim, ele era um atleta, mas também era gay, e precisava descobrir um jeito de ser as duas coisas.

— Podemos tomar uma bebida? — perguntou Troy. A sala já estava tão quente.

— Você leu meus pensamentos. Vamos.

Eles se espremeram no meio da multidão, e Harris parou para sorrir e cumprimentar várias pessoas. Não era a primeira vez que Troy se perguntava por que Harris o tinha convidado e não um de seus muitos amigos que não chamariam tanta atenção. A menos que fosse um encontro, o que poderia ser.

O barman - um jovem muito atraente, de cabelos escuros e pele marrom clara - agarrou a mão de Harris e o puxou para um abraço por cima do balcão. — E aí, Harris?

— Bem. Estou ansioso pelo show.

— Vai ser incrível — concordou o homem. Então, voltou a atenção para Troy. Seu olhar era descaradamente avaliador, e Troy teve dificuldade em não se contorcer. — Quem é seu amigo?

— Este é o Troy. Ele se mudou de Toronto para cá. Troy, esta é o Manu, um amigo da faculdade.

Troy quase riu da descrição sem graça de Harris, mas também ficou grato por ele não ter mencionado seu sobrenome ou por jogar pelos Centaurs. Apertou a mão de Manu. — Prazer em conhecê-lo.

— Você também. Droga, o Harris sempre pega os bonitos.

— Não, não — zombou Harris. — Quer dizer — olhou nervosamente para Troy — nós não estamos juntos...

— *Sempre*, ein? — Troy provocou.

Harris corou adoravelmente. — Mal tenho tempo para encontros! Você sabe como é a minha vida. Manu está exagerando.

Manu riu. — Como quiser, Harris. O que você quer? Espere. Deixe-me adivinhar.

— Sidra Drover, por favor.

— Não sei por que você paga por elas aqui quando pode obtê-las de graça.

— Porque quero apoiar a minha economia local — disse Harris com um sorriso.

— E você? — Manu perguntou a Troy.

Troy olhou para Harris. — Você ficaria bravo se eu pedisse uma cerveja?

— Claro que não. Você gosta de pilsners? Meu amigo Johnathan é dono da Cervejaria Portage e eles fazem uma pilsners sensacional.

— Você é amigo de *todo mundo?*

Harris deu de ombros. — Gosto de gente e vivi aqui a vida toda.

— Claro — disse Troy para Manu. — Vou experimentar uma das pilsners.

Manu foi buscar as bebidas, mas não antes de lançar um olhar de despedida para Harris que pareceu dizer muitas coisas que Troy não conseguiu traduzir. Ele reconheceu o sorriso tímido de Harris, no entanto.

— Isso é um encontro? — Troy perguntou abruptamente.

Os olhos de Harris se arregalaram. — Hã?

— Você disse que tinha um ingresso sobrando, mas...isso é um encontro?

— Você quer que seja?

Troy estreitou os olhos. — *Você* quer que seja?

Harris apoiou o cotovelo no bar. — Este jogo é uma merda. Vamos ser sinceros.

— Certo — disse Troy, como se fosse algo fácil de fazer.

— Estou tentando te dar espaço, como você pediu. Mas menti sobre o ingresso. Comprei para você. Quero que isso seja um encontro.

O coração de Troy deu uma leve palpitada. — Eu também.

Harris sorriu radiante. — Bem, então está bem. Estamos num encontro.

Troy sorriu de volta. — Vamos.

Fabian Salah sabia como dar um show. Troy nunca tinha visto nada parecido. Fabian ficou sozinho no palco, mas de alguma forma criou uma parede sonora sozinho usando seu violino, vários pedais, um piano elétrico, um laptop e sabe-se lá o que mais. Dava para ouvir um alfinete cair na casa lotada enquanto ele cantava, sua voz clara e etérea.

Ele também usava asas. Asas enormes, pretas, com penas elaboradas. E um minivestido preto. E sandálias douradas de tiras que iam até os joelhos. E, tipo, muita *maquiagem.*

Este era o namorado de Ryan Price. *Ryan Price.* Um dos executores mais ferozes da história da NHL. Quieto, socialmente desajeitado, o enorme Ryan Price.

Isso estava deixando Troy perplexo.

Mas, principalmente, ele observava Harris, que observava Fabian com admiração extasiada. Troy entendeu; a música combinada com o espetáculo de um homem tocando era incrível.

E sexy pra caramba. Havia algo profundamente erótico em toda a experiência, embora o cérebro confuso de Troy não conseguisse entender exatamente o que era. Talvez fosse a confiança de Fabian - sua coragem de

se apresentar tão aberta e descaradamente. A letra também era sexy. Era sobre *Ryan?* Meu Deus.

No meio de uma das músicas de Fabian, Troy roçou os dedos nas costas da mão de Harris. Ele queria tocá-lo a noite toda, e Fabian o inspirava a ser corajoso.

Harris sorriu para ele e, de repente, estavam de mãos dadas. Um calor parecia irradiar de suas palmas unidas e preenchia todo o corpo de Troy. Ele conseguia fazer isso. Podia segurar a mão daquele homem em público porque queria. Porque Harris o fazia feliz e Troy estava tão cansado de ser infeliz.

Eles ficaram assim, com os dedos entrelaçados, pelo resto da música. Separaram-se para aplaudir e, automaticamente, voltaram a apertar as mãos.

Depois do bis e dos aplausos, Troy puxou Harris para perto de si. — Obrigado pelo convite. Foi incrível.

— Sério? Ele é, tipo, uma mudança de vida. Não acredito que ele seja uma pessoa de verdade.

— Não acredito que ele está namorando Ryan Price.

— Eu sei! — Harris olhou ao redor. — Será que o Price está aqui? Ele costuma viajar com ele.

Troy também olhou ao redor e encontrou Ryan perto do fundo da sala. Era fácil avistá-lo, já que era a pessoa mais alta da sala e tinha cabelos bem ruivos.

Troy tomou uma decisão. — Quero falar com ele.

Harris assentiu. — Então deveria. Quer que eu fique aqui?

— Talvez. Não vou demorar. — Ele olhou para Harris. — Eu te encontro.

— É melhor você fazer isso.

Num impulso, Troy se inclinou e o beijou na bochecha. Então, saiu correndo antes que pudesse ver a reação de Harris.

Ryan estava sozinho quando Troy se aproximou. Ele pôde ver o momento exato em que Ryan o reconheceu, pois sua expressão mudou de alguém que provavelmente fantasiava com seu namorado impressionante para uma de olhos arregalados de ansiedade.

— Ei — disse Troy quando ele estava na frente dele.

— Barrett? O que você está fazendo aqui?

— Eu vim com um amigo.

Os olhos de Ryan percorreram tudo ansiosamente, como se esperasse ver Dallas Kent. — Por que você está em Ottawa?

A pergunta surpreendeu Troy. — Eu jogo aqui agora.

— Ah. — Ryan pareceu envergonhado. — Desculpe. Não acompanho mais hóquei tão de perto.

— Tudo bem. — Troy inclinou a cabeça em direção ao palco agora vazio. — Aquele é mesmo seu namorado?

O rosto de Ryan se transformou novamente num sorriso orgulhoso. — É. Eu sei, eu também não consigo acreditar.

Seu cabelo sempre fora longo e ele geralmente tinha uma barba espessa, às vezes rebelde, cobrindo o rosto. Agora, seu cabelo estava mais curto do que Troy jamais vira, e sua barba, reduzida a uma barba por fazer ruiva escura. Descobriu-se que Ryan escondia um rosto muito bonito e um sorriso simpático sob toda aquela cabeleira.

— Você está ótimo — disse Troy, porque devia um elogio àquele cara. E muitos pedidos de desculpas. — Olha, hum, eu sei que isso provavelmente não vai significar muito para você, mas eu quero me desculpar. Eu fui um completo babaca com você quando jogamos juntos, e me desculpa. Fico doente só de pensar em como te tratei.

Ryan claramente não esperava nada disso, pelo jeito como seu queixo caiu. — Ah, tá. Sem problemas.

— Principalmente sobre o medo de voar. Não acredito como eu era horrível e imaturo. E meio que tive um gostinho de como você deve ter se sentido.

— Certo. Ouvi falar do avião. Não sabia que você estava naquele avião porque não sabia que você jogava pelo Ottawa, mas, hum, pareceu um pesadelo.

— Foi muito assustador.

— Nem quero pensar nisso. Não viajo de avião desde que parei de jogar hóquei.

— Sério? Ouvi dizer que você viaja com seu namorado quando ele está em turnê.

— A gente vai de carro. Ou ele viaja sozinho de avião. Eu não vou em todas as viagens. — Seus olhos se estreitaram. — Espera aí. Quem é que tá te contando tudo isso?

— Hã... — Certo, então esse era o outro assunto que o Troy queria abordar. — Meu amigo Harris. Ele é muito fã do Fabian e cuida das redes sociais dos Centaurs. Ele é... gay.

Ryan arqueou as sobrancelhas. — Você tem um amigo gay agora?

— É, uh. Essa é a outra coisa pela qual eu queria me desculpar. Eu disse um monte de coisas homofóbicas quando joguei pelo Toronto e não deveria ter dito. Não quero dar desculpas, mas eu estava meio que... me escondendo atrás disso, se é que você me entende. Isso não torna a coisa menos ruim. Mas foi por isso que eu fiz.

Ele conseguia ver Ryan juntando as peças na cabeça. — Espera aí. *Você é* gay?

Troy engoliu em seco. — Sim.

Ryan soltou um suspiro. — Não esperava por essa.

— Eu sei.

Troy não conseguia perceber pela expressão de Ryan se ele realmente se importava com alguma coisa daquilo.

— Seu amigo sabe que você é gay? — perguntou Ryan.

— Quem? Harris?

— Não, Dallas.

O estômago de Troy se contraiu como sempre acontecia ao ouvir o nome de Dallas. — Nossa. Você realmente não acompanha hóquei. Não somos mais amigos.

— Ah, que bom.

— Eu sei.

Os dois homens compartilharam um silêncio constrangedor, então Ryan disse: — Eu deveria ir encontrar o Fabian nos bastidores. Mas, hum...

— Sim. Claro. Vai. — Troy hesitou, depois disse: — Que bom que você está feliz, Ryan.

Ryan assentiu. — Boa sorte com, sabe, para descobrir tudo.

Ele saiu rapidamente sem olhar para trás, o que Troy não podia culpar. Ficou feliz por ter tido a chance de se desculpar, mas não esperava que Ryan quisesse falar com ele por mais tempo do que o necessário.

Mas havia alguém ali que queria falar com Troy. Que sempre tinha tempo para ele e parecia realmente se importar com ele. E Troy não ia deixá-lo esperando.

Harris tinha encontrado amigos para conversar enquanto Troy estava ocupado com Ryan, então não estava entediado. Mas uma emoção o percorreu quando viu Troy caminhando em sua direção.

— Você me encontrou — disse Harris.

— Eu disse que faria isso.

Então, ele colocou a mão na bochecha de Harris, inclinou a cabeça e *o beijou.* Em cheio na boca. Com pessoas por toda parte.

E, de repente, não havia mais ninguém por perto. Pelo menos não para Harris. Tudo o que existia no mundo era a pressão firme e quente dos lábios de Troy contra os seus, e o entrelaçamento lento e suave de suas línguas.

Troy começou a se afastar, mas Harris mordeu seu lábio inferior, puxando-o de volta para outro beijo longo e luxurioso.

— Uau — disse Harris, atordoado, quando finalmente pararam para respirar. Ele não esperava nada parecido quando convidou Troy para sair hoje à noite. Não esperava, mas tinha esperança... — O que foi aquilo?

— Não sei. Fiquei querendo fazer isso a noite toda, e... — O sorriso de Troy era mais largo e brilhante do que Harris jamais vira, e seus olhos brilhavam com uma energia excitada. — Não faço as coisas que quero fazer com muita frequência. Gosto de beijar você.

— Ah — disse Harris. — Ótimo.

Troy ainda segurava o rosto de Harris. — Vem para casa comigo?

— Ok — disse Harris, ainda tonto por causa do beijo.

Então Troy o beijou novamente. Foi rápido, mas doce, porque ele ainda estava sorrindo.

— Desculpe — disse Troy. — O último, eu prometo.

— Espero que não. — Harris pegou a mão dele. — Vamos pegar nossos casacos.

Capítulo Vinte e Um

— Seu lugar é legal — disse Harris sem fôlego enquanto Troy o pressionava contra a parede.

— É chato. E não é meu. — Troy o beijou, com força, possessividade e perfeição.

Harris não podia argumentar, tanto porque sua boca estava cheia da língua de Troy, quanto porque o apartamento era realmente chato. Era basicamente um quarto de hotel extragrande.

Mas provavelmente tinha uma cama, e era só nisso que Harris estava interessado naquele momento. Ele estava animado desde que Troy segurou sua mão pela primeira vez na boate, um gesto inesperado e emocionante. Depois, houve o beijo na bochecha, que foi uma coisa tão pequena e boba, mas Harris sabia que não tinha sido nenhuma dessas coisas para Troy.

E então vieram os beijos *de verdade.* Famintos, como este, como se contivessem todos os desejos secretos que Troy já tivera. Como se ele os tivesse reprimido por tanto tempo que a pressão se tornara grande demais e agora eles estivessem explodindo dele, quentes, sensuais e potencialmente devastadores.

Finalmente, eles chegaram ao quarto, e Troy imediatamente começou a tirar a própria roupa. Ele abriu botões suficientes para puxar a camisa pela cabeça, levando a camiseta de baixo junto. Harris estava gostando tanto do show que se esqueceu de se despir.

— Bora — disse Troy, já completamente nu. — Mostre. Quero te ver.

Harris começou a desabotoar a própria camisa, mas não foi rápido o suficiente para Troy, que se aproximou para ajudar. Em segundos, todas as

roupas de Harris estavam empilhadas no chão, e ele estava de volta aos braços de Troy, sendo beijado como se fosse evaporar se Troy parasse.

— Quer que eu te foda de novo? — perguntou Troy. — Como da última vez?

Harris estremeceu de alegria ao pensar nisso. — É. Igualzinho à última vez. Se é isso que você quer.

— É exatamente o que eu quero.

Harris foi jogado para trás na cama, com Troy pairando sobre ele. Harris olhou com espanto para seu corpo firme e belo e seus olhos intensos, trazendo à vida todas as fantasias de ser fodido por um atleta que Harris já tivera.

— Jesus — disse Harris, expirando. — Você não pode ser real.

Troy agarrou seu próprio pau rígido e o guiou lentamente em direção aos lábios de Harris. — *Isso é* real?

Harris o tomou com avidez na boca, gemendo ao primeiro gozo. Troy montou em suas coxas enquanto Harris se apoiava nos cotovelos - um pouco desajeitado e um pouco desconfortável, mas por algum motivo só deixou tudo mais excitado. Como se mal pudessem esperar para se posicionar de forma que fizesse sentido. Harris certamente não estava com vontade de se mexer.

Ele não conseguia levá-lo tão fundo assim, então se concentrou na cabeça sensível do pênis de Troy, passando a língua e sondando a fenda. Troy xingou entre dentes, e Harris pôde ver a tensão em seus músculos enquanto lutava para se manter imóvel.

Só que Harris queria que ele metesse. Queria que ele usasse toda aquela força para foder a boca.

Harris deixou o pau de Troy sair da boca e ouviu o grunhido de desaprovação dele. Então, Harris deslizou da cama para o chão, ajoelhando-se ao lado de Troy.

— Vamos tentar assim — disse Harris, inclinando a cabeça para trás para ver a expressão de Troy. Troy assentiu, com os olhos semicerrados e os lábios entreabertos, e ofereceu seu pau a Harris.

— Não se contenha — instruiu Harris, e então o envolveu com os lábios, penetrando-o profundamente para mostrar que conseguia. Ele balançou a cabeça e passou as palmas das mãos pelas coxas de Troy, e em volta da bunda, dizendo tudo para ele.

Troy empurrou os quadris para a frente, apenas uma vez, e parou para encontrar o olhar de Harris. Seus olhos pediram permissão, e Harris assentiu levemente, esperando que seus próprios olhos mostrassem o quanto ele queria aquilo.

Devem ter, porque a próxima estocada foi mais forte. E a próxima. Harris manteve o queixo caído e a cabeça imóvel, e deixou Troy saqueá-lo.

— Porra, Harris — rosnou Troy. — Tão bom pra caralho pra mim.

Ele agarrou a nuca de Harris, os dedos firmes em seus cabelos. Suas estocadas eram tão fortes e rápidas que Harris mal conseguia gemer em aprovação. Só conseguia olhar para cima com os olhos turvos e úmidos e se concentrar nas faíscas de excitação que percorriam seu corpo. Ele amava tudo aquilo. Adorava fazer as pessoas se sentirem bem e adorava ser tratado com tanta brutalidade. Sempre quis ser útil, mas agora queria ser *usado*...

A pele de Troy estava corada, do rosto ao pescoço e ao peito. Seu abdômen se contraía a cada movimento dos quadris, e Harris observava, hipnotizado.

— Meu Deus, olha você tomando — Troy ofegou. — Tão gostoso. Lindo pra caralho.

Harris relaxou a garganta, convidando Troy a penetrar mais fundo. Troy empurrou e parou, ofegando e gemendo enquanto Harris engolia a cabeça inchada de seu pênis.

— Harris, eu... — Troy respirou fundo e bufou. — Eu não devia... porra, estou perto demais. Você tem que me impedir.

Harris percebeu que ele falava sério, então se afastou e Troy soltou seu couro cabeludo.

— Ah, merda. — Troy envolveu a base do pênis com a mão, apertando com força. Fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes, trêmulo, enquanto Harris observava de joelhos, entretido com a luta de Troy.

— Ok — suspirou Troy após alguns segundos tensos. — Estou bem. — Ele riu, hesitante. — Porra, essa foi por pouco.

Harris se inclinou de brincadeira e abriu os lábios. Troy deu um passo para trás.

— Não ouse — ele riu. — Levante-se. Quero te beijar.

Bem, essa era uma ordem fácil de obedecer. Os joelhos de Harris estavam doendo de qualquer maneira. Ele só percebeu quando Troy soltou seu pau.

— Você podia ter, sabia? — disse Harris, passando os braços em volta do pescoço de Troy. — Terminado, quero dizer. Você não *precisa* me foder hoje à noite.

— Eu *definitivamente* tenho que te foder hoje à noite — Troy rosnou e o beijou.

Os lábios de Harris estavam inchados e machucados, mas ele não se cansava dos beijos de Troy. Eles continuaram se beijando enquanto Troy se deitava na cama, puxando Harris consigo. Troy deitou-se, e Harris o seguiu, acomodando o corpo sobre toda aquela musculatura firme. Deixando suas pernas se entrelaçarem enquanto ele beijava o queixo, o pescoço, o nariz, as orelhas, os ombros de Troy e, em seguida, de volta aos lábios.

— Meu Deus, como você é doce — murmurou Troy enquanto Harris beijava sua clavícula. — Quando você se oferece assim, de joelhos e com a boca aberta, eu não consigo resistir. Odeio o quanto adoro ser rude com você, quando tudo o que eu quero é cuidar de você.

Harris ergueu a cabeça para que seus olhos se encontrassem. — Você *está* cuidando de mim. Você está me dando o que eu quero, e eu adoro como você não se contém comigo, Troy.

— Eu não quero te machucar.

— E é por isso que você não vai.

Suas bocas se chocaram novamente, e eles rolaram na cama até que Harris estava de costas, embaixo de Troy.

— Quero fazer assim — murmurou Troy. — Quero olhar para você.

Harris realmente esperava que os batimentos cardíacos acelerados não estivessem relacionados à sua condição médica. — Eu também quero isso.

Harris geralmente preferia ser tomado por trás, ou em alguma posição que não expusesse suas cicatrizes, mas queria ver o rosto de Troy quando ele o penetrasse, quando perdesse o controle e quando gozasse. Harris queria que todos os seus sentidos estivessem repletos daquele homem.

Troy pegou lubrificante e uma camisinha do criado-mudo. Demorou-se para abrir Harris, exasperantemente cuidadoso depois de tudo o que tinham acabado de discutir, mas Harris sabia que era o melhor. Ele se contorcia impacientemente, querendo mais do que os dedos fortes de Troy. Quando Harris estava prestes a implorar, Troy agarrou suas coxas e empurrou seus joelhos em direção ao peito. Ele estava tão aberto e exposto, e Troy admirava sua entrada como se tivesse encontrado um tesouro.

— Mantenha as pernas aí — ordenou. Tirou as mãos e Harris obedeceu, mantendo-se bem aberto enquanto observava Troy colocar uma camisinha.

Troy derramou lubrificante no pau envolto e se acariciou lentamente. — Não mereço tudo isso — disse ele com a voz rouca. — Este homem lindo esperando pelo meu pau. Tão gostoso.

— Você merece — disse Harris. — Por favor. Me dá.

Troy o puxou bruscamente até a ponta do colchão e plantou um pé na cama. Ele se alinhou e empurrou lentamente, fazendo Harris gemer de alívio.

Harris estava tão duro. Seu pau tinha sido praticamente ignorado esta noite, e agora exigia atenção. Troy estava enterrado até a cintura, ofegante e fechando os olhos com força.

— Porra — Troy rosnou. — Você é gostoso demais.

Harris começou a se acariciar, pois parecia que Troy não ia aguentar muito tempo naquela noite. — Vá com calma — disse ele. — Ou goze se precisar. Só quero que você se sinta bem.

Troy observou o movimento da mão de Harris. Sua língua se esticou para umedecer o lábio inferior. — Chegue mais perto. — Ele deu algumas estocadas superficiais, cada uma enviando ondas de prazer pelo corpo de Harris. Chegar perto não seria um problema para Harris.

Troy se moveu mais rápido enquanto a mão de Harris acelerava, e finalmente ele sussurrou: — Eu não posso... eu tenho que... — e então ele estava *realmente* empurrando nele. Com força e implacavelmente, batendo a cabeceira da cama contra a parede, fazendo Harris gritar de prazer.

— Porra. *Porra!* — Troy ofegou, então se acalmou e sua boca se abriu. Ele se retirou tão rápido que Harris gritou, então engoliu o pau de Harris, chupando com força. Foi questão de segundos até que Harris irrompesse na boca de Troy com um gemido alto. Tomara que o isolamento acústico do prédio chique de Troy fosse decente.

— Puta merda — Harris ofegou. Troy se jogou ao lado dele, também ofegante.

— É. Desculpe, fiz tão rápido.

— Não precisa se preocupar. Foi gostoso pra caralho.

Eles ficaram deitados em silêncio por um ou dois minutos, deixando a respiração voltar ao normal. Então Harris virou a cabeça e viu Troy lutando contra um sorriso. — O quê?

— Nada. Só que sempre me sinto ridículo depois do sexo.

— Ah. — Harris passou o dedo pela curva do ombro e depois pelas ranhuras ao redor do peitoral. — Eu entendo. É uma atividade bem estranha, sério.

Troy bufou e então riu, o que fez Harris rir também.

— Agora que você disse isso, não consigo parar de pensar em como isso é estranho — disse Troy.

— Sim, é tipo, podemos jantar, ou assistir TV, ou você pode enfiar seu pau na minha bunda.

Troy estava rindo sem parar agora. Era uma alegria ouvir aquilo.

— Eu gostaria dessas outras coisas — disse Troy, depois de se controlar. — Com você, quero dizer.

O coração de Harris batia forte. — Você faria isso?

— Com certeza. Eu... — Troy parou de falar, com o olhar fixo no teto. — Você acha que as pessoas nos viram nos beijando? Tipo, alguém me reconheceu?

Ah. Lá vamos nós. — Não sei — disse Harris honestamente.

— Talvez haja fotos nossas no Twitter.

— É sempre um risco hoje em dia, mas você sempre pode negar que é você nas fotos.

Troy ficou em silêncio por um momento, depois disse: — Ninguém esperaria que eu estivesse em um show como esse — Harris traduziu como *ninguém esperaria que eu estivesse cercado de pessoas queer.*

— Provavelmente não.

Troy sentou-se abruptamente e pegou seu telefone no criado-mudo.

— O que você está fazendo? — perguntou Harris.

— Postando alguma coisa.

Harris apoiou-se em um cotovelo, esticando o pescoço para ver a tela. Troy o afastou.

— Seja paciente — Troy repreendeu.

Harris apreciou a ruga que surgiu entre as sobrancelhas negras de Troy enquanto ele se concentrava em digitar. Alguns segundos depois, entregou o celular a Harris.

Harris se engasgou teatralmente. Troy postou uma foto que tirou de Fabian Salah no palco, marcou o local e escreveu: "*Uma noite incrível*".

— Imagino que provavelmente não tinha nenhum homofóbico naquele show — disse Troy. — Então, se alguém nos viu, ficaria, sabe? Tudo bem.

Harris o beijou, tocado por aquele pequeno, mas significativo ato de bravura, e então disse: — Na pior das hipóteses, eles ficariam com inveja. De você, quero dizer. Obviamente.

Troy riu e passou o braço em volta dele, puxando-o para perto, de modo que a cabeça de Harris repousasse em seu peito. — Quero te levar a algum lugar. Outro encontro.

Harris sorriu radiante. — Eu adoraria.

Troy beijou o topo da cabeça dele. — Quando?

— Estou trabalhando neste fim de semana. Jogo das Estrelas e tudo mais. Mas o resto da semana está tranquilo no trabalho por causa do recesso.

— Tá. Vou pensar nisso no fim de semana. Vai ser épico. O melhor encontro da minha vida. — Troy o beijou rapidamente e disse: — Eu devia, hum, lidar com a camisinha e essas coisas. Mas você vai ficar hoje à noite, né?

Harris rolou de costas e esticou os braços. — Cara, talvez eu nunca mais me mexa.

Capítulo Vinte e Dois

***Troy**: Nosso encontro pode começar na terça de manhã e terminar na quarta à tarde?*

A mensagem ficou sem resposta por vinte minutos, e Troy estava a milissegundos de ligar para Harris quando finalmente viu os três pontos.

***Harris**: Parece um ótimo encontro.*

Troy sorriu e escreveu: *Vai ser incrível. E é uma surpresa, então não pergunte.*

***Harris**: Preciso levar alguma coisa?*

***Troy**: Isso é um sim?*

***Harris**: Estou curioso agora! Claro que sim!*

Sozinho em seu apartamento, Troy ergueu o punho triunfantemente. Desde que Harris tinha saído na manhã de sábado, Troy tentava freneticamente pensar no encontro perfeito para encontrá-lo. Ele queria que não fosse apenas algo que Harris gostasse, mas algo que lhe desse uma verdadeira pausa do trabalho. Algo que permitisse que Troy cuidasse dele.

Eles nunca haviam discutido o fato de Troy ser milionário, mas Troy tinha a impressão de que Harris não se interessava por restaurantes chiques ou presentes luxuosos. Troy ainda queria mimá-lo um pouco, no entanto.

Então ele teve uma ideia. Precisou pesquisar um pouco na internet, mas Troy encontrou o lugar perfeito: um spa em Quebec, a menos de duas horas de distância, com chalés privativos. Ele sabia que era uma aposta arriscada quando ligou, porque o prazo era extremamente curto, mas teve sorte: houve um cancelamento de última hora. A mulher com quem ele havia falado se

desculpou dizendo que ele teria que reservar exatamente o mesmo pacote que havia sido cancelado, e Troy riu quando ela lhe contou o que era.

A Escapada dos Pombinhos.

Ela não pareceu nem um pouco surpresa ou ofendida quando Troy lhe deu o nome de Harris como segundo hóspede. Era a primeira vez que Troy revelava sua sexualidade a um estranho e, assim que o frio na barriga passou, sentiu uma onda de alívio. Ele havia reservado uma escapadela romântica para si e para o namorado, e estava tudo bem. Ele usara seu nome verdadeiro e tudo.

***Troy**: Leve roupa de banho e roupas confortáveis.*

***Harris**: Como vou twittar sobre o jogo das estrelas agora?*

Troy, maravilhosamente, havia se esquecido do jogo das estrelas. Decidiu deixar Harris em paz por enquanto e escreveu: *Te pego às 10h na terça-feira.*

Harris respondeu com uma série de emojis de rostos animados.

— Meu Deus — Harris guinchou.

— Ok, então a questão é...

— Meu *Deus.* Eu *sonhei* em vir a este lugar.

Troy apertou os lábios para não rir da empolgação de Harris enquanto admirava o interior deslumbrante do chalé principal. — Só consegui reservar em cima da hora porque alguém cancelou, então tive que reservar o mesmo pacote que eles tinham.

— A menos que fosse o pacote Você Tem Que Ir Para Casa Imediatamente, não me importo.

— É a Escapada dos Pombinhos. Então pode ser um pouco... demais.

Os olhos de Harris se arregalaram ainda mais. — É a nossa *lua de mel?*

Troy lhe deu uma cotovelada. — Calma.

Ele foi até a recepção e fez o check-in. A mulher que trabalhava lá era a mesma com quem ele havia falado ao telefone, Cora.

— Nossos pombinhos de última hora — disse ela calorosamente com seu sotaque quebequense. — Vocês podem deixar suas malas aqui, e nós as levaremos para o seu chalé. Basta tirarem seus trajes de banho primeiro, e vocês começarão o dia com um mergulho em nossa banheira de hidromassagem.

Harris saltava na ponta dos pés, sorrindo como uma criança na manhã de Natal. Como atleta profissional, banheiras de hidromassagem, saunas e banhos turcos eram uma necessidade quase diária para Troy, mas ele tinha a sensação de que aquela seria uma experiência de imersão mais agradável do que a maioria.

Eles foram levados a um vestiário com armários e deixados sozinhos para vestir seus trajes de banho. — Até agora, isso está se parecendo muito com um dia típico de trabalho — disse Troy. — Banheira de hidromassagem, vestiário.

— Até agora, este é o melhor dia da minha vida, então fique quieto.

Uma coisa diferente naquele vestiário e nos que Troy normalmente frequentava era que, dessa vez, ele olhava abertamente para o homem que estava se despindo ao seu lado.

— Já? — Harris provocou quando notou o pênis semiereto de Troy.

— Senti a sua falta.

Harris vestiu o calção de banho e passou os braços em volta do pescoço de Troy. — Também senti sua falta. — Ele o beijou, e Troy se perguntou o quão importante era que eles fizessem algum dos tratamentos de spa. O chalé tinha uma cama que provavelmente proporcionaria todo o relaxamento e rejuvenescimento de que Troy precisava.

Mas Harris parecia tão feliz. E adorável, agora que estava se enrolando no roupão branco e fofinho que o spa havia providenciado.

Havia alguns formulários médicos que ambos precisavam preencher. Troy terminou o seu rapidamente e ocorreu-lhe que Harris talvez tivesse mais itens para preencher.

— Não há nada aqui que seja inseguro para você, não é? — perguntou Troy.

— Não, a menos que estejamos praticando paraquedismo.

Troy bufou. — Meu Deus, espero que não.

Harris o beijou rapidamente na bochecha. — Acho que estou seguro então. Preciso tomar cuidado com a banheira de hidromassagem, mas não me importo com elas se não ficar muito tempo. Vamos nos mimar!

A sala de hidromassagem era chique pra caramba. A banheira em si era do tamanho de uma pequena piscina, embutida no piso de granito escuro. A iluminação era fraca e dramática, e uma música suave reverberava nas paredes de pedra.

— Uau — sussurrou Harris. — Sinto como se estivesse na Roma Antiga.

— É. Esta não é a minha banheira de hidromassagem de sempre.

Eles tiraram os roupões e entraram na água quente. Harris gemeu assim que se sentou, o eco ecoando nas paredes. — Nossa, cara. Isso é o máximo.

Troy sorriu e sentou-se ao lado dele no mesmo canto. — Tomar banho de água quente é demais.

— Hum. — Harris fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. — Meu corpo não vai saber o que o atingiu. Nunca o tratei tão bem.

— Você trabalha muito duro.

Harris zombou. — Comparado a você? Dificilmente.

— Bem, que tal passarmos esse tempo aqui sem hóquei?

Harris sorriu sem abrir os olhos. — Parece perfeito.

Sua pele já estava rosada por causa da água quente, o que fazia a linha branca da cicatriz se destacar ainda mais. Troy tentou não a encarar, mas não conseguia deixar de se preocupar com o coração por trás dela.

— Ainda batendo — disse Harris suavemente. Troy percebeu que seus olhos se abriram e se encheu de vergonha.

— Desculpe. Eu não estava olhando.

Harris roçou o pé no de Troy. — Sim, você estava. Tudo bem. Eu entendo. É por isso que não costumo ficar de traje de banho.

— Desculpe — disse Troy novamente. Queria dizer a Harris que ele não precisava esconder as cicatrizes, mas ele era a última pessoa que deveria dizer a alguém para não se esconder. Em vez disso, colocou a mão debaixo d'água e puxou o pé de Harris para o seu colo. Acariciou levemente as colinas e vales do seu tornozelo.

Harris suspirou feliz. — Vou receber uma massagem antes da minha?

— Eu só quero tocar em você.

Os olhos de Harris ficaram um pouco marejados. — Você está nervoso por estar aqui comigo?

— Não — disse Troy, corrigindo-se em seguida. — Não estou tão nervoso quanto pensei que ficaria, de qualquer maneira.

— Isso é bom.

— Quer dizer, não há nada a esconder neste momento. Somos dois homens curtindo um retiro a dois em um spa romântico. Ninguém pode interpretar isso mal. Há algo libertador em ter essa preocupação removida.

Harris se aproximou um pouco mais dele. — É verdade.

— Foi assustador para você quando você se assumiu?

— Claro. Mesmo quando você tem certeza de que seus amigos e familiares vão ser legais e me apoiar, ainda é assustador. Mas a maior parte do meu

medo era, como você disse, a possibilidade de alguém descobrir o meu segredo. Depois que deixou de ser segredo, não precisei me preocupar com isso.

— Eu gostaria de saber como é isso. Passei a vida inteira morrendo de medo de que alguém descobrisse. Eu não toquei em outro homem até o Adrian, quando eu tinha vinte e três anos. Então, se eu estiver fazendo algo errado na cama, essa é a minha desculpa.

— Você definitivamente não está fazendo nada de errado na cama, garanhão.

Troy sorriu e passou a palma da mão pela canela de Harris, depois desceu. Quando sua mão retornou ao joelho de Harris, este deu uma risada trêmula e disse: — Não suba mais, senão vou ter um momento constrangedor para sair da banheira.

O próprio pau de Troy se arrepiou. Ele desejou poder tirar Harris da água e tomá-lo ali mesmo, sobre os elegantes ladrilhos de pedra. Adoraria ouvir os gemidos de Harris ecoando na sala silenciosa e cavernosa. — Está muito alto? — perguntou, passando os dedos pela coxa de Harris.

Harris afastou a mão com um tapa. — Vai se foder. É sério. Não complique isso para os pobres funcionários.

— Eles merecem por tornarem este lugar tão sexy.

Harris sorriu e afundou ainda mais na água, recuperando a perna do colo de Troy. — *É* sexy. Mas posso esperar até estarmos no nosso chalé. A espera deixa tudo ainda mais sexy, né?

— Sabe, não precisamos *fazer* massagens...

— De jeito nenhum, superstar. Alguns de nós não fazemos massagens diárias. Eu não faço massagem há séculos.

— Bem.

— E Troy?

— Mm?

— Este já é o melhor encontro que já tive.

O coração de Troy disparou. — Eu também.

A massagem com pedras quentes acabou sendo muito mais agradável do que as massagens profundas, muitas vezes dolorosas, que Troy recebia do terapeuta do time. Também houve mais gemidos altos e indecentes do que Troy estava acostumado. Tudo vindo da mesa ao lado, e tudo isso dificultando muito o relaxamento de Troy.

— Hmm. Por que não tenho sempre pedras quentes nas costas? — disse Harris, com as palavras sonolentas e arrastadas de prazer.

Os dois massagistas estavam rindo. Harris mal havia parado de falar durante toda a massagem. Troy ficara em silêncio, concentrado apenas em não ter uma ereção, mas sorria contra o apoio de rosto. Nunca imaginara que se encantaria tanto com um bobão tão impenitente.

O almoço foi servido em uma sala privativa, onde comeram tigelas de grãos saudáveis e deliciosos e beberam suco fresco, de roupão. Parecia decadente, mesmo com o alto valor nutricional.

Depois do almoço, eles tiveram alguns procedimentos que eram tão emocionantes para Troy quanto para Harris: tratamentos faciais, seguidos de manicure e pedicure. Troy sempre cuidou da pele - Dallas Kent costumava repreendê-lo por sua rotina diária quando dividiam o quarto. Mas a testa de Dallas estava sempre coberta de espinhas de capacete, então que se dane.

Mais uma vez, Harris fez todos os praticantes rirem enquanto Troy permanecia sentado em silêncio, sorrindo enquanto continuava a se apaixonar pelo raio de sol ambulante que ele havia conseguido conquistar para si.

O dia terminou com mais um mergulho na banheira de hidromassagem e depois chuveiros antes de vestirem suas roupas novamente.

— Detesto usar roupas — reclamou Harris. — Agora que sei como um dia de roupão pode ser bom, as roupas parecem uma prisão.

— É só até chegarmos ao chalé — garantiu Troy. — Podemos pedir serviço de quarto para o jantar.

Harris o beijou, depois pegou sua mão e o puxou para fora do vestiário. — Este encontro está cada vez melhor.

A nova recepcionista os conduziu até o chalé. Foi uma curta caminhada panorâmica por entre árvores perenes cobertas de neve até o pequeno chalé de madeira, e Harris adorou imediatamente.

— É tão fofo! — Ele apertou a mão de Troy. — Uma pena que vamos destruí-lo.

Troy riu baixinho. — Talvez eu tenha outros planos.

— De jeito nenhum. Você prometeu sexo e comer pelado.

O interior do chalé era ainda mais charmoso que o exterior. Havia um fogão a lenha em um canto, com uma pequena pilha de lenha ao lado. Um sofá e uma cadeira de couro ficavam de frente para ele, já que não havia televisão. Harris não se importou com isso; havia deixado o celular em um armário o dia todo e estava feliz em continuar sua pausa das telas.

Havia cobertores aconchegantes cuidadosamente dobrados sobre os móveis e um tapete grosso e macio em frente ao fogão. Era absurdamente romântico.

As coisas ficaram ainda mais românticas no quarto. A cama tinha uma cesta de boas-vindas com chocolates, frutas frescas, uma variedade de chás e dois roupões de banho enrolados. Havia um buquê de rosas na cômoda e um balde de gelo com uma garrafa de champanhe no criado-mudo.

— Meu Deus, me sinto uma princesa! — Harris começou a vasculhar a cesta imediatamente. — Morangos cobertos de chocolate!

— É um pouco demais.

— Não, eu adoro. Vou te dar isso depois.

Troy se aproximou dele e beijou seu pescoço. — Eu poderia comer agora.

Harris se virou e o beijou. Desta vez, eles deixaram o beijo se prolongar, e Troy inclinou a cabeça de Harris levemente para trás para que pudesse beijá-lo tão profunda e intensamente quanto ele desejava o dia todo.

— Roupões? — Harris disse com a voz rouca quando eles se separaram.

— Roupões — Troy concordou.

Em vinte minutos, eles já tinham acendido o fogo no fogão e estavam descansando no tapete com taças de champanhe gelado e uma mesa de centro cheia de guloseimas.

— Tudo o que precisamos é de um cachorro — refletiu Harris.

— Como um cachorro melhoraria isso?

— Os cães tornam tudo melhor.

Troy se inclinou e o beijou enquanto passava a mão pela coxa de Harris, por baixo da bainha do roupão. — Nem tudo — disse ele em voz baixa e sedutora.

E não. Nem tudo.

Harris colheu um dos morangos da mesa de centro e o colocou diante dos lábios de Troy. Troy sorriu e abriu, pegando o morango na boca e fechando os lábios em volta dos dedos de Harris.

Na verdade, não foi tão sexy quanto Harris esperava. Ele teve que tirar os dedos para que Troy pudesse mastigar a fruta um pouco grande demais que estava fazendo suas bochechas incharem. Assim que Troy engoliu, tossiu e disse: — Era um morango azedo.

— O chocolate estava bom?

— Poderia ter aproveitado mais. — Troy tomou um gole de champanhe.

Harris riu. — Desculpe. Achei que seria, sabe, sensual.

— Tenho uma ideia. — Troy colocou a taça na mesa. — Que tal eu te deitar nesse tapete e beijar cada centímetro seu?

Harris imediatamente se jogou para trás no tapete, com os braços e as pernas bem abertos. — Estou dentro.

Ele achou que Troy fosse atacá-lo, mas em vez disso se esparramou de lado ao lado dele, fitando-o com aqueles olhos azuis penetrantes. Harris quase se contorceu sob o olhar, mas então Troy gentilmente colocou a mão no rosto de Harris e o beijou.

Ele continuou beijando-o. Beijou o canto da boca, a bochecha, a sobrancelha. Seus lábios macios roçaram a orelha de Harris e desceram até a garganta. Cada beijo era suave e sem pressa, saboreando Harris como um bom uísque.

Ele nem percebeu Troy desamarrando o cinto do roupão até que este se abriu. Troy se posicionou entre as pernas abertas de Harris, ajoelhando-se enquanto deslizava as pontas dos dedos sobre o peito e a barriga dele. O toque suave em sua pele era quase como um cócegas, mas também lhe causava arrepios deliciosos.

Por uma eternidade, Troy não fez nada além de acariciar a pele de Harris. Seus dedos exploraram tudo - tronco, pernas, braços, garganta, rosto. Tudo, exceto o pau agora rígido de Harris. Harris ficou ali deitado como uma poça de mingau, perfeitamente relaxado e feliz depois de um dia no spa com o homem que ele...

O homem por quem ele definitivamente tinha sentimentos significativos.

— Não sei se você percebeu — disse Harris sonhadoramente — mas estou um pouco excitado.

— Percebi.

— Certo. Só para ter certeza.

O lábio de Troy se curvou em um canto, então ele puxou uma das mãos de Harris até seus lábios e beijou sua palma.

— Um pouco mais abaixo — brincou Harris.

Troy beijou a parte interna do pulso.

— Malvado — resmungou Harris.

Uma risada baixa sacudiu os ombros de Troy, então ele abaixou a cabeça e agarrou o mamilo direito de Harris entre os dentes.

— Está ficando mais quente — suspirou Harris. Observou Troy enquanto este traçava um caminho de beijos pelo peito, sobre a cicatriz, até o mamilo esquerdo. Nossa, Troy era lindo. Sempre foi lindo, mas agora, sob o brilho da lareira e com o cérebro de Harris borbulhando de champanhe e tesão, ele era de tirar o fôlego.

E se ele quisesse passar o resto da noite atormentando Harris com beijos suaves, bem, Harris não deveria reclamar.

No entanto, no final das contas, Harris teve que reclamar.

— Você vai me matar — ele disse com voz rouca.

— Shh. Deixe-me cuidar de você do meu jeito.

— Seu jeito é uma tortura.

Troy riu baixinho contra a parte interna da coxa de Harris, enviando ondas de prazer até suas bolas.

— Se você não vai tocar no meu pau, pelo menos deixe-me tocar no seu.

Com um suspiro exagerado, Troy se moveu até se ajoelhar ao lado do ombro de Harris. Sua ereção aparecia na frente do roupão frouxo. Harris puxou uma ponta do cinto e o nó se desfez.

— Deixa eu chupar? — perguntou Harris. Ele não tinha ideia do motivo da sua solicitação, exceto que parecia que Troy estava no comando e Harris queria fazer o mesmo.

— Eu estava prestes a chupar *você* — disse Troy, deixando seu roupão cair no chão.

— Ah, era mesmo? — Harris perguntou lentamente. — Depois de quê? Duas horas esquecendo onde meu pau estava?

— Pirralho. — Troy se virou para ficar de frente para os pés de Harris e montou em seu rosto. Harris já havia notado o quão meticulosa era a higiene pessoal de Troy. Suas bolas eram lisas e sem pelos, e os pelos ao redor da base do pênis eram uma mancha escura e bem aparada. Harris se mantinha em dia com sua própria higiene masculina, mas Troy estava em um nível que rivalizava com estrelas pornôs.

E agora aquelas bolas lisas e pesadas estavam penduradas no rosto de Harris, roçando seus lábios.

— E então? — perguntou Troy.

Harris bufou. — Escute, cara. Você não pode ficar impaciente depois de tudo isso. — Mas ele não fez Troy esperar; lambeu e depois chupou uma das bolas dele, apreciando o suspiro suave que Troy soltou.

Troy não se mexeu, então Harris concentrou-se em suas bolas, rolando cuidadosamente uma na língua, depois a outra. Lambeu atrás delas, pressionando a língua firmemente contra o períneo de Troy.

— Ah — disse Troy baixinho. — Meu Deus, isso é...

Harris continuou, deslizando a língua lentamente de volta para a bunda de Troy. Ele estendeu as mãos e as abriu sobre as nádegas, afastando-as delicadamente para dar a Troy uma pista sobre seus planos.

Por um momento, o corpo inteiro de Troy pareceu congelar, e Harris também se acalmou. Então, Troy se inclinou para a frente, só um pouquinho.

O suficiente para aproximar seu buraco da boca de Harris. Harris sorriu para a oferta e se perguntou se alguém já tinha feito aquilo com Troy antes. Não era algo que todos estivessem dispostos a fazer, mas Harris era fã.

Ele pressionou a língua contra o buraco de Troy, sem se mexer. Apenas deixou Troy sentir a umidade quente de sua língua contra as terminações nervosas sensíveis ali.

— Puta... — Troy se engasgou.

Harris lambeu algumas vezes lentamente, depois mudou para movimentos circulares com a ponta da língua. Em segundos, Troy estava se balançando contra sua boca, gemendo e xingando desenfreadamente, enquanto Harris usava todos os truques de lambida que conhecia.

Ele se perguntou se Troy queria que Harris o fodesse. Harris definitivamente toparia. Ele gostava de ser dominado com força, mas certamente não tinha nada contra ser ativo. Principalmente quando o sexo era assim: terno, sensual e indulgente. Quando ninguém tinha pressa e tudo girava em torno de exploração e descoberta. Ele adoraria deslizar para dentro de Troy, enterrar-se nele e balançar juntos até que ambos se estilhaçassem.

— Porra, isso é bom — Troy ofegou. — Adoro sua barba na minha pele.

A entrada de Troy ainda estava fechada como um punho, mas Harris conseguiu enfiar a ponta da língua lá dentro.

— Ah! — gritou Troy. — Jesus. Eu preciso... — Então ele caiu para frente, afastando o traseiro da boca de Harris e envolvendo o pau dele com os lábios.

Agora Harris gritou, em parte pelo alívio e pela surpresa de finalmente ter a boca de Troy em sua ereção sofrida, e em parte por frustração. Ele queria ver se conseguia relaxar o buraco de Troy com a língua, e agora não conseguia alcançá-lo.

Mas ele conseguia alcançar o pau de Troy, então abriu bem a boca e deixou Troy deslizar para dentro.

Troy gemeu, e as vibrações fizeram as costas de Harris arquearem. Ele não fazia exatamente aquilo há algum tempo, e *nunca tinha* feito isso perto de uma lareira, sendo pressionado contra o chão de um chalé por um jogador enorme e pesado da NHL.

Ele cantarolava, gemia e suspirava enquanto chupava Troy, porque Harris não conseguia ficar quieto nem com um pau na boca. Ele deslizou as palmas das mãos sobre as coxas, quadris e bunda de Troy, incapaz de decidir se queria foder aquele homem, ser fodido ou apenas fazer aquilo por enquanto. Depois de mais um minuto, a decisão lhe foi tirada quando percebeu que estava à beira do orgasmo.

Ele emitiu um zumbido alto e abafado para avisar Troy, mas Troy permaneceu em cima dele, e segundos depois Harris explodiu em sua boca. Atingiu-o com tanta força que ele teve que se afastar do pau de Troy. Ele gritou enquanto o prazer intenso o atravessava repetidamente. Durante todo esse tempo, Troy continuou chupando, absorvendo cada gota e dando a Harris o máximo de prazer possível. Harris tentou freneticamente colocar a boca de volta no pau de Troy, sabendo que estava perto, mas ficou surpreso quando Troy começou a disparar para o ar, respingando no peito de Harris com sua liberação.

Mesmo depois de tudo isso, Troy continuou a salpicar o pau duro de Harris com beijos leves, eventualmente se movendo para as coxas de Harris e então, finalmente, se afastando. Ele levantou a perna para não ficar em cima de Harris e se virou para poder deitar-se ao lado dele no tapete.

— Obrigado — disse Troy, com a voz baixa e cansada.

— Obrigado? — disse Harris com uma risada cansada. — Eu só estava tentando acompanhar.

Um sorriso largo e desprevenido se abriu no rosto de Troy, e isso provocou um choque em Harris que pareceu mais poderoso que seu orgasmo. Porque ele fez isso - *ele* fez Troy Barrett sorrir daquele jeito. De alguma forma, Harris havia conquistado aquilo, e ele percebeu, naquele momento, o quão ferozmente protegeria aquele sorriso. O quão ferozmente protegeria *Troy.*

Porque ele pode estar se apaixonando por ele.

— O quê? — perguntou Troy, o sorriso desaparecendo porque o rosto de Harris devia demonstrar um pouco de sua ansiedade.

— Nada — disse Harris rapidamente. — Só estou... com fome. Devíamos pedir serviço de quarto.

O sorriso de Troy retornou. Ele beijou Harris rapidamente e disse: — Espero que tenham salmão.

Eles tinham salmão, e Troy comeu o seu com gosto porque percebeu, assim que o jantar foi entregue, que estava faminto.

— Ainda não é tão bom quanto bolo de chocolate — disse Harris, colocando o prato vazio na mesa lateral. Eles estavam sentados juntos no sofá, ainda vestindo apenas roupões de banho e ainda apreciando a lareira.

O champanhe tinha acabado.

— Você está errado — disse Troy — mas ainda bem que ganhamos bolo de chocolate também.

Troy deixou Harris lhe dar bolo no garfo, algo que ele acharia repugnante em outros casais, mas ninguém podia vê-los agora, então ele não se importava. Além disso, ele estava bem embriagado por causa do champanhe.

Quando terminaram a sobremesa, Harris se aninhou nele, e os dois observaram a lareira juntos. — O que você vai fazer no domingo? — perguntou Harris.

— Tenho um treino amanhã de manhã, mas nada depois disso — disse Troy.

— Quer ir jantar na fazenda?

Troy ficou tenso. — Com a sua família, você quer dizer?

— Claro — disse Harris, como se não fosse a maior coisa do mundo. — Eles te amariam.

Isso era... muita coisa. — O que diríamos a eles? Sobre nós?

— O que te deixar confortável. Eles certamente não vão julgar se dissermos que somos... o que quer que sejamos.

— Sério? — Troy não conseguia nem imaginar.

— Eles sempre me amaram e me aceitaram. O pior que podem fazer é me envergonhar, ficando tão felizes por eu ter levado alguém para casa.

Troy relaxou um pouco. — Você não leva pessoas para casa com muita frequência?

— Às vezes, convido amigos para jantar, mas não homens com quem estou namorando. Ou, sabe como é. Tanto faz.

Os dois ficaram em silêncio por um momento, e então Troy disse, corajosamente: — Estamos namorando?

Harris olhou para ele. — Parece que sim.

Troy sorriu. — É verdade. — Ele estava tão maravilhosamente feliz naquele momento. Se namorar Harris era assim, ele queria continuar. Custe o que custar. — Você deveria contar para os seus pais — disse ele.

— Tem certeza?

— Sim. Mas talvez conte antes de domingo? Prefiro que não seja grande coisa.

— Eu posso fazer isso. E não vai ser grande coisa. Não para eles. Eu prometo. E eles vão manter segredo, se eu pedir.

Troy se mexeu para poder puxar Harris mais para o seu colo. Queria ver o rosto dele direito. — Talvez só um pouquinho. Eu disse que não ia te fazer se esconder, e não vou. Mas preciso de um tempinho para resolver algumas coisas.

Harris estudou o rosto dele e sorriu. — Preciso de um tempinho para acreditar que isso é real.

Capítulo Vinte e Três

A fazenda da família Drover era ainda mais absurdamente pitoresca e charmosa do que Troy imaginara. A longa estrada os levou por macieiras cobertas de neve até chegarem a uma casa de fazenda perfeitamente branca.

— Você está nervoso? — perguntou Harris enquanto estacionavam a caminhonete.

— Não — mentiu Troy.

— Ótimo. Eles vão te amar. Só espere.

Os dois saíram da caminhonete e Troy imediatamente ouviu latidos.

— Uh-oh — disse Harris alegremente. — Aí vêm eles.

Vários cães de vários tamanhos corriam em sua direção, latindo animadamente. Troy deu um passo para trás, mas suas costas bateram na lateral da caminhonete, deixando-o preso entre o metal duro e um tornado de cães. Porque, claro, todos tinham ido direto para Troy.

— Ah, vamos lá, pessoal. Vocês estão me envergonhando — Harris riu. Ele assobiou e dois dos cachorros imediatamente foram até ele, deixando Troy com um cachorro enorme o prendendo contra a caminhonete com as patas em sua barriga.

— Hã, oi — disse Troy. Percebeu que estava com as mãos no ar, como se estivesse se rendendo. Ele as abaixou um pouco.

— Mac, você também. Sai de cima dele, seu demônio. — Harris deu um tapa na coxa, o que chamou a atenção de Mac. Depois de um momento de reflexão, Mac pareceu decidir que preferia assustar Troy a ficar com Harris.

— Certo — disse Troy lentamente. — Hum... para baixo?

— Comece a andar — disse Harris. — Ele vai se mexer.

Troy deu um passo à frente, e Mac caiu de quatro e se mexeu entre as pernas de Troy.

— Mac é o garoto problema — disse Harris, ajoelhando-se para coçar a cabeça de Mac. — A pequena é Shannon, e o branco é Bowser. Eles são uns amores. Não como *esse* safadinho. — Harris disse a última parte com uma voz carinhosa, dirigida a Mac.

— Harris, não deixe seu amigo ficar no frio a tarde toda! — A voz veio da casa, e Troy se virou e viu uma mulher que devia ser a mãe de Harris parada na porta aberta.

— Estamos indo — disse Harris. Começou a andar em direção à casa, mas parou e disse: — Merda! A torta.

Enquanto Harris corria de volta para a caminhonete para pegar a torta que tinha feito, sua mãe fez sinal para Troy entrar.

— Sou Marlene — ela disse, estendendo a mão quando Troy chegou ao topo da escada que dava para a varanda da frente.

— Troy — disse ele, apertando a mão dela. Ela tinha cabelos grisalhos cortados na altura dos ombros, óculos de aro escuro e a mesma constituição física compacta do filho. Ela até usava uma camisa de flanela xadrez. Parecia bem descolada, na verdade. Como uma renomada dona de restaurante com comida da fazenda à mesa.

— Que bom finalmente te conhecer — disse ela enquanto entravam. — Harris anda falando bem de você.

— *Mãe* — Harris gemeu enquanto os seguia com a torta e os três cachorros.

O estômago de Troy se revirou só de pensar em Harris contando qualquer coisa sobre ele aos pais. Era tocante e assustador ao mesmo tempo.

— Ele fala muito — disse Troy, e então percebeu que soava mais como uma reclamação do que uma provocação. — Quer dizer, ele é simpático. — Então percebeu que estava falando de Harris como se ele não estivesse ali. — *Você é* simpático. E tagarela. Então não me surpreende que estivesse falando de mim. — Ele sentiu a nuca esquentar enquanto Harris e Marlene o encaravam. — Posso levar aquela torta... para algum lugar... para você?

Harris caiu na gargalhada. — Que bom que você não está nervoso.

O calor subiu do pescoço de Troy para o rosto. — Desculpe. — Ótimo. Ele estava ali havia alguns minutos e basicamente se encolheu de medo de um dos cachorros, depois balbuciou alguma bobagem sobre Harris ser tagarela. Ótima primeira impressão.

Troy olhou ao redor para a velha casa, obviamente repleta de história e orgulho familiar. Era tão aconchegante, agradável e desconhecida que sentiu vontade de se jogar no frio como um monstro.

— É o Harris? — perguntou uma nova voz.

Um homem entrou pela porta da frente, vindo de uma sala adjacente, e parecia muito *com* uma versão mais velha de Harris. Os mesmos olhos, a mesma barba cheia e cabelos grossos, ambos quase grisalhos, e o mesmo sorriso caloroso e a mesma voz estrondosa. A maior diferença era que ele era vários centímetros mais alto que Troy.

— Você deve ser o Troy. Eu sou o Sam.

Eles apertaram as mãos. — Obrigado, pessoal, por me receberem. Faz tempo que não como uma refeição caseira.

— Faz tempo que o Harris não traz para casa alguém por quem ele se apaixona — disse Marlene. O estômago de Troy se revirou.

— Meu Deus, mãe. Que jeito de fazer o Troy pensar que vivemos nos anos 30 ou algo assim.

Marlene riu. — Sinta-se em casa. Temos uma lareira acesa na sala. É por isso que os cachorros já estão lá dentro. — E esse pareceu ser o fim da conversa sobre Troy ser gay e estar namorando o Harris. Não tinha sido quase nada, e Troy se sentiu quase tonto.

— Você está dizendo que não está a fim de mim? — Troy murmurou no ouvido de Harris enquanto eles entravam na cozinha.

— Você é o máximo, querido.

A cozinha era surpreendentemente grande e tinha um cheiro delicioso. Harris colocou sua torta no balcão e perguntou: — Quer beber alguma coisa?

— O que você estiver tomando.

Harris abriu a geladeira, pegou duas garrafas da sidra das irmãs e entregou uma para Troy. — Talvez isso alivie a tensão.

— Estou bem. — disse Troy, embora fosse outra mentira. Ele se esforçava ao máximo para ignorar o quão surreal tudo aquilo parecia. Seu relacionamento com Adrian se baseava no medo mútuo de ser descoberto. Eles certamente nunca conheceram as famílias um do outro. Nem sequer haviam conversado sobre o assunto. Ele não tinha muita certeza do que estava fazendo com Harris, mas sabia que não queria o mesmo tipo de acordo que tivera com Adrian. *Queria* conhecer a família de Harris e queria que gostassem dele.

O que foi *muito.*

— Quer ver meu antigo quarto? — perguntou Harris, balançando as sobrancelhas.

Troy conseguiu dar um meio sorriso. — Vocês têm permissão para ter meninos lá em cima?

Harris deu um passo em sua direção. — Você seria o primeiro.

Oh — Sério?

— Sim. Quer ver?

Claro que sim, Troy queria.

Troy Barrett estava no quarto de infância de Harris, sentado em sua velha e barulhenta cama de solteiro, e Harris estava se esforçando muito para ficar tranquilo sobre isso.

— Isso tem muitas coisas do Ottawa Centaurs — observou Troy.

Ele não estava mentindo. Havia pôsteres, flâmulas e bugigangas por toda parte. Harris tinha figurinhas de hóquei enfiadas na moldura do espelho. Até o abajur tinha uma cúpula com a marca Centaurs.

— Eu era um pouco fã.

— Estou um pouco preocupado. Parece que você me atraiu até aqui para aumentar sua coleção.

Harris sorriu. — Eu estava pensando em te acorrentar na minha cama.

Os lábios de Troy se curvaram. — *Esta* cama? — Ele balançou algumas vezes, fazendo-a ranger alto. — Acho que os detetives me encontrariam.

— Pare de pular! — sibilou Harris. — Mamãe e papai vão pensar que estamos *fazendo aquilo!*

— Assim? — Troy balançou um pouco mais.

— Meu Deus. — Harris investiu contra ele e, segundos depois, ele tinha Troy imobilizado em suas costas e estava esparramado em cima dele.

— Seria estranho se eles entrassem agora — disse Troy. Seus lábios estavam tão próximos que Harris conseguia sentir sua respiração fazer cócegas.

— Provavelmente deveríamos nos levantar — murmurou Harris.

— Hum. — Então eles estavam se beijando. Harris provavelmente tinha começado, mas Troy estava definitivamente envolvido, beijando Harris

daquele jeito lento e exploratório que o derretia completamente todas as vezes.

Houve um estrondo alto atrás deles, que os separou.

— Que diabos? — perguntou Troy.

— Tio Elroy — disse Harris, abaixando a cabeça para outro beijo.

Troy se sentou, quase derrubando Harris no chão. — Cai fora. Não é um fantasma, porra. O que era mesmo?

Harris olhou para trás e avistou a culpada em cima da cômoda. — Ursula.

— Quem é Ursula? O fantasma da sua bisavó?

Harris riu. — A gata. Ela provavelmente estava debaixo da cama.

Ursula balançou seu enorme rabo fofo e derrubou uma escova de cabelo no chão.

— Ah — disse Troy. — E quantos gatos você tem? Oito?

— Não. Só uma. Se ela te tratar como lixo, não se ofenda. Ela não curte pessoas.

— Somos dois, Ursula.

Harris se afastou de Troy e sentou-se na beira da cama. Troy foi sentar-se ao lado dele.

— Esta parece ser uma casa boa para crescer — disse Troy.

— Foi a melhor.

— Seria legal, aqui no interior, eu acho. Cresci nos subúrbios de Vancouver.

— Gosto de estar no centro da cidade, mas às vezes sinto falta do sossego — disse Harris. — Provavelmente voltarei para cá algum dia. Não exatamente para esta casa. Quer dizer, acho que não. Anna e Margot construíram a sidraria no lado oeste do pomar e, mais ou menos, administram a fazenda agora. Imagino que uma delas acabará ficando com

a casa. Ela está na família há quatro gerações. Fico feliz que minhas irmãs sejam apaixonadas pela fazenda.

— Você não é?

— Eu adoro, mas não sei se quero comandar. — Harris deu de ombros e olhou pela janela. O sol já estava quase se pondo sobre o pomar coberto de neve. — Gosto muito do meu trabalho. Acho que gostaria de ver até onde consigo chegar com marketing e comunicação.

— E você pode começar a trabalhar para o time pelo qual você é obcecado.

— Verdade.

— E você pode se encontrar com o cara mais gostoso do time.

Harris lhe deu uma cotovelada. — Você está me fazendo sentir pouco profissional.

Naquele momento, surpreendentemente, Ursula pulou da cômoda e caminhou direto até Troy. Ela parou por um instante, olhando para ele, antes de pular na cama ao lado dele.

— Nossa — disse Harris. — Ela nunca faz isso.

Troy acariciou cautelosamente a cabeça de Ursula com a mão gentil. Ela se inclinou na palma da mão dele, aparentemente tão apegada ao toque de Troy quanto Harris. Em segundos, ela estava ronronando alto com as patas dianteiras na coxa de Troy.

— Uau. Ela te ama.

— Porque ela tem ótimo gosto — disse Troy enquanto acariciava seu queixo.

Harris observou atônito por vários minutos enquanto Ursula descaradamente absorvia o máximo de atenção possível de Troy.

— Devo ir embora? — perguntou Harris.

— Você ainda está aqui?

Harris riu e beijou a bochecha de Troy. — Devíamos voltar lá para baixo.

— Certo. — Troy se levantou, e Ursula miou com raiva. — Bem, desça então — disse Troy a ela. — Nossa, é um problema bem simples de resolver.

— Ela quase nunca desce. Este é o domínio dela aqui em cima.

Mas quando pegaram as garrafas de sidra do criado-mudo e saíram do quarto, Ursula os seguiu. — Ela não se cansa de mim — disse Troy.

Harris sorriu. — Somos dois, Ursula.

— Eu gosto dele — sussurrou a mãe de Harris para ele quando estavam sozinhos na cozinha.

Ele sorriu enquanto cortava a torta de maçã holandesa que tinha feito. — Quem? Troy?

Ela deu um tapinha no braço dele. — Claro, Troy. Ele é quieto, mas é muito educado. E não consegue tirar os olhos de você.

Um calor inundou seu estômago. — Ah, para com isso.

Troy não falou muito durante a refeição, mas mal se notou, pois todos os outros - exceto Josh - conversaram bastante. Ele comeu com vontade, porém, e elogiou a comida, então todos ficaram encantados com ele.

— Ele é louco por você. É muito fofo.

— Bem. — disse Harris lentamente. — Estou bem apaixonado por ele. Sei que é novo, mas acho que...

A voz grave de Troy o interrompeu. — Posso ajudar?

Os dois se viraram para a entrada da cozinha, onde Troy estava parado. Sua expressão era inexpressiva, então Harris não tinha ideia se ele tinha ouvido alguma coisa da conversa.

— Boa ideia — disse a mãe, animada. — Você ajuda o Harris com a torta, e eu... — Ela nem se deu ao trabalho de inventar uma tarefa que precisava fazer antes de sair correndo da cozinha.

— Ainda não consigo acreditar que você fez isso — disse Troy, indo ficar ao lado de Harris.

— Velha receita de família.

— Eu mal consigo cozinhar alguma coisa.

Harris sorriu. — Eu sei.

O quadril de Troy roçou no de Harris, e Harris se inclinou em sua direção, saboreando o contato, por mais casto que fosse.

— Como posso ajudar? — Os lábios de Troy estavam próximos o suficiente para que Harris sentisse sua respiração fazendo cócegas em sua orelha.

— Você pode, hum. — Harris nem conseguia se lembrar do que eles deveriam estar fazendo, e agora seu pau tinha outras ideias.

Certo. Torta.

— Segure os pratos, que eu coloco torta em cada um deles.

— Ok.

Eles trabalharam rápida e silenciosamente enquanto Harris tentava controlar sua ereção. Ele não conseguia ir para a mesa de jantar com ela.

Nossa. Ele não conseguia nem servir a sobremesa com o Troy sem ficar todo excitado. Essa fase de lua de mel ia ser uma loucura.

— Claro que sim — disse Anna quando Harris voltou para a sala de jantar. — Torta!

Demorou alguns minutos, mas finalmente a torta foi distribuída para todas as oito pessoas ao redor da mesa de jantar. As irmãs de Harris e seus maridos observaram Troy com curiosidade a noite toda. Ele tinha certeza de que Margot estava avaliando silenciosamente o novo namorado do irmão.

— Então você é o cara da história do gambá? — Troy perguntou ao marido de Anna, Mike.

Mike riu. — É, sou eu.

Anna olhou feio para Harris. — Meu Deus, Harris. Será que você poderia parar de contar essa história para todo mundo?

— *Você faria isso?*

— Você finalmente admite que foi você quem colocou o gambá na caminhonete quando conta a história, pelo menos?

Harris ofegou. — Não acredito que você tem tão pouca consideração pelo seu adorável irmãozinho.

— Levante a mão se você acha que foi Harris — disse Anna.

Anna, Mike, Margot, papai, mamãe e, relutantemente, o discreto marido de Margot, Josh, levantaram as mãos. Harris virou a cabeça para compartilhar um olhar de - *você acredita nessas pessoas?* - com Troy e viu que ele também havia levantado a mão. Harris o empurrou, o que fez Troy e todos os outros rirem.

— A forma como vocês estão todos dispostos a se unir contra um jovem com problemas cardíacos — disse Harris com falsa afronta. — Inacreditável.

— Desta vez você não pode usar a cartada do coração, cara — disse Anna. — Seu coração estava funcionando bem quando você enfiou um gambá na caminhonete.

Harris riu. Ele sempre gostara da maneira como Anna, em especial, conseguia brincar sobre sua condição. Ficou feliz ao ver, ao olhar ao redor da mesa, que seus pais também estavam rindo.

— Então, de volta ao trabalho amanhã, meninos? — perguntou papai.

— Sim — disse Troy. — A agenda está meio brutal este mês.

— Vocês vão para St. Louis amanhã, não é? — perguntou Mike.

— Sim.

— É difícil entrar num avião? — perguntou Margot. — Depois de tudo...?

— Está ficando mais fácil. Só precisamos continuar fazendo isso até nos sentirmos normais de novo, eu acho.

Harris certamente ficou feliz *por* não precisar pegar um avião novamente por um tempo, mas sentiria falta de Troy quando ele partisse. Os Centaurs fizeram três viagens de carro este mês.

— Bem. — disse a mãe, recostando-se na cadeira — essa torta estava excelente, Harris.

Houve murmúrios de concordância por toda parte. Troy disse: — Ainda não acredito que você fez isso.

— Cara, você me *viu* fazer isso.

— Eu sei. Ainda parece mágica.

— Ah — disse Anna. — Ele acha que tudo o que você faz é mágico, Harris.

Troy ficou mais vermelho do que qualquer maçã que Harris já tinha visto.

Eles ficaram tempo suficiente para ajudar na limpeza, e então Troy carregou algumas caixas de sidra e um saco gigante de maçãs na caminhonete de Harris. Quando Harris saiu, encontrou Troy olhando para a parte traseira da cabine.

— O que foi? — perguntou Harris.

— Estou procurando gambás.

Harris riu. — Eu faço isso toda vez.

Troy sabia que estava quieto durante a viagem de volta para a cidade, mas tinha muitas coisas na cabeça. Estar na fazenda, no meio da família calorosa e amorosa de Harris, tinha sido quase demais. Principalmente porque todos sabiam que Troy estava namorando o filho deles. Eles tinham sido tão

acolhedores, tratando-o como se ele fosse parte da família. Troy nunca tinha experimentado nada parecido.

— Então — perguntou Harris. — Você se divertiu?

Ele parecia nervoso, então Troy se livrou dos pensamentos. — Sua família é incrível. Eu me diverti muito. Obrigado por me convidar.

Harris sorriu e pareceu aliviado. — Seja bem-vindo a qualquer hora. Jantamos juntos quase todos os domingos. Eles adoraram você.

— Você acha?

— Definitivamente.

A outra coisa que Troy estava considerando era o que seria necessário para manter essa relação com Harris. O que ele precisaria abrir mão em troca de jantares de domingo ilimitados e manhãs aconchegantes. Beijos ilimitados e sexo gostoso e divertido. Ele precisava parar de se esconder.

— Eu quero sair do armário — disse Troy. — Tipo, me assumir. Talvez no Instagram ou algo assim.

Harris desviou o olhar da estrada por um instante. — Sim?

— Quando será o nosso jogo da Noite do Orgulho?

— Fim de fevereiro, mas...

— Quero assumir antes disso. Talvez no mesmo dia. — Troy estava animado agora. — Todas as partidas do Orgulho que já joguei foram tão estranhas. Como se eu estivesse me escondendo à vista de todos ou algo assim. Eu odiei. Mas desta vez eu posso simplesmente... me orgulhar. Me orgulhar de verdade.

Harris, por algum motivo, não estava sorrindo. — Isso é incrível, e eu quero isso para você. Mas fique sabendo que o jogo do Orgulho é contra Toronto.

Um silêncio pesado pairou no ar enquanto toda a alegria se esvaía do corpo de Troy. Finalmente, ele conseguiu dizer: — Bem, isso é estúpido.

Harris deu um sorriso triste. — Eu sei. Gostaria que fosse contra qualquer outro time.

Troy não conseguia acreditar que o jogo do Orgulho era contra Toronto. — Não me importo — decidiu. — Ainda quero ir. Mas preciso me assumir para a minha mãe primeiro. Farei isso em breve. Queria ir pessoalmente, mas por telefone vou ter que servir.

— E seu pai? — perguntou Harris cuidadosamente.

Troy disse a si mesmo durante meses que não se importava se nunca mais falasse com o pai, mas será que era verdade? Porque se assumir realmente acabaria com o relacionamento dele com o pai. Ele não tinha dúvidas sobre isso.

— Acho que isso depende dele. Mas não espero que ele volte a falar comigo depois que souber. — Ele suspirou. — É para o meu bem. Sei que nem todo mundo vai me aceitar, mas não aguento mais viver assim. — Ele soltou uma risadinha de surpresa. — Na verdade, mal posso esperar para fazer isso. É estranho porque nunca pensei que ia querer fazer isso, mas se não fosse pelo fato de que quero contar para minha mãe primeiro, provavelmente postaria algo no Instagram agora mesmo.

— É, não faça isso. Mas fico feliz que você se sinta pronto. E... — Harris estendeu a mão e apertou a de Troy. — Vou garantir que esta seja a melhor Noite do Orgulho LGBTQIA+ de todas.

Troy retribuiu o aperto. — Fico feliz que você faça parte disso. — Ele olhou para as mãos unidas deles na penumbra da caminhonete. — Estou feliz por ter conhecido você. Por você estar aqui. Comigo.

— Eu também. — Harris recolheu a mão. — A gente vai transar quando voltar, né?

Troy riu. — Espero que sim, porra.

Eles foram para a casa de Harris porque Troy queria manter o clima acolhedor. Ele queria fazer amor com Harris debaixo de uma colcha feita em casa e cercado de almofadas coloridas. E uma girafa de pelúcia estranha.

Agora ambos estavam nus na cama de Harris, e estavam se beijando e aquecendo os corpos um do outro.

— Eu realmente gosto de você como pessoa — disse Harris entre os beijos que dava na barriga de Troy. — Gosto de tudo em você, inclusive do seu jeito estranho de sorrir e do jeito como finge não gostar de doces.

Troy bufou. — Certo.

— Só quero deixar isso claro, para que você não tenha nenhuma ideia errada. Porque, meu Deus, Troy. Seu corpo é ridículo.

— *Você é* ridículo.

— Que exercícios você precisa fazer para ter esse músculo aqui? — Harris passou o dedo sobre o oblíquo direito de Troy.

Troy estremeceu. — Você também tem esse músculo, sabia?

— Provavelmente está enterrado em algum lugar aí, sim. Mas os seus são tão... esburacados.

— Eu trabalho para viver.

Harris beijou o quadril de Troy e depois o umbigo. — E eu agradeço.

— Bom. É difícil ser... esburacado.

Os dois riram. Estavam rindo muito desde que entraram no apartamento de Harris, mal conseguindo parar de se beijar por tempo suficiente para destrancar a porta. Troy sentiu como se estivesse bêbado, embora tivesse pegado leve com a sidra na fazenda.

— Venha aqui — disse ele, e Harris se arrastou de volta para que seus rostos ficassem no mesmo nível. Troy acariciou os cabelos de Harris por um instante e se perdeu em seus olhos verdes. — Vou sentir sua falta.

— Eu também vou sentir sua falta. Mas estarei aqui quando você voltar.

— Provavelmente vou te mandar muitas mensagens — Troy avisou.

— É melhor mesmo — Harris beijou o nariz. — Eu tiro uma foto de pau bem legal.

Troy caiu na gargalhada, o que fez Harris cair na gargalhada. — O que isso significa? — Troy se engasgou.

— Você verá.

Troy se controlou e disse: — Eu não me importaria com uma foto do seu pau. Seu pau é adorável.

Harris encostou a testa no peito de Troy. — Adorável? — gemeu.

— Eu gosto disso. — Troy beijou o topo da cabeça de Harris e disse: — Eu gostaria de ter isso... dentro de mim.

Harris levantou a cabeça de repente. — Hoje à noite?

— Se estiver tudo bem.

— Super bem. Você já fez isso antes, né?

— Sim. Já faz um tempo, mas eu gosto.

Harris sentou-se, montando nas coxas de Troy, e esfregou as mãos, animado. — Isso vai ser demais.

Troy riu e depois gemeu quando Harris colocou seu pau na boca. Troy estava apenas meio ereto, devido a todas as risadas e conversas, mas ficou rígido em segundos.

Demorou um pouco para Troy relaxar o suficiente para aguentar até mesmo os dedos de Harris confortavelmente, mas Harris foi paciente, encorajador e, francamente, habilidoso. Ele estava dando à próstata de Troy mais atenção do que nunca, e Troy estava perdendo a cabeça, se contorcendo e jorrando pré-sêmen. Ele nunca havia gozado apenas com a estimulação da próstata, mas naquele momento parecia possível.

— Bom? — perguntou Harris, verificando.

Troy só conseguiu dar uma risada estrangulada e dizer arrastadamente: — Tão bom assim.

— Tenho um vibrador incrível que posso usar em você. Ele me faz gozar com tanta força que quase dói.

Porra, o Troy queria muito fazer isso. Um dia. Agora não.

— Hoje não. Quero você, Harris. Por favor.

Harris beijou o joelho. — Ok.

Ele retirou os dedos lentamente, e Troy respirou fundo para lidar com a sensação temporária de vazio. Harris colocou uma camisinha e lubrificante e finalmente se alinhou.

— Você é tão lindo — disse Harris. Sua voz estava mais baixa do que Troy jamais ouvira. — Como você é real?

— Eu sou real. Por favor, me fode — Troy praticamente choramingou.

As costas de Troy arquearam-se ao primeiro toque do pênis de Harris contra sua entrada. Harris penetrou-o com um deslizar lento e doce até que Troy se sentiu maravilhosamente esticado e cheio.

— Ainda está bom? — perguntou Harris.

Troy assentiu. — Me beija?

Harris se inclinou, e eles se beijaram com tanta ternura que era, de alguma forma, mais avassalador do que ser penetrado. Então Harris começou a estocar. Ele manteve as estocadas lentas, e tudo bem. Troy continuou beijando-o enquanto um calor se espalhava por ele que não tinha nada a ver com alívio sexual. Ele já tinha sido passivo antes, mas nunca tinha sentido *isso.* Sentia-se cuidado, na maneira como Harris o beijava, o tocava, o fodia. Como se nada de ruim fosse acontecer com Troy novamente se Harris pudesse evitar.

E, meu Deus, Troy esperava que Harris soubesse que isso valia para os dois lados. Ele esperava que Harris pudesse sentir o quão importante ele era

na forma como Troy o beijava de volta, e na forma como ele se apertava em volta do pau de Harris, relutante em soltá-lo.

Eles balançaram juntos por um tempo maravilhoso e imensurável, enquanto Harris murmurava coisas doces que Troy não conseguia processar.

— Estou perto — Harris finalmente sussurrou contra os lábios de Troy. — Acaricie-se. Goze comigo.

Troy estendeu a mão entre eles e fez o que lhe foi dito. Percebeu, assim que sua mão envolveu seu pênis, que também estava perto.

— Porra, rápido — Harris ofegou. Suas estocadas aceleraram, e Troy tentou acompanhá-lo.

— Tá — disse Troy. — Tô quase. Eu... merda. Tô gozando. Harris, porra, eu...

Os dois gritaram - Harris mais alto, como sempre - e a liberação de Troy atingiu seu próprio peito quando Harris terminou com algumas estocadas rápidas e frenéticas.

Por um momento, Harris permaneceu onde estava, pairando sobre Troy, com os cabelos levemente úmidos caindo sobre os olhos. Seus lábios estavam úmidos e machucados pelos beijos, e seus olhos esmeralda estavam brilhantes e lindos.

Harris sorriu para ele. — Ocorreu tudo bem.

Troy riu e torceu para que Harris nunca parasse de ser tão bobo na hora do sexo. — Concordo.

Harris se retirou e deu um beijo rápido em Troy antes de sair para se limpar. Troy abriu os braços sobre a cama e encontrou a girafa de pelúcia de Harris em um canto. Ele pegou o brinquedo e o segurou sobre o rosto.

— Acho que estou apaixonado por ele, Sr. Pescoçudo.

Capítulo Vinte e Quatro

Troy andava de um lado para o outro na sala, esperando o telefone tocar. Ele havia mandado uma mensagem para a mãe na noite anterior e pedido que ela ligasse para ele naquela manhã, antes do treino. Hoje era o dia em que ele se assumiria para ela.

Ele estava pronto. Nas últimas duas semanas, Troy estava passando todos os momentos possíveis com Harris. Havia viagens de carro e muitas obrigações que consumiam muito tempo para ambos em Ottawa, mas sempre que nenhum dos dois estava ocupado, eles estavam juntos. Ele queria contar à mãe sobre o namorado. Queria que ela soubesse o quanto ele estava feliz.

Ele também estava tão nervoso que quase pulou quando seu telefone finalmente tocou.

— Olá — ele disse.

— Está tudo bem? — a mãe parecia preocupada, e Troy se sentiu péssimo. Ele deveria ter garantido na mensagem que não havia nada de errado.

— Sim. Desculpe, eu devia ter... está tudo bem. Ótimo, na verdade. Eu só, hum, queria te contar uma coisa.

— Ok... — Ela disse a palavra lentamente, e ele pôde ouvir a curiosidade em sua voz.

— Onde você está? — ele perguntou.

— Troy! Quem se importa? Não me faça esperar!

Ele riu um pouco. — Tudo bem. Então a questão é... — Ele suspirou e começou a andar de um lado para o outro novamente. Já havia ensaiado isso mentalmente um milhão de vezes, mas não conseguia encontrar as palavras

agora. — Preciso te contar uma coisa sobre mim. Não é grande coisa. Quer dizer, é meio que grande coisa. Espero que não seja algo que...

— Troy — disse ela gentilmente. — Você pode me contar qualquer coisa.

Ele fechou os olhos. — Sou gay.

Houve silêncio, e então uma leve lufada de ar vinda dela, como um suspiro ou um bufo de decepção. Mas então ela disse: — Ah, querido. Obrigada por me contar.

Troy sentou-se no sofá. — Eu estava com vontade, mas estava com medo.

— Seu pai — disse ela, com a voz embargada. — Sinto muito.

— Tudo bem.

— Não está. Eu já me sentia tão culpada pela forma como ele te tratou, e agora... — Ela fungou. — Deve ter sido um pesadelo esconder isso da gente.

Ele não podia negar, mas disse: — Não vou mais me esconder.

— Eu achei... — Ela parou, como se estivesse envergonhada do que estava prestes a admitir.

— O que você achou? — Troy perguntou gentilmente.

— Achei que você fosse ser como o Curtis. A cada ano você parecia mais e mais parecido com ele. E você era amigo do Dallas Kent, que me lembrava muito o Curtis quando era jovem.

Troy fez uma careta. Ele não conhecia o pai quando Curtis era jovem, é claro, mas não ficou surpreso ao saber que ele era como Dallas.

— Quando ele me deixou — continuou a mãe — fiquei preocupada em perder vocês dois. Que você ficasse do lado dele porque... — Ela parou de falar e soluçou, e os olhos de Troy se encheram de lágrimas.

— Eu jamais ficaria do lado dele, mãe. Me desculpe por ter agido como ele. Simplesmente parecia... seguro. Eu tinha medo de que as pessoas descobrissem que eu era gay, então tentei ser outra pessoa. Alguém que ele respeitasse.

— Eu sei. Eu entendo agora. E eu sei há anos que você não é nada parecido com ele. Desde que nos separamos, você tem estado presente por mim. Você tem sido um amigo tão bom para mim, o que é algo que eu nunca poderia dizer sobre o Curtis.

— Que bom que você está feliz agora. Que bom que você escapou.

— Eu também. Deus, eu te amo tanto. Queria poder te abraçar agora mesmo.

— Eu também. Eu te amo.

Ela fungou novamente. — Você vai contar a ele?

— Não estava nos meus planos. Mas ele pode descobrir. Acho que vou me assumir publicamente.

— Nossa! Tipo o Scott Hunter?

— Bem — zombou Troy. — Eu não vou beijar meu namorado ao vivo na televisão, se é isso que você quer dizer.

— Você...você tem namorado? — Ela parecia animada.

Troy sorriu. — Na verdade, sim.

— *O quê?* Me conta tudo sobre ele! Pode me mandar uma foto?

Então Troy contou à mãe tudo o que conseguia pensar sobre Harris. Ele não parou de sorrir durante todo o tempo em que contou a ela sobre como se conheceram, sobre a risada ridiculamente alta de Harris e sobre sua família maravilhosa.

— Mal posso esperar para conhecê-lo — disse a mãe. — Ele parece adorável.

— É mesmo. Eu gosto muito dele. Você também vai gostar. Toma, vou mandar uma foto.

Ele mandou uma mensagem com uma de suas fotos favoritas de Harris. Uma que ele havia tirado enquanto Harris preparava a torta de maçã na cozinha de Troy, duas semanas antes. Ele tinha farinha na camisa e o cabelo

estava um pouco desgrenhado, mas sorria como se Troy fosse a melhor coisa que ele já tivesse visto.

— Eu o amo! — gritou a mãe. — Olha como ele é fofo! Estou tão feliz por você.

— Fico feliz por você também. Nós dois encontramos homens legais.

— Sim. Fico feliz que você tenha encontrado o seu quando era bem mais jovem do que eu.

— Tive sorte. Então, onde você *está?*

— Havaí. Estamos em Kauai.

— Merda. Deve ser madrugada aí.

Mamãe riu. — O tempo não tem mais importância para mim. Estamos em um fuso horário diferente a cada semana, quase.

— Ainda está se divertindo?

— Estamos nos divertindo muito. Não tenho palavras para agradecer por nos ajudar a fazer isso. Foi incrível. Você terá que fazer isso sozinho algum dia. Talvez depois de se aposentar, com o seu homem.

Troy corou um pouco, mas sorriu. A ideia de passar a vida com Harris era avassaladora e emocionante. E provavelmente um pouco demais para se pensar nisso tão cedo no relacionamento. — Talvez eu faça isso. Algum dia. Mas agora preciso ir treinar, e você deveria ir dormir.

— Eu te amo, Troy. E tenho muito orgulho de você.

— Eu também te amo. Sinto sua falta.

— Eu também. Vejo você e o Harris em breve, ok?

Troy amava tanto a mãe. Ele deveria ter se assumido para ela anos atrás. — Tá.

Ele encerrou a ligação e estava tão animado para chegar à arena que quase esqueceu o casaco. Mal podia esperar para contar a Harris.

Antes que Troy tivesse a chance de encontrar Harris na arena, ele foi chamado ao escritório do treinador Wiebe.

— Só preciso falar com você um segundo, Barrett — disse Wiebe. Ele parecia ansioso, mas não irritado. Troy não fazia ideia do que se tratava.

— O que foi? — ele perguntou, com a maior calma possível.

Wiebe acenou com a cabeça para uma das cadeiras de couro em frente à sua mesa. — Sente-se.

Merda. Isso não pode ser bom.

— Acabei de ter uma reunião com a gerência. Aparentemente, você irritou o Comissário Crowell.

Troy sentiu um aperto no estômago. Meu Deus, ele estava prestes a ser suspenso. Ou rebaixado para a AHL. Ou pior. — Eu não estava tentando — disse ele.

O treinador deu um sorriso cansado. — Não precisa de muito, eu acho.

Troy relaxou um pouco. Parecia que seu treinador estava do seu lado.

— Eu deveria disciplinar você. Para ser sincero, essa coisa toda deixa todos nós muito desconfortáveis: o gerente geral, os donos. Todo mundo.

Troy engoliu em seco. Não sabia o que dizer. Deveria se desculpar? Se defender? Ele sabia, quando decidiu voltar a postar sobre abuso sexual, que estava contra as instruções do comissário. Esperava algum tipo de reação negativa, então deveria ser capaz de lidar com a situação agora que ela havia chegado.

— Sinto muito se dificultei seu trabalho — disse Troy cuidadosamente — mas não me arrependo de ter usado minha voz para falar sobre algo importante.

O treinador arqueou as sobrancelhas. — Não é você quem está nos deixando desconfortáveis, Troy. Concordamos com você. Até os donos

disseram que estão impressionados com o que você está fazendo. Queremos que nossos jogadores sejam bons exemplos e contribuam para a comunidade. É Crowell quem está nos causando problemas.

Nossa. Troy não esperava nada disso. Sentiu a garganta apertada. Depois de se assumir para a mãe há menos de uma hora, e agora recebendo esse apoio inabalável dos seus empregadores, ele estava um pouco sobrecarregado. — Ah — disse ele.

— Para ser sincero, o Crowell está meio que de olho nesse time. Ele detesta que não atraiamos grandes multidões, e não é segredo que ele quer nos levar para um mercado americano maior.

— Temos recebido multidões maiores ultimamente — disse Troy, como se isso fosse motivo suficiente para mudar a opinião de Crowell.

O treinador sorriu. — É isso que acontece quando você está com tudo. — Seu sorriso desapareceu. — Mas o Crowell está em pé de guerra. Ele realmente não gosta de você.

Troy se remexeu na cadeira. — Tive essa impressão.

— Ele também não é fã do Rozanov. Nem de mim.

— Sério? Por quê? Rozanov é uma das maiores estrelas da liga. Ele é um dos jogadores mais divertidos de assistir.

— Sim. E então ele foi voluntariamente para o menor time do mercado da NHL.

Ah. Certo. — Certo. Por que ele não gosta de você?

— Quando eu jogava, registrei algumas queixas contra um dos meus treinadores por usar insultos e ser um babaca grosseiro em geral. Ele estava intimidando alguns dos novatos em particular. Eu não gostei disso.

Troy ficou boquiaberto. — Eu não fazia ideia.

— Porque as queixas nunca vieram à público. Mas a liga se lembra, e ouvi dizer que o Crowell ficou puto quando eu consegui esse cargo de treinador. Acho que fui contratado só para irritá-lo.

Troy balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Você é um ótimo treinador.

Wiebe recostou-se na cadeira, sorrindo. — Bem, aí *está* aquela sequência de vitórias recorde da franquia.

— Aconteceu alguma coisa com aquele treinador?

O sorriso de Wiebe se estreitou. — Claro. Ele está no Hall da Fama agora.

O coração de Troy afundou. — Ah.

O treinador deu de ombros. — Não me arrependo de ter tentado. Mas é difícil mudar alguma coisa nesta liga. Quem tenta tende a ser esmagado. — Ele se inclinou para a frente. — Então é isso que vamos fazer, Troy.

Troy se preparou. Ele conseguiria suportar qualquer que fosse a punição, disse a si mesmo. Principalmente porque sabia que a organização dos Centaurs estava do seu lado.

— Absolutamente nada — concluiu o treinador. — Vamos continuar vencendo, e você pode postar o que quiser, e o Crowell pode ser massacrado. Todos na diretoria concordam: ele não consegue fazer nada. Se fizer, vamos te apoiar e ele vai parecer um monstro. Impasse, eu diria.

Parecia arriscado para Troy, mas ele ainda estava animado. — Sério?

— Sério mesmo. Agora vá se equipar.

Troy se levantou. — Obrigado. E, hum, eu gosto muito de jogar aqui. Sei que provavelmente não pareceu assim por muito tempo, mas estou feliz por estar aqui.

— Achei que sim — disse o treinador. Ele abaixou a cabeça e começou a rabiscar algumas notas em um bloco de papel pautado. — Ah, e você provavelmente deveria revelar seu relacionamento com Harris à gerência.

Troy congelou a meio caminho da porta. — O quê?

O treinador olhou para cima, sorrindo. — Eu vi vocês se beijando no escritório dele semana passada.

Meu Deus, será que o Troy tinha sido tão desleixado assim? Será que ele tinha mesmo beijado o Harris com a *porta aberta?* Ele sentiu que ia entrar em combustão. — Eu, uh... nós estávamos... hum...

O treinador riu baixinho. — Estou feliz por você. Só estou tentando te manter longe de problemas.

— Obrigado — disse Troy. Meu Deus, ele ia chorar de verdade se não saísse dali. Aquele dia estava sendo demais.

Ele saiu do escritório atordoado. Não haveria tempo para encontrar Harris antes do treino, mas ele certamente estava acumulando uma longa lista de coisas para lhe dar um beijo.

— Caramba! — gritou Wyatt. — Quando Chiron virou um cavalo de verdade?

Harris sorriu para o filhote do time, que havia se tornado um cão razoavelmente grande e parecia que acabaria ficando do tamanho de um cão boiadeiro de Berna. — Ele cresceu bastante no último mês, isso é certo.

— Sério? — Wyatt se ajoelhou no chão do vestiário, ainda usando suas perneiras gigantes. — Deixa eu fazer uns carinhos antes que o Rozanov veja...

Wyatt foi interrompido por um grito agudo enorme vindo da baia de Ilya. — Que porra é essa, Harris? Por que ele está enorme?

— Os cães crescem, Roz.

Ilya já havia atravessado a sala e estava ajoelhado ao lado de Wyatt, empurrando o goleiro para longe. — Chiron! Você está tão grandão agora! Parece dois Chirons! — Ele coçou cuidadosamente as orelhas e o pescoço do cachorro feliz.

Enquanto Ilya e Wyatt disputavam o afeto de Chiron, Harris olhou para a baia vazia de Troy. Ele havia dito a Harris na noite anterior que planejava ligar para a mãe hoje, mas Harris não teve mais notícias dele desde então. — Troy não estava aqui hoje?

Ilya não desviou o olhar de Chiron. — Ele está aqui em algum lugar. Provavelmente nos chuveiros.

Bem. Harris provavelmente deveria esperar então.

— O Chiron recebeu uma notícia ruim esta semana — disse Harris. — Quer dizer, talvez ele não esteja tão triste com isso.

Ilya levantou a cabeça de repente, com os olhos arregalados e horrorizados. — Que notícias? O que houve?

— Acontece que ele não serve para cão de terapia. Pelo menos segundo os treinadores.

— Impossível — disse Ilya.

— Ah. — Wyatt acariciou as costas de Chiron. — A gente te ama mesmo assim, amigo. Eu também era péssimo na escola.

— O que vai acontecer com ele? — perguntou Ilya.

Harris não pôde deixar de sorrir diante da preocupação de Ilya. — Nada mal. Ele ainda será o cão oficial do time, mas precisará de um lar longe da arena.

— Você vai adotá-lo. — Ilya não fez isso parecer uma pergunta.

Harris soltou uma risada assustada. — Bem, talvez. Quer dizer, eu estava pensando que talvez fosse uma boa ideia. Aí eu poderia trazê-lo para o trabalho comigo e vocês poderiam vê-lo o tempo todo. — E, Harris acrescentou em particular, Troy poderia abraçá-lo em casa, acompanhá-lo em seus passeios, e talvez um dia eles conseguissem uma casa no campo com um quintal grande...

Ele se precipitou *muito* em suas fantasias quando soube que Chiron não era o cão de terapia. Por enquanto, precisava ser realista em relação ao seu pequeno apartamento e àquele cachorro enorme, mas provavelmente conseguiria levar Chiron para o trabalho todos os dias e poderia levá-lo para a fazenda o tempo todo, se se desse bem com os outros cães. E apostava que Ilya não se importaria de ter Chiron em sua casa gigante às vezes.

Ilya sorriu para Chiron. — Você vai ser o cachorro mais feliz do mundo.

Harris se certificaria disso.

Naquele momento, Troy emergiu de uma sala nos fundos, mas ainda usava alguns de seus equipamentos. Não muitos. Apenas algumas peças selecionadas que, combinadas com a pele exposta e os músculos suados de Troy, basicamente o transformavam em uma fantasia ambulante.

Ele estava de suspensor e ligas, mas as meias e caneleiras haviam sido removidas, deixando suas pernas musculosas à mostra. Sua camiseta justa estava dobrada logo acima do umbigo, e ele ainda usava as cotoveleiras, o que era estranho, mas Harris estava extremamente envolvido.

— Troy. — Harris percebeu que havia dito o nome como se Troy fosse um ser mágico que ele só vira em sonhos. Ele se forçou a voltar à realidade. — Oi.

— Ei. Eu não sabia que você estava aqui.

Harris não conseguia parar de olhar. Ele sabia disso. E sabia que Troy, Ilya e Wyatt provavelmente notaram. Mas ele não conseguia. Parar. De. Olhar.

— Hum — disse Troy. Passou a mão pelos cabelos úmidos, afastando-os da testa. — Você está, uh... — Ele olhou para baixo. — Ah. Você trouxe o Chiron.

— Harris é o novo pai de Chiron — disse Ilya.

— O que você quer dizer? — perguntou Troy.

— Hum. — Harris tinha planejado surpreender Troy com esse anúncio mais tarde, mas, bem, Ilya... — Acho que vou adotar o Chiron. Ele não vai ser um cão de terapia, mas ainda é o cão do time, e, uh... — Meu Deus, Troy parecia um amálgama de toda a playlist de pornografia de fantasia esportiva do Harris.

— Ele está grande agora — disse Troy.

— Uh-huh.

Então Troy sorriu para ele, parecendo notar o efeito que sua aparência estava causando em Harris. Ele acenou com a cabeça na direção de sua baia e caminhou até lá. Harris o seguiu, impotente.

As ligas de Troy estavam soltas e saltando sobre suas coxas enormes enquanto ele andava. Ele usava uma cueca esportiva chique por baixo do suspensor, que parecia um shortinho preto curto. Isso se agarrava a cada centímetro de sua bunda, exibindo a ondulação de seus músculos.

Quando chegaram à sua baia, Troy disse: — Você vai mesmo adotar o Chiron? Que incrível.

— Achei que você ia gostar. — Harris se aproximou e conteve a vontade de colocar as mãos no peito de Troy. — Isso é completamente injusto — murmurou.

— O quê?

— Isto! — Harris acenou com a mão sobre o corpo de Troy. — Diga que você tem um equipamento atlético sobrando em casa.

Troy deu um sorriso malicioso. — Por quê? Você tem fetiche por equipamentos de hóquei?

— Hum, sim. — Harris disse como se fosse óbvio. — Tipo, você não tem ideia. Olha! — Ele gesticulou em direção ao volume que tinha aparecido em sua calça jeans.

Troy olhou, e quando encontrou o olhar de Harris novamente, seus olhos estavam escuros e cheios de luxúria. — Isso é interessante.

Harris sentiu calor em todo o corpo. — É só uma fantasia ou algo assim. Você não precisa fazer alarde sobre isso.

O olhar de Troy voltou-se para a virilha de Harris. — Parece que já fiz isso.

— Ah, merda. — Harris balançou a cabeça. — Não. Tá bom. Temos coisas sérias para discutir.

Os olhos de Troy perderam um pouco da luxúria. — Sim.

— Como foi com sua mãe?

— Incrível. Ela me deu muito apoio e foi ótima.

Harris sorriu radiante e quase o beijou ali mesmo no vestiário. — Isso é incrível!

— É. E quando cheguei aqui, o treinador me chamou na sala dele para dizer que o Crowell está bravo porque eu postei de novo.

Harris revirou os olhos. — Ah, merda. Tá falando sério?

— Mas ouça, o treinador disse que a diretoria *me apoia.* E ele também. Eles não vão fazer nada para me disciplinar, mesmo que Crowell tenha pedido.

Meu Deus, o Harris amava esse time. — Não estou surpreso. Eu disse que só temos gente boa aqui. Parece que você recebeu muito carinho hoje.

— Eu não me importaria de um pouquinho mais — disse Troy, sedutoramente. Então seus olhos se arregalaram. — Ah! E o treinador sabe da gente! Ele nos pegou, hã, *aos beijos,* como ele disse, na sua sala.

Ops. — Merda, Troy. Desculpa. Você está bem?

Troy assentiu. — Estou bem. Me sinto ótimo, na verdade. Acho que posso me assumir para o time. Tipo, talvez agora mesmo?

— Agora mesmo? Aqui?

— Sim. O que você acha?

— Por mim tudo bem, mas você tem certeza de que...

Mas Troy já havia se levantado e ficado em pé no banco de sua baia.

— Olá a todos — anunciou ele em voz alta.

A sala ficou um pouco mais silenciosa. Então Ilya disse: — Calem a boca e ouçam Barrett — e a sala ficou em silêncio.

— Só uma coisa — disse Troy. Sua voz era surpreendentemente firme. — Estou namorando o Harris. Estamos juntos. Eu sou gay.

Bem, não era poesia. Mas ainda assim fez os olhos de Harris se encherem de lágrimas.

Houve outro momento de silêncio aparentemente interminável, e então houve aplausos. E assobios. E vivas.

Troy se encostou na parede, como se não acreditasse no que tinha feito. Ele encarou os companheiros de time com os olhos arregalados até que um sorriso largo e exultante se abriu em seu rosto.

— Gostaria que isso ficasse aqui por enquanto — disse Troy, ainda sorrindo. — Por favor. Certo. Obrigado.

Ele desceu, para os braços de Harris, que o aguardavam. Harris o abraçou forte, sem se importar nem um pouco com o fato de estar encharcado de suor e cheirando a bolsa de academia. — Foi estranho. Adorei.

— Foi tudo bem?

— Eu disse que adorei.

— Ainda temos que, tipo, divulgar oficialmente o relacionamento — disse Troy.

— Eu sei. É só uma formalidade. Ninguém vai se importar.

— Certo. Posso te beijar?

— Provavelmente todo mundo está assistindo.

— Então é melhor eu dar um bom.

Troy colocou a mão firme nas costas de Harris, inclinou-o levemente e foi em frente.

Todos ao redor deles aplaudiram e comemoraram, enquanto Troy beijava Harris como se tivesse acabado de voltar da guerra. Harris fez o possível para retribuir, e não se deixar levar. Ele estava tão orgulhoso de Troy, e ainda mais do que um pouco impressionado por, de alguma forma, Troy achar que Harris valia toda aquela comoção. Que ele queria estar com Harris o suficiente para enfrentar seus medos mais profundos.

Quando eles se separaram, Troy se endireitou e acenou desajeitadamente para seus companheiros de time barulhentos.

— Muito bem, Harris! — gritou Bood.

Harris sabia que estava corando, mas também não conseguia parar de sorrir. — Te vejo mais tarde? — perguntou a Troy.

— Se esses caras pararem de tirar sarro de mim, sim.

Ele disse isso como se estivesse irritado, mas o sorriso e os olhos marejados de Troy diziam que ele não estava nem um pouco irritado.

Capítulo Vinte e Cinco

Troy estava se acostumando a acordar ao lado do corpo quente e nu de Harris. Fosse na casa de Harris ou de Troy, começar o dia com beijos suaves e sonolentos, confortavelmente enrolados em lençóis com cheiro de sexo da noite anterior, rapidamente se tornou a coisa favorita de Troy no mundo.

Esta manhã, quando seus olhos se abriram, ele encontrou Harris sentado e sorrindo para o celular. Por um momento, Troy apenas o observou, com o coração transbordando de carinho.

— O que foi? — Troy finalmente perguntou com a voz rouca.

— Bood e Cassie tiveram seu bebê ontem à noite. Um menino. Deram a ele o nome de Milo.

— Que incrível. Que nome fofo. — Ele beijou o cotovelo de Harris, porque ele estava ali.

— Ainda não há fotos, mas mal posso esperar. — Ele digitou algo.

— Você está falando com Bood?

— Não, Wyatt.

— Ah. — Troy beijou um caminho pelo flanco de Harris, depois mordiscou seu osso sensível do quadril, fazendo-o se contorcer.

— O que você está fazendo aí embaixo?

Em resposta, Troy pegou o pau macio de Harris e o colocou na boca.

Harris respirou fundo e colocou o telefone no criado-mudo.

Algum tempo depois, ambos estavam saciados e entrelaçados. Troy não queria mais sair da cama.

Exceto.

— Merda. Que horas são?

Harris pegou o telefone. — Quase quinze para as dez.

— Porra! — Troy pulou da cama. — Tenho uma videoconferência às dez! Tô ferrado.

— Ops. Desculpa. Quer que eu te escreva uma nota?

Troy não se deu ao trabalho de responder. Não tinha tempo. Escovou os dentes, jogou um pouco de água no rosto e vestiu uma calça de moletom. Harris o encontrou na porta vestindo apenas cueca boxer enquanto Troy calçava as botas.

— Não vai trabalhar ainda? — perguntou Troy.

— Não, tenho uma consulta com meu médico hoje. Vou trabalhar de casa. Você se importa se eu sair mais tarde?

— Claro que não. — O olhar de Troy se fixou nas cicatrizes de Harris. — Está tudo bem?

Harris cruzou os braços. — Ah, sim. Só coisa de rotina. Estou ótimo.

— Ótimo. — Troy estava super atrasado, mas reservou um momento para dar um beijo de despedida em Harris. — Te vejo mais tarde. Jantar hoje à noite?

— Sim. Tem um lugar libanês para onde quero te levar.

— Parece bom.

Mais um beijo e Troy começou sua corrida louca para a arena.

Troy estava atrasado, é claro, mas o treinador simplesmente o deixou entrar sem fazer comentários. Mais uma vez, Troy se maravilhou com o quão diferente ele era de todos os treinadores que já tivera.

A reunião foi, em sua maioria, positiva, e Troy podia sentir a animação fervilhando na sala; havia uma grande chance de que o Ottawa Centaurs

fosse aos playoffs pela primeira vez em mais de uma década. Mesmo alguns meses atrás, ninguém acreditaria.

Apesar da energia otimista do treinador Wiebe, Troy teve dificuldade para se concentrar nos vídeos que estava analisando. Ultimamente, a mente de Troy parecia estar tomada por nada além de Harris, pequenos corações flutuantes e uma ansiedade crescente em relação à Noite do Orgulho. O jogo seria em três dias, e ele ainda desejava que fosse contra qualquer outro time que não fosse Toronto.

Mas ele também estava determinado. Sabia que não precisava se assumir publicamente, e certamente não precisava anunciar isso com o vídeo que Harris o estava ajudando a montar, mas sentiu que era a decisão certa. Uma vez que fizesse isso, tudo estaria acabado. Todos saberiam, e ele não precisaria mais se preocupar com as pessoas descobrindo. Essa energia poderia ser gasta em criar mudanças positivas no hóquei e em si mesmo. Poderia ser gasta em amar Harris. Porque ele tinha certeza de que tinha muita energia para isso.

Quando a reunião terminou, Wyatt se virou na cadeira e, com um grande sorriso, perguntou: — Você ouviu as notícias?

Troy levou um momento para se lembrar do bebê de Bood e Cassie. — Sim! É ótimo.

— Eu sei. Estou chocado, sinceramente. Mas, cara, ele merece o que quer que esteja por vir.

Certo. Que jeito estranho de demonstrar entusiasmo por alguém que vai ser pai. — Eu... acho.

Dykstra, que estava sentado ao lado de Wyatt, disse: — Espero que ele nunca mais jogue.

O que...

— Por que você espera isso? — perguntou Troy, completamente confuso.

Wyatt franziu a testa. — Imaginei que você sentiria o mesmo.

— Estamos falando da mesma coisa? Bood, certo?

— O quê? — perguntou Dykstra. — Não... por que não iríamos querer que Bood jogasse hóquei de novo?

— Não sei! — disse Troy, exasperado.

— Estamos falando de Kent — disse Wyatt.

O coração de Troy parou. — E o Kent?

Wyatt e Dykstra sorriram um para o outro. — Você não soube? — disse Wyatt. — Ele foi indiciado. Cinco mulheres se reuniram e prestaram queixa. Ele foi preso pouco antes desta reunião.

— *O quê?* — Troy não conseguia acreditar. Dallas realmente seria punido? Ele sabia que ser acusado não significava que seria condenado, mas ainda assim. Aquilo era algo enorme.

— Incrível, né? — disse Dykstra. — Essas mulheres são corajosas pra caramba.

— Sim. — Troy enfiou a mão no bolso para pegar o celular e percebeu que o tinha esquecido em casa na pressa de chegar à reunião. Harris já devia ter lhe enviado um milhão de mensagens sobre isso.

— Há algum vídeo do Dallas sendo preso? — perguntou Troy, porque ele não era exatamente um cara legal. Ainda não.

— Claro que sim — disse Wyatt, estendendo o celular para que Troy assistisse ao pequeno vídeo. Lá estava Dallas Kent, cabisbaixo, expressão sombria. Ele parecia mais irritado do que qualquer outra coisa, como se esperasse que tudo aquilo acabasse logo. Troy esperava desesperadamente que não.

E, puta merda, isso significava que Dallas não jogaria na Noite do Orgulho. Era um motivo egoísta para ficar animado, mas, caramba. Que alívio do caralho.

— Este é o melhor vídeo que já vi — disse Troy, enquanto o vídeo era exibido pela segunda vez.

— É, bom — disse Dykstra enquanto se levantava e dava um tapinha no ombro de Troy. — Vamos torcer para que tenha um final feliz.

Assim que Wyatt e Dykstra saíram, o treinador Wiebe foi até Troy. — É algo a mais, né?

— É. É, hum. Não acredito, sério.

— Acho que isso vai manter o Crowell longe de você. Tenho certeza de que ele te culpa por isso, do jeito pervertido dele, mas o que ele pode fazer? Agora é uma questão legal.

Troy não tinha certeza se Crowell recuaria, mas pelo menos isso tornaria mais difícil para a liga defender Kent.

— Você está bem? — perguntou o treinador, e Troy ficou surpreso ao ver preocupação em seus olhos.

— Por que eu não estaria?

— Kent era seu amigo — disse Wiebe simplesmente. — Eu não te culparia se você se sentisse em conflito com isso.

— Não — disse Troy rapidamente. Então, reconheceu o nó no estômago. Dallas não era uma boa pessoa, mas tinha sido o primeiro amigo de Troy na NHL. A maioria das boas lembranças de Troy com ele estavam manchadas agora, mas eles passaram muitas horas em quartos de hotel e em aviões conversando e se fazendo rir. — Talvez um pouco. Não sei. Eu não deveria me sentir mal por ele. É só estranho, eu acho. Fomos próximos por muito tempo.

— Às vezes é difícil parar de se importar com alguém, não importa o quanto você saiba que deveria. — A maneira como Wiebe disse isso fez Troy pensar que ele provavelmente estava falando por experiência própria, mas ele não perguntou.

Em vez disso, ele apenas disse: — Agora tenho pessoas melhores com quem me preocupar.

— Uau — disse Troy. — Isso é realmente... profissional.

Harris mordeu o lábio, sem saber se Troy gostou do vídeo ou não. Era a manhã do jogo da Noite do Orgulho, e Harris mal tinha dormido, pois estivera trabalhando duro no vídeo, mexendo nele obsessivamente para deixá-lo perfeito. Agora estavam lado a lado, curvados sobre o monitor do computador de Harris em seu escritório. — Se não for como você imaginou, eu posso mudar.

— Não — disse Troy rapidamente. — Não, eu gostei. Só estou meio impressionado. Tipo... você *que fez* isso.

— *Nós* fizemos isso.

Troy balançou a cabeça. — Você filmou, editou e basicamente escreveu as palavras que eu estou dizendo. Você fez.

— Eu não escrevi o que você está dizendo. Só te ajudei a dar uns ajustes. — Harris sentiu o coração afundar. — Eu não te atropelei, né? Isso é tão pessoal e eu não quero que pareça que...

Troy parou de tagarelar colocando a mão sobre a de Harris. — Eu adoro. É meio surreal assistir. *Me ver* dizer essas palavras.

O vídeo mostrava Troy falando sobre algumas cenas dele jogando hóquei e fazendo algumas atividades comunitárias fora do gelo. Harris incluiu vídeos da visita do time ao hospital, da sessão de fotos de Natal de Troy e Ilya, de Troy jogando com Chiron e dos treinos do time, além de alguns destaques dos jogos. Ele o editou com um vídeo que havia gravado de Troy sentado na mesma cadeira em que se sentou quando fez o vídeo de perguntas e respostas. Sua voz era firme e forte enquanto ele contava ao

mundo que era gay e, em seguida, explicava por que estava decidindo se assumir agora.

Era um bom vídeo. Harris sabia que tinha feito um bom trabalho e estava orgulhoso de Troy por ter decidido fazê-lo. A temporada já tinha sido muito difícil para Troy, e isso sem dúvida complicaria ainda mais as coisas. Mas Harris estava confiante de que a decisão de Troy acabaria por tornar sua vida melhor.

— Então, hum — disse Troy, afastando-se da mesa. — Quando devo postar?

— Depende de você. Você pode postar agora, ou hoje à tarde. Ou logo antes do jogo.

Troy olhou para o nada enquanto seu maxilar se movia.

— Ou — acrescentou Harris — você não precisa postar nada.

O olhar de Troy se voltou para Harris. — Mas você se esforçou bastante. Ficou acordado a noite toda.

— Não a noite *toda.*

— Acordei um milhão de vezes ontem à noite, e todas as vezes você não estava na cama.

— Tá, tudo bem. Eu adoraria tirar um cochilo, claro. Mas você não precisa postar. Sério. Se você não estiver pronto...

— Estou pronto. — Troy parecia tão seguro, e Harris sentiu uma onda intensa de afeição percorrer seu corpo.

— Certo. Bom, talvez você pudesse postar um pouco antes de...

Bateram na porta e os dois homens se viraram para encará-la. Um dos seguranças, Remy, estava enfiando a cabeça para dentro. — E aí, pessoal. Me disseram que o Troy estava aqui, e eu tenho um cara chamado Curtis que diz ser seu pai. Disse que você não estava esperando-o.

Harris olhou para Troy, cujo rosto estava pálido.

— Ah — disse Troy. — Ele está... aqui?

— Sim. Você quer vê-lo, ou...

Por um momento, Troy não disse nada. Então, piscou e disse: — Ok.

— Eu vou com você — disse Harris.

— Não. — A voz de Troy era ríspida, com um toque de pânico. — Não.

Harris queria discutir, mas a expressão de Troy lhe dizia que não devia. — Tudo bem. Eu espero aqui por você.

Troy assentiu, com os olhos arregalados e aterrorizados, e foi embora.

— Pai, o que você está fazendo aqui?

Curtis estreitou os olhos, e Troy olhou para sua própria camiseta. Ela tinha o logotipo oficial do Ottawa Centaurs do Orgulho. Todos os membros do time usavam a mesma camisa hoje, mas Troy ainda se sentia como se tivesse sido exposto.

— Por que você acha que estou aqui? Achei que seria divertido ver você jogar contra o Toronto. — Ele sorriu, mas não foi nada gentil.

— É uma boa rivalidade — disse Troy baixinho. Meu Deus, ele parecia tão assustado quanto se sentia.

— Pensei em ver o Kent jogar, mas aí aconteceu toda aquela besteira. Tadinho.

A raiva explodiu em Troy. Que babaca esse cara era. — Não é besteira.

— E — continuou papai, ignorando-o — eu não sabia que *isso* ia acontecer hoje à noite. — Ele acenou com a mão para a camiseta de Troy.

Troy engoliu em seco. O que ele poderia dizer? Alguns minutos antes, ele estava pronto para se assumir para o mundo. Provavelmente a minutos de postar aquele vídeo incrível que Harris - seu *namorado* - tinha feito. Ele estava animado para aquela noite. Nervoso, sim, mas pronto.

Agora ele se sentia como se tivesse sido arremessado de volta no tempo, para um passado não tão distante, onde preferia morrer a que alguém descobrisse sua sexualidade. E se todos olhassem para ele do jeito que seu pai estava olhando para sua camiseta agora?

— Troy?

A voz veio de trás dele, e ele se virou para ver Harris parado a poucos metros de distância. Troy havia pedido para ele não o seguir, mas ele estava grato por ter desobedecido. Precisava daquele lembrete, naquele momento, do que era importante.

Ele gostava de quem era com seus novos companheiros de time. Ele quase amava quem era com Harris. Ele não suportava que seu pai estivesse ali para manchar tudo isso.

— Harris. Isto é, hum. Isto é...

Claro, Harris caminhou confiantemente até Curtis e estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo, senhor. Sou Harris Drover, gerente de mídias sociais dos Centaurs.

Curtis parecia ter dificuldade para decidir o que rosnar mais: a camiseta do Orgulho dos Centaurs de Harris, os broches com o tema Orgulho em sua jaqueta jeans ou a mão estendida. Troy sabia que o pai não ia apertar a mão de jeito nenhum.

— Mídias sociais, hein? — disse o pai. — Então eles deixam você ficar junto com o time?

— Todos os dias — disse Harris. Sua voz era alegre, mas Troy conseguia perceber a irritação subjacente nela.

Curtis olhou para Troy. — No *vestiário?*

Uma onda de fúria percorreu Troy com tanta força que ele quase se lançou contra o pai. Em vez disso, cerrou os punhos ao lado do corpo e disse: — Acho que você deveria ir embora.

Curtis pareceu perplexo. — Por quê?

— Porque eu não quero você aqui. Você é um intolerante e um péssimo pai.

— Troy, que diabos você está...

— Saia antes que eu chame a segurança — disse ele entre dentes.

Curtis olhou para Harris, como se *fosse* ajudá-lo, e depois para Troy. — Sério? Você não *estaria* na NHL se não fosse por mim. Eu paguei por todo o seu hóquei enquanto você crescia, todos aqueles times de elite e acampamentos. Te ensinei tudo o que eu sabia. Você não seria nada sem mim.

— Estou *feliz* sem você — disse Troy, firme. — Você nunca se importou comigo ou com a mamãe. Você só se importa consigo mesmo.

Curtis bufou. — Sua mãe. Imaginei que isso tivesse algo a ver com *ela*. Que ideias ela colocou na sua cabeça?

Troy ergueu o queixo. — Que eu posso ser eu mesmo, e ela ainda vai me amar.

— Que porra é essa que isso quer dizer?

Troy não conseguiu dizer nada. Ele poderia chamar Remy e mandar escoltar Curtis para fora da arena naquele momento. Aquilo poderia ter acabado. Mas, em vez disso, estendeu a mão para Harris.

Harris lançou lhe um olhar interrogativo e, quando Troy assentiu, ele pegou sua mão, entrelaçando seus dedos e apertando-os.

A cor desapareceu do rosto de Curtis.

— Harris é meu namorado, pai. Eu sou gay.

Troy se consolou com a mão quente de Harris enquanto se preparava para a resposta do pai àquela bomba.

Curtis ficou boquiaberto por um momento, então disse no tom de voz mais baixo que Troy já o ouvira usar: — O quê?

— Eu sou gay — repetiu Troy, recusando-se a se encolher. Ele sustentou o olhar do pai com os ombros para trás e a cabeça erguida.

— Você... — disse papai. Então, balançou a cabeça, cerrou os dentes e se virou.

Ele não olhou para trás, e Troy sentiu um arrepio percorrer seu corpo ao vê-lo sair da arena. Uma queda de adrenalina, provavelmente.

— Vamos — disse Harris baixinho, e puxou delicadamente a mão de Troy. — De volta ao meu escritório.

Troy não tinha lembranças de como foi da mesa de segurança até o escritório de Harris, mas de repente ele estava em segurança atrás de uma porta fechada, sozinho com seu namorado.

E então ele caiu no chão, encolhido, com a cabeça apoiada nos joelhos dobrados. Ele chorava, mas nem sabia por quê. Estava acabado. Ele nunca mais teria que ter medo do pai.

Harris imediatamente se pôs ao lado dele, com um braço em volta dos ombros de Troy. — Sinto muito, Troy. Aquilo foi horrível.

Troy não conseguia falar. Apenas assentiu com a cabeça, apoiado nos joelhos.

— Mas estou orgulhoso de você. Meu Deus, que coragem.

Ele deixou Troy chorar por alguns minutos, esfregando suas costas e murmurando coisas reconfortantes. Quando Troy se controlou e levantou a cabeça, teve certeza de que seu rosto estava uma bagunça.

— Estou aliviado, principalmente — disse ele com uma voz baixa e abatida. — Acho que estou apenas liberando uma emoção reprimida. — Ele fungou. — Isso é bom.

Harris pegou uma caixa de lenços de papel da mesa e entregou a ele. — Eu também acho.

Troy usou os lenços para se limpar um pouco. Sentia-se calmo agora, como se tivesse se livrado de um milhão de fardos de uma só vez. Ele havia deixado tanta besteira, tantas pessoas tóxicas, guiá-lo no passado. Ele havia tomado tantas decisões terríveis e valorizado todas as coisas erradas.

Mas de alguma forma tudo levou a esse momento, sentado no chão de um escritório sem graça enquanto seu namorado maravilhoso lhe entregava lenços de papel.

— Eu te amo — disse Troy.

Era um momento terrível; ele tinha olhos vermelhos, nariz escorrendo, voz rouca, e ambos estavam no *trabalho,* mas ele não conseguia evitar. Ele amava Harris e precisava que ele soubesse.

Os olhos de Harris também ficaram subitamente um pouco marejados. — Troy... — sussurrou.

Troy começou a rir, seu corpo tremendo com tanta força quanto quando chorara. — Desculpa — ele guinchou.

Mas então os braços de Harris o envolveram, ferozes e apertados. Harris beijou sua têmpora. — Eu também te amo. Meu Deus, Troy. É claro que amo.

O coração de Troy parecia prestes a explodir. Tudo de ruim era uma lembrança distante. — Eu poderia ter escolhido um momento melhor para te contar — disse ele, com o riso diminuindo.

— Está tudo bem. — disse Harris. — Vamos acertar em algum momento. Pretendo repetir isso muitas vezes.

Troy se afastou para poder ver o sorriso de Harris. Não decepcionou.

Eles se beijaram, mesmo com Troy em frangalhos. Harris não pareceu se importar nem um pouco, subindo no colo de Troy e devorando-o.

Quando eles pararam de se beijar, Troy estava esparramado no chão, com Harris em cima dele.

— Bem. — disse Harris. — Isso é pouco profissional.

— Eu provavelmente deveria deixar você trabalhar.

— É — suspirou Harris. — Sinceramente, tenho um monte de coisa para fazer.

Ele se levantou de cima de Troy e ofereceu a mão a ele para que o levantasse. Os dois pareciam ter se agarrado em um furacão.

— Vou postar o vídeo agora — disse Troy.

— Sim?

Troy viu o celular onde o havia deixado mais cedo, na mesa de Harris. Abriu o Instagram e franziu a testa. — Espera aí. Como faço para postar?

Harris riu e estendeu a mão para pegar o telefone. — Eu faço isso.

Troy observou Harris fazer o que precisava ser feito e, em seguida, entregou o telefone para Troy escrever a legenda. Troy manteve a simplicidade: *Este sou eu.*

Ele adicionou emojis de uma bandeira do arco-íris, um coração e um taco de hóquei. Depois, postou.

Puta merda. Ele *postou isso, porra.*

Harris o abraçou por trás e beijou seu ombro. — Estou orgulhoso de você.

Troy cobriu uma das mãos com a sua, segurando-a com força sobre o próprio coração. — Obrigado. Eu não teria conseguido fazer nada disso sem você. — Ele se virou para encarar Harris. — Eu te amo.

Harris sorriu para ele. — Já melhorou, hein. Eu também te amo. E você pode me agradecer chutando a bunda do Toronto hoje à noite. Não me faça ter que postar sobre a derrota depois de tudo isso!

Troy sorriu. — Eles não têm a mínima chance.

Capítulo Vinte e Seis

Troy não olhou o Instagram pelo resto do dia depois de postar o vídeo. Ele disse a Harris para não lhe contar qual foi a reação e para não ler nenhum dos comentários. Ele precisava jogar aquele jogo com a mente o mais lúcida possível.

Agora ele estava no vestiário, se preparando para o aquecimento. Todos no time usavam suas camisas do Orgulho LGBTQIA+, com os logotipos dos Centaurs em arco-íris no peito, e seus tacos estavam envoltos em fita colorida. Eles não usariam as camisas durante o - elas seriam vendidas online para arrecadar fundos para instituições de caridade LGBTQIA+ locais, e os tacos seriam trocados por outros envoltos em fita preta ou branca; a maioria dos jogadores de hóquei era exigente com as cores das fitas durante os jogos. Troy já havia decidido que usaria fita colorida em seu taco durante todo o jogo, mesmo que fosse um pouco chamativo. Ele decidiu que era melhor apostar tudo.

A sala estava tão animada quanto antes de um jogo. Havia música tocando e muitos gritos e risadas. Troy estava quieto, mas não por estar infeliz. Ele estava simplesmente tentando absorver aquele momento.

Não há volta.

Quando chegou a hora de ir para o gelo se aquecer, Troy avistou Harris no corredor em frente ao vestiário. Ele estava gravando com o celular os caras saindo do vestiário. Quando viu Troy, quase o cegou com o sorriso. Troy tentou manter a expressão neutra diante da câmera, mas provavelmente não estava funcionando. Principalmente quando notou as lágrimas nos olhos de Harris.

— Não comece — avisou Troy. — Você vai *me fazer* ficar nervoso.

Harris parou de filmar. — Não consigo evitar. Espere até ver as respostas para o seu...

— Não. Cala a boca. Depois, tá?

— Certo. — Ele apertou os lábios, como se essa fosse a única maneira de se conter.

Bood cutucou Troy de brincadeira nas costas ao passar, fazendo-o tropeçar em Harris. — Dá um beijo nele para dar sorte, Barrett.

Harris sorriu para ele. — Pode dar certo.

Então Troy beijou o namorado, um pouco sem jeito, porque ele estava usando uniforme completo de hóquei e seus patins o deixavam alguns centímetros mais alto do que o normal. Harris não pareceu se importar. Ele ficou na ponta dos pés e beijou Troy como se ele fosse feito de sorvete de massa de cookie.

— Uau — disse Troy quando se separaram. — Você realmente se esforçou.

— Equipamento de hóquei. Você sabe o que ele faz comigo.

— Não acredito que deixaram você trabalhar aqui, seu pervertido.

Harris beijou sua bochecha. — Estou orgulhoso de você. Agora vá lá e vença.

— É só aquecimento.

— Então alongue-se melhor do que qualquer um já alongou antes.

Troy riu e se virou para a entrada do gelo. Então, após respirar fundo, pisou no gelo pela primeira vez como um homem assumidamente gay.

Ele manteve a cabeça baixa durante a primeira volta ao redor da extremidade do gelo dos Centaurs. Podia admitir para si mesmo que estava com medo de olhar para cima.

Ilya acompanhou-o a passos largos. — Bonito, né?

Troy finalmente levantou a cabeça e então diminuiu o passo até parar.

A primeira coisa que viu foi uma faixa gigante pintada à mão pendurada no segundo nível de assentos. Dizia '*Nós te amamos, Troy*' em letras do arco-íris com grandes corações em cada ponta. Ao se virar para olhar ao redor, viu bandeiras do arco-íris e placas feitas por fãs com seu nome por toda parte.

— Puta merda — ele murmurou.

Ilya passou o braço pelos ombros dele. — Nada mal. Deve ser como se sente ser Scott Hunter.

Troy soltou uma risada estranha. Droga, agora seus olhos estavam marejados. — Isso é para você também, sabia? Mesmo que eles não saibam.

— Sim. E talvez eles *saibam,* em breve.

— Oh sim?

— Espero que sim. — Ilya removeu o braço. — Estamos todos usando os tacos de fita arco-íris hoje à noite. Para o jogo, não apenas para aquecimento. Para demonstrar apoio. — Então ele sorriu e foi embora patinando.

Troy teve que abaixar a cabeça para esconder a emoção crua em seu rosto.

Harris ficou impressionado consigo mesmo por não ter se descontrolado completamente durante a apresentação antes do jogo. O time havia convidado dois ativistas LGBTQIA+ locais para jogar a disputa de disco cerimonial, e em vez de Ilya se encontrar com o capitão do time de Toronto para fazer isso, Troy foi escolhido para representar os Centaurs.

Quando o nome de Troy foi anunciado, a multidão o aplaudiu de pé. Harris pôde ver, nos telões, que ele lutava para controlar as emoções. Acenou para a multidão algumas vezes, com os lábios bem apertados.

Assentiu estoicamente e pareceu um pouco envergonhado, mas a ovação continuou. Por fim, Troy teve que cobrir o rosto com uma de suas grandes mãos enluvadas de hóquei.

Harris desmoronou um *pouquinho.*

O capitão do Toronto parecia desconfortável com tudo aquilo, mas quem se importava com aquele cara? Não era ele. Após a queda do disco, os dois ativistas apertaram a mão do capitão do Toronto e deram um abraço em Troy. Com um último aceno para a torcida, Troy patinou de volta para a linha azul. Harris notou Ilya o cutucando ao voltar. Ele também notou que os olhos de Ilya não pareciam completamente secos.

Esta foi uma noite incrível. Não apenas para Troy, mas para o hóquei. Para *Harris.* Ele cresceu amando hóquei e sabia que seria um lugar difícil para ele se tivesse jogado. Haveria jovens gays assistindo esta noite, aos quais esta apresentação daria esperança.

Também foi uma noite muito movimentada para Harris, mas ele nunca gostou tanto do seu trabalho. Ele faria o melhor trabalho possível documentando o jogo, e esperava que Troy quisesse dar uma olhada em tudo um dia.

E se não, bem, Harris assistiria ao vídeo da ovação de Troy cerca de um bilhão de vezes.

O celular dele acendeu com uma mensagem da Anna. *Que lindo, que diabos. Você está bem?*

Harris sorriu. Sua família inteira estava no jogo, todos vestindo camisetas do Troy Barrett e agitando bandeiras do arco-íris. Troy pareceu emocionado e surpreso quando Harris lhe disse que eles iriam, e talvez um pouco triste. Harris entendeu e desejou que a mãe de Troy pudesse estar ali. Desejou que seu pai não fosse um babaca inútil.

Ele respondeu a Anna: *Ainda não sou uma poça d'água.*

***Anna**: Eu sou!*

Harris riu, e sim, soou um pouco choroso.

Troy quase se arrependeu de ter sido nomeado a primeira estrela do jogo. Ele certamente mereceu, marcando dois dos quatro gols do Ottawa. Eles venceram o jogo, e Troy sabia que jamais esqueceria aquela noite incrível.

Mas quando ele saiu patinando para saudar a torcida após ser eleito a primeira estrela, houve outra ovação de pé que durou muito mais do que o normal. Ele se sentia frágil depois da montanha-russa emocional de um dia, assim como da partida disputada, e aquilo era demais.

Havia tantos cartazes. Muitos diziam '*Nós te amamos, Troy'* e *'Orgulhoso de Troy Barrett'* e coisas do tipo. Troy não conseguia processar direito.

Ele acenou pela última vez e saiu do gelo, com os olhos ardendo. Não tinha mais fluido suficiente para chorar naquele momento.

O jogo tinha sido difícil porque o Toronto era um bom time, mesmo sem Dallas Kent, mas eles estavam excepcionalmente quietos. Troy não recebeu as ofensas e insultos que esperava, e talvez isso se devesse à enorme demonstração de apoio da torcida, ou talvez porque seus companheiros de time deixaram claro que estavam ao lado de Troy. Talvez a perda de Kent tivesse tirado um pouco do ânimo dos Guardians. Fosse o que fosse, Troy estava grato. Ele não queria ter que socar alguém em um prédio que o amava tanto.

A energia no vestiário estava altíssima. Quando Troy entrou, todos comemoraram.

— Chega — disse Troy, embora não conseguisse parar de sorrir. — Por favor.

Ilya o envolveu em um abraço. Ele estava sem camisa, então o rosto de Troy estava esmagado contra sua tatuagem feia de urso pardo. — Incrível — disse Ilya. — Parece um filme da Disney.

— Aquele em que o príncipe é abraçado por um idiota suado no final?

Ilya o soltou. — Espero que você esteja pronto para falar com a imprensa por horas.

Troy gemeu. A noite tinha sido incrível, mas ele queria mesmo era ir a algum lugar privado com Harris e talvez alternar rodadas de sexo com crises de choro de alegria.

A imprensa veio, e eles queriam falar com Troy para sempre. Ele respondeu às perguntas da melhor maneira possível, mas principalmente tentou encontrar Harris no meio da confusão. Finalmente, o grupo de repórteres se dispersou, e lá estava ele, sorrindo para Troy e segurando um buquê de flores.

Troy se levantou e foi até ele. — Isso é para mim?

— Não. Mas você pode ficar com ele.

Troy riu e balançou a cabeça, depois beijou o namorado. Ouviram-se vaias. Também lhe ocorreu que a imprensa ainda estava na sala e, com certeza, tirando fotos.

— Você concorda que eles nos fotografem? — perguntou Troy.

— Sim, se você concordar.

Troy o beijou novamente. Ele não se importaria de ter uma foto profissional daquele momento.

Quando se separaram, Troy ficou surpreso ao ver Remy, o segurança, parado ali perto. — Troy — disse Remy — tem alguém aqui para falar com você.

Todos os bons sentimentos evaporaram instantaneamente. Troy olhou para Harris, que deu de ombros.

— Porra. Ele não deveria ter vindo ao jogo — disse Troy. — Por que viria?

— Na verdade, é uma mulher — disse Remy. — Julia Frasier. Ela diz que é sua mãe. Sua família não é muito fã de ligar antes, né?

— O quê? — Troy sussurrou. Ele devolveu o buquê para Harris e deu vários passos em direção à porta antes de perceber o quão rude aquilo era.

— Desculpe — respondeu ele a Harris. — Adorei as flores!

Mas Harris estava sorrindo. — Esqueça as flores. Vai!

Troy saiu correndo do vestiário o mais rápido que pôde, com os chinelos de dedos que havia calçado depois de tirar os patins. Ele ainda estava com metade do equipamento e encharcado de suor, mas se sua mãe estivesse mesmo ali, ele ia abraçá-la e ela teria que lidar com isso.

Ele dobrou uma esquina e a avistou perto da mesa de segurança, quase exatamente onde seu pai estivera naquela manhã. Charlie estava ao lado dela, mas recuou quando viu Troy chegando.

— Mãe! — gritou Troy. E então ela estava em seus braços nojentos e suados, com a cabeça enfiada sob o queixo dele. Ele provavelmente a estava segurando com muita força, e partes do seu equipamento provavelmente estavam cravadas nela, mas ele não conseguia soltá-la.

Por um longo momento, nenhum dos dois disse nada. Então, eles se separaram e Troy perguntou: — Como você chegou aqui? Quando chegou? Por que não me contou?

Ela riu. — Queríamos te surpreender. Quando você me disse que planejava de assumir antes do jogo, decidi que tinha que estar aqui. Então, voamos para casa e depois para cá.

— Mas por que você não me contou? Eu poderia ter te conseguido ingressos, eu poderia ter...

— Compramos nossos próprios ingressos e assistimos ao jogo inteiro. Eu sabia que tinha muita coisa acontecendo antes do jogo e não queria piorar a situação.

Troy a abraçou novamente. — Estou tão feliz que você esteja aqui. Meu Deus, senti sua falta.

— Eu também. — Quando ele a soltou desta vez, ela disse: — Acho que já terminamos de viajar. Talvez a gente fique em Ottawa um tempo.

— Sério? Que demais! Eu compro ingressos para todos os jogos, se você quiser. E para os playoffs também. Nós vamos para os playoffs!

— Eu sei! — Ela esticou o pescoço e olhou por cima do ombro de Troy. — Aquele é o seu homem ali atrás?

Troy se virou e viu Harris acenando timidamente para eles. Troy acenou para ele. — Harris, esta é minha mãe, Julia, e o namorado dela, Charlie. Que bom te ver de novo, Charlie, aliás.

— Você também — disse Charlie, dando um passo à frente e apertando a mão de Troy. — Foi um ótimo jogo e uma cerimônia muito bonita antes.

Harris cumprimentou a todos e apertou suas mãos. Ou tentou - a mãe o abraçou, o que Harris não pareceu se importar nem um pouco.

— Estou tão feliz em conhecê-lo, Harris — disse a mãe. — Obrigada por fazer meu filho sorrir novamente.

— *Mãe* — protestou Troy, mas seu tom foi atenuado pelo fato de que ele estava, de fato, sorrindo.

— O prazer é meu — disse Harris. — Gosto do sorriso dele.

— Eles vão ficar em Ottawa por um tempo — disse Troy.

— Que ótimo. Você vai ficar com o Troy? — perguntou Harris. — Posso deixar vocês três sozinhos hoje à noite para vocês colocarem o papo em dia.

— De jeito nenhum — disse a mãe. — Não estamos aqui para nos intrometer. Por enquanto, estamos num hotel.

Por mais emocionado que Troy estivesse ao ver a mãe, ele ficou aliviado ao ouvi-la dizer isso. Ele realmente precisava estar com Harris naquela noite.

— Preciso tomar um banho e tudo mais — disse Troy. — E depois, sinceramente, provavelmente vou precisar dormir. Mas vamos nos encontrar amanhã de manhã para o café da manhã.

Houve outra rodada de abraços e apertos de mão, e então mamãe e Charlie foram embora.

— Hoje realmente foi como um filme da Disney — disse Troy enquanto os observava indo embora.

Harris pegou a mão dele. — Foi incrível. E eu tenho uma ótima ideia para um final.

— Isso parece um tipo diferente de filme.

— Não existe um filme da Disney em que o namorado do príncipe o beija até ele implorar para ser fodido?

Troy bufou. — Não sei. Eu não assisto filmes da Disney.

Harris estalou os dedos. — *101 Dálmatas.* É nesse que estou pensando.

— Você é tão estranho. — Troy começou a caminhar de volta para o vestiário.

— Posso ler algumas das respostas do seu vídeo?

— Não.

— Posso dizer que Scott Hunter respondeu?

— Não. Espera. Ele respondeu?

— Ele está muito orgulhoso de você.

A barriga de Troy se revirou. — Que bom.

— Vários outros jogadores também escreveram coisas nas respostas. E curtiram o vídeo.

— Isso está perigosamente perto de você ler as respostas para mim, sabia?

— Desculpa. Eu te amo.

Troy sorriu e parou de andar. — Me dá seu celular.

Harris entregou a ele. — Você vai ler?

— Não. — Troy colocou a cabeça ao lado da de Harris e segurou a câmera a um braço de distância. — Sorria.

Em vez disso, Harris beijou sua bochecha e Troy tirou algumas fotos.

— Ei, o que você está fazendo? — perguntou Harris quando Troy não devolveu o telefone.

— Entrando no meu Instagram. Só um segundo.

— Você está postando isso agora?

— Shh.

Troy escolheu sua foto favorita, postou sem filtro e digitou rapidamente: *Estou tão feliz agora. Obrigado Ottawa por uma noite incrível e por ser o lugar onde conheci meu namorado maravilhoso. Eu te amo, Harris.* Ele postou sem pensar duas vezes e devolveu o celular para Harris.

— Você terá que logar novamente — ele murmurou.

Harris leu a postagem e então levou os dedos aos lábios enquanto seus olhos lacrimejavam.

— Ah, não. Não chore. Não aguento mais essa emoção esta noite.

Harris balançou a cabeça. — Ficamos tão lindos juntos — disse ele com a voz trêmula.

— Eu estava pensando — disse Troy cautelosamente — talvez você pudesse me ajudar a procurar uma casa. Talvez algo no campo?

Harris cobriu a boca com a mão. — Pare com isso.

Troy sorriu. — Talvez algo grande o suficiente para Chiron.

— Posso visitar às vezes?

— Se você levar torta.

Harris fungou, mas seus olhos brilhavam de felicidade. — Então você gosta de Ottawa agora?

Troy colocou a mão na bochecha de Harris e disse, honestamente: — Não há nenhum outro lugar onde eu preferiria estar.

Agradecimentos

Este livro, como todos os meus livros, seria apenas uma fração da qualidade sem a minha incrível editora, Mackenzie Walton. Gostaria também de agradecer à minha maravilhosa agente, Deidre Knight, pelas notas da história, pelas fofocas sobre hóquei e pela torcida em geral. Um enorme agradecimento também aos meus amigos, colegas autores, críticos e leitores que me incentivam e demonstram tanto carinho pelos meus jogadores de hóquei fictícios. E um agradecimento especial a Jenn Burke por sua expertise em Ottawa (embora quaisquer erros relacionados a Ottawa sejam definitivamente meus).

Este livro foi escrito inteiramente em 2020, durante a pandemia, e sou imensamente grata ao meu marido e aos meus filhos por me dar tempo e espaço para escrever, mesmo quando estávamos todos presos juntos. Também aos meus pais e sogros por nos tirarem as crianças de vez em quando, o que tornou mais fácil escrever cenas de sexo.

Sobre a Autora

Rachel Reid sempre morou na Nova Escócia, Canadá, e provavelmente continuará morando lá. Ela tem dois diplomas chatos e dois filhos interessantes. Ela é fã de hóquei desde a infância, mas infelizmente nunca chegou à NHL. Ela gosta de livros sobre homens gostosos fazendo coisas gostosas e mulheres legais sendo incríveis.

Você pode seguir Rachel no Twitter @akaRachelReid se você gosta de posts sedentos sobre jogadores de hóquei, e no Goodreads, se você quiser acompanhar a montanha de livros que ela está sempre lendo. Seu site e blog, onde ela escreve mais coisas, é www.rachelreidwrites.com.